

Angelo de Souza Sampaio  
Geysa Andrade da Silva  
Organizadores

# LEXIKÓN

**léxicos, línguas e culturas**

em homenagem a Silvana Ribeiro



EDUFBA

Este livro foi idealizado em um período bastante atípico, visto que em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou como pandêmica a situação frente à doença covid-19. Seguindo as recomendações da OMS de distanciamento social, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) suspendeu todas as atividades presenciais não essenciais. Porém, ainda que remotamente, acadêmicos de todas as áreas mantiveram-se fecundos, apesar do aumento constante do número de vidas levadas pela covid-19. O labor acadêmico aprendeu a conviver lado a lado com o medo da morte, com o receio de que nossos mestres mais experientes partissem de repente, sem que pudéssemos fazê-los saber o quanto somos gratos pelo conhecimento compartilhado, pelo caminho direcionado, pela amizade construída, pelo amor existente. É nesse sentimento que dedicamos este livro à professora Silvana Soares Costa Ribeiro, que é orientadora e amiga de boa parte dos autores das pesquisas aqui reunidas. Esta singela homenagem vem no sentido de agradecer à professora Silvana, ainda em vida, por sua incansável dedicação na formação de jovens pesquisadores e por suas contribuições para o fortalecimento dos estudos lexicais no Brasil.

# **LEXIKÓN**

**léxicos, línguas e culturas**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

*Paulo Cesar Miguez de Oliveira*

Vice-reitor

*Penildon Silva Filho*



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

*Susane Santos Barros*

Conselho Editorial

*Alberto Brum Novaes*

*Angelo Szaniecki Perret Serpa*

*Caiuby Alves da Costa*

*Charbel Niño El-Hani*

*Cleise Furtado Mendes*

*Evelina de Carvalho Sá Hoisel*

*Maria do Carmo Soares de Freitas*

*Maria Vidal de Negreiros Camargo*



**Angelo de Souza Sampaio  
Geysa Andrade da Silva**

Organizadores

# **LEXIKÓN**

**léxicos, línguas e culturas**

Salvador  
Edufba  
2023

2023, autores.  
Direitos para esta edição cedidos à Edufba.  
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Analista editorial • *Mariana Rios*  
Coordenação gráfica • *Edson Sales*  
Coordenação de produção • *Gabriela Nascimento*  
Capa e projeto gráfico • *Rodrigo Oyarzábal Schlabit*  
Imagem da capa • *freepik.com*  
Revisão e normalização • *Tikinet*

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

---

L679 Lexikón : léxicos, línguas e culturas / Angelo de Souza Sampaio,  
Geysa Andrade da Silva, Organização. - Salvador: EDUFBA, 2023.  
283 p.  
Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36912>

ISBN: 978-65-5630-459-5

1. Léxico. 2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil.  
3. Sociolinguística. 4. Linguagem e línguas - Variação. I. Sampaio,  
Angelo de Souza. II. Silva, Geysa Andrade da. III. Título.

CDU – 81'27

---

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

Editora afiliada à



Editora da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n - *Campus* de Ondina  
40170-115 - Salvador, Bahia | Tel.: +55 71 3283-6164  
[www.edufba.ufba.br](http://www.edufba.ufba.br) | [edufba@ufba.br](mailto:edufba@ufba.br)

A Silvana Ribeiro, nossa mãe acadêmica,  
por nos mostrar a beleza das palavras.





Silvana Ribeiro, Josane Oliveira e Carlota Ferreira. 12º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, realizado na Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, setembro de 1994.



Vivian Antonino, Márcia Estrela, Gredson Santos, Silvana Ribeiro. Última turma de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura da UFBA, extinto em 2009, da qual Silvana Ribeiro fez parte. Salvador, Bahia, setembro de 2018.



Silvana Ribeiro durante o Doutorado sandwich (CAPES/COFECUB), na França. Vista da entrada da Residência Universitária do Brasil (Maison du Brésil), Cité Universitaire, Paris, de maio a outubro de 2010.



Suzana Cardoso e Silvana Ribeiro. XI WorkALIB, Salvador, Bahia, de 11 a 13 de novembro de 2013. Suzana Cardoso foi orientadora de doutorado de Silvana Ribeiro. A tese foi defendida em Salvador, Bahia, em 24 de julho de 2012.



Jacyra Mota, Suzana Cardoso, Daniela Claro, Ana Regina Teles, Silvana Ribeiro, Marcela Paim, Josane Oliveira (equipe Bahia do projeto ALiB). Lançamento do Atlas Linguístico do Brasil, volumes 1 e 2, Salvador, Bahia, dezembro de 2014.



Ana Regina Teles, Silvana Ribeiro e Célia Teles. Lançamento do Atlas Linguístico do Brasil, volumes 1 e 2, Londrina, Paraná, outubro de 2014.





Ana Regina Teles, Carlota Ferreira, Suzana Cardoso, Jacyra Mota, Silvana Ribeiro. Aniversário de 80 anos de Suzana Cardoso. Salvador, Bahia, 2017.



Angelo Sampaio, Silvana Ribeiro, Geysa Silva, Analidia Brandão e Leandro Santos (orientandos de doutorado de Silvana Ribeiro). 5º Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística, Salvador, Bahia, setembro de 2018.



Silvana Ribeiro e Aparecida Isquardo. VI Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa, Santarém, Portugal, outubro de 2017.



Silvana Ribeiro. Consulta ao Atlas Linguístico da França durante pós-doutorado na Université Paris XIII. Biblioteca Sainte Geneviève, Paris, 2017.



Silvana Ribeiro. Vista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. IV Congresso Internacional de Linguística Histórica, em homenagem a Ivo Castro, de 17 a 21 de julho de 2017.



Silvana Ribeiro, Aparecida Isquardo, Regiane Reis, Fabiane Altino, Felício Margotti, Abdelhak Razky, Conceição Ramos, Socorro Aragão (sentada), Vanderci Aguilera (em pé), Valter Romano e Jacyra Mota. Comitê do ALiB. Nomeação de Jacyra Mota como Diretora-presidente e Silvana Ribeiro como diretora-executiva. Salvador, Bahia, setembro de 2018.



# SUMÁRIO

- 13 **UMA BREVE SAUDAÇÃO À HOMENAGEADA**  
JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA
- 15 **APRESENTAÇÃO**  
ANGELO DE SOUZA SAMPAIO  
GEYSA ANDRADE DA SILVA
- 19 **PREFÁCIO**  
APARECIDA NEGRI ISQUERDO
- 29 **DENOMINAÇÕES PARA *PRESÉPIO* NO FALAR BAIANO:  
DADOS DO PROJETO ALIB**  
ANA RITA CARVALHO DE SOUZA  
CÍNTIA DA CONCEIÇÃO MARQUES  
TAIANE CRISTINA PRATA OLIVEIRA
- 51 **ÁREAS DIALETAIS DE NORTE A SUL DO BRASIL:  
O CASO DA CAMBALHOTA**  
GRAZIELE FERREIRA DA SILVA SANTOS  
LEANDRO ALMEIDA DOS SANTOS
- 69 ***MACUMBA, BRUXARIA* OU *DESPACHO*: DESIGNAÇÕES  
PARA FEITIÇO NOS ESTADOS DO CEARÁ, RIO GRANDE  
DO NORTE E PARAÍBA A PARTIR DO *CORPUS* DO  
PROJETO ALIB**  
LARISSA SANTOS DEOMONDES  
TAIANE CRISTINA PRATA OLIVEIRA

- 89 **“O QUE O HOMEM VESTE POR DEBAIXO DA CALÇA?”:  
REVELAÇÕES DOS DADOS DA REGIÃO NORDESTE NO  
PROJETO ALIB**  
MARIA BETHÂNIA GOMES PAES  
MARCELA MOURA TORRES PAIM
- 109 **AS DENOMINAÇÕES PARA RÓTULA DO JOELHO NO  
CENTRO-OESTE COM BASE EM DADOS DO PROJETO ALIB**  
TALITA BRITO DE SOUZA
- 123 **A FAUNA NO VOCABULÁRIO DIALETAL BAIANO: UMA  
PERSPECTIVA LEXICOGRÁFICO-VARIACIONAL E  
LEXICULTURAL**  
ISAMAR NEIVA
- 147 **O LÉXICO DA PESCA: EMBARCAÇÕES E NAVEGAÇÃO EM  
COMUNIDADES BAIANAS**  
THAIS DULTRA PEREIRA
- 169 **OS OBJETOS PARA TRANSPORTAR COISAS NA VIDA  
NÔMADE: O QUE O LÉXICO REVELA SOBRE A MIGRAÇÃO  
SOCIOCULTURAL DOS CIGANOS CALON**  
GEYSA ANDRADE DA SILVA
- 197 **FRASEOTOPÔNIMOS NO PORTAL DO SERTÃO (BAHIA):  
ONDE AS TEORIAS SE CRUZAM**  
ANALÍDIA DOS SANTOS BRANDÃO  
ANGELO DE SOUZA SAMPAIO

217 **FRASEOLOGISMOS NA LITERATURA: PERCURSOS  
PARA UM ESTUDO SOBRE OS PRAGMATEMAS, AS  
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E AS DIFICULDADES DE  
CLASSIFICAÇÃO**

ANGELO DE SOUZA SAMPAIO

239 **ESTUDO SOBRE A GRAMATICALIZAÇÃO DE *PORRA*  
NO DIALETO BAIANO**

JAN CARLOS DIAS DE SANTANA  
LUZIANE AMARAL DE JESUS  
JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA

259 **REFERÊNCIAS**

277 **SOBRE OS PARTICIPANTES DESTA LIVRO**





# UMA BREVE SAUDAÇÃO À HOMENAGEADA

Conheci Silvana Soares Costa Ribeiro quando ainda estávamos no curso de graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo eu ingressado em 1986 e ela em 1987. Começamos a conviver de perto quando fomos bolsistas de iniciação científica junto ao Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (Projeto NURC), tendo eu ingressado em 1989 e ela em 1990. Fomos professoras substitutas da UFBA, eu em 1992 e 1994 e ela em 1996. Estudamos juntas para o concurso da UFBA de 1997, no qual ela foi aprovada. Desenvolvemos uma amizade verdadeira e duradoura e nunca deixamos de participar uma da vida da outra. Nossos encontros e telefonemas rarearam um pouco pelas demandas das nossas vidas pessoais e profissionais, mas sempre que nos reencontrávamos nos congressos da vida ou em ocasiões sociais fazíamos uma festa e celebrávamos a nossa amizade. A partir de 2016, por ocasião do meu pós-doutorado, passei a integrar o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) e o Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA, dos quais ela já fazia parte. E assim voltamos a conviver de perto. Ela, sempre acolhedora, passou a me estimular no ALiB, assim como toda a equipe, que tem essa característica, ao trabalho conjunto. E lá se vão mais de 30 anos de amizade, de cumplicidade, de carinho, de apoio! Quero aqui saudar Silvana, a quem expresso

gratidão por fazer parte da minha vida, pelos momentos sempre divididos, os alegres e os mais difíceis! Expresso a minha admiração não só pela pessoa, mas também pela profissional que é. Silvana é amiga, é irmã, é mãe, é filha! É professora nata, é formadora, é administradora, é conselheira, é conciliadora, é verdadeira, é parceira de todas as horas! Ela transforma para melhor a vida de quem passa em seu caminho! Ela cuida de todos! Não é à toa que seus orientandos, da graduação e da pós-graduação, a chamam de “mãe acadêmica”! Suas funções acadêmicas e administrativas são exemplares devido ao seu compromisso, à sua seriedade, à sua total dedicação. Tenho a sorte de tê-la como amiga e colega de trabalho. É um ser iluminado! Estamos sempre juntas, Silvana, aprendendo, rindo, chorando... Que a nossa convivência e a nossa amizade perdurem até ficarmos bem velhinhas, para lembrarmos de toda essa nossa história! Parabéns, amiga, pela homenagem que se faz aqui para você. Receba esta obra, mais do que justa, que foi pensada e concretizada com muito carinho para você, como uma demonstração do nosso reconhecimento à grande pessoa que você é!

JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

# APRESENTAÇÃO

Este livro foi idealizado em um período bastante atípico para os leitores destas primeiras décadas do século XXI, visto que em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou como pandêmica a situação mundial frente à doença covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, também conhecido como o novo coronavírus, o qual foi identificado na China em janeiro de 2020. Sendo a covid-19 uma doença de fácil contágio e imprevisível quanto à sua letalidade, sobretudo para os ditos grupos de risco (idosos e pessoas com comorbidades), a medida de segurança mais aconselhada pela OMS para garantir a contenção do vírus foi o distanciamento físico entre as pessoas. (OMS, 2020) Seguindo tais recomendações, também em março de 2020, por intermédio da Resolução nº 103/2020 do Gabinete da Reitoria, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), instituição em que este trabalho se desenvolveu,<sup>1</sup> suspendeu, por tempo indeterminado, todas as atividades acadêmicas e administrativas presenciais e não essenciais.

Contudo, o fechamento do espaço físico da universidade não implicou uma paralisação intelectual. Mais que nunca, a produção científica da UFBA

---

1 A publicação desta obra foi fomentada pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA através da chamada interna de nº 02/2020, com recursos do Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

esteve ativa. Ainda que remotamente, acadêmicos de todas as áreas mantiveram-se fecundos, enquanto os noticiários anunciavam o caos que se instaurava no país devido ao aumento constante do número de vidas levadas pela covid-19. A fantasia humana da vida eterna se quebrou e, em um ritmo quase drummondiano, o labor acadêmico aprendeu a conviver lado a lado com o medo da morte, com o receio de que nossos mestres mais experientes partissem, de repente, sem que pudéssemos fazê-los saber o quanto somos gratos pelo conhecimento compartilhado, pelo caminho direcionado, pela amizade construída, pelo amor existente.

É nesse propósito que dedicamos esta obra a Silvana Soares Costa Ribeiro, professora doutora permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA, diretora executiva do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), coordenadora do grupo de pesquisa PROLEX – Estudos sobre o léxico: abordagem regional e intercultural, orientadora e amiga de boa parte dos autores aqui apresentados. Esta singela homenagem vem no sentido não apenas de agradecer à professora Silvana por sua incansável dedicação na formação de jovens pesquisadores e pelas contribuições que ela tem dado para o fortalecimento dos estudos lexicais no Brasil, mas também como forma de fazer emergir o amor que a pandemia da covid-19 colocou no mais baixo dos subterrâneos e dar-lhe refúgio aqui no raso, na beirinha onde se molha os pés.

Este livro é, portanto, uma obra no formato de coletânea que reúne 11 pesquisas voltadas para a observação, a análise e a descrição lexical. Os trabalhos que aqui se apresentam buscam, de forma *sui generis*, revelar a riqueza e a dinamicidade dos estudos lexicais. Entre eles, apreciam-se análises de dados relativos à fauna, à pesca, à vida cigana, à fraseotoponímia, à fraseologia e à gramaticalização, além das investigações que se debruçam sobre dados do Projeto ALiB.

Na gênese de construção deste livro, que contempla a idealização, o contato com os autores, a leitura prévia e a seleção dos textos a serem publicados e a escolha do modelo de formatação a ser seguido pelos proponentes, contamos com três participantes: Angelo de Souza Sampaio, Geysa Andrade da Silva e Leandro Almeida dos Santos, todos orientandos de doutorado da professora Silvana Ribeiro. Posteriormente, a organização do livro ficou a cargo de Angelo Sampaio e Geysa Silva. Nessa oportunidade, agradecemos

também às professoras Aparecida Negri Isquerdo, Jacyra Andrade Mota e Josane Moreira de Oliveira que, mesmo em tempos tão difíceis, aceitaram dedicar um pouco de seu tempo para a escrita do prefácio, da contracapa e da saudação à homenageada, respectivamente. Agradecemos ainda a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste projeto.

Ciberespaço, 11 de outubro de 2021

ANGELO DE SOUZA SAMPAIO  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

GEYSA ANDRADE DA SILVA  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

*Os organizadores*





# PREFÁCIO

A célebre frase “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”, de João Guimarães Rosa, muito bem se aplica ao conteúdo desta obra idealizada como homenagem à professora doutora Silvana Soares Costa Ribeiro, que tenho o prazer e a honra de prefaciar. O livro *Lexikón: léxicos, línguas e culturas* reúne uma amostra da caminhada acadêmica da ilustre docente e pesquisadora em termos de capacitação de recursos humanos no ensino superior em nível de graduação e de pós-graduação, em especial na formação de pesquisadores. A trajetória acadêmica de Silvana Ribeiro, professora titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na minha percepção, evidencia duas fases bem delimitadas da sua atuação profissional e formação acadêmica realizada nessa mesma universidade, da graduação ao doutorado.

Silvana Ribeiro, como prefiro me referir a ela, na primeira etapa aqui considerada, a par das suas atividades docentes no Instituto de Letras, atuou como superintendente acadêmica da UFBA de 2003 a 2007, experiência que acentuou a sua capacidade de organização e liderança que muito tem da sua personalidade, mas também é credora da sua atuação na administração central da UFBA. Atua como pesquisadora do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (Projeto NURC/Salvador) ao qual se vincula a sua dissertação de mestrado *Marcadores conversacionais na fala*

*culta de Salvador: o verbo DIZER* (1998), defendida na UFBA sob a orientação de Jacyra Andrade Motta, primeiro pilar da formação acadêmica da pesquisadora em nível de pós-graduação, a par de Carlota Ferreira, orientadora de iniciação científica (1990-1992) que guiou seus primeiros passos na pesquisa acadêmica.

A defesa da sua tese de doutorado utilizando dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), *Brinquedos e brincadeira infantis na área do falar baiano*, na UFBA (2012), sob a orientação da saudosa Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, teve um decisivo papel na formação da pesquisadora Silvana Ribeiro na área dos estudos lexicais e marca a segunda fase da sua formação acadêmica, além de configurar-se como uma linha divisória, o passaporte para a sua atuação neste campo de investigação que está lhe rendendo a merecida homenagem materializada por meio da publicação desta obra, organizada por dois dos seus orientandos. Ainda na esfera da formação acadêmica, a homenageada realizou estágios de pós-doutorado na França, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil (Cofecub), na Université Paris 13, atual Université Sorbonne Paris Nord – entre abril e julho de 2017 –, e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – entre agosto de 2017 e junho de 2018 –, ambos desenvolvendo pesquisa na área do léxico.

No âmbito da pesquisa, Silvana Ribeiro, durante o percurso da sua carreira acadêmica, tem atuado em distintos projetos de pesquisa, com destaque para o Projeto ALiB, do qual participa como pesquisadora, entrevistadora e coordenadora da Comissão de Informatização e Cartografia desde 1996. Atualmente é diretora executiva do Comitê Nacional do Projeto ALiB, no qual atuou como diretora científica de 2016 a 2018.

Tomando como parâmetro estudos do léxico produzidos na UFBA, esta coletânea reúne trabalhos científicos de diferentes níveis que se aproximam pelo objeto de estudo, que é analisado sob diferentes enfoques teórico-metodológicos, além de resultarem de reflexões realizadas pelos autores a partir de *corpora* também distintos. Dentre esses trabalhos, situam-se textos que são produtos de pesquisas orientadas pela homenageada nos diferentes níveis de formação – iniciação científica, mestrado e doutorado –, com objetos distintos de pesquisa e trabalhos orientados por outros pesquisadores da

UFBA, tendo como foco de discussão temas diversificados em relação ao léxico. Desses 11 trabalhos, seis exploram dados lexicais oriundos do banco de dados do Projeto ALiB.

O primeiro trabalho, “Denominações para *presépio* no falar baiano: dados do Projeto ALiB”, assinado por Ana Rita Carvalho de Souza, Cíntia da Conceição Marques e Taiane Cristina Prata Oliveira, discute resultados de estudos efetivados pelas autoras com bolsas de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a partir de dados relacionados à área temática de “Religiões e crenças”, oriundos do banco de dados do Projeto ALiB. No caso, esses dados correspondem às denominações atribuídas ao grupo de figuras que representa o nascimento do Menino Jesus, obtidas por meio da questão 154 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), inquéritos realizados com falantes de localidades do interior situados na área dialetal do *falar baiano*. (NASCENTES, 1953) O estudo demonstrou que predomina o uso da unidade lexical *presépio*, de uso mais geral, a par das formas regionais *lapa/lapinha* e *capela/capelinha*, além das formas *manjedoura* e *gruta do Menino Jesus*, com baixo índice de ocorrências. O estudo, além de contribuir para a descrição da norma lexical na área do falar baiano, soma com outros estudos já realizados na perspectiva da distribuição espacial do vocabulário documentado. Além disso, o estudo deu mostras do léxico em movimento na nomeação de um elemento da realidade fortemente marcado por questões culturais e religiosas.

O capítulo subsequente, “Áreas dialetais de norte a sul do Brasil: o caso da *cambalhota*”, de autoria de Grazielle Ferreira da Silva Santos e Leandro Almeida dos Santos, a exemplo do anterior, também examina dados do Projeto ALiB documentados em localidades do interior, na perspectiva diatópica, diferenciando-se quanto à área semântica focalizada - “Brinquedos e brincadeiras infantis” - e a região geográfica - norte e sul do Brasil (capitais e interior). Para tanto, os autores revisitam *corpora* já analisados por outros pesquisadores com dados lexicais obtidos como resposta para a pergunta 155 do QSL: “Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34) e para outras perguntas do QSL. Além de trazer uma retrospectiva histórica acerca das propostas de áreas dialetais no português do Brasil formuladas

por diferentes estudiosos, fornece um panorama da distribuição espacial de denominações para a brincadeira cambalhota, delineando caminhos das áreas dialetais brasileiras a partir de dados do Projeto ALiB e contrapondo-as com a proposta de áreas dialetais de Nascentes (1953). As cartas lexicais relativas aos dados do interior do Brasil, apresentadas e discutidas pelos autores, dão mostras da importância dos trabalhos geolinguísticos como subsídio para a descrição da norma lexical regional, no caso, dos falares do norte e do sul, ampliando, assim, a discussão da aplicabilidade da proposta de Nascentes (1953) na atualidade.

Dados do Projeto ALiB ainda são objeto de discussão no terceiro capítulo da obra, dando mostras do léxico em movimento no Nordeste, também da área semântica de “Religiões e crenças”, questão 149 do QSL: *Feitiço*, “o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam nas encruzilhadas?”. Larissa Santos Deomondes e Taiane Cristina Prata Oliveira, autoras do capítulo intitulado “*Macumba, bruxaria ou despacho*: designações para feitiço nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba a partir do *corpus* do Projeto ALiB”, exploram uma temática de cunho religioso discutindo resultados de projetos de iniciação científica financiados pelo CNPq e pela UFBA. A análise das respostas para a pergunta em pauta, apuradas pelas autoras do estudo, apontou as seguintes unidades lexicais como mais produtivas para nomear a prática descrita pela pergunta 149 do QSL, em ordem decrescente de registros: *macumba, despacho, feitiço, catimbó, bruxaria, trabalho*. Essas denominações foram documentadas com praticamente os mesmos índices de ocorrência no interior dos estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Com menor grau de produtividade foram documentadas outras três: *magia negra, oferenda e preparado*; e, com ocorrências únicas: *demanda, quebrante, selo de Salomão, maldição, obras, ponto e mundrunga*. Destaca-se nesse estudo a exploração dos dados do ponto de vista da dicionarização e a ênfase na necessidade de ser considerada a sócio-história da comunidade pesquisada como recurso para subsidiar uma melhor compreensão das escolhas lexicais dos falantes para nomear a realidade, em particular referentes fortemente marcados pela religiosidade e a cultura local.

O movimento do léxico discutido no quarto capítulo, assinado por Maria Bethânia Gomes Paes e Marcela Moura Torres Paim e intitulado “O que o homem veste por debaixo da calça?": revelações dos dados da região Nordeste

no Projeto ALiB”, conduz o leitor para a área semântica do “Vestuário e acessórios”, questão de número 189 – “Qual a roupa que o homem usa debaixo da calça?” – do QSL (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37), discutindo dados lexicais fornecidos por 345 informantes, distribuídos em pontos do Projeto ALiB, pertencentes a nove estados da região Nordeste do Brasil. O estudo analisou 12 denominações apuradas na área geográfica eleita como universo da pesquisa: *cueca (cuecão, cuecona), sunga, ceroula (ceroulão), zorba, samba-canção, calção, short (shortinho), tanga (tanguinha), biquíni, calça, soronga, minhocão*. Os dados lexicais foram examinados nas perspectivas diatópica e semântica (dicionarização). Segundo as autoras, a amostra lexical estudada revelou “a consciência dos usuários da língua a respeito da variação linguística atrelada a diferentes componentes sociais”, exemplificando a dimensão da “memória como importante componente na constituição do patrimônio cultural coletivo”, no caso, evidenciada por meio das formas distintas de nomear a peça do vestuário em questão.

Com foco no vocabulário do “Corpo humano” e ainda nas trilhas do léxico dialetal, o capítulo cinco, intitulado “As denominações para *rótula do joelho* no Centro-Oeste com base em dados do Projeto ALiB”, assinado por Talita Brito de Souza, discute resultados parciais da pesquisa de mestrado, sob a orientação de Silvana Ribeiro. O estudo diferencia-se dos anteriores, tanto pela natureza do vocabulário examinado quanto pela região selecionada. O recorte lexical em foco foi obtido por meio da questão 117 do QSL – “osso redondo que fica na frente do joelho” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30), área temática do “Corpo humano”, com denominações recolhidas nas 24 localidades (capitais e interior) que integram a rede de pontos do Projeto ALiB na região centro-oeste do Brasil. Além da distribuição diatópica, o estudo discute a natureza do processo denominativo e sua relação com a realidade linguística e cultural dos falantes. Para tanto, considera descrições fornecidas pelos falantes e a dicionarização das formas lexicais documentadas, dentre outras, as cinco mais produtivas: *rótula, pataca do joelho, bolacha do joelho, rodela do joelho e bola do joelho*. O trabalho avança no estudo do léxico dialetal documentado pelo Projeto ALiB e, por extensão, para a descrição da norma lexical do português do Brasil.

Isamar Neiva, por seu turno, traz no capítulo seis, “A fauna no *Vocabulário Dialectal Baiano*: uma perspectiva lexicográfico-variacional e lexicocultural”, como colaboração para a temática do livro, o estudo de um recorte vocabular analisado no âmbito da sua tese de doutorado (NEIVA, 2017), que deu tratamento lexicográfico aos dados lexicais documentados pelo Projeto ALiB nas 22 localidades do estado da Bahia (capital e cidades do interior). Trata-se de um subprojeto do Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB), que tem como meta a produção de uma obra lexicográfica a partir do *corpus* documentado nas 250 localidades da rede de pontos do Projeto ALiB, e a consequente disseminação do léxico dialectal veiculado nas diferentes regiões brasileiras e armazenado no banco de dados do ALiB. Para o texto, a autora priorizou o léxico relacionado à fauna, incluindo como fonte de dados perguntas vinculadas a diferentes campos semânticos, em que o texto da questão evoca como resposta denominações formadas com nomes de animais. Os dados são discutidos também na perspectiva da lexicultura, uma inovação teórica na análise do léxico documentado pelo Projeto ALiB. O texto discute ainda aspectos teórico-metodológicos que embasaram a produção do *Vocabulário Dialectal Baiano* (VDB), disseminando, para tanto, verbetes representativos da fauna.

Na continuidade, o capítulo sete da coletânea, de autoria de Thais Dultra Pereira, direciona o olhar do leitor para um movimento distinto do léxico: um vocabulário regional específico documentado *in loco* em comunidades baianas de Siribinha, município de Conde, localizado ao norte do estado, e a ilha de Bom Jesus dos Passos, na Baía de Todos os Santos, no estado da Bahia: “O léxico da pesca: embarcações e navegação em comunidades baianas”. A exemplo dos demais textos que compõem esta obra, este também discute resultados de pesquisa acadêmica, no caso, a dissertação de mestrado da autora defendida na UFBA em 2011. A par da descrição semântica, o vocabulário da pesca artesanal analisado também recebeu abordagem diatópica, razão pela qual também dialoga com os recortes lexicais explorados nos demais capítulos que integram a obra.

Reportando-se ao universo linguístico e cultural de um grupo humano bastante singular, o capítulo oito, “Os objetos para transportar coisas na vida nômade: o que o léxico revela sobre a migração sociocultural dos ciganos *Calon*”, produzido para este livro por Geysa Andrade da Silva, a partir de



dados da sua tese de doutorado em andamento na UFBA, também sob a orientação da homenageada nesta obra, discute unidades lexicais com conteúdo relacionado à área temática das “Atividades pastoris” que, por sua vez, remetem ao memorial cultural e estilo de vida de grupos de ciganos: *cangalha, mala de couro, alforje, baú e caçuaá*, que nomeiam objetos levados “junto aos animais para transportar alimentos, roupas e utensílios”. Trata-se de um recorte vocabular que reporta ao meio rural e também a uma prática usual entre grupos nômades. O vocabulário em pauta é analisado com base em referenciais teóricos herdados da lexicologia, ciganologia, antropologia e dialetologia. O produto do estudo atesta a pertinência de pesquisas na perspectiva da relação entre o léxico, a sociedade e a cultura.

O foco de abordagem do universo lexical dos dois capítulos subsequentes diferencia-se dos anteriores no que diz respeito à natureza das unidades lexicais selecionadas para estudo: ambos recorrem a teorias da fraseologia para subsidiar a análise dos *corpora*.

O capítulo nove, por exemplo, envereda por uma abordagem de estudo dos topônimos que busca possíveis interfaces entre princípios teóricos fornecidos pela toponímia e pela fraseologia, pautando-se em literatura recente sobre a temática: “Fraseotopônimos no Portal do Sertão (Bahia): onde as teorias se cruzam”. Analídia dos Santos Brandão e Angelo de Souza Sampaio buscam concretizar esse intento com base em estudo de dados toponímicos que nomeiam acidentes humanos rurais dos municípios pertencentes ao Território de Identidade 19 – Portal do Sertão/BA. O texto traz um avanço em termos de abordagem dos estudos toponímicos, se o propósito for o exame da estrutura de topônimos compostos, em especial os que nomeiam acidentes humanos rurais, cuja toponímia congrega características muito singulares. No *corpus* analisado pelos autores 43,8% são de topônimos de estrutura morfológica composta e “demonstram características muito próximas daquelas identificadas nos fraseologismos, permitindo qualificá-los como fraseotopônimos, visto que apresentam polilexicalidade, alta frequência de uso e fixação de níveis sintático, semântico e pragmático”.

Pautando-se em dados da literatura, Angelo de Souza Sampaio também privilegia as teorias fraseológicas para a análise do recorte lexical selecionado para o décimo capítulo desta coletânea: “Fraseologismos na literatura: percursos para um estudo sobre os pragmatemas, as expressões idiomáticas

e as dificuldades de classificação”. Esse trabalho distingue-se dos demais pela natureza da fonte de dados. A exemplos de outros já referenciados, analisa dados parciais do seu projeto de tese em andamento que tem como propósito “fazer um levantamento e catalogação dos dados fraseológicos presentes da coletânea francesa de contos infantojuvenis *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964)”, também sob a orientação de Silvana Ribeiro. A singularidade desse capítulo em relação aos demais que compõem esta publicação pode ser creditada à seleção de um *corpus* literário composto por fraseologismos, em particular os classificados como pragmatemas: fraseologismos empregados durante as interações sociais.

Por fim, o último capítulo da obra, “Estudo sobre a gramaticalização de *porra* no dialeto baiano”, produzido por Jan Carlos Dias de Santana, Luziane Amaral de Jesus e Josane Moreira de Oliveira, centra-se no exame do processo de gramaticalização em interface com o percurso gramatical da palavra *porra* que, segundo os autores, “já possui várias funções pragmático-discursivas e não apenas o traço preponderante de uma palavra obscena ou um palavrão”. O artigo em foco, para além de apresentar uma abordagem distinta de um item léxico, ancorando-se também em informações lexicográficas relativas ao seu uso em fases distintas da história da língua, traz a lume o enfoque gramatical no estudo do léxico, presta uma *porra* homenagem a Silvana Ribeiro, em particular por Josane Moreira de Oliveira, sua amiga pessoal.

Pelo exposto, acredito ter apresentado argumentos que demonstram a importância desta publicação, uma coletânea que reúne os produtos de pesquisas desenvolvidas na UFBA, as quais evidenciam a interface entre a lexicologia, a lexicografia, a toponímia e a fraseologia, disciplinas que se ocupam dos estudos lexicais, e a dialetologia e a sociolinguística. Nesse sentido, entendo que o grande mérito da obra é justamente fornecer uma amostra do estado de arte das pesquisas sobre o léxico concluídas e em desenvolvimento na instituição, em sua grande maioria orientadas pela professora Silvana Soares Costa Ribeiro, na atualidade a maior incentivadora de pesquisas nessa área na instituição e com quem tenho tido o privilégio de dividir tarefas acadêmicas e estudos que evidenciam o movimento do léxico segundo a região e o perfil do falante, e, nesse convívio acadêmico,

experenciar momentos únicos de amizade que extrapolam em muito o universo da academia.

A obra tem como público-alvo pesquisadores, professores, estudantes de pós-graduação e de graduação com foco de interesse em pesquisas na área do léxico nas suas diferentes vertentes, a exemplo dos envolvidos nesta publicação. Para além disso, o livro cumpre o papel de disseminar resultados de estudos que apontam para avanços no âmbito das pesquisas lexicais com base no *corpus* do Projeto ALiB. Espero que a leitura deste livro estimule novas reflexões sobre a norma lexical do português do Brasil, em especial a documentada por fontes de natureza geolinguística.

APARECIDA NEGRI ISQUERDO

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



# DENOMINAÇÕES PARA *PRESÉPIO* NO FALAR BAIANO

## DADOS DO PROJETO ALIB

ANA RITA CARVALHO DE SOUZA  
CÍNTIA DA CONCEIÇÃO MARQUES  
TAIANE CRISTINA PRATA OLIVEIRA

### COMO TUDO COMEÇA

O trabalho que se apresenta é resultado dos estudos desenvolvidos, em 2018, em Pesquisa de Iniciação Científica (IC), coordenada pela professora Silvana Soares Costa Ribeiro, intitulada “Descrevendo áreas dialetais brasileiras: revisitando o Falar Baiano – Fase 2”, que se centraliza no estudo do léxico, na descrição da variação diatópica e na identificação de regiões dialetais brasileiras, partindo da proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953) e considerando o estudo e os resultados encontrados por Ribeiro (2012). O projeto de pesquisa foi dividido em três planos de trabalho, a saber:

- **Plano 1** – (PI, PE, SE, AL), sob a responsabilidade da, então, bolsista de IC, Ana Rita Carvalho de Souza, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (Fapesb), na área temática das religiões e crenças do Questionário Semântico-Lexical (QSL), do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB);

- **Plano 2** - (GO, PI, MT, MA, TO), sob a responsabilidade da, então, bolsista de IC, Taiane Cristina Prata Oliveira, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na área temática das religiões e crenças do QSL, do Projeto ALiB;
- **Plano 3** - (MG, ES), sob a responsabilidade da, então, bolsista de IC, Cíntia da Conceição Marques, com financiamento do CNPq, na área temática das religiões e crenças do QSL, do Projeto ALiB.

Avaliar os dados desta área temática foi uma proposta que emergiu da necessidade de se averiguar os resultados encontrados por Oliveira (2016), que, em dissertação de mestrado, utilizou os dados referentes às religiões e crenças do Projeto ALiB, no estado da Bahia, para descrever o léxico utilizado e verificar a existência de subfalares nesse espaço geográfico. Dessa forma, trabalhar com esta área temática surgiu do interesse em comparar os dados encontrados pela pesquisadora, bem como delinear o Falar Baiano proposto por Nascentes (1953) a partir das considerações feitas, visto que a seleção de localidades, feita nos planos de trabalho pela professora orientadora, foi exatamente pensada para esta finalidade.

**Figura 1** – Presépio montado pela professora Suzana Cardoso



Fonte: acervo pessoal da professora Suzana Alice Marcelino Cardoso.

Analisar a questão 154 do QSL, que verifica os nomes atribuídos ao grupo de figuras que representa o nascimento do Menino Jesus, partiu

do desejo da professora Silvana Soares Costa Ribeiro, juntamente com as autoras do presente trabalho, em homenagear a saudosa professora, e eterna diretora-presidente do Projeto ALiB, Suzana Alice Marcelino Cardoso – em memória –, que tinha verdadeiro apreço pelo tempo natalino, em especial pela montagem do seu conjunto de figuras e que fazia questão de divulgar entre familiares, amigos e colegas de trabalho, conforme Figura 1. Para além da descrição lexical e do traçado das isoglossas feito, objetivou-se com este trabalho lembrar que este antigo costume hoje nos motiva, através do empirismo científico, a continuar o legado da professora Suzana Cardoso.

Para tanto, divide-se este texto em mais cinco partes além desta. Na sequência, apresenta-se a contextualização histórica e cultural da montagem desse grupo de figuras no Brasil e no mundo. Logo após, será feita a descrição dos trabalhos no âmbito do léxico, feitos com base nos dados do Projeto ALiB e que buscaram embasamento teórico em Nascentes (1953). Prosseguir-se-á com a análise dos dados levantados pelas bolsistas de IC e Oliveira (2016) e divulgação dos resultados encontrados, além de pesquisa a dicionários, verificando se as denominações encontradas estão registradas com o mesmo conteúdo semasiológico. Por fim, serão apresentadas as considerações feitas para o trabalho e as contribuições observáveis no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) para a formação de jovens pesquisadores.

## **O PRESÉPIO NO MUNDO: UM CONTO DE NATAL**

Segundo a Bíblia, há mais de dois mil anos, Maria, uma pura donzela, que estava com casamento marcado com José, pobre marceneiro, recebe a visita de um anjo, o qual anuncia que ela seria a mulher que carregaria em seu ventre o Filho de Deus, nascido para livrar o mundo do pecado e trazer a salvação para os homens. Grávida, Maria precisou viajar para sua cidade natal, Belém, para fazer um recenseamento obrigatório, exigido pelos governantes da época. (Lucas 2,1-7) A viagem feita em cima de burro durou vários dias. Ao chegar a Belém, perceberam que todas as hospedarias estavam lotadas. Percorrendo toda a cidade, encontraram um estábulo velho, cheio de animais – cavalos, vacas etc. – onde, por caridade do dono, puderam passar a noite. Foi nessa abençoada noite que Maria deu à luz ao Messias prometido.

Essa história é conhecida por quase toda a humanidade, em especial o ocidente, e é a base para uma das religiões mais conhecidas no mundo – o Cristianismo. Um dos costumes da tradição natalina é a encenação do nascimento do Cristo Salvador, representada pela montagem desse conjunto de figuras antes do dia 24 de dezembro e desmontado no Dia de Reis – 6 de janeiro. Contudo, como surgiu essa tradição? Nesta seção, será abordada, de forma parcial, a origem desse costume pelo mundo, apresentando algumas curiosidades e suas modificações ao longo dos tempos.

A tradição de montar presépios data de 1223, quando São Francisco de Assis queria mostrar aos camponeses a noite de nascimento do Menino Jesus e não sabia como fazê-lo, assim surgindo a ideia de utilizar argila e montar vários bonequinhos que representassem esses personagens. De acordo com Chaves (1916), o primeiro presépio nasce numa floresta de *Greccio*, na Itália, e se torna costume por várias partes do mundo, em diferentes culturas e regiões, quando é chegada a época do Natal. O costume se espalha, primeiramente, por igrejas e catedrais da Europa durante a Idade Média. No Renascimento, ele passa a ser montado na casa de reis e nobres e, a partir do século XVIII, o costume de criar a cena do nascimento de Cristo se espalha pelas residências de pessoas comuns e é disseminado pelo mundo. O primeiro montado no Brasil foi pelas mãos do religioso Gaspar de Santo Agostinho, na cidade de Olinda-PE.

As principais figuras do *presépio* são:

**Quadro 1** – Personagens que compõem o presépio

Figura	Significação
Menino Jesus	O filho de Deus
Virgem Maria	A mãe do filho de Deus
São José	O pai adotivo do Menino Jesus
Gruta ou curral	É o local simbolizado pelo presépio
Manjedoura	O berço de Jesus
Animais (burro, boi, galo e ovelhas)	A simplicidade do local onde Jesus nasceu
Anjos	Anunciam aos pastores a chegada do filho de Deus

continua...



Figura	Significação
Pastores	A simplicidade do povo
Estrela de Belém	A que guiou os três Reis Magos quando Jesus Cristo nasceu
Os três reis magos	Gaspar, Baltasar e Belchior - representam os povos pagãos

Fonte: Devellard (2001).

Na atualidade, os presépios variam em tamanhos, jeitos e formas, sendo modificado desde o material que é construído - argila, areia, chocolate etc. - até as figuras que são expostas, tal como se percebe na comparação da Figura 1 com a Figura 2. É válido destacar que a tradição permanece viva e que, a cada ano que passa, os cristãos encontram uma maneira diferenciada de demonstrar sua fé.

**Figura 2 – Presépio**



Fonte: acervo pessoal da autora Ana Rita Carvalho de Souza.

A variação que é inerente a toda e a qualquer língua leva à distribuição particular de usos que acabam por especificar áreas, regiões com identidades e características próprias. O português europeu, quando adentra em momentos distintos o Brasil, como língua de colonização - contato com povos indígenas, de origem africana etc. -, adquire particularidades que se

constituem em elemento chave para as delimitações das diferenças entre uma região e outra, ou diferenças areais. Por isso, baseado no elemento cultural destacado, busca-se verificar a presença de áreas dialetais que podem ser identificadas a partir do léxico utilizado para sua denominação.

## **DIVISÃO DIALETAL BRASILEIRA E ÁREAS LEXICAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Estudar as diferenças dialetais percebidas na linguagem falada no Brasil tem sido motivo de preocupação de estudiosos desde o século XVII, com registro de pelo menos oito pesquisadores identificados por fazerem propostas de divisão dialetal no território brasileiro, como atesta Teles (2018, p. 81-99). De acordo com a autora, alguns desses trabalhos não são conhecidos, mesmo assim ela os apresenta em ordem cronológica de publicação, pois eles, de certa forma, influenciaram o trabalho de Antenor Nascentes, ora justificando sua proposta, ora discordando e sugerindo modificações. (TELES, 2018, p. 82)

Antenor Nascentes, em 1953, fez uma descrição mais detalhada da divisão dialetal brasileira, baseada em seus trabalhos *O linguajar carioca em 1922* ([192-]) e *O idioma nacional* (1933), que, por sua vez, trazem considerações acerca dos trabalhos de estudiosos como João Ribeiro (1900), Rodolpho Garcia (1915), entre outros. Nesse ano, na obra, *O linguajar carioca*, Nascentes indicou que havia dois grandes grupos de falares no Brasil: os falares do Norte e os falares do Sul, que se diferenciavam, principalmente, pela “cadencia [*sic*] e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*”. (NASCENTES, 1953, p. 25) Posteriormente, ele subdividiu esses dois grupos em subgrupos de falares: Amazônico e Nordeste, compondo os falares do Norte; e Baiano, Mineiro, Fluminense e Sulista, compondo os falares do Sul. Destacou também que a faixa intermediária do território brasileiro, por ser praticamente despovoada, seria considerada como incharacterística. Na Figura 3 é possível visualizar essa proposta de divisão, a partir da atualização feita por Teles (2018), em base cartográfica do IBGE (2016) e com a utilização de *software* de cartografia automatizado, o ArcGis.

Figura 3 – Divisão dialetal de Nascentes (1953), adaptado por Teles (2018)



Fonte: Teles (2018, p. 485), adaptada.<sup>1</sup>

A partir dessa proposta, tem-se uma série de estudos que buscam atestar a vitalidade da sugestão feita pelo autor. Mais que isso, temos uma vasta produção a partir da década de 1960, no âmbito da Geolinguística, que se iniciou com publicações de atlas estaduais e regionais, como o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963), mas que, de certa forma, impulsionaram os trabalhos de Dialetolegia no Brasil, sobretudo porque dialogam com a

1 A Figura 3, *Cartograma da proposta de divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953)*, pertence à referência supracitada. Para este texto, fizemos as seguintes adaptações: retirada da borda com a escala geográfica e da legenda original.

obra de Nascentes (1953), no que concerne a descrever a variedade de usos da língua.

Com a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014a, 2014b), e com um amplo banco de dados ainda disponível para análises e considerações, é que muitos pesquisadores se debruçaram e debruçam na investigação de fenômenos linguísticos presentes na língua e identificados no *corpus* do Projeto. Entre eles, podemos citar a primeira tese defendida com dados desse *corpus*, de Ribeiro, que, em 2012, buscou, a partir do léxico dos brinquedos e das brincadeiras, atestar a vitalidade da proposta de divisão concernente ao Falar Baiano feita por Nascentes em 1953.

A partir desse trabalho, outros pesquisadores se propuseram a investigar, pelo mesmo viés, se o traçado de isoléxicas poderia confirmar a vitalidade do traçado de outros falares, como constatou Ribeiro (2012) com o Falar Baiano. Nesse sentido, pode-se citar:

- Portilho (2013) - Falar Amazônico - jogos e diversões infantis;
- Romano (2015) - Falar Sulista - cinco questões: 001 - córrego; 039 - tangerina; 132 - menino; 156 - bolinha de gude e 177 - geleia;
- Santos L. (2016) - Falar Fluminense - jogos e diversões infantis;
- Santos G. (2018) - Falar Nordeste - jogos e diversões infantis;
- Souza ([202-]) - Falar Amazônico - três questões: 029 - estrela da manhã; 030 - estrela da tarde; 031 - estrela cadente.

Esses trabalhos são exemplos que servem como base para estudos no âmbito do Léxico, que utilizam a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953) e que têm como base os dados do Projeto ALiB.

A delimitação das áreas dialetais por dialetólogos acaba tornando-se um trabalho árduo, dada a dificuldade em caracterizar e definir de forma clara essa divisão dialetal. Dessa maneira, é difícil saber com exatidão onde termina e onde começa um dialeto ou uma subárea dialetal, de forma que a marcação com precisão de um limite pontual entre uma variedade e outra é praticamente impossível, mas não em sua totalidade. O trabalho de Ribeiro (2012), por exemplo, foi capaz de identificar subáreas dialetais

dentro de uma área dialetal específica, com o rigor científico que é característico da Dialetologia. Destarte, percebe-se que há um espaço misto de convivência dialetal, ou seja, um espaço de trânsito comum de modos diferentes de utilizar uma mesma língua, também conhecidos como áreas de transição, as quais configuram os momentos de disseminação dos dialetos.

Outro ponto levantado pelos pesquisadores sobre a divisão de uma língua em áreas dialetais é como esse fato ocorre. Qual o modo e em que nível de abordagem da língua seriam mais eficientes destacar para se fazer essa delimitação. Como exemplo, pode-se dizer que os estudos de base fonético-fonológica apresentam vantagem, pois dispõem de um espectro amplo de dados para a contestação de um fenômeno. Mas, por outro lado, um estudo de base lexical teria uma menor vantagem, pois a variação em determinado local seria mais ampla, podendo ser registrada, inclusive na individualidade de cada falante.

Contudo, os trabalhos realizados com base no *corpus* do Projeto ALiB, em que o léxico é o aspecto linguístico investigado, são demonstrações reais de que esse aspecto também é capaz de mostrar as fronteiras linguísticas de regiões específicas e, mais que isso, é capaz de identificar características exclusivas de comunidades usuárias de uma mesma língua dentro destes espaços geográficos, o que é de interesse da Dialetologia contemporânea.

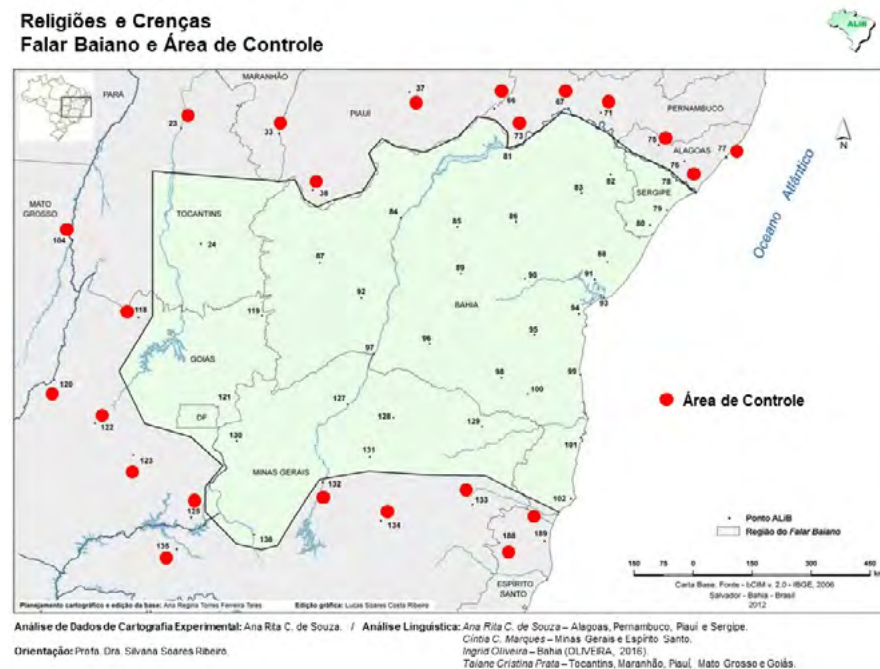
Desse modo, o estudo que se apresenta busca, através do empirismo científico, evidenciar se o aspecto cultural cristão foi capaz de selecionar, dentro da área geográfica estudada, áreas lexicais, ou seja, normas de uso específicas de um determinado grupo de falantes.

## **O PRESÉPIO NOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Os dados deste trabalho foram anteriormente coletados *in loco*, conforme metodologia de trabalho do Projeto ALiB, que selecionou 250 localidades brasileiras seguindo critérios sociodemográficos. Das 250 localidades, 25 são as capitais brasileiras, excluindo-se dessa lista Palmas e o Distrito Federal que, por seu tempo de fundação, não poderiam fornecer informantes filhos de pais também nascidos na localidade, critério exigido pela metodologia em questão. Para este trabalho, foi selecionada uma amostra de 57 localidades que, de acordo com Ribeiro (2012, p. 138), compõem o Falar Baiano e

a área adjacente, que chamou de Área de Controle. Essas localidades estão distribuídas em quatro das cinco regiões brasileiras e em 11 estados da Federação, conforme Figura 4:

Figura 4 – Rede de pontos do Falar Baiano e adjacências



Fonte: Ribeiro (2012, p. 473), adaptada.<sup>2</sup>

A seleção de informantes do Projeto ALiB seguiu critérios espaciais, como informantes nascidos na área e que fossem filhos de pais também da área. A esses critérios somaram-se o controle das variáveis sociais: sexo, duas faixas etárias (faixa 1, 18 a 30 anos, e faixa 2, 50 a 65 anos) e dois níveis de escolaridade – fundamental e universitário –, contemplando aspectos

<sup>2</sup> A Figura 4, *Rede de pontos do Falar Baiano e adjacências*, pertence à referência supracitada. Para este texto, fizemos as seguintes adaptações: destaque em vermelho para a rede de pontos da área de controle e adição de legenda com a descrição destas localidades destacadas na figura.

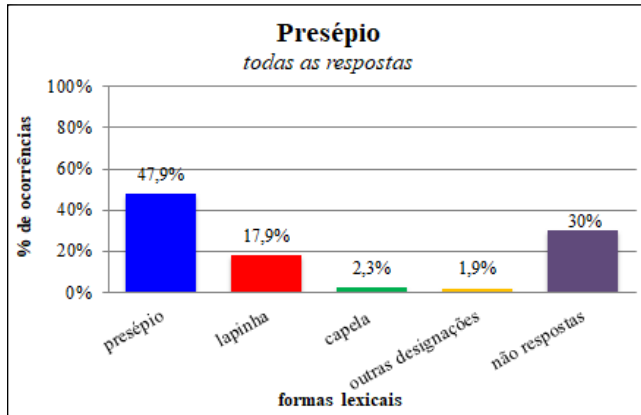
da Geolinguística Pluridimensional. Contudo, neste trabalho, desconsiderou-se as variáveis sociais, pois o principal objetivo desta pesquisa foi atestar a vitalidade da proposta de divisão referente ao Falar Baiano e descrever possíveis subáreas dialetais, como fez Ribeiro (2012).

A amostra conta com a contribuição de 244 informantes, distribuídos no espaço geográfico apresentado e igualmente estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade. Dessa forma, os principais objetivos são: (i) descrever a variedade de nomes, na área geográfica em questão, para o conjunto de figuras que se monta no Natal representando o nascimento do Menino Jesus; (ii) constatar ou não a vitalidade do traçado do Falar Baiano, conforme Nascentes (1953); e (iii) verificar ou não a existência de subáreas dialetais dentro dessa grande área, conforme Ribeiro (2012).

O levantamento dos dados, no nível lexical, foi feito com base na área temática das Religiões e Crenças - questões 147 a 157 do QSL do ALiB -, e o tratamento dos dados baseou-se, neste caso, na questão 154 que está assim formulada: “No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chama isso?”. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 33)

Obtiveram-se 263 dados no total, dos quais 184 são ocorrências de nomes registrados e 79 de ocorrências de *Não Respostas*, sendo agrupados nesses casos as respostas em que o informante não soube responder à questão, não se lembrou no momento do inquérito ou, de alguma forma, a resposta não foi obtida. Desse modo, foram validadas 179 ocorrências, as quais atendem ao critério de frequência de uso acima de cinco, selecionado para este trabalho. No total de dados validados, estão contabilizadas as *Não Respostas*, pois se entendeu que o não dado oferece uma gama de informações sobre as localidades em que não houve registro de resposta e que podem futuramente ser investigadas, quando os dados das outras regiões forem catalogados, ou ainda verificando registros sócio-históricos dessas localidades, conforme atesta Aguilera (2014, p. 111). No Gráfico 1, é possível verificar os percentuais de distribuição de cada informação recolhida:

**Gráfico 1** – Percentual de respostas dadas para *Presépio* no falar baiano



Fonte: elaborado pelas autoras.

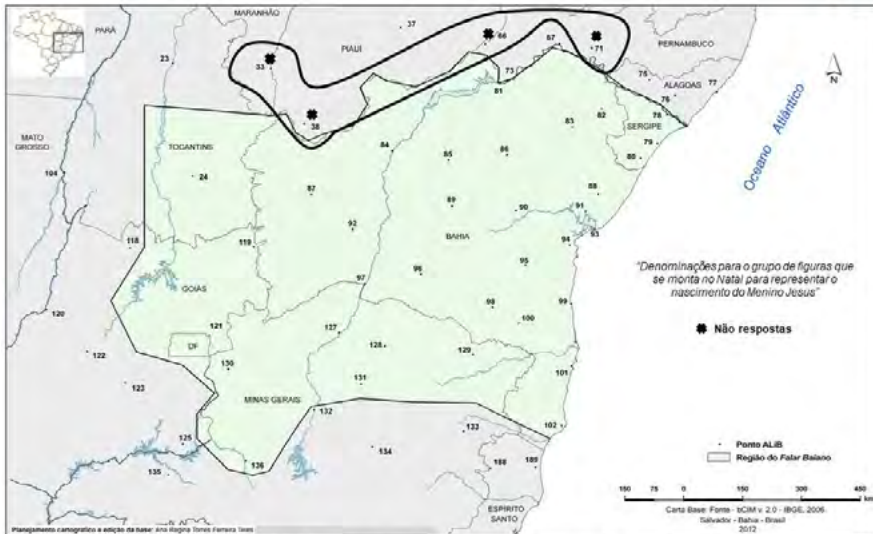
## O QUE FOI OBSERVADO

De acordo com o Gráfico 1, as denominações registradas para esse conjunto de figuras, na área investigada são três: *presépio*, *lapa (-inha)* e *capela (-inha)*. Houve ocorrência de duas denominações que não foram validadas pela frequência baixa de uso – = ou < 5 – e por outras questões que serão abordadas mais adiante. São elas: *Manjedoura* e *Gruta do Menino Jesus*. 30% das respostas dos informantes foram caracterizadas como *Não Respostas*. Elas foram pontuais, na zona Norte da Área de Controle, conforme demonstra a Figura 5:



Figura 5 – Isoléxica para as *Não Respostas* na amostra investigada

Religiões e Crenças  
Falar Baiano e Área de Controle

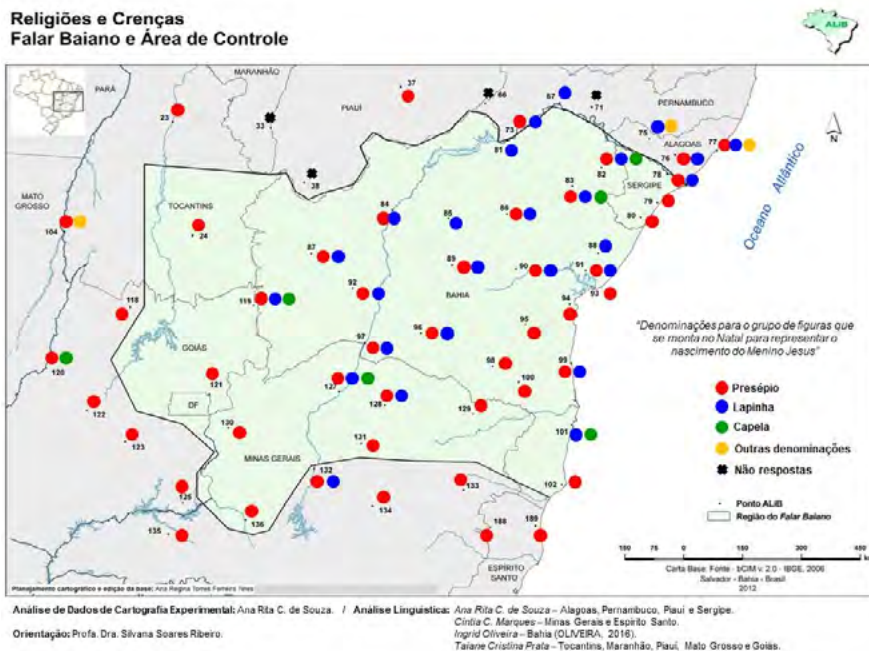


Análise de Dados de Cartografia Experimental: Ana Rita C. de Souza. / Análise Linguística: Ana Rita C. de Souza – Alagoas, Pernambuco, Piauí e Sergipe.  
Cintia C. Marques – Minas Gerais e Espírito Santo.  
Ingrid Oliveira – Bahia (OLIVEIRA, 2016).  
Tatiane Cristina Prata – Tocantins, Maranhão, Piauí, Mato Grosso e Goiás.

Fonte: elaborada pelas autoras.

A distribuição das respostas encontradas está demonstrada na carta, conforme a Figura 6:

Figura 6 – Carta resumo das denominações para *Presépio* no falar baiano



Fonte: elaborada pelas autoras.

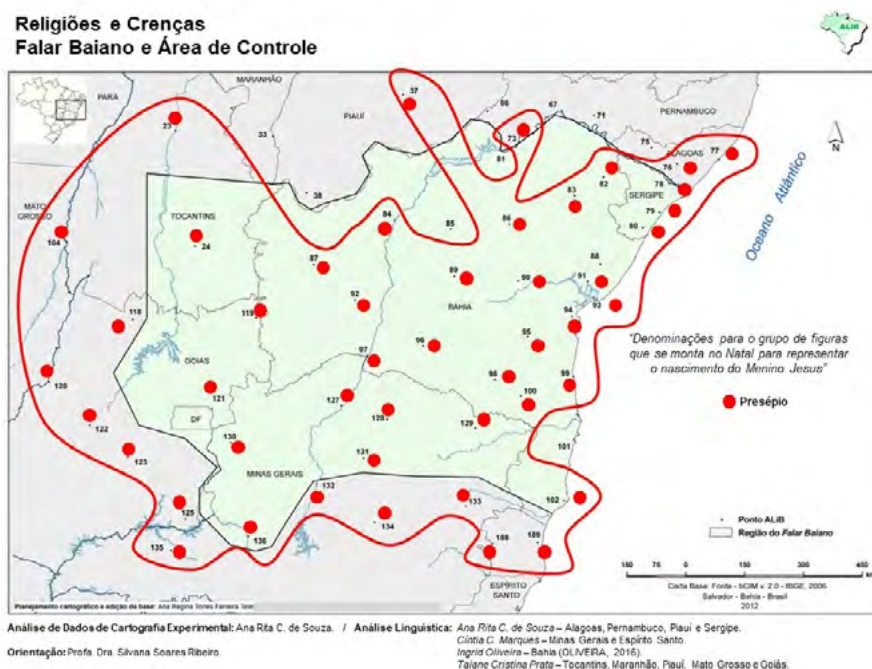
Como é possível observar, a norma lexical predominante no Falar Baiano é *presépio*, que coocorre com *lapa (-inha)*, e representa 47,9% das respostas válidas. A denominação *lapa (-inha)*, por sua vez, apresenta 17,9% do total das respostas consideradas válidas e é utilizada em 36,8% das localidades investigadas. Percebe-se que, na amostra estudada, este nome se concentra na Bahia, sendo utilizada em apenas 11 localidades fora desse estado. Apesar de *capela (-inha)* ter apresentado percentual de uso mais baixo, destaca-se a presença dessas ocorrências dentro do Falar Baiano e somente uma ocorrência na área de controle.

As *Outras Denominações*, destacadas em amarelo na carta, representam os usos de *Manjedoura* e *Gruta do Menino Jesus*, que juntas somaram 1,9% das respostas dadas e, devido ao baixo índice de uso constatado, não foram contabilizadas. Futuramente, dados completos do Brasil ou de outras regiões poderão demonstrar ou não a relevância dessas duas formas. No caso de

*Gruta do Menino Jesus*, percebeu-se que essa forma não faz parte do repertório linguístico do Falar Baiano, sendo utilizada, exclusivamente, pelos informantes de Santana do Ipanema, no estado de Alagoas. *Manjedoura*, ao contrário, ocorre em mais localidades. Contudo, considerou-se *Outra Denominação* nessa investigação porque, apesar de fazer alusão a outro referente, entendeu-se que os informantes que a utilizaram nomearam a parte pelo todo.

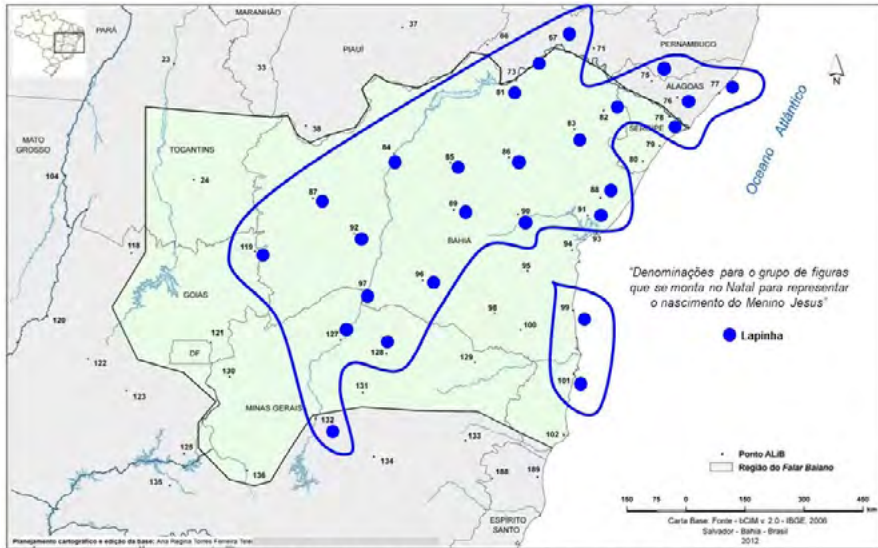
Por meio da observação das isoléxicas traçadas, percebeu-se que, quanto às denominações para o *Presépio*, não foi encontrada similitude com os resultados encontrados por Ribeiro (2012), que constatou, com os brincquedos e as brincadeiras, a presença de quatro subáreas dialetais dentro do Falar Baiano. Nas Figuras de 7 a 10 é possível visualizar a concentração da maior parte das respostas, que foi *presépio* em toda a área do Falar Baiano, e de *lapa (-inha)*, que se reuniu, quase que totalmente, no estado da Bahia:

Figura 7 – Isoléxica para *Presépio* no Falar Baiano



Fonte: elaborada pelas autoras.

Figura 8 – Isoléxica para *Lapa (-inha)* no Falar Baiano

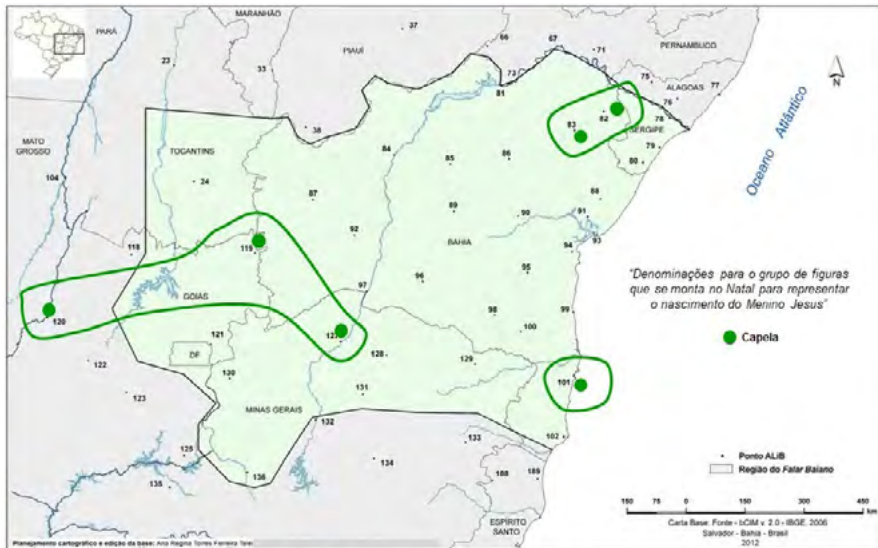


Análise de Dados de Cartografia Experimental: Ana Rita C. de Souza. / Análise Linguística: Ana Rita C. de Souza – Alagoas, Pernambuco, Piauí e Sergipe; Cíntia C. Marques – Minas Gerais e Espírito Santo; Ingrid Oliveira – Bahia (OLIVEIRA, 2016); Taiane Cristina Prata – Tocantins, Maranhão, Piauí, Mato Grosso e Goiás.

Orientação: Profa. Dra. Silvana Soares Ribeiro

Fonte: elaborada pelas autoras.

Figura 9 – Isoléxica para *Capela (-inha)* no Falar Baiano

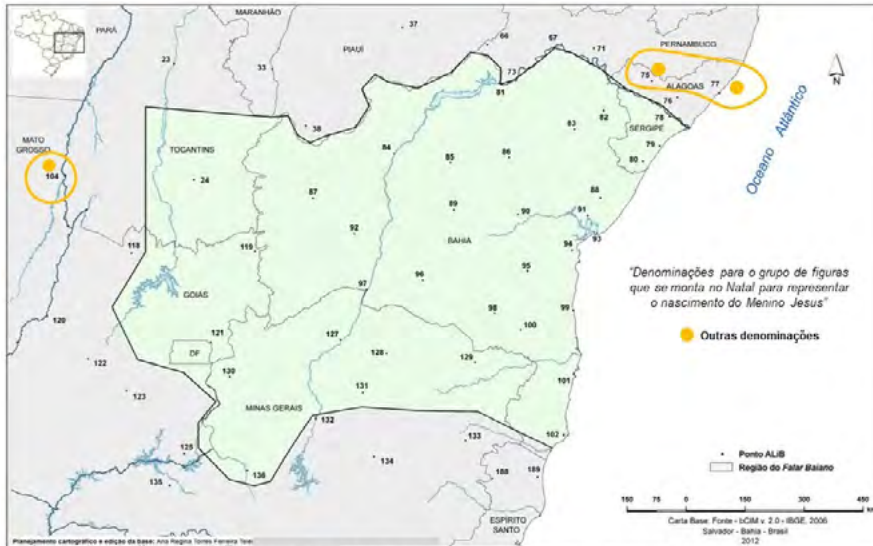


Análise de Dados de Cartografia Experimental: Ana Rita C. de Souza. / Análise Linguística: Ana Rita C. de Souza – Alagoas, Pernambuco, Piauí e Sergipe; Cíntia C. Marques – Minas Gerais e Espírito Santo; Ingrid Oliveira – Bahia (OLIVEIRA, 2016); Taiane Cristina Prata – Tocantins, Maranhão, Piauí, Mato Grosso e Goiás.

Orientação: Profa. Dra. Silvana Soares Ribeiro

Fonte: elaborada pelas autoras.

Figura 10 – Isoléxica para *Outras denominações* no Falar Baiano



Análise de Dados de Cartografia Experimental: Ana Rita C. de Souza. / Análise Linguística: Ana Rita C. de Souza – Alagoas, Pernambuco, Piauí e Sergipe.  
Cintia C. Marques – Minas Gerais e Espírito Santo.  
Ingrid Oliveira – Bahia (DIVERSA, 2016).  
Táiane Cristina Prata – Tocantins, Maranhão, Piauí, Mato Grosso e Goiás.

Orientação: Profa. Dra. Silvana Soares Ribeiro.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Pelo traçado de isoléxicas, percebe-se que as duas principais formas de nomear esse conjunto de figuras coexistem e que *lapa* (-inha) é predominantemente baiana. A presença do uso de *capela* (-inha) em pontos isolados, exceto em 082. Jeremoabo e 083. Euclides da Cunha, que são os mais próximos, pode ser o indicativo do surgimento de uma nova maneira de nomear esse conjunto de figuras, baseado em aspectos culturais dos membros destas comunidades.

A configuração dos usos de *capela* (-inha), através da isoléxica traçada, realça a riqueza cultural do povo e a capacidade de adequar as experiências de vida às coisas que acontecem diariamente no cotidiano do falante. O isolamento das *outras denominações* (*Gruta do Menino Jesus* e *Manjedoura*), futuramente com as análises dos dados do Nordeste, Norte e Centro-Oeste, poderá revelar se estas são formas que coocorrem por motivos estritamente espaciais, inclusive quando se nomeia o todo pela parte.



## O PRESÉPIO NOS DICIONÁRIOS

Os dicionários gerais contemplam a descrição do vocabulário de uma língua e têm como função registrar e definir os verbetes, abarcando formas e conceitos consolidados na cultura que, geralmente, já estão legitimados pelas normas de prestígio. Como forma de verificar a dicionarização das unidades léxicas em estudo, foram consultados os dicionários Michaelis (2008), Houaiss (2009) e Aulete (2011). A seguir, apresentam-se os resultados obtidos, reunidos no Quadro 2. De maneira geral, tanto a forma *Presépio*, quanto *lapa (-inha)* estão documentadas com a mesma acepção que se propõe obter a partir da aplicação da pergunta do questionário já mencionado, enquanto a denominação *capela (-inha)* está dicionarizada com outra acepção.

Quadro 2 – *Presépio*: registro em dicionários

QSL 154 – Presépio	Dicionários		
Lexias	Michaelis (2008)	Houaiss (2009)	Aulete (2011)
<i>Presépio</i>	=	=	=
<i>Lapa (-inha)</i>	±	=	±
<i>Capela (-inha)</i>	≠	≠	≠

Fonte: elaborado pelas autoras.

Conforme Quadro 2, verifica-se que a forma já institucionalizada *presépio* encontra-se dicionarizada nas três obras consultadas com a mesma acepção documentada pelo ALiB. Michaelis (2008) define *presépio* como “palavra derivada do latim *praeseptiu*, representação do local do nascimento de Cristo”. Houaiss (2009) apresenta uma definição mais detalhada e explica que se trata de uma “pequena construção e figuras de materiais diversos – barro, madeira, louça, papelão etc.-, que representam o estábulo em Belém e as cenas que se seguiram ao nascimento de Jesus”. A acepção fornecida por Aulete (2011) define a unidade léxica *presépio* como “representação em maquete do estábulo em que nasceu Jesus e da cena do nascimento”.

A denominação *lapa (-inha)* encontra-se dicionarizada no Houaiss (2009) como “pequena Lapa. Nicho ou presépio que se arma para festas de Natal e Reis. Antiga representação popular, encenada diante do presépio”.

Aulete (2011) define *lapa (-inha)* como “representação popular que era encenada diante do presépio e que deu origem ao pastoril”. Aqui, percebe-se que o termo era utilizado também para referir-se a encenação popular e não ao local propriamente dito. Em ambas as obras, o termo é apontado como brasileiro característico do Nordeste. No Michaelis (2008), encontrou-se o termo *Lapa* definido como “grande pedra, ou laje que forma um abrigo para pessoas ou animais. Cavidade, cova, gruta”. Percebe-se aqui o processo de extensão de sentido, em que o termo *lapinha* pode estar associado à definição de *lapa*, ou seja, local que serviu de abrigo ao nascimento de Cristo. Observa-se, portanto, que tanto *lapa (-inha)* quanto *presépio* possuem definições atreladas tanto ao local de refúgio, como ao conjunto de figuras e elementos que permeiam o enredo religioso descrito na tradição cristã.

Para a lexia *capela*, embora os dicionários de língua portuguesa consultados não tragam a definição “buscada”, registra-se aqui o que foi documentado nas obras lexicográficas eleitas para a pesquisa. Assim, em Michaelis (2008), *capela* está dicionarizada como “pequena igreja. Ermida, santuário”. Houaiss (2009), de forma semelhante, define a unidade léxica como “pequena igreja, com apenas um altar, ger. subordinada a uma paróquia”. Aulete (2011) aponta uma definição mais abrangente informando que se trata de uma

[...] igreja com apenas um altar; tb. Igreja que não é sede de paróquia. Divisão dentro de uma igreja, com altar próprio. Espaço destinado ao culto religioso, em edifício público ou privado, como hospital, escola, aeroporto, nos palácios e residências de nobres, etc. (AULETE, 2011, p. 110)

Verifica-se que as obras lexicográficas consultadas já abarcam as inovações linguísticas e culturais observadas na análise aqui apresentada, mesmo que em alguns casos, o sentido não seja exatamente o mesmo atribuído nas respostas dadas pelos falantes, essas denominações já se encontram dicionarizadas. Destaca-se, portanto, a importância dos estudos lexicais para descrição do acervo linguístico de uma língua, ao contemplar diferentes normas para, além da descrição canônica dos significados, oferecer subsídio para elaboração de materiais didáticos e aperfeiçoamento de obras

lexicográficas em geral, muitas vezes, desatualizadas e que não contemplam a diversidade linguística do Brasil.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LÉXICO E CULTURA**

Não há dúvida de que os aspectos culturais são fatores determinantes quando se observa aos fenômenos envolvidos nos processos de formação e disseminação vocabular. O léxico de uma língua sintetiza a maneira como os falantes expressam seus hábitos, valores, crenças e costumes evidenciando, dessa forma, a organização de determinados grupos, transformações sociais, políticas, econômicas e culturais de uma comunidade. Os dados aqui apresentados demonstram essa assertiva.

Diferente dos demais domínios linguísticos como a sintaxe, fonologia e morfologia, o léxico é um sistema aberto e em constante expansão. Frequentemente surgem novas palavras. Da mesma forma, outras caem em desuso, se perdendo ao longo do tempo. Biderman (1978, p. 139) afirma que

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.

Segundo Martinet (1975 apud LIMA, 2006, p. 44), em decorrência das necessidades comunicativas de cada grupo, aliadas ao progresso intelectual, social e econômico, a língua encontra-se em constante mutação, tendo, por natureza, um caráter dinâmico. Dessa forma, compreende-se que todo o saber elaborado por uma comunidade cristaliza-se por meio do léxico, pois é através dele que o falante decodifica a realidade a sua volta. Com os constantes avanços tecnológicos, criam-se novas terminologias para designar as novas funções, objetos, técnicas e hábitos introduzidos no âmbito social. As mudanças sociais e culturais, envolvidas nesse processo de reelaboração, fazem com que muitas denominações entrem em desuso, chegando



até mesmo ao desaparecimento. Essa renovação ocorre porque o sistema linguístico é considerado aberto. Assim, os falantes são responsáveis pela criação de novas palavras ou pela ressignificação das já existentes, visto que os fatores extralinguísticos também influenciam nestas escolhas.

O registro de *Não Respostas*, concentrado ao Norte do mapa da área investigada, pode conotar a ausência desse costume naquelas comunidades ou, ainda, a não hegemonia do Cristianismo católico nessas cidades, abrindo espaço para outros ritos ou a não comemoração dos festejos natalinos, conforme a tradição cristã.

De acordo com Lima (2006, p. 45), as mudanças linguísticas podem ser motivadas por diferentes fatores. Constantemente, surge a necessidade de criação de termos para designar uma nova ideia ou objetos. Deste modo, o falante pode formar uma palavra a partir de elementos já existentes, importar uma unidade léxica de língua estrangeira ou ressignificar palavras já presentes na língua. Para a autora, essas mudanças são perceptíveis através da história das descobertas científicas e tecnológicas, o que confirma a relação entre o progresso científico e tecnológico e a expressão linguística representativa dessa realidade.

Por isso, ao estudar os componentes lexicais da língua em uso em determinada região, passa-se a reconhecer a sua história, a visão de mundo, o sistema de vida e o imaginário de determinado grupo. Segundo Aragão (2020, p. 67), as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, frequentemente, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa. Para ela, ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados. Dessa forma, não se desconsidera os usos de *Gruta do Menino Jesus* e *Manjedoura*, em respeito a esses aspectos socioculturais que são exclusivos dos falantes que as empregaram, e que podem ser compartilhados por outros grupos em outras regiões do Brasil.

Isquerdo (2001, p. 91) considera que, no exame de léxico regional, “analisar-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer”. Segundo Aragão (2016, p. 39), para se compreender, descrever e explicar a visão de mundo de um grupo sócio-linguístico-cultural,

ou de um grupo de especialistas ou profissionais, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contexto.

Para Carvalho (2001, p. 100), a língua e a cultura formam um todo indissociável e que, no caso da língua e da cultura maternas, esse todo não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos, compreendendo, assim, o léxico como fato social e em constante expansão. Segundo Vilela (1994, p. 6),

[...] o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico numa comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.

Assim sendo, os trabalhos apresentados e realizados durante a vigência das bolsas PIBIC das autoras, mencionadas anteriormente, garantiram a compreensão necessária, às pesquisadoras em formação, sobre léxico, cultura e sobre áreas dialetais. Conseqüentemente, ao analisar as unidades léxicas como produto da cultura, entende-se que o contexto extralinguístico interfere diretamente nos processos de atribuição de sentidos e criação de novos signos linguísticos. Constatou-se também que diferentemente de Ribeiro (2012), a questão 154 não registrou subáreas dialetais e a fronteira do Falar Baiano não é coincidente com a proposta de Nascentes (1953). Contudo, observamos que a denominação *lapa (-inha)* é predominantemente baiana, e que o Nordeste brasileiro esconde outros ritos natalinos, que poderão ser futuramente estudados, confirmados pela concentração de *Não Respostas* em localidades desta região.

Desse modo, compreende-se que a observação de aspectos culturais inerentes a grupos sociais distintos deve ser tratada como sendo de fundamental importância na busca por retratar a realidade linguística brasileira.

# ÁREAS DIALETAIS DE NORTE A SUL DO BRASIL

## O CASO DA CAMBALHOTA

GRAZIELE FERREIRA DA SILVA SANTOS  
LEANDRO ALMEIDA DOS SANTOS

### PASSOS INTRODUTÓRIOS

É sabido que, para atestar a variação do português falado no Brasil, muitos estudiosos se debruçam sobre a investigação lexical na perspectiva diatópica, pois esse nível da língua evidencia, de forma dinâmica, a soma das relações sociais, econômicas e culturais de uma comunidade. Além disso, o falante transporta para seu léxico as culturas regionais e as influências de outras comunidades com as quais teve algum tipo de aproximação, seja via contato *in loco*, seja através do contato mediatizado. Os autores deste artigo, nesse sentido, seguem os passos da professora homenageada, Silvana Ribeiro, pois são frutos de anos de dedicação e empenho dela em prol da formação de jovens pesquisadores.

Este capítulo revisita as respostas obtidas por Ribeiro (2012), Portilho (2013), Cardoso e demais autores (2014a, 2014b), Santos (2016), Santos (2018) e Alencar (2018), para a pergunta 155 do Questionário Semântico-Lexical

(QSL): *Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34), a fim de promover a interpretação dos dados de forma global e, com isso, dar indícios sobre a realidade dialetal do Brasil, traçando um comparativo com a divisão proposta por Nascentes, em 1953.

Para o cumprimento do objetivo central deste estudo, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensional e seguiram-se as seguintes etapas: a) leitura criteriosa dos textos concernentes ao tema; b) escolha e formação do *corpus*; c) análise do *corpus*; d) junção e interpretação dos itens lexicais documentados; e) considerações finais acerca dos resultados obtidos.

Para fins organizacionais, este trabalho está dividido em duas seções, além dos passos introdutórios e das rotas finais. Na primeira, são apresentadas as principais propostas de divisão dialetal brasileira. Na segunda parte, procede-se, então, à explanação e comparação de alguns estudos lexicais, mencionados anteriormente, realizados por pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), sobretudo os que catalogaram respostas para a pergunta 155 do QSL, no intuito de atestar, na realidade presente, a vitalidade da proposta de Nascentes (1953).

## AS TRILHAS DAS DIVISÕES DIALETAIS DO BRASIL

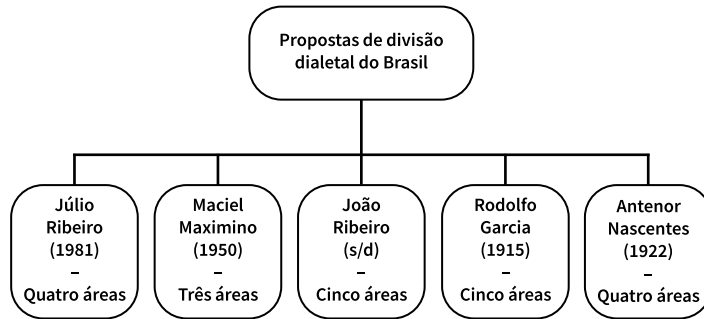
A tarefa de traçar delimitações para os falares brasileiros, no que tange à Língua Portuguesa, por muito tempo, vem sendo perseguida pelos estudiosos das ciências da língua falada, em especial, à Dialetologia. Ao observar a história dos estudos dialetais, nota-se que esse antigo desiderato, embora não se constitua como uma simples e/ou fácil missão, sempre despertou o interesse de dialetólogos de diversas gerações.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender o passado, a fim de tomá-lo como parâmetro para as análises e caminhos fundamentais para se pensar as configurações dialetais do presente. Assim, vale destacar essas propostas,<sup>1</sup> que datam desde o início dos anos 1980, conforme se nota na Figura 1.

---

1 Detalhamentos das propostas podem ser encontrados em Barbadinho Neto (2003).

Figura 1 – Proposições de divisão dialetal do Brasil



Fonte: elaborada pelos autores, com base em Nascentes (1955), republicada em Barbadinho Neto (2003).

Conforme Figura 1, notam-se as tentativas e caminhos trilhados de pesquisadores brasileiros, a fim de demonstrar as configurações dialetais do Brasil. Neste capítulo, os mapas propostos por Antenor Nascentes ([192-]) e (1953), expostos a seguir, servirão como parâmetros para análise. Antenor Nascentes, na obra *O linguajar carioca em 1922*, subdivide o Brasil em quatro grandes áreas, conforme Figura 2.

Figura 2 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes ([192-])



Fonte: Nascentes (1955, p. 216).

Essa proposição foi alvo de críticas, por parte de geógrafos e historiadores. No entanto, acatando as ponderações feitas por Lindolfo Gomes (apud NASCENTES, 1953), em 1933, Antenor Nascentes revisita a divisão de 1922 e, em 1953, retoma a sua divisão e a subdivide em dois grandes grupos, falares do Norte e falares do Sul, além de um território incharacterístico, com base em dois fatos linguísticos – pronúncia das vogais médias pretônicas e a cadência – e nos aspectos geográficos. Destaca-se que, conforme Figura 3, esses dois grupos possuem uma subdivisão, a saber:

Figura 3 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)



Fonte: Nascentes (1955, p. 218).

A última divisão proposta por Nascentes (1953), até então, é a que tem servido como parâmetro para os estudos e para as análises, para os pesquisadores do Projeto ALiB em especial. Na contemporaneidade, necessita-se de um novo mapa dialetal brasileiro, uma vez que, passadas quase sete décadas, outra divisão não se deu a conhecer. Logo, acredita-se que, por meio dos dados do Projeto ALiB, os estudos dialetais brasileiros se aproximam de tal objetivo.

## OS CAMINHOS DAS ÁREAS DIALETAIS BRASILEIRAS E O PROJETO ALIB

Os pesquisadores do Projeto ALiB vêm, com o passar dos anos, desenvolvendo estudos e buscando atestar a pertinência do mapa de Nascentes (1953). Nesse sentido, incansavelmente, tais pesquisadores perseguem um dos objetivos do referido Projeto: “Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados”. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. vii) No Quadro 1, listam-se os trabalhos realizados nessa direção, a saber:

**Quadro 1** – Alguns estudos do Projeto ALiB que aludem áreas dialetais

Ano	Pesquisador(a)	Título do trabalho
2009	Vanderci Aguilera	Léxico e áreas dialetais: o que podem demonstrar os dados do ALiB.
2012	Silvana Ribeiro	Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”.
2013	Danyelle Portilho	O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB.
2014	Aparecida Isquerdo; Carla Regina Figueiredo	Cartas Cambalhota (L17, L17a, L17b, L17c, L17d e L17e).
2015	Valter Romano	Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil.
2016	Suzana Cardoso	Áreas dialetais do português brasileiro: o que dizem as primeiras cartas do ALiB.
2016	Leandro Santos	Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense.
2016	Eliana Souza	Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais.
2018	Ana Regina Teles	Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes.
2018	Graziele Santos	O léxico dos jogos e diversões infantis no <i>corpus</i> do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino.
2018	Beatriz Alencar	O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo.

continua...

Ano	Pesquisador(a)	Título do trabalho
2020	Silvana Ribeiro	Como falam os brasileiros de Norte a Sul do Brasil? Delimitando áreas dialetais com base nos resultados do Projeto ALiB.
Em andamento	Ana Rita Souza	De Estrela Matutina ao Caminho de Santiago: visitando o Falar Amazônico a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Fonte: elaborado pelos autores.

Embora a tradição geolinguística tenha, historicamente, utilizado dados fonéticos, as pesquisas lexicais vêm revelando facetas importantes sobre as delimitações areais brasileiras. Para os intentos desse capítulo, somente algumas dessas pesquisas terão os seus dados cotejados. No entanto, vale destacar as enormes contribuições que todas elas trouxeram, pois, a cada passo, com a realização de fotografias pontuais das áreas examinadas, vem se descortinando um pouco mais a realidade dialetal brasileira, desse modo, se aproximando de um novo mapa, quiçá.

Aqui, portanto, os resultados das pesquisas de Ribeiro (2012); Portilho (2013); Cardoso e demais autores (2014a, 2014b); Santos (2016); Cardoso (2016); Santos (2018) e Alencar (2018) serão o foco, haja vista possuírem a questão 155 - *cambalhota* como ponto coincidente. À medida que analisam dados lexicais, os disponíveis no banco de dados do Projeto ALiB, sobretudo os pertencentes ao campo temático dos jogos e diversões infantis, avança-se para consecução do objetivo mencionado anteriormente, além de trazer à tona, na atualidade, a real delimitação dialetal do Brasil, no que concerne à língua portuguesa.

*A priori*, os dados das capitais do Brasil são apresentados a partir da análise das cartas do ALiB (CARDOSO et al., 2014b) e, *a posteriori*, passa-se à análise dos dados do interior do país e, conseqüentemente, das delimitações dos subfalares.

## OS CAMINHOS DOS FALARES DO NORTE E SUL: DADOS DAS CAPITAIS

O *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014b), no volume dois, traz algumas cartas linguísticas que, de certa maneira, já permitem vislumbrar



aspectos da realidade dialetal brasileira no que tange à divisão maior em dois grandes grupos, falares do Norte e falares do Sul, consoante proposição disponível no mapa dialetal de 1953.

Do conjunto de cartas disponíveis no Atlas nacional, para as análises ora empreendidas neste capítulo, foram selecionadas seis cartas, uma nacional (L17) e cinco regionais (L17a; L17b; L17c; L17d e L17e) (ISQUERDO; FIGUEIREDO apud CARDOSO et al., 2014b, p. 261-270), sobre os itens lexicais registrados como resposta à pergunta 155 do QSL, formulada da seguinte maneira: *Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34), conforme Quadro 2.

**Quadro 2** – Itens lexicais documentados nas capitais

Região	Carta	Itens lexicais
Todas	L17	<i>Cambalhota, carambela/carambola, cambota, bunda-canastra, pirueta, mortal e outras.</i>
Norte	L17a	<i>Cambalhota, carambola, carambela, cangapé, mortal e pirueta.</i>
Nordeste	L17b	<i>Cambalhota, bunda-canastra, carambela, cabriola, cambona, cambota, cangapé, carambola, maria-escambona, mortal, pirueta e aú.</i>
Sudeste	L17c	<i>Cambalhota, cambota e mortal.</i>
Sul	L17d	<i>Cambalhota, cambota e pirueta.</i>
Centro-Oeste	L17e	<i>Cambalhota, cambota, perereca e pirueta.</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

No que tange aos falares do Norte, dois itens lexicais merecem destaque, pois fornecem indícios de confirmação dos subfalares, uma vez que são itens documentados apenas nessas áreas. Por exemplo, os itens *carambela/carambola* foram documentados majoritariamente em todas as capitais (Rio Branco, Porto Velho, Manaus, Boa Vista, Macapá e Belém) que estão circunscritas ao *falar amazônico*, e em uma capital do *subfalar nordestino*, que, por sua vez, apresenta a forma *bunda-canastra* em todas as capitais, à exceção de São Luís. Portanto, no polo Norte é possível identificar, no mínimo, duas subáreas: a confirmação do *subfalar amazônico*, com *carambela/carambola*; e a confirmação do *subfalar nordestino*, com *bunda-canastra*.

Em relação aos falares do Sul, nota-se que é um espaço dialetal que apresenta visivelmente uma subárea dialetal por meio do item lexical *cambota* nas capitais pertencentes ao *subfalar sulista*. Ademais, o item predominante em toda extensão dos falares do Sul é *cambalhota*. Tais constatações podem ser confirmadas ou refutadas, a partir das análises sobre os dados do interior, expostos nas seções seguintes.

## OS CAMINHOS DOS FALARES DO NORTE – DADOS DO INTERIOR

Os subfalares do Norte, conforme descrição de Nascentes (1955, p. 217), possui a seguinte divisão:

[...] são dois: o amazônico, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à serra do Estrondo, e o nordestino, que compreende os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás, que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba [...].

Os estudos realizados no âmbito de programas de pós-graduação por Portilho (2013) e de Santos (2018) dão, respectivamente, notícias sobre esses subfalares.

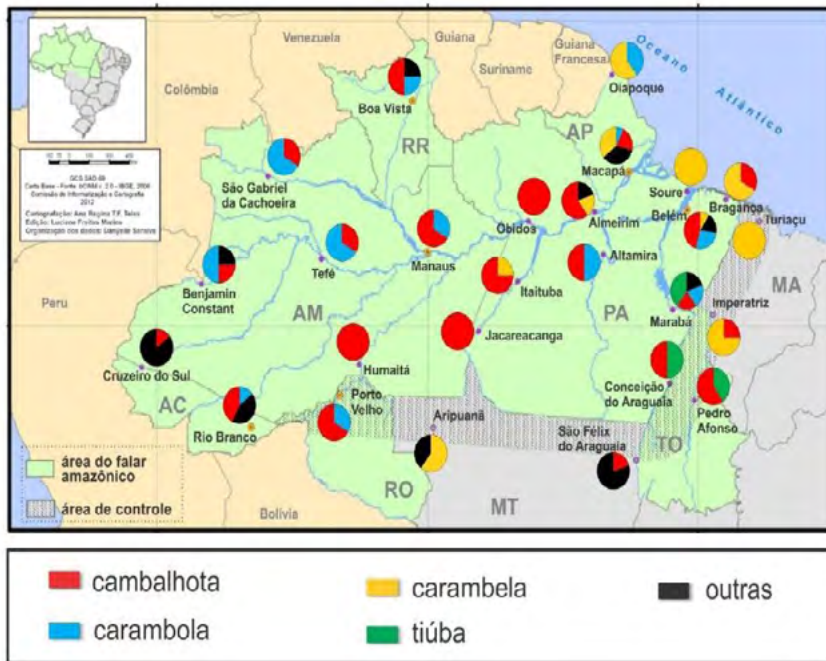
Em 2013, a pesquisa intitulada *O Falar Amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*, de autoria de Danyele Almeida Saraiva Portilho, analisou dados de 128 informantes, oriundos de 26 localidades pertencentes à área em análise – *subfalar amazônico* – e mais seis localidades vizinhas – área de controle.<sup>2</sup>

Para a pergunta ora analisada, 155 do QSL, os resultados documentados por Portilho (2013) revelaram que a variante *cambalhota*, com 48% das ocorrências, foi a mais produtiva, seguida de *carambola* (18,2%), *carambela* (15,5%) e de *tiúba* (4,1%), ainda há ocorrências agrupadas em outras (14,1%),

2 Portilho (2013) adotou a metodologia da área de controle definida por Ribeiro (2012).

que agrupa os itens lexicais: *cambota*, *mortal*, *salto mortal*, *salto*, *cangapé*, *bunda-canastra*, *pirueta*, *piruleta*, *capoeira* e *giro*.

Figura 4 – Carta Cambalhota



Fonte: Portilho (2013, p. 71).

Vale mencionar que as formas *carambola* e *carambela*, assim como documentadas nas capitais da região Norte, também apresentam uma relativa produtividade nas localidades do interior, conforme Figura 4.

O *corpus* total da pesquisa de Portilho (2013), constituído por 196 itens lexicais, obtidos como respostas para todas as questões da área temática dos jogos e diversões infantis, permitiu, em relação à vitalidade da proposta de Nascentes (1953), apontar uma área que possui um léxico peculiar, quando comparado a outras regiões do país, sugerindo uma vitalidade que se constitui de forma relativa. (PORTILHO, 2013, p. 138)

Em 2018, por sua vez, a pesquisa intitulada *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino*, de Grazielle

Ferreira da Silva Santos, utilizou dados orais de 240 informantes, 53 localidades pertencentes a área eleita para a análise – o *subfalar nordestino* e a área de controle estabelecida.

Para a questão 155 do QSL, os resultados documentados por Santos (2018) revelaram que o item lexical *bunda-canastra* (43,3%) foi o mais produtivo, seguido de *cambalhota* (25,4%), *carambela* (9,3%), (*pulo/salto mortal* (3,4%), *estrelinha* e (*bunda*) *ginástica* (2,6%), *cambute* (1,9%), *capoeira* (1,5%), *cabeça pra baixo*, *cangapé* e *pirueta* (1,1%), e, por fim, *bananeira*, *carambola*, *cambota*, *combona*, *tiúba* e *tumbica* (0,7%).

Figura 5 – Carta Cambalhota



Fonte: Santos (2018, p. 110).

Nas localidades do interior, assim como nas capitais do *subfalar nordestino*, o item lexical *bunda-canastra* fornece indícios de vitalidade da proposição de Nascentes para esse subfalar.

Ao concluir a pesquisa, Santos (2018) atesta que, em relação à proposta de Nascentes (1953), para a área do *subfalar nordestino*, a vitalidade não foi

registrada, embora existam alguns indícios de aproximações, por exemplo, entre os estados do Maranhão e do Piauí, que recebem influências do *subfalar amazônico*. Talvez, uma subárea possa ser encontrada, quando observados os estados nucleares – Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Ao passo que Ceará e Alagoas desempenham função de uma subárea de transição. (SANTOS, 2018, p. 200-201)

Com base na comparação dos dois estudos sobre os falares do Norte, de Portilho (2013) e Santos (2018), observam-se algumas peculiaridades linguísticas, uma vez que, no *subfalar amazônico*, tanto nas capitais quanto nos interiores, os itens *carambola* e *carambela* são identificados. Por sua vez, no *subfalar nordestino*, capital e interior são áreas de *bunda-canastra*.

## OS CAMINHOS DOS FALARES DO SUL – DADOS DO INTERIOR

No que se refere aos Falares do Sul, Nascentes (1955) propõe a seguinte divisão:

Os subfalares do sul são quatro: o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (Nordeste, Norte e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javaés, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade do Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos); o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o estado do Rio de Janeiro, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte Leste); o mineiro (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso. (NASCENTES, 1955, p. 217)

Destacam-se aqui os estudos, também no âmbito da pós-graduação, realizados por Ribeiro (2012), Santos (2016) e Alencar (2018), respectivamente, aos *subfalares baiano*, *fluminense* e ao estado de São Paulo. Observa-se, com isso, que não há descrição para o *subfalar mineiro*. Vale destacar que D’Anunciação (2016), em seu trabalho monográfico, realiza análise de algumas questões da área temática dos jogos e diversões infantis, mas não contempla a pergunta 155 do QSL.



de *maria escambota* (19,3%), *bunda-canastra* (10,2%), *maria escambona* (8,7%), *pulo/salto mortal* (5,8%) e *cabriola* (2,9%). Com menos vitalidade, registraram-se as seguintes formas lexicais: *pirueta*, *cangapé*, *combute*, *aú*, *bananeira*, *ginástica*, *tiúba*, *tumbica* e mais 19 *respostas únicas*.<sup>4</sup> No que tange à diatopia, a Figura 6 mostra a disposição das lexias superiores a 8% documentadas por Ribeiro (2018).

A partir da cartografia empreendida por Ribeiro (2012), na Figura 6, é possível destacar a predominância de *cambalhota* na área do *subfalar baiano*. A forma ocorreu em 47 das 57 localidades analisadas (82,5%). Destaca-se que as demais denominações catalogadas estão disseminadas de modo heterogêneo na área geográfica observada.

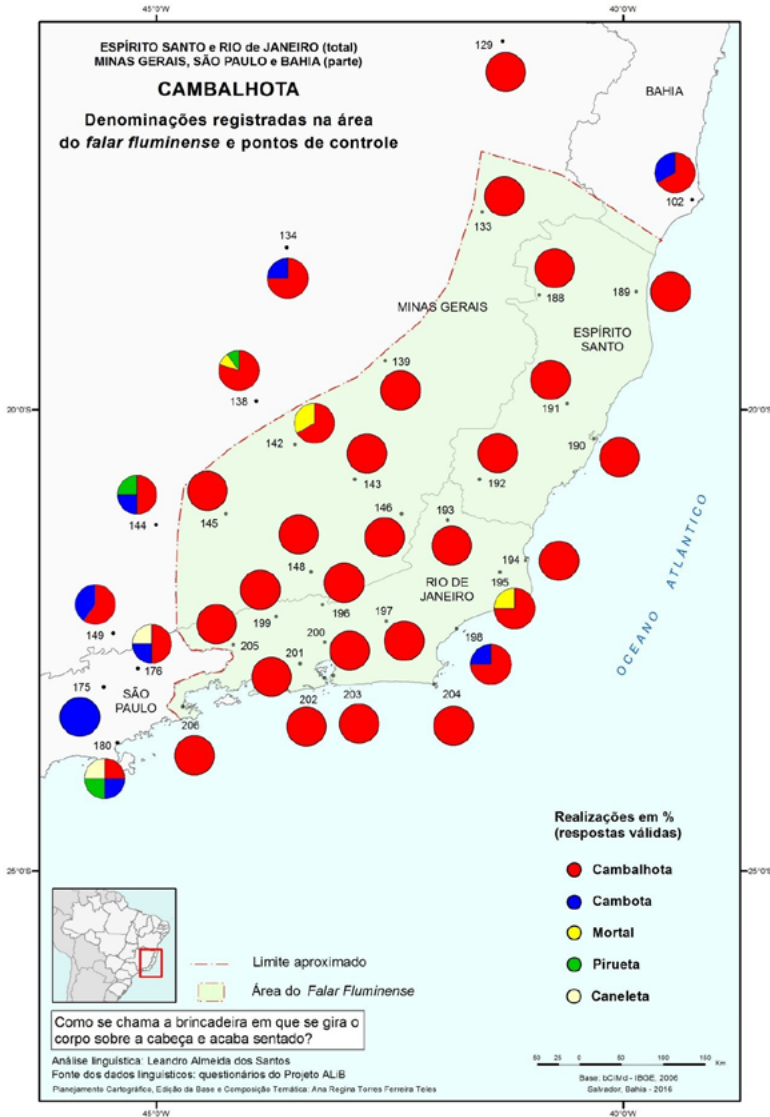
Acerca da vitalidade da proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), Ribeiro (2012) afirma que, na realidade presente, há precisão na delimitação, “mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao *Falar Baiano*”. (RIBEIRO, 2012, p. 449)

Em 2016, a análise referente ao *subfalar fluminense* foi objeto de dissertação de mestrado de Santos, intitulada *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. A pesquisa considerou 35 cidades que pertencem a cinco estados brasileiros. Ao analisar as 152 elocuições dos informantes do Projeto ALiB acerca da área temática dos *jogos e diversões infantis*.

Para a pergunta 155 do QSL, Santos (2016) computou 156 ocorrências, sendo 94,2% delas de respostas válidas (147 ocorrências) e 5,8% são de NS/NL/NO (nove ocorrências). *Cambalhota*, com 86,9% de frequência, e distribuída em praticamente todas as cidades, conforme sugere a Figura 7, foi a resposta majoritária entre os informantes do *subfalar fluminense*. Registram-se ainda: *cambota*, com 7,6%, *mortal* e *pirueta*, que obtiveram 2,1% e o item lexical *caneleta*, com 1,4%.

4 As respostas catalogadas uma única vez são representas em Ribeiro (2012) pela designação *respostas únicas* e em Santos (2016) por *outras formas*.

Figura 7 – Carta Cambalhota



Fonte: Santos (2016, p. 105).

Pontua-se que as outras formas encontradas estão localizadas, com predominância, na área de controle, o que demonstra que não são formas específicas do *subfalar fluminense*.

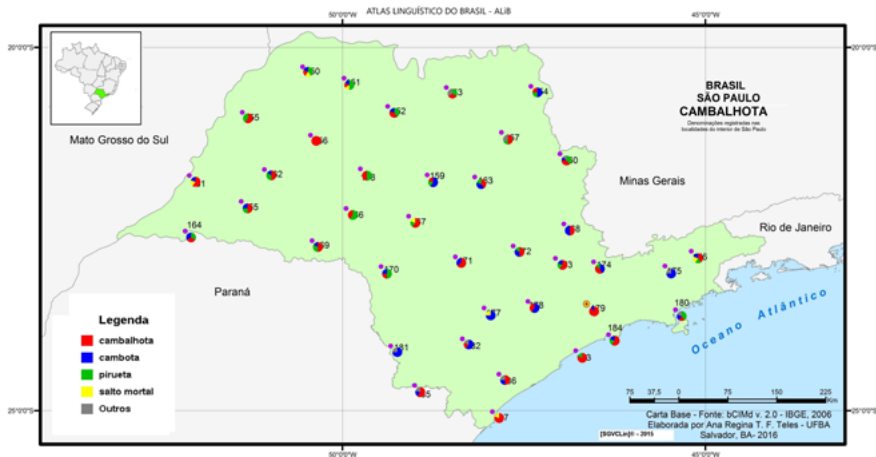


No que tange às áreas dialetais, ao cotejar os dados e resultados em seu estudo com os dos pesquisadores que o antecederam: Ribeiro (2012); Portilho (2013) e Romano (2015), Santos (2016) constatou que o *subfalar fluminense* não demonstra aspectos linguísticos que evidenciem uma unidade areal. No entanto, o referido autor destaca que, em relação à divisão maior, dois grandes grupos de falares, Norte e Sul, propostos pelo mapa de 1953, há indícios de precisão. (SANTOS, 2016, p. 189-190)

A tese de doutorado de Alencar, *Léxico de Brinquedos e Brincadeiras infantis no estado de São Paulo*, em 2018, mapeou os dados do estado de São Paulo. A pesquisa abrangeu 37 localidades do estado de São Paulo e dez pertencentes à área de controle, a saber: quatro de Minas Gerais, uma de Mato Grosso do Sul, três no Paraná e duas no Rio de Janeiro.

No cômputo geral das respostas para a pergunta 155 do QSL, foram registradas diversas formas, agrupadas em sete itens lexicais, além das variantes documentadas como *denominações únicas* (*virar aranha, carambola, camborota*). As formas com maior vitalidade foram: *cambalhota, cambota, pirueta, salto mortal, camboleta, estrela, (plantar) bananeira*. A Figura 8, apresentada a seguir, reúne os principais itens cartografados por Alencar (2018), demonstrando a distribuição diatópica no estado de São Paulo.

Figura 8 – Carta Cambalhota



Fonte: Alencar (2018, p. 173).

De acordo com a cartografia, a unidade léxica *cambalhota* predomina em toda área de estudo. Ressalta-se que as outras três formas representadas na carta 1a, Figura 8, também despontam em muitas localidades de São Paulo.

Embora a autora não tenha investigado todo o *falar sulista*, a tese teve como objetivo investigar, no estado de São Paulo, a atualidade ou não da proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), considerando o léxico dos brinquedos e brincadeiras. Segundo Alencar (2018, p. 494), a partir das análises feitas, “verificou-se que o léxico dos jogos e diversões infantis aponta para a confirmação de um falar paulista desvinculado do falar sulista”.

Na comparação entre os três estudos mencionados, percebe-se que existem formas comuns aos *subfalares baiano, fluminense* e ao estado de São Paulo, destacando-se a predominância de *cambalhota* em todas as análises. Cabe pontuar, além disso, que alguns itens lexicais despontaram, exclusivamente, em alguns trabalhos, a saber: *maria escambota, bunda-canastra, maria escambona e cabriola* aparecem apenas no *Falar Baiano*, ao passo que *camboleta e estrela* são denominações presentes em São Paulo.

## ROTAS FINAIS

Ao analisar os dados apresentados neste capítulo, que objetivou reunir alguns trabalhos de estudiosos do Projeto ALiB, com o intuito de apurar as respostas para a questão *Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), observou-se ser factível a tarefa de delimitar área dialetal por intermédio do nível lexical, embora seja uma árdua tarefa, devido a dinâmica desse nível.

No que se refere às capitais, o item lexical *cambalhota* foi documentado categoricamente em todas as localidades. No entanto, alguns aspectos merecem destaque, a saber: no *subfalar amazônico*, o agrupamento do item *carambela/carambola* foi documentado em todos os pontos; no *subfalar nordestino*, *bunda-canastra* foi registrado em todos os pontos, a exceção de São Luís; no *subfalar sulista*, o item lexical *cambota* demonstra uma área linguística peculiar.

Os resultados, no que tange ao interior, a partir das análises engendradas, mostram que a forma *cambalhota*, assim como nas capitais, desponta como o item lexical mais utilizado nos *subfalares amazônico, baiano, fluminense* e no estado de São Paulo. O *subfalar nordestino* diferencia-se por apresentar *bunda-canastra* como a forma mais recorrente, que, de certa maneira, confirma a forte presença desse item lexical registrado nas capitais dessa área. Vale ressaltar que as áreas circunscritas com dados das capitais não foram confirmadas, ao observá-las, de maneira pormenorizada e/ou ampliada, nos espaços geográficos adentrando os interiores.

No que se refere à comparação dos dados obtidos com o traçado dialetal de Nascentes (1953), apresentam-se a seguir, no Quadro 3, as principais variantes exclusivas dos falares do Norte e do Sul e as que são comuns aos dois falares. Destaca-se que, em relação à questão 155 do QSL, os dados demonstram semelhanças e distinções entre os falares. É possível observar variantes exclusivas do Norte e do Sul e outras que passeiam entre os dois falares.

**Quadro 3** – Itens lexicais encontrados nos Falares do Norte e Sul (capital-interior)<sup>5</sup>

Itens lexicais		
Norte	Norte – Sul	Sul
<i>carambela, carambola, capoeira, cabeça pra baixo.</i>	<i>cambalhota, bunda-canastra, cambota, cangapé, mortal, pirueta/piruleta, cambute/combute, tiúba, tumbica, banareira, estrela/estrelinha.</i>	<i>maria escambota, e maria escambona, perereca, cabriola, aú, camboleta, caneleta.</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

Há exatidão no traçado de Nascentes (1953), no que se refere ao item lexical ora analisado? Acredita-se que, por meio das fotografias que foram aqui expostas, com base nos estudos dos dialetólogos do Projeto ALiB, não foi possível demarcar isoglossas definidoras de uma divisão dialetal, assim como o proposto por Nascentes (1953).

5 As ocorrências únicas, embora sejam importantes, não foram contabilizadas para a composição do quadro.

Todavia, de certa maneira, espelham-se pequenas subáreas dialetais que, outras comparações, assim como a estabelecida aqui, poderão confirmar e/ou refutar, tanto a proposição do respeitado dialetólogo, quanto aos resultados esboçados neste capítulo.

Para compressão mais precisa das áreas dialetais brasileiras, cabe ressaltar que é necessário ampliar as pesquisas com outras áreas temáticas do QSL, bem como testar outros níveis de análise da língua, fonético-fonológico e morfossintático. Outro fator que merece atenção dos dialetólogos é a sócio-história das localidades que compõem a rede de pontos pesquisada. Neste trabalho, esse não foi o objetivo, mas entende-se a importância da sócio-história para elucidar as particularidades de cada estado em análise.

# **MACUMBA, BRUXARIA OU DESPACHO**

## **DESIGNAÇÕES PARA FEITIÇO NOS ESTADOS DO CEARÁ, RIO GRANDE DO NORTE E PARAÍBA A PARTIR DO *CORPUS* DO PROJETO ALIB**

LARISSA SANTOS DEOMONDES  
TAIANE CRISTINA PRATA OLIVEIRA

### **PRIMEIRAS PALAVRAS**

Este trabalho foi iniciado através dos resultados da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em que uma das autoras, Larissa Santos Deomondes, atuou como bolsista da professora Silvana Soares Costa Ribeiro - homenageada nesta obra -, fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre agosto de 2019 e agosto de 2020. (DEOMONDES, 2020) A segunda autora, Taiane Cristina Prata Oliveira, também foi bolsista PIBIC na UFBA, igualmente sob orientação da professora Silvana, atuando entre 2018 e 2019.

Assim como os povos apresentam-se plurais, as línguas também denotam diversidade em sua constituição. Por consequência, a fala é carregada de características que possibilitam a identificação individual e social, deste

modo, o uso de certas variantes em detrimento de outras, e até mesmo a pronúncia, permitem que todos consigam identificar, entre diversos outros aspectos, o local de origem do falante.

Na língua portuguesa falada no Brasil, é notável a grande diversidade de falares, pois na constituição de seu povo, houve uma grande miscigenação entre povos europeus – como portugueses, espanhóis, italianos –; povos africanos escravizados advindos de inúmeros países – como nigerianos, angolanos e moçambicanos –; populações asiáticas – como chineses, japoneses e coreanos –, como também povos nativos que já habitavam o local antes da invasão portuguesa em 1500.

No Brasil, o contato dos colonizadores portugueses com milhões de aloglotas, falantes de mais de mil línguas indígenas autóctones e de cerca de duzentas línguas que vieram na boca de cerca de quatro milhões de africanos trazidos para o país como escravos, é, sem sombra de dúvidas o principal parâmetro histórico para a contextualização das mudanças linguísticas que afetam o português brasileiro. E processos como esses não devem ser levados em conta apenas para a compreensão das diferenças entre as variedades linguísticas nacionais. (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 41)

Além de influenciar na formação do povo brasileiro, as línguas de todos esses povos desempenharam um papel importante na descrição de como o português falado no Brasil se diversificou a ponto de se tornar um novo dialeto ou variedade do idioma. Vale ressaltar que, dentro do próprio português brasileiro, há uma grande diversidade linguística que pode ser vista nos vários dialetos que o constituem. Um exemplo disso, segundo Ferreira e Cardoso (1994), são as diferenças diatópicas, que consistem em comportamentos linguísticos específicos na fala dos falantes que vivem em determinadas regiões.

A Dialetoлогия é a área na Linguística que se propõe a estudar os dialetos de uma língua. Ainda de acordo com Ferreira e Cardoso (1994), essa área estará em busca da descrição da variação diatópica, aplicando seu método, a geolinguística, que é responsável pela criação de cartografias linguísticas sobre esses fenômenos dialetológicos.

Com relação aos estudos dialetológicos, conforme Mota (2016), houve várias tentativas de divisão de áreas dialetais no Brasil, sendo uma delas aquela feita por Antenor Nascentes, que consta na segunda edição de *O linguajar carioca*, publicada em 1953, cuja delimitação é de dois grandes falares: o do Norte e o do Sul. Nascentes propõe também uma subdivisão desses dois falares, o do Norte em dois (falar amazônico e nordestino) e o do Sul em quatro (falar baiano, fluminense, mineiro e sulista).

Com o intuito de estabelecer os limites geográficos dos dialetos presentes no país, surge em 1996 o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), retomando o propósito do Decreto nº 30.643/1952, que determina a elaboração de um atlas linguístico. (BRASIL, 1952) O decreto encarregava a Casa de Rui Barbosa de trazer, por meio de pesquisa *in loco*, a realidade linguística do país, obtida por meio da descrição dos dialetos existentes na língua. Contudo, é o Projeto ALiB que assume essa tarefa e desenvolve um extenso questionário envolvendo fenômenos fonéticos, semântico-lexicais e morfossintáticos, buscando entender o funcionamento do vernáculo brasileiro, podendo, através desses dados, retificar ou refutar a divisão dialetal de Nascentes.

Diante do exposto, este capítulo tem como propósito analisar as designações obtidas para a questão 149 do Questionário Semântico-Lexical (QSL): “o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam nas encruzilhadas?”, pertencente à área temática de Religiões e Crenças do Projeto ALiB. Estudamos os resultados obtidos no Ceará, no Rio Grande do Norte e na Paraíba, a fim de observar sua distribuição diatópica, compreendendo seu uso no Brasil.

Assim, este capítulo encontra-se dividido em cinco partes, além da introdução e da conclusão. A primeira parte é intitulada “Processos metodológicos” e descreve o processo de coleta de dados. A segunda, por sua vez, trata de “Feitiço e cultura”, e nesta parte será discutida brevemente a conexão entre a cultura e o uso lexical de *feitiço*. Em seguida, tem-se o *feitiço* no *corpus* do Projeto ALiB, que está subdividido em três - Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba -, aqui será exposto de forma quantitativa o resultado das respostas obtidas a partir da fala dos informantes, além disso, esta parte apresenta cartas linguísticas a fim de entender o comportamento desses dados dentro de cada um dos estados supracitados. A quarta parte é “Feitiço a partir do

ponto de vista lexicográfico”, em que estão analisadas as lexias consultadas nos dicionários Bluteau (1712-1728), Aulete e Valente (2020) e Dicio (2020). Por fim, tem-se *Sincretismo e religiosidade* que demonstra o entendimento das lexias por meio da visão religiosa.

## PROCESSOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho se insere no campo da Dialetologia e da Sociolinguística, estando vinculado ao Projeto ALiB. Assim, esta pesquisa busca analisar as áreas dialetais propostas por Nascentes (1953), focando-se na área do “Falar Nordestino”, sendo observadas as respostas às questões da área temática *Religiões e Crenças* do QSL. A pesquisa foi realizada mediante a escuta de áudios referentes a 23 localidades. O Quadro 1 demonstra a distribuição das cidades que compõem a rede de pontos desta pesquisa:

**Quadro 1** – Rede de pontos observada nesta pesquisa

Estado	Ponto	Cidade
CE	39	Camocim
	40	Sobral
	<b>41</b>	<b>Fortaleza</b>
	42	Ipu
	43	Canindé
	44	Cratéus
	45	Quixeramobim
	46	Russas
	47	Limoeiro do Norte
	48	Tauá
	49	Iguatu
	50	Crato
RN	51	Mossoró
	52	Angicos
	<b>53</b>	<b>Natal</b>
	54	Pau dos Ferros
	55	Caicó

continua...



Estado	Ponto	Cidade
PB	56	Cuité
	57	Cajazeiras
	58	Itaporanga
	59	Patos
	60	Campina Grande
	61	João Pessoa

Fonte: elaborado pelas autoras.

Foram, portanto, analisados dados de três capitais - Fortaleza, Natal e João Pessoa - e 20 localidades do interior, sendo 11 do Ceará - Camocim, Sobral, Ipu, Canindé, Cratêus, Quixeramobim, Russas, Limoeiro do Norte, Tauá, Iguatu e Crato -, quatro do Rio Grande do Norte - Mossoró, Angicos, Pau dos Ferros e Caicó - e cinco da Paraíba - Cuité, Cajazeiras, Itaporanga, Patos e Campina Grande.

Os informantes são distribuídos em duas mulheres e dois homens, pertencentes a duas faixas etárias, sendo a faixa I referente a informantes de 18 a 35 anos e a faixa II a de 50 a 65 anos, além de diferentes escolaridades, no interior apenas o nível fundamental e, na capital, os níveis fundamental e universitário.

O *corpus* deste capítulo é constituído por 104 inquéritos encontrados no Arquivo Nacional do Projeto ALiB, em áudio e transcrição, sendo que, nas capitais Fortaleza (CE), Natal (RN) e João Pessoa (PB), foram analisados os inquéritos de oito informantes e, nas demais cidades do interior, quatro informantes.

Após a audição dos inquéritos, realizou-se um trabalho de quantificação e de observação do comportamento das lexias apresentadas pelos informantes como respostas para as questões delimitadas anteriormente, o qual se apresentará a seguir, através da composição de gráficos e mapas e da discussão dos dados.

Além disso, as variantes foram analisadas quanto à possível dicionarização, pautando-se nas obras lexicográficas Bluteau (1712-1728), Aulete e Valente (2020) e Dicio (2020) para demonstrar como as respostas emitidas pelos informantes são registradas nos dicionários.

## O FEITIÇO E A CULTURA

A coisa feita por arte mágica ou feitiçaria é conhecida, popularmente, por feitiço. Sendo assim, este, em primeira instância, não é algo relacionado a uma religião em si, pois aparece no mundo antes do surgimento das religiões atuais, principalmente, o Cristianismo. Segundo Mendes (1993, p. 199-200),

[...] as fronteiras entre os domínios do racional e do sobrenatural eram extremamente imprecisas na antiguidade. Remontam ao inundo indo-ariano as primeiras tabulações a respeito da magia, ou seja, a religião dos magos, que eram confundidos com os sacerdotes persas e medos da religião de Zoroastro, também denominados pelos gregos e romanos de caldeus. [...] Na literatura romana, os segredos da magia e da adivinhação são sempre atribuídos aos caldeus. [...] arrogava-se a posse de fórmulas e conhecimentos secretos, que exercitavam principalmente nas práticas divinatórias e médicas, além das astrológicas. As segundas tinham vasta aplicação nos casos de epilepsia e distúrbios da mente ('endemônizados'). [...] O culto dos mortos, de que inúmeros 'livros' chegaram até nós, preservados com as múmias, tem, no Egito antigo, sua origem no reino da magia, que imperava sobre a vida e sobre a morte. [...] Entre os hebreus, a magia está documentada, por exemplo, na erecção da serpente de bronze que javé ordenou a Moisés, para curar da mordedura desses répteis os castigados filhos de Israel que a olhassem.

O feitiço é intrinsecamente atrelado à prática da magia (chamada de grande ciência sagrada pelos magos<sup>1</sup>), sendo essa relacionada ou não à filosofia zoroástrica, originária da Pérsia, ela adquire contornos e substância ao passar dos tempos e ganha saber e poder aos olhos do povo,

[...] que ia do misticismo individual e colectivo ao reino das sombras da morte, dos segredos por detrás dos fenómenos naturais,

1 Os magos eram chamados de *ashipu* e *tnashmashu* ("exorcistas") e cultuavam como sacerdotes o deus Ea, de Eridu, e seu filho Marduk, de Babilónia. Segundo a crença geral, os feiticeiros causavam malefícios e concitavam os demônios contra os homens, tendo os magos a missão de neutralizá-los com exorcismos e encantações. (MENDES, 1993, p. 199)

como terremotos, eclipses, chuva, sol e tempestades, ciclo das estações, geração e destruição de animais e plantas, alterações climáticas e ocorrências meteorológicas. (MENDES, 1993, p. 200)

Dessa forma, a prática mágica nasce com as primeiras religiões pagãs do mundo. Sendo assim, com o advento do Feudalismo e o surgimento da Igreja Católica como única entidade religiosa, ela sendo responsável pela proteção espiritual, tentando assim erradicar o paganismo, “o qual apesar de ser banido pela mesma, mantinha bastantes resquícios cravados na cultura medieval”. (STERZA, 2019, p. 15)

## O FEITIÇO NO *CORPUS* DO PROJETO ALIB

Este trabalho foi desenvolvido, como informado na metodologia, a partir da análise das respostas coletadas nas questões do QSL referente à área temática *Religiões e Crenças*, com foco nos resultados obtidos na questão 149. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 33)

Com relação aos dados encontrados para a questão “o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam nas encruzilhadas?”, foram computadas 167 denominações, porém, somente 165 foram consideradas válidas<sup>2</sup>, sendo elas: *macumba, despacho, feitiço, catimbó, bruxaria, trabalho* e um conjunto de outras com frequência menor que três e que foi organizado como *outras denominações*. Evidenciam-se, para *outras denominações*, as seguintes variantes representadas no Quadro 2.

**Quadro 2** – Relação das variantes classificadas como *outras denominações*

Outras denominações	
<i>Magia Negra</i>	2
<i>Oferenda</i>	2
<i>Preparado</i>	2
<i>Demanda</i>	1

continua...

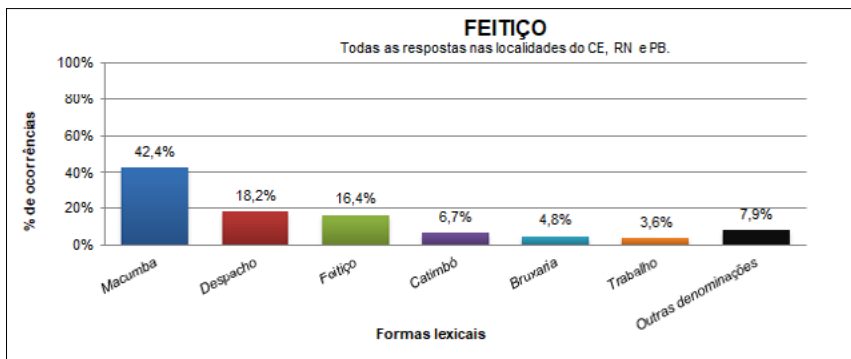
2 Duas foram invalidadas, visto que se enquadram em *não obtida, não lembra e não sabe* (N.O./N.L./N.S), uma no Ceará (047 - Limoeiro do Norte, inf. 01) e outra no Rio Grande do Norte (Pau dos Ferros, inf. 04).

Outras denominações	
<i>Quebrante</i>	1
<i>Selo de Salomão</i>	1
<i>Maldição</i>	1
<i>Obras</i>	1
<i>Ponto</i>	1
<i>Mundrunga</i>	1
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>

Fonte: elaborado pelas autoras.

No Quadro 2, as respostas *Magia Negra*, *Oferenda* e *Preparado* apareceram duas vezes cada e *Demanda*, *Quebrante*, *Selo de Salomão*, *Maldição*, *Obras*, *Ponto* e *Mundrunga* em apenas uma vez. Deste modo, os dados foram contabilizados e organizados no Gráfico 1, que segue:

**Gráfico 1** – Todas as respostas válidas por informante no CE, RN e PB

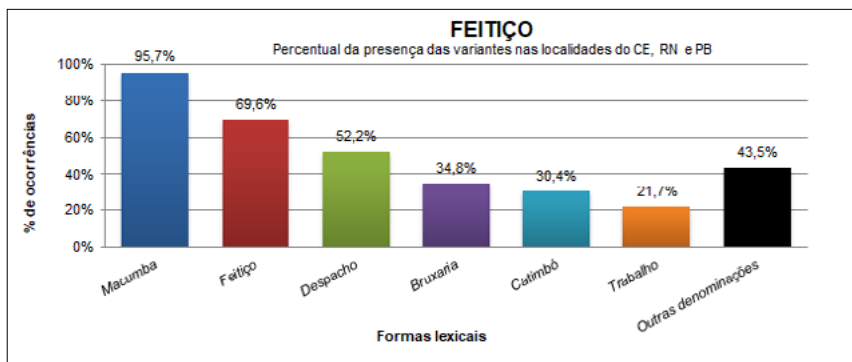


Fonte: elaborado pelas autoras.

Em concordância com os dados contabilizados, observou-se que a variante *macumba* foi a mais presente, representando 42,4% das respostas. Em seguida, como a segunda variante mais reportada, tem-se *despacho*, que está presente em 18,2% dos dados, seguida de *feitiço* com 16,4%, *catimbó* com 6,7%, *bruxaria* com 4,8%, *trabalho* com 3,6% e, finalmente, *outras denominações* com 7,9%. Para saber melhor o comportamento das variantes, foi

contabilizada também a frequência das lexias dentro das localidades, como o exposto no Gráfico 2:

**Gráfico 2** – Percentual de presença das variantes nas localidades de CE, RN e PB



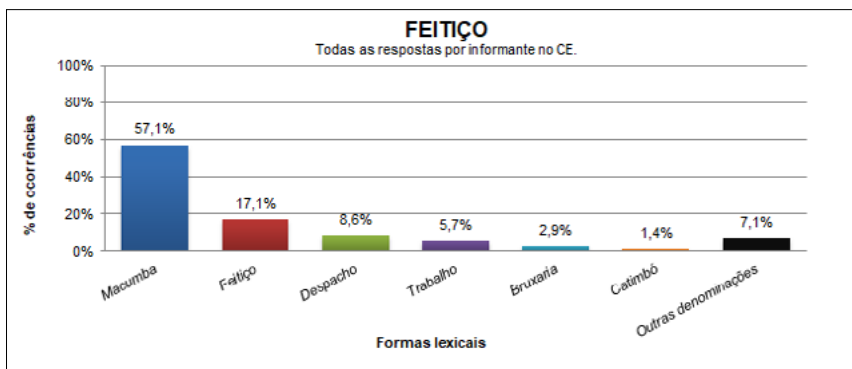
Fonte: elaborado pelas autoras.

Ao observar o Gráfico 2, é possível perceber que *macumba* é a variante mais registrada dentro das localidades, estando em 95,7% das 23 localidades estudadas, não sendo reportada em apenas uma localidade: Patos – Paraíba (ponto 59). A segunda variante mais computada é *feitiço*, presente em 69,6% dos pontos pesquisados, seguida de *despacho* em 52,2%, *bruxaria* em 34,8%, *catimbó* em 30,4%, *trabalho* em 21,7% e *outras denominações* em 43,5%. Logo, com a intenção de compreender melhor o desempenho das variantes dentro de cada um dos três estados analisados, os dados encontrados em cada um deles foram analisados e reportados separadamente.

## CEARÁ

As respostas coletadas no estado do Ceará foram organizadas no Gráfico 3, o qual demonstra como ocorreu a disposição das respostas dos informantes. Assim, *macumba* foi a variante predominante, aparecendo em 57,1% das respostas. Seguida de *feitiço* com 17,1%, *despacho* com 8,6%, *trabalho* com 5,7%, *bruxaria* com 2,9%, *catimbó* com 1,4% e *outras denominações* com 7,1%.

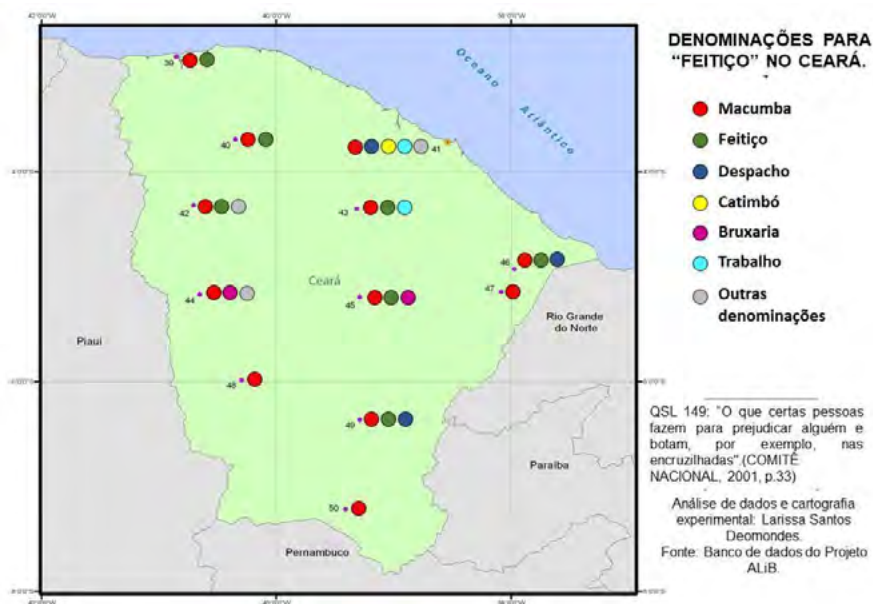
**Gráfico 3 – Todas as respostas por informante no CE**



Fonte: elaborado pelas autoras.

De acordo com os dados apresentados no Gráfico 3, observa-se a ocorrência por informante. A Figura 1, por sua vez, toma os dados sob outra ótica e demonstra a distribuição das variantes documentadas para QSL 149 no Ceará.

**Figura 1 – Denominações para feitiço no Ceará**



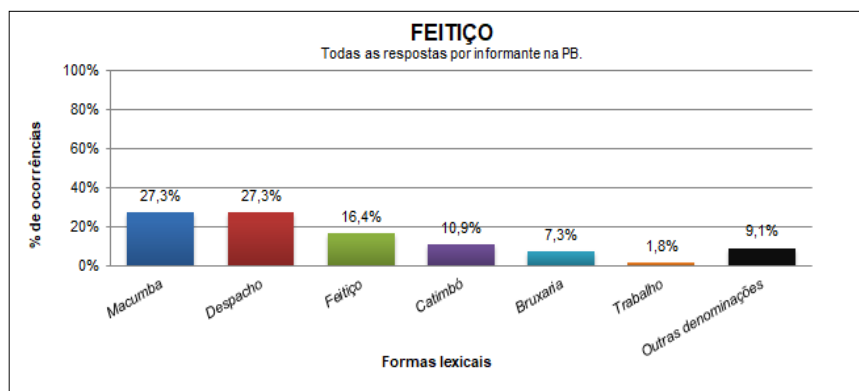
Fonte: elaborada pelas autoras.

A carta *Feitiço* no Ceará, apresentada na Figura 1, mostra que a denominação *macumba* está em todas as localidades que compõem a rede de pontos do estado - 100% de presença em localidades. Enquanto *feitiço* está presente em quase toda a rede de pontos (58%), deixou de ocorrer em cinco cidades: Fortaleza (41), Crateús (44), Limoeiro do Norte (47), Tauá (48) e Crato (50). *Despacho* apresenta-se em apenas três pontos (25% das localidades), dois mais próximos do litoral, relativos à Fortaleza (41) e Russas (46), e um no Sul, equivalente à cidade de Iguatu (49). A lexia *Catimbó* apresenta-se apenas na capital, Fortaleza (41). *Bruxaria* reportada em duas localidades Cratéis (44) e Quixeramobim (45). Finalmente, a variante *trabalho* está presente somente em duas cidades: Fortaleza (41) e Canindé (43).

## PARAÍBA

As respostas coletadas foram organizadas no Gráfico 4, que segue.

Gráfico 4 – Todas as respostas por informante na Paraíba

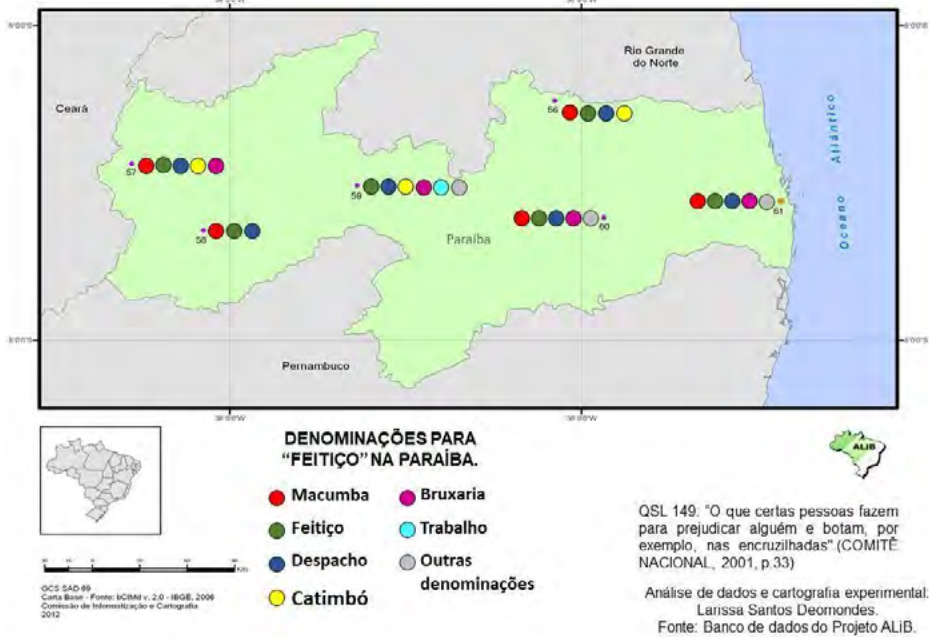


Fonte: elaborado pelas autoras.

O Gráfico 4 mostra o resultado das variantes coletadas. Do total de respostas, verifica-se que *macumba* e *despacho* apareceram com percentuais equivalentes, correspondendo a 27,3% dos dados obtidos para cada resposta. Já *feitiço* aparece com 16,4%, *catimbó* com 10,9%, *bruxaria* com 7,3%, *trabalho* com 1,8% e *outras denominações* com 9,1%. Os dados também

podem ser vistos do ponto de vista diatópico, quando se considera apenas a presença × ausência em localidades e não o quantitativo por informante, como visto no Gráfico 4.

Figura 2 – Denominações para *feitiço* na Paraíba



Fonte: elaborada pelas autoras.

Objetivando demonstrar o comportamento das lexias documentadas dentro de cada estado pesquisado, a Figura 2 foi desenvolvida. Nela, é possível perceber que, embora na Paraíba a variante macumba não tenha sido computada em 100% das localidades observadas, tal como acontece no Ceará, ela é a de maior ocorrência, com 83% dos dados, somente não sendo registrada na localidade de Patos (59). Já *Feitiço* e *despacho* foram obtidas em todas as localidades. Em seguida, com 66% de presença em localidades, observa-se *bruxaria* que foi reportada nas localidades de Cajazeiras (57), Patos (59), Campina Grande (60) e João Pessoa (61). *Catimbó*, por sua vez, está presente em 50% das localidades, nas cidades de Cuité (56), Cajazeiras (57) e Patos (59). *Trabalho* foi obtida em apenas uma cidade (16% de localidades),

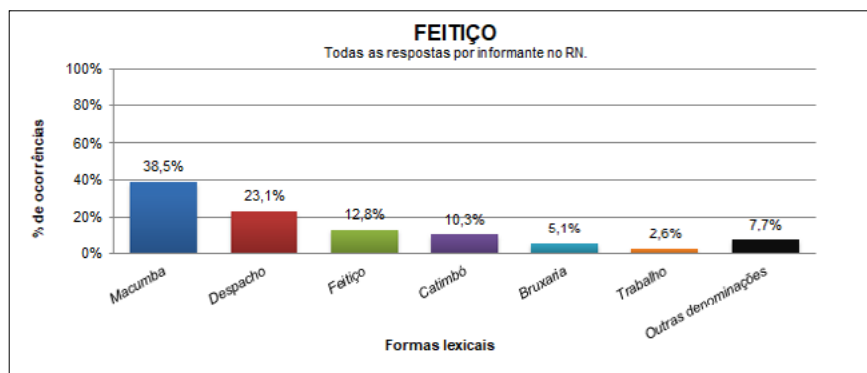


Patos (59). Por fim, *outras denominações* foram encontradas em Patos (59), Campina Grande (60) e João Pessoa (61).

## RIO GRANDE DO NORTE

A análise dos dados referente ao estado do Rio Grande do Norte revelou que as lexias coletadas nos outros estados estavam com frequência de ocorrência também nas respostas coletadas na fala dos informantes do estado. Tais dados foram organizados no Gráfico 5, que segue.

Gráfico 5 – Todas as respostas por informante no Rio Grande do Norte



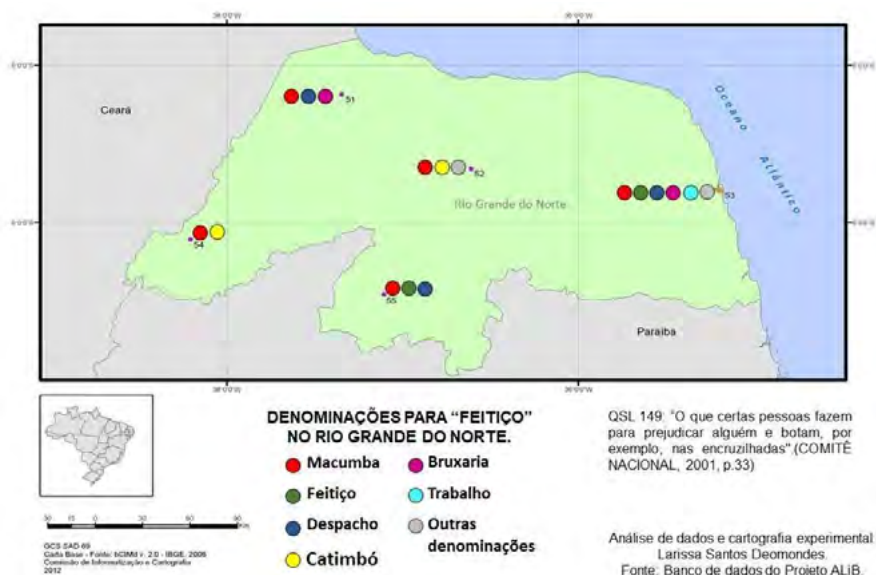
Fonte: elaborado pelas autoras.

No Gráfico 5 constata-se que *macumba* aparece com 38,5%, *despacho* com 23,1%, *feitiço* com 12,8%, *catimbó* com 10,3%, *bruxaria* com 5,1%, *trabalho* com 2,6% e *outras denominações* com 7,7%. Como realizado para os demais estados, fotografam-se os dados sob a ótica da diatopia, contabilizando-se apenas presença × ausência em localidades e, com isso, os dados foram reunidos na Figura 3 conforme sua distribuição no Rio Grande do Norte.

A Figura 3 demonstra que *macumba* foi obtida em todas as localidades do estado. Porém, *feitiço* foi reportado somente em duas delas, totalizando 40% das cidades analisadas: Natal (53) e Caicó (55). Já *Despacho* foi vista em Mossoró (51), Natal (53) e Caicó (55), totalizando presença em 60% das localidades. *Catimbó* foi obtida em 40% das cidades, são elas Angicos (52) e

Pau dos Ferros (54). *Bruxaria*, também com 40% de presença, foi reportada em Mossoró (51) e na capital, Natal (53). *Trabalho* foi encontrado apenas na capital Natal (53). Por fim, *outras denominações* foram encontradas apenas em Angicos (52) e em Natal (53).

Figura 3 – Denominações para *feitiço* no Rio Grande do Norte



Fonte: elaborada pelas autoras.

## FEITIÇO A PARTIR DO PONTO DE VISTA LEXICOGRÁFICO

Com a observação quantitativa anterior, percebe-se que os 165 dados obtidos representam um total de 16 variantes, sendo 10 agrupadas na categoria *outras denominações* devido à baixa frequência de ocorrências. Assim, é necessário entender o significado das denominações emitidas pelos informantes. Por isso, todas as lexias foram pesquisadas nos dicionários Bluteau (1712-1728), Aulete e Valente (2020) e Dicio (2020) e organizadas no Quadro 3, conforme as mais frequentes, e Quadro 4, com relação a outras denominações.

Quadro 3 – Análise lexicográfica

Lexias	Dicionário		
	Bluteau (1712-1728)	Aulete e Valente (2020)	Dicio (2020)
<i>Macumba</i>	Não dicionarizado	Dicionarizado	Dicionarizado
<i>Despacho</i>	Dicionarizado com outro sentido	Dicionarizado	Dicionarizado
<i>Feitiço</i>	Dicionarizado	Dicionarizado	Dicionarizado
<i>Catimbó</i>	Não dicionarizado	Dicionarizado	Dicionarizado
<i>Bruxaria</i>	Dicionarizado	Dicionarizado	Dicionarizado
<i>Trabalho</i>	Dicionarizado com outro sentido	Dicionarizado	Dicionarizado

Fonte: elaborado pelas autoras.

Primeiramente, analisando as formas mais frequentes, conforme o Quadro 3, observou-se que *macumba* não está dicionarizada apenas no dicionário Bluteau (1712-1728), mas aparece tanto no dicionário Aulete e Valente (2020) quanto no Dicio (2020) como culto religioso ou oferenda colocada nas encruzilhadas. Porém, o Dicio (2020) traz uma terceira acepção como “designação errônea utilizada para nomear rituais de magia negra”.

Em seguida, *despacho* em Bluteau (1712-1728) aparece como sinônimo de *enviar*, mas nos outros dois dicionários, a acepção remete às oferendas feitas em cultos afro-brasileiros para o orixá Exu que são depositadas em encruzilhadas ou em cachoeiras. Vale ressaltar que ambos os dicionários comentam que, na fala popular, a lexia apresenta um tom negativo, já que, para muitos, a oferenda é feita com a intenção de causar malefícios a alguém.

Por sua vez, *feitiço* está presente nos três dicionários. No Aulete e no Dicio, é a prática, encantamento ou resultado de feitiçaria. Todavia, para Bluteau (1712-1728), é definido como “obra do Demônio”, demonstrando, assim, a noção pejorativa com relação às práticas religiosas não cristãs. Já *Catimbó* está dicionarizada no Aulete e Valente (2020) e no Dicio (2020), sendo definida em ambos como palavra vinda de *catimbau* que significa feitiçaria ou “baixo espiritismo”. (DICIO, 2020)

Logo, *bruxaria* é presente nos três dicionários, sendo definida por todos eles como feitiçaria feita por bruxas ou “acontecimento extraordinário, às

vezes maléfico, atribuído a poderes especiais de certas pessoas [...] ou a forças sobrenaturais”. (AULETE; VALENTE, 2020)

Assim, *trabalho* no dicionário Bluteau (1712-1728, p. 229) aparece apenas como “negação do ócio”. Enquanto nos outros dicionários é definido como uma oferenda dada aos orixás em busca de proteção ou favores. Por fim, as lexias menos frequentes, agrupadas em *outras denominações*, foram organizadas no Quadro 4, a seguir, o qual demonstra as definições publicadas nos três dicionários citados.

**Quadro 4** – Dicionarização dos dados etiquetados como *outras denominações*

Lexias	Bluteau (1712-1728)	Aulete e Valente (2020)	Dicio (2020)
<i>Demanda</i>	Exigir, cobrar	Cobrar, mandar, buscar	Buscar, mandar, exigir
<i>Magia Negra</i>	Não dicionarizada	Não dicionarizada	Não dicionarizada
<i>Maldição</i>	Rogar praga	Ação de amaldiçoar	Ato ou efeito de amaldiçoar
<i>Mundrunga</i>	Não encontrada	Bruxaria, feitiçaria, mandinga	Feitiçaria
<i>Obras</i>	Algo produzido por uma causa	Resultado de uma ação	O resultado da ação, ou do trabalho
<i>Oferenda</i>	Oferta, oblação aos deuses	Oferta feita aos deuses	Dádiva oferecida a Deus ou aos santos
<i>Preparado</i>	Aparelhado, disposto	Preparado, pronto	Preparado, pronto
<i>Ponto</i>	Dimensão matemática, local	Melodia, canto em macumbas e candomblés	Lugar determinado
<i>Quebrante</i>	Não dicionarizada	Efeito danoso ou estado de cansaço e abatimento	O mesmo que violar e arruinar
<i>Selo de Salomão</i>	Não dicionarizada	Não dicionarizada	Não dicionarizada

Fonte: elaborado pelas autoras.

No Quadro 4, é perceptível que unidades léxicas *magia negra* e *selo de Salomão* não estão dicionarizadas em nenhuma das obras consultadas; *demanda*, *preparado* e *obras* não têm acepção explicitamente religiosa ou de cunho sobrenatural; *maldição* é vista como ato de rogar praga, amaldiçoar; *mundrunga* é delimitada como ato de feitiçaria; *oferenda* é a oferta feita aos deuses em troca de proteção ou favores; *ponto* apesar dos dicionários

Bluteau (1712-1728) e Dicio (2020) somente apresentarem uma acepção voltada a local, no Aulete é possível perceber que um dos significados se refere ao canto realizado em religiões de matriz afro-brasileiras; *quebrante* é um efeito que causa danos ou que causa estado de abatimento.

## SINCRETISMOS E RELIGIOSIDADE

Apesar de o Brasil ser um país religiosamente diverso e possuir certa tendência à mobilidade entre as religiões e aos sincretismos religiosos, percebe-se através das respostas para a questão 149 do QSL que a maioria das unidades léxicas faz referência às religiões de matriz africana (candomblé e/ou umbanda), como podemos observar no Quadro 5, construído a partir das leituras de Barbosa (2011), Ferreira (1986), Oliveira (2016), entre outras obras.

**Quadro 5** – Lexias que fazem referência a religiões de matriz africana

Lexia	Significado
<i>Macumba</i>	designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas, e também ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas (umbanda).
<i>Despacho</i>	algum ebó que se oferece aos Orixás em troca de conseguir o que se quer. O despacho é feito fora do terreiro e geralmente envolve queima de pólvoras e holocaustos.
<i>Trabalho</i>	o mesmo que ebó ou despacho.
<i>Oferenda</i>	oferta feita a Deus ou aos santos; oblata, oblação. Nas religiões afro-brasileiras, é um sacrifício ritualístico, em que, assim como em outras religiões, os praticantes se desfazem de um bem material em homenagem a um orixá ou entidade espiritual.
<i>Demanda</i>	nome que se dá a uma irradiação energética densa, que pode ser fruto de vibrações negativas de pessoas ou grupos tomados por descontentamento, raiva, inveja, mágoas, entre outros sentimentos de baixa vibração que ocupam corações e mentes.
<i>Quebranto</i>	suposta influência maléfica de feitiço, por encantamento à distância. O mesmo que mal-olhado.
<i>Ponto</i>	na Umbanda, os pontos são usados para louvar e invocar as falanges espirituais. Os pontos podem ser classificados em diversos tipos, tais como: Pontos de abertura e fechamento de trabalhos. Pontos de chegada e de despedida; cantados para incorporações e desincorporações.
<i>Catimbó</i>	é um dos nomes que identificam um conjunto específico de atividades culturais e mágico-religiosas, além de aspectos míticos, cosmológicos e teológicos originários dos nativos da região nordeste do Brasil.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Levando em consideração a pergunta proposta pelo questionário do Projeto ALiB, percebe-se uma “indução” à resposta ser voltada para as religiões de matrizes africanas, pois o texto da pergunta faz referência às encruzilhadas, locais onde praticantes dessas religiões reverenciam suas deidades, principalmente, Exu, Elegbará e Papa Legba, as quais são as donas desses locais onde fazem intermédio entre o homem e uma divindade superior. Essas entidades acabam sendo associadas pelos missionários católicos ao diabo cristão, trazendo assim uma carga negativa à prática de oferendas a essas deidades – a prática religiosa do candomblé foi proibida no Brasil pela constituição de 1824.

Na questão analisada, percebe-se uma carga semântica pejorativa com relação à resposta, devido ao emprego do verbo *prejudicar* em referência à prática religiosa. Isso pode ser observado com mais clareza na fala dos informantes, tal como consta nos exemplos a seguir.

INQ.: *o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam nas encruzilhadas?*

INF.: **macumba**

INQ.: *tem outro nome?*

INF.: **candomblé** (risos), não, **candomblé** é a origem

INQ.: *candomblé é a religião, né?*

INF.: *humrum*

INQ.: *mas você falou macumba, né? Tem outro nome para macumba? Daria um sinônimo?*

INF.: **magia negra**

(Inq. 042/01 (Ipu – CE) / Inf.: homem, faixa etária I, fundamental)

No exemplo anterior, o informante demonstra conhecer mais de uma lexia para a resposta da questão, inclusive separa *macumba* do *candomblé*. Para o mesmo, o primeiro é algo originado do segundo. Macumba, como pode ser observado no Quadro 5, é uma palavra genérica para os cultos de matrizes africanas, dentro da religião, a mesma é vista como pejorativa quando utilizada por não praticantes. Outro ponto que é bastante marcado na fala do informante é a relação que os falantes fazem entre a *magia negra*

e as religiões de procedência africana, sendo essa lexia composta popularmente utilizada para designar magia maléfica ou malefício, é o manejo de forças sobrenaturais com intenções e propósitos malévolos. Dessa forma, o adjetivo *negro* carrega na lexia uma carga semântica negativa. Isso ocorre também em expressões como *ovelha negra*, *mercado negro*, *lista negra*, caracterizando o quanto a opressão e o preconceito estão internalizados na fala e, por consequência, na visão de mundo dos falantes.

INQ.: *o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam nas encruzilhadas?*

INF.: **macumba**, *tudo que não presta, vela e os escambau...*

(Inq. 042/04 (Ipu - CE) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental)

No exemplo, a informante deixa claro o seu posicionamento negativo em relação ao vocábulo *macumba*; para ela essa lexia é “tudo o que não presta”. Levando em consideração que se trata de uma informante da faixa II (50 a 65 anos na época da entrevista), ela vivenciou a época em que as religiões de matrizes africanas eram proibidas no Brasil, por serem relacionadas às práticas religiosas consideradas pagãs pelo cristianismo.

INQ.: *o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam nas encruzilhadas?*

INF. - **Faz um ponto.**

INQ. - *(Sim).*

INF. - *Faz ponto. Faz comidas pra entregar àqueles... àqueles demônios, né, são Satanás!*

INQ. - *Então a gente diz assim: fulano fez o quê pra outro?*

INF. - **Fez despacho.**

(Inq. 061/04 (João Pessoa - PB) / Inf.: mulher, faixa etária II, fundamental)

O exemplo 3 também demonstra como os falantes mais velhos tendem a associar a resposta da questão, que faz referência a uma prática de religiões como o candomblé e/ou a umbanda, aos demônios presentes no

Cristianismo, pois toda deidade que se difere do Deus cristão é tido como maléfico ou maligno e está associado à figura de Satanás.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto anteriormente, no que diz respeito às denominações que *feitiço* recebe nas localidades estudadas, percebe-se que, para o QSL 149, as três mais encontradas nas três localidades foram *macumba* (42,4%), *despacho* (18,2%) e *feitiço* (16,4%), enquanto *catimbó* (6,7%), *bruxaria* (4,8%), *trabalho* (3,6%) e *outras denominações* aparecem em menor número (7,9%).

Com base nas discussões deste capítulo, foi possível verificar que:

- As lexias com menores percentuais de ocorrência não podem ser consideradas menos relevantes, uma vez que o estudo que aqui se faz é baseado em amostragem, revelando assim um perfil de uso;
- A questão estudada revelou a presença de 19 lexias: *macumba, despacho, feitiço, catimbó, bruxaria, trabalho, magia negra, oferenda, preparado, demanda, quebrante, selo de Salomão, maldição, obras, ponto, mundrunga*;
- A maioria das lexias apresenta-se dicionarizada na maioria dos dicionários analisados, com exceção de *magia negra*, que não foi encontrada em nenhum deles;
- A maioria das lexias faz referência direta ou indiretamente às religiões de matriz africana, principalmente candomblé e umbanda;
- A pergunta proposta pelo questionário do Projeto ALiB, apresenta uma certa “indução” para a resposta ser voltada às religiões de matriz africana, pois ela faz referência às encruzilhadas, locais onde praticantes dessas religiões reverenciam suas deidades.



# **“O QUE O HOMEM VESTE POR DEBAIXO DA CALÇA?”**

## **REVELAÇÕES DOS DADOS DA REGIÃO NORDESTE NO PROJETO ALIB<sup>1</sup>**

MARIA BETHÂNIA GOMES PAES  
MARCELA MOURA TORRES PAIM

### **PALAVRAS INICIAIS**

A língua pode ser compreendida como um conjunto articulado de processos, destacando-se seu caráter dinâmico de funcionamento, conforme Castilho (2010, p. 31). Considerando a teoria multissistêmica da língua, de forte conteúdo funcionalista- cognitivista, o linguista afirma que as atividades mentais dos falantes evidenciam quatro sistemas linguísticos: o léxico, a semântica, o discurso e a gramática.

No que se refere ao léxico, trata-se de um arcabouço multifacetado com especial destaque nas línguas, uma vez que se configura como parte do

---

1 Dedicamos este capítulo à querida professora e amiga Silvana Soares Costa Ribeiro, como uma forma de homenageá-la e também de agradecê-la por todo incentivo, por todas as orientações e, sobretudo, pelo exemplo de rigor e de determinação no campo dos estudos lexicais da nossa língua portuguesa.

sistema linguístico que reflete especificidades culturais de uma dada comunidade linguística. Por isso, são diversas as possibilidades de abordagens de estudo do léxico no campo da linguística, considerando sua relevância no campo da constituição morfológica, na articulação do discurso ou na correlação que estabelece com o mundo exterior, características essas que levam as pesquisas de natureza gramatical, histórica e discursiva a voltarem-se para o léxico como forma de compreender fenômenos linguísticos.

O termo *léxico* pode ser entendido como “um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados”, segundo Basílio (2017, p. 9). Para Biderman (1996), o léxico de uma língua natural é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. Está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato linguístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras – os signos linguísticos. É um equívoco, portanto, a definição de léxico como sendo apenas um conjunto definido de palavras, uma vez que consiste em um campo marcado pela dinamicidade característica da língua e, por conseguinte, de seus falantes, os quais estão imersos em comunidades sujeitas às mais diversas interferências advindas das transformações sociais, culturais e econômicas em diferentes espaços e tempos. Este caráter dinâmico da língua faz do léxico uma fonte importante de estudos para a documentação da variação nas diversas línguas existentes no mundo, além de um lugar que carrega consigo traços da história e da cultura de um povo.

Toma-se, aqui, o léxico como ponto de partida para compreender, investigar, descrever e explicar a percepção que determinado grupo tem do mundo que o circunda, o que também, de acordo com Paim (2012), permite o conhecimento e a manutenção de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade, além do registro e sistematização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil, confirmando, mais uma vez, sua relevância para os estudos geossociolinguísticos.

As análises e reflexões apresentadas a seguir inserem-se na perspectiva dos estudos semântico-lexicais considerados no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) como mais uma iniciativa em compreender o português brasileiro, considerando o uso linguístico atrelado ao perfil dos falantes

circunscritos em territórios delimitados, e se propõe a analisar as designações referentes à roupa que o homem usa por baixo da calça no repertório linguístico de informantes da faixa etária I (18-30 anos) e da faixa etária II (50-60 anos) do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB, no campo temático vestuário e acessórios, a fim de averiguar a seleção lexical dos informantes das duas faixas etárias supracitadas no nordeste brasileiro.

## LÉXICO E SOCIEDADE

As línguas humanas não constituem realidades estáticas, sendo continuamente modificadas no tempo, como bem assinala Faraco (2006). Tais alterações são motivadas por fatores geográficos, socioculturais e históricos, dentre outros, e, por isso, até no menor dos territórios, percebe-se o traço de mutabilidade como marca da língua natural ali observada. No entanto, as mudanças pelas quais passam as línguas não implicam a perda de seu caráter sistêmico, de modo que continuam organizadas, disponibilizando aos falantes os recursos necessários para a circulação de significados, favorecendo, pois, a principal função da língua, nas palavras de Oliveira e Isquierdo (1998): a de ser instrumento de comunicação e interação social. A investigação do português brasileiro - PB, considerando o nível lexical da língua -, é uma importante ação no sentido de sistematizar o comportamento linguístico dos indivíduos, pois, de acordo com Dubois e demais autores (1978, p. 364), trata-se de uma esfera que se refere ao “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor etc.”; ou seja, inevitavelmente o léxico traz consigo a experiência social do falante.

Para o estudo do léxico, há quatro campos de análise que pertencem à grande área da linguística, os quais são tomados como ciências do léxico: lexicologia, que estuda e descreve o léxico, ou seja, as unidades lexicais de uma língua; lexicografia, que repertoria e organiza sistematicamente as unidades lexicais em um dicionário; terminologia, que estuda e descreve o léxico especializado, ou seja, as unidades terminológicas ou termos de um domínio específico ou área de especialidade; terminografia, que repertoria e organiza sistematicamente essas unidades em um glossário/dicionário. A fraseologia, cujo objeto de estudo, como pontua Monteiro-Plantin (2014),

são as unidades fraseológicas – sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, pragmatemas e fórmulas situacionais, colocações, locuções fixas, frases feitas, clichês e chavões –, também se configura enquanto uma perspectiva de estudo do léxico. No entanto, Paim, Sfar e Mejri (2018), a respeito do *status* da fraseologia, destacam que estudos fraseológicos desenvolvidos até então demonstram que o referido termo ora é utilizado para fazer referência ao conjunto de fenômenos fraseológicos, ora como designação de uma disciplina que os investiga; ora a fraseologia é concebida como subdisciplina da lexicologia, ora possui um estatuto de disciplina independente.

A lexicologia será o campo de estudos lexicais considerado neste trabalho. É a ciência do léxico cujas pesquisas têm notória tradição na linguística românica. Trabalhos de grande importância para esta área de estudos foram produzidos, sobretudo, no final do século XIX e início do século XX, de acordo com Biderman (1981, p. 135), inscritos em três áreas: 1. a semântica evolutiva, ou história das palavras; 2. o domínio conhecido como ‘de palavras e coisas’; 3. a geografia linguística, destacando-se aqui os trabalhos pioneiros de Gilliéron, como ressalta Thun (2017), com a publicação de seu *Petit Atlas phonétique du Valais roman*, em 1980, e, juntamente com Edmond Edmont, do *Atlas linguistique de la France*, entre 1902 e 1910; e, especificamente na língua portuguesa, as produções de Paiva Boléo, dentre as quais a construção de um inquérito linguístico por correspondência, em 1942, logo substituído por um inquérito direto, contando, em 1971, com cerca de 2.950 preenchidos, permitindo a recolha de uma gama de informações que constitui uma inesgotável fonte de estudos sobre os falares portugueses, segundo Castilho (1972-1973). Os trabalhos produzidos nesses três campos tinham em comum o esforço em estabelecer um elo entre léxico e cultura, mesmo que cada escopo de estudos apontasse enfoques diferentes para a compreensão do léxico e de todos os fenômenos linguísticos a ele relacionados.

Discordando de alguns teóricos que classificam o léxico como elemento estritamente social, a exemplo de Motoré (1953 apud BIDERMAN, 1981), Biderman (1981) não nega o caráter social do léxico, mas o define como portador de aspectos sociais em um conjunto maior, que é o campo cultural. A linguista caracteriza o léxico como um conjunto aberto que os indivíduos levam anos para adquirir, e, mesmo os adultos, sempre estarão em contato

com novas lexias continuamente, graças à incessante interação entre os indivíduos e o universo da cultura, o que implica a contínua expansão do arcabouço lexical das línguas naturais. A respeito das semelhanças entre o repertório lexical dos indivíduos de diferentes idades, falantes da mesma língua, Biderman (1981, p. 138) afirma:

[...] o acervo léxico arquivado na memória de um indivíduo, há de ser sensivelmente semelhante àquele existente na memória de outro falante da mesma língua. Essa semelhança é garantida pelo fato de a criança, o adolescente e o indivíduo adulto aprenderem novas palavras e novas denotações e conotações de uma palavra conhecida, através da interação social com outros indivíduos, ou com o produto de outras mentes, representantes da mesma comunidade lingüística.

A necessidade do homem de nomear os seres que o circundam, individualizando-os, caracterizando-os, categorizando-os, é o aspecto primordial para a formação do léxico das línguas naturais. Isso é fruto da experiência do ser humano com o ambiente em que se insere, e o processo de nomeação das coisas com as quais interagiu denota o conhecimento do indivíduo acerca do universo.

O fenômeno de nomeação que origina o léxico da língua é sedimentado no momento que um nome é socialmente aceito para designar um referente no ambiente, segundo Paula, Almeida e Rezende (2016, p. 12). É coerente, pois, compreender que a ação de nomear abrange o componente cultural da língua, já que designar um objeto através do nome implica autenticar sua existência no meio social da comunidade linguística que o faz. Biderman (1987, p. 81) atribui o processo de geração do léxico a ações contínuas de cognição da realidade e de categorização da experiência do homem com o mundo, atos esses materializados em signos linguísticos, as palavras.

## **O PROJETO ALIB E OS ESTUDOS DO LÉXICO**

Cardoso (2010, p. 168) aponta a necessidade do conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira, de modo a reafirmar o caráter pluricultural do Brasil. Daí a urgência de uma descrição acurada

dessa realidade, uma vez que, ainda conforme a autora, apesar de haver estudos preliminares – a exemplo daquele desenvolvido por Nascentes (1953), fundamentado na realização das vogais médias pretônicas e na entonação –, continua preocupante a ausência de dados linguísticos que auxiliem na delimitação de áreas dialetais do Brasil. E o Projeto ALiB constitui-se também por iniciativa da saudosa linguista, a fim de registrar as diversas variedades linguísticas observadas no território brasileiro, propiciando, a partir dos estudos sob o ponto de vista diatópico, o estabelecimento de isoglossas que possibilitem demarcar a divisão dialetal em território brasileiro. Como produto desta ação investigativa, cujo alvo é o PB, é possível ter a percepção de “diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados”. (CARDOSO, 2010, p. 170)

O Projeto ALiB é uma iniciativa de caráter nacional, com vistas a descrever a realidade do português falado em território nacional, de modo a sistematizar os comportamentos observados no Brasil em um atlas geral. Considerando a perspectiva da dialetologia pluridimensional, sinaliza as diferenças diatópicas, diastráticas, diassexuais e diageracionais, tomando-se os diferentes níveis de análise da língua. O Projeto ALiB tem como meta o mapeamento linguístico brasileiro, partindo dos dados coletados *in loco* em 250 pontos que representam todas as regiões brasileiras, junto a 1.100 informantes dos dois sexos, igualmente distribuídos em duas faixas etárias – 18 a 30 anos (faixa etária I) e 50 a 60 anos (faixa etária II).

Em 25 capitais do país – exceto Palmas, parte do estado de Tocantins e Brasília, Distrito Federal, que foram excluídas da rede de pontos devido a questões metodológicas, por serem localidades recém-criadas – foram entrevistados indivíduos com os níveis de escolaridade fundamental e universitário, sendo que os demais pontos da rede contribuíram com os dados de informantes do nível fundamental. Trata-se, pois, de uma importante fonte de pesquisa e compreensão dos fenômenos linguísticos e sociais que atuam na formação/transformação do PB, explicitando o caráter heterogêneo e dinâmico inerente às línguas vivas presentes no mundo.

As pesquisas geolinguísticas utilizam-se, geralmente, de questionários linguísticos para a coleta de dados e consequente constituição de *corpora*. Os questionários utilizados pelo Projeto ALiB, apesar do caráter geolinguístico,

diversificaram os moldes dos questionários utilizados para a constituição de um *corpus* representativo da variação dialetal no PB, uma vez que a equipe de pesquisadores participante desse importante projeto linguístico brasileiro organizou esses instrumentos de coletas de dados considerando os diferentes níveis de estudo da língua. Há, assim, o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), o qual também contempla questões de caráter prosódico; o QSL; e o Questionário Morfossintático (QMS). Também como parte dos questionários do ALiB, há questões de natureza metalinguística, pragmática, temas para a compreensão de estudo semidirigido e texto para leitura.

Tal reformulação do questionário linguístico, enquanto instrumento de coleta de dados de um *corpus*, segundo Mota (2015, p. 115), ocorreu considerando-se dois pontos: 1. pela intenção da equipe de pesquisadores do projeto em obter dados de uma variante fônica, lexical ou morfossintática, o que exigia que as questões fossem formuladas de acordo com os objetivos pretendidos; 2. pela possibilidade de se constatar variações diafásicas ao serem confrontadas as respostas relacionadas ao QFF, QSL e/ou QMS – questionários em que os indivíduos monitoram mais suas falas – com as falas registradas nos temas para discurso semidirigido (TDS), momento da pesquisa no qual são observados um comportamento linguístico mais espontâneo.

O QSL é composto de 202 questões, organizadas em 14 áreas semânticas, pensadas de forma a registrar-se os itens lexicais mais acessíveis aos falantes de áreas dialetais distintas. As áreas semânticas que compõem o QSL são: acidentes geográficos, com 6 questões; fenômenos atmosféricos, com 15 questões; astros e tempo, com 17 questões; atividades agropastoris, com 25 questões; fauna, com 25 questões; corpo humano, com 32 questões; ciclos da vida, com 15 questões; convívio e comportamento social, com 11 questões; religião e crenças, com 8 questões; jogos e diversões infantis, com 13 questões; habitação, com 8 questões; alimentação e cozinha, com 12 questões; vestuários e acessórios, com 6 questões; vida urbana, com 9 questões.

Ribeiro (2009, p. 239-261), em um estudo sobre as denominações para diversos brinquedos e brincadeiras considerando os dados concentrados no QSL do Projeto ALiB, campo semântico jogos e diversões infantis, recolhidos no nordeste brasileiro, observou que as variáveis sexo e faixa etária

não figuraram como relevantes para a determinação da forma lexical mobilizada pelos informantes como resposta às perguntas para verificar designações para as 12 brincadeiras consideradas no referido trabalho. A linguista conclui que o grau de escolarização foi a variável mais relevante para a determinação da variante lexical utilizada como primeira resposta pelos informantes às perguntas da área temática supracitada.

Estudos da variação lexical no PB feitos por Paim (2011, 2012), atendo-se ao campo semântico vestuário e acessórios, considerando o *corpus* do Projeto ALiB, especificamente das capitais do Brasil, apontaram a presença de expressões temporais associadas ao uso de variantes linguísticas, algumas delas concentrando-se nos dados de indivíduos de uma determinada faixa etária. A seguir, trechos de alguns dos inquéritos analisados pela referida linguista:

- (1) a. Questão 190 – QSL – Projeto ALiB (inquérito 079-03 – Aracaju-SE):  
INQ. – *E a roupa que a mulher usa debaixo da saia? Ou debaixo da calça comprida?*  
INF. – *Antigamente chamava calçola, né? Hoje, chama calcinha.*
- b. Questão 191 – QSL – Projeto ALiB (inquérito 220-08 – Curitiba-PR):  
INQ. – *Isso que a gente usa pra ficar mais coradinha?*  
INF. – *Quando eu era criança era rouge, agora é blush.*  
INQ. – (inint.) (risos).

Nota-se, nos referidos trechos, a presença de expressões temporais atreladas ao uso de variantes linguísticas, além de algumas se restringirem a indivíduos de uma determinada faixa etária. Sobre a pesquisa supracitada, Paim (2011) apresentou as seguintes considerações preliminares:

- as designações enfocadas representam uma variação que possibilita a visualização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil;
- os dados analisados refletem uma prática de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado que possibilita a visualização da construção, manutenção e projeção da identidade social de faixa etária;
- a temática da comparação passado X presente está na linguagem da maioria dos informantes de faixa etária mais



avançada, evidenciando-se na seleção lexical desses informantes como demonstram os itens porta-seio, corpete, ceroula, calçola, carmim, ruge, biliro e travessa;

- a seleção entre as denominações ruge e blush está mais relacionada ao caráter diageracional, porém também está condicionada ao aspecto diassexual como demonstraram os dados apresentados. (PAIM, 2019, p. 214-215)

Justifica-se, pois, tomar-se o léxico como ponto de partida para compreender, investigar, descrever e explicar a percepção que determinado grupo tem do mundo que o circunda, o que também, de acordo com Paim (2011), permite o conhecimento e a manutenção de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade, além do registro e sistematização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a constituição do *corpus* ora analisado, foram considerados dados provenientes das respostas à questão de número 189, “Qual a roupa que o homem usa debaixo da calça?”, do QSL, que constam no questionário do ALiB 2001. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37)

Os participantes da pesquisa são organizados por faixa etária, sexo e escolaridade, variáveis sociais controladas pelo Projeto ALiB, respeitando os critérios sociais adotados pelo projeto, mencionados anteriormente.

A amostra constituída para este capítulo considera os dados obtidos com a aplicação dos inquéritos linguísticos a 345 informantes, quatro por localidade quando se trata de cidades do interior, e oito informantes quando são consideradas as capitais dos estados, já que, além de falantes com o nível fundamental de escolaridade, nas capitais também foram considerados informantes com nível universitário de estudo. Foram analisados os registros das gravações de informantes distribuídos em pontos do Projeto ALiB situados em nove estados da região Nordeste, a saber:

**Quadro 1 – Pontos do Projeto ALiB situados na região Nordeste**

Estado	Nº de pontos	Quantidade de informantes
Maranhão	9 pontos	40 informantes
Piauí	5 pontos	24 informantes
Ceará	12 pontos	52 informantes
Rio Grande do Norte	5 pontos	23 informantes <sup>2</sup>
Paraíba	6 pontos	26 informantes <sup>3</sup>
Pernambuco	12 pontos	52 informantes
Alagoas	4 pontos	20 informantes
Sergipe	3 pontos	16 informantes
Bahia	22 pontos	92 informantes

Fonte: elaborado pelas autoras.

A pesquisa adotou o método qualitativo e quantitativo, pois, além do número de lexias encontradas, considerou o falante em suas relações sociais, verificando-se, assim, a variação e a constituição lexical, segundo as variáveis diatópica e diageracional. O estudo, portanto, considera os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia pluridimensional, aliado ao método de análise das variáveis estudadas pela sociolinguística.

## ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados coletados a partir da catalogação de lexias referentes a nomes de vestimentas íntimas do universo masculino, apresentadas pelos informantes do Projeto ALiB circunscritos na região Nordeste do Brasil, revelaram um universo de 12 designações distintas para esta categoria de roupas, sendo a maioria delas registradas em dicionários da língua portuguesa.

2 De 24 inquéritos gravados constituídos no Rio Grande do Norte, um deles apresentou problemas técnicos em seu respectivo áudio.

3 De 28 inquéritos gravados constituídos na Paraíba, dois deles apresentaram problemas técnicos em seus respectivos áudios.

A seguir, serão apresentadas tais lexias, considerando-se a ausência/presença e conceituação, quando registrada, de cada uma nos dicionários consultados, bem como análises atreladas às variáveis que condicionam ou não o uso desses nomes no território nordestino.

### **As designações para vestuário íntimo masculino nos dicionários da língua portuguesa<sup>4</sup>**

Os dados documentados dados em resposta à questão 189 do QSL revelaram 12 designações diferentes nos 78 pontos que compõem o *corpus* do Projeto ALiB referente ao Nordeste: *cueca* (*cuecão*, *cuecona*), *sunga*, *ceroula* (*ceroulão*), *zorba*, *samba-canção*, *calção*, *short* (*shortinho*), *tanga* (*tanguinha*), *biquíni*, *calça*, *sorongá*, *minhocão*. À exceção de *samba-canção*, lexia composta, os termos registrados nos inquéritos analisados são lexias simples, apenas variando quanto ao grau do substantivo, em alguns casos. Assim, em um universo de 345 inquéritos válidos que compõem os dados na região Nordeste, foram obtidas 519 ocorrências atribuídas como resposta à questão 189 do QSL, considerando que alguns falantes informavam até quatro designações ao serem questionados sobre a roupa que o homem usa debaixo da calça.

Dentre os termos supracitados, apenas *cueca* e *samba-canção* são comuns a todos os pontos considerados, sendo que *cueca* corresponde a 341 respostas (65,7%) de um total de 519 ocorrências atribuídas como resposta à referida questão. *Sunga* e *ceroula* aparecem em seguida em número de registros, totalizando 45 (8,67%) e 44 (8,48%) ocorrências, respectivamente. A lexia *samba-canção*, apesar de ser observada em todos os estados do Nordeste, é apenas a quinta designação mais utilizada pelos informantes dessa região, correspondendo a 27 registros (5,2%) do total de 519 respostas. As lexias *calça*, *sorongá* e *minhocão* aparecem apenas em um inquérito cada uma: a primeira aparece em dados de um informante da Bahia; a segunda,

4 A fim de se observar o registro, ou não, das lexias informadas pelos participantes da pesquisa em dicionários de língua portuguesa, foram consultados o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa - básico* (FERREIRA, 1988) e o *Dicionário Houaiss de língua portuguesa* (HOUAISS, 2001), selecionados como material de consulta por serem obras publicadas em diferentes épocas. Ressalta-se que a marca *Zorba* surgiu, no Brasil, no ano de 1944.

registrada em um inquérito da Paraíba; por fim, a terceira unidade lexical foi observada em dados de um falante de Pernambuco.

O Quadro 2 indica quais designações informadas pelos sujeitos da pesquisa para roupa que o homem usa debaixo da calça, em resposta à questão 189 do QSL, estão registradas nos referidos dicionários da língua portuguesa.

**Quadro 2** – Designações para “roupa que o homem usa debaixo da calça” nos dicionários de Ferreira (1988) e Houaiss (2001)

Roupa que o homem usa debaixo da calça	Ferreira (1988)	Houaiss (2001)
<i>Cueca</i>	Dicionarizada	Dicionarizada
<i>Sunga</i>	Dicionarizada	Dicionarizada
<i>Ceroula</i>	Dicionarizada	Dicionarizada
<i>Zorba</i>	Não dicionarizada	Não dicionarizada
<i>Samba-canção</i>	Não dicionarizada	Dicionarizada
<i>Calção</i>	Dicionarizada	Dicionarizada
<i>Short</i>	Dicionarizada	Dicionarizada
<i>Tanga</i>	Dicionarizada	Dicionarizada
<i>Biquíni</i>	Dicionarizada	Dicionarizada
<i>Calça</i>	Dicionarizada	Dicionarizada
<i>Soronga</i>	Não dicionarizada	Dicionarizada
<i>Minhocão</i>	Dicionarizada	Dicionarizada

Fonte: elaborado pelas autoras.

Observa-se no Quadro 1 que *zorba* foi a única lexia não dicionarizada em Houaiss (2001), o que também ocorre quanto a Ferreira (1988), ao lado de *samba-canção* e *soronga*. *Samba-canção* consta no Houaiss (2001, p. 2.506), no qual é definido como variedade de samba urbano carioca com letras sentimentais, ao lado da definição que remete a um tipo de cueca mais ou menos larga, com braguilha e botão. *Soronga* é registrada em Houaiss (2001, p. 2.612) como uma alteração do termo *sorongo*, o qual é definido como 1. derivação de idioma americano sem origem etimológica definida; 2. dança brasileira de salão de origem espanhola na Bahia e africana em Minas Gerais; 3. referente a gotejar, derramar; 4. e ainda, como o mesmo que tolo, atarantado.

No que tange ao termo *zorba*, este fato chamou atenção por tratar-se de uma lexia que, dentre os nove estados considerados nesta análise, não foi registrada apenas nos inquéritos de falantes dos estados Maranhão e Piauí. Trata-se de uma ocorrência que remete à figura de linguagem metonímia, a qual consiste no fato de uma palavra ser substituída por outra por proximidade de sentido. Nesse caso, Zorba é uma marca comercial conhecida que se dedica à produção de roupas íntimas masculinas.

Quanto às lexias dicionarizadas, é interessante destacar que nem todas foram definidas nos dicionários consultados como peça do vestuário íntimo masculino. Em Houaiss (2001), enquadram-se nessa categoria os termos *calção, short, calça, minhocão, soronga*. Já em Ferreira (1988), há as lexias *sunga, calça, short e tanga* não definidas como roupa íntima masculina. *Calção, short, calça, tanga* e, apenas em Ferreira (1988), *sunga* são definidos como vestimentas, mas de uso externo; a definição de *minhocão* refere-se a construções urbanas semelhantes a viadutos; já a lexia *soronga*, como apresentado no parágrafo anterior, está longe de referir-se a quaisquer tipos de roupas.

A definição atribuída à lexia *cueca* em Houaiss (2001, p. 884) chama atenção por variar a depender do número e grau de tal substantivo. O termo *cueca* nesse dicionário é definido como uma dança praticada da Colômbia à Argentina, em que o par, sem se tocar, simula um assédio amoroso; para *cuecas*, tem-se a definição relacionada à peça íntima do vestuário masculino; já o termo *cuequinhas* é definido como peça íntima feminina. Quanto à lexia *biquíni*, em Ferreira (1988, p. 96) é definida como peça íntima do vestuário feminino, equivalente à calcinha, ao contrário do observado em Houaiss (2001, p. 459), que, além de definir o termo como peça do universo das mulheres, também o apresenta como o mesmo que *cueca* ou *sunga* masculina.

## Os dados e as dimensões diatópica e diageracional

A Tabela 1 apresenta a produtividade das lexias registradas pelos informantes dos pontos do Projeto ALiB situados na região Nordeste para a pergunta 189: “Qual a roupa que o homem usa debaixo da calça?”.

**Tabela 1** – Designações para “roupa que o homem usa debaixo da calça” na região Nordeste do Brasil

	Maranhão	Piauí	Ceará	Rio Grande do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia	Total
Cueca	40	24	52	23	26	51	20	16	89	341
Sunga	2	---	1	2	1	6	4	6	23	45
Ceroula	---	2	4	8	7	4	1	3	15	44
Zorba	---	---	2	1	7	17	3	1	2	33
Samba-canção	2	1	3	3	6	2	3	3	4	27
Calção	1	1	---	2	---	4	1	1	6	16
Short	---	---	---	---	---	2	---	---	2	4
Tanga	2	---	---	---	---	---	---	2	---	4
Biquíni	---	1	---	1	---	---	---	---	---	2
Calça	---	---	---	---	---	---	---	---	1	1
Sorongá	---	---	---	---	1	---	---	---	---	1
Minhocão	---	---	---	---	---	1	---	---	---	1

Fonte: elaborada pelas autoras.

Percebe-se que as lexias *cueca* e *samba-canção* são registradas em todo território nordestino. Por outro lado, há lexias pouco registradas nos pontos analisados, com, no máximo, quatro ocorrências em todo o território analisado. São elas: *short* (Bahia e Pernambuco) e *tanga* (Maranhão e Sergipe), com quatro ocorrências cada; *biquíni*, com duas ocorrências (Piauí e Rio Grande do Norte); *calça*, *sorongá* e *minhocão*, registradas apenas uma vez cada, em dados de falantes da Bahia, da Paraíba e de Pernambuco, respectivamente.

Os dados demonstram que o termo *cueca* é o mais recorrente entre os informantes nos pontos do Projeto ALiB situados na região Nordeste, tendo sido registrada em todos os pontos daquele território como resposta à pergunta 189 do QSL. Do ponto de vista diageracional, observou-se o uso equilibrado desse item entre informantes de faixas etárias I (173 ocorrências) e II (168 ocorrências), de um total de 341 registros de *cueca* nessa área. Portanto, em um universo de 345 inquéritos analisados nesta pesquisa, apenas em quatro deles não foi observada a lexia *cueca*, todos eles de falantes de

faixa etária II, com nível fundamental de escolaridade, sendo: dois homens, um informante residente no ponto 069, Caruaru (PE), e outro informante residente do ponto 087, Barreiras (BA); duas mulheres, uma informante residente no ponto 081, Juazeiro (BA), e outra informante residente no ponto 089, Seabra (BA).

*Sunga* é a segunda lexia mais utilizada em resposta à pergunta 189 do QSL, com 45 registros, não sendo utilizada apenas por informantes do Piauí. Quanto ao aspecto diageracional, notou-se que indivíduos da faixa etária I utilizaram mais o referido termo em relação aos informantes do grupo etário II, registrando-se 26 ocorrências entre aqueles que se enquadram no primeiro grupo etário e 19 falantes da faixa etária II, em um total de 45 registros na região.

*Ceroula* é o terceiro termo mais utilizado em resposta à pergunta 189 do QSL pelos informantes em questão, com 44 ocorrências, não sendo registrada apenas em dados relacionados ao Maranhão. Desse total, sete ocorrências foram observadas em inquéritos de informantes de faixa etária I e 37 ocorrências foram atribuídas a falantes da faixa etária II.

As lexias *zorba*, *samba-canção* e *calção* aparecem em seguida em número de ocorrências: a primeira delas totalizou 33 registros, sendo 14 ocorrências ditas por informantes da faixa etária I e 19 ocorrências informadas por indivíduos da faixa etária II, não sendo utilizada, no entanto, por falantes do Maranhão e do Piauí; a lexia *samba-canção*, assim como *cueca*, foi observada em todos os estados da região Nordeste, com oito registros feitos por sujeitos da faixa etária I e 19 ocorrências atribuídas a falantes da faixa etária II; quanto à lexia *calção*, a qual não foi registrada nos inquéritos do Ceará e da Paraíba, foram computados 16 registros, sendo cinco deles atribuídos a falantes da faixa etária I e 11 registros ditos por falantes da faixa etária II. As três lexias destacadas neste parágrafo tiveram maior frequência na fala de informantes do grupo etário II, assim como observado na análise dos dados referentes à *ceroula*, denotando que tais designações são mais comuns na fala de indivíduos do grupo etário II.

Apresenta-se, a seguir, a Tabela 2, com a distribuição das ocorrências supracitadas e outras registradas de acordo com a faixa etária dos informantes do nordeste brasileiro envolvidos na pesquisa.

**Tabela 2** – Distribuição diageracional das designações para roupa que o homem usa debaixo da calça na região Nordeste do Brasil

	Faixa etária I	Faixa etária II	Total de ocorrências por designação
Cueca	173	168	341
Sunga	26	19	45
Ceroula	7	37	44
Zorba	14	19	33
Samba canção	8	19	27
Calção	5	11	16
Short	2	2	4
Tanga	3	1	4
Biquíni	1	1	2
Calça	---	1	1
Sorongra	---	1	1
Minhocão	---	1	1
<b>Total de ocorrências</b>	<b>239</b>	<b>280</b>	<b>519</b>

Fonte: elaborada pelas autoras.

Ainda considerando os dados dispostos nas Tabelas 1 e 2, há as lexias que compõem a categoria “outras” dessa pesquisa, a qual engloba as denominações com até quatro ocorrências nos inquéritos de falantes do nordeste brasileiro que, a seguir, serão analisadas.

A respeito das designações *short* e *tanga*, cada uma foi registrada quatro vezes nos inquéritos analisados: a primeira foi constatada apenas nos estados de Pernambuco e Bahia, com dois registros de falantes de faixa etária I e dois registros de falantes da faixa etária II; a segunda designação totalizou três ocorrências nos inquéritos de falantes da faixa etária I e uma ocorrência nos dados de falantes da faixa etária II. A lexia *biquíni* apareceu duas vezes nos inquéritos examinados, sendo uma ocorrência informada por um indivíduo da faixa etária I, do Piauí, e outra ocorrência registrada nos dados de um informante da faixa etária II, do Rio Grande do Norte. Por fim, os itens lexicais *calça*, *sorongra* e *minhocão* foram computados uma vez cada um nos dados analisados: *calça* foi informada por um indivíduo da faixa etária II,



residente no estado da Bahia; *soronga* foi constatada em dados de um informante da Paraíba, faixa etária II; *minhocão* foi encontrada em dados de um informante de Pernambuco, também da faixa etária II.

### ***As relações temporais feitas pelo falante quanto ao uso das lexias***

Nos inquéritos analisados, foram observadas também relações feitas por alguns informantes quanto aos fatores temporalidade e idade dos falantes como condicionadores do uso de determinadas lexias no presente ou passado, como apresentado a seguir:

- (2) a. INQ.: *E os jogadores usam aqui em cima uma camiseta. E embaixo?*  
INF.: *O short.*  
INQ.: *E me diz, além do short...*  
INF.: *Hum. Não é short não, é?*  
INQ.: *Além do short, o que mais?*  
INF.: *Camiseta. O short e a camiseta.*  
INQ.: *Aqui embaixo: short, bermuda ou...*  
INF.: *Bermuda.*  
INQ.: *Bermuda, short e...*  
INF.: *Sei não.*  
INQ.: *Não?*  
INF.: *Por dentro é cueca.* (risos)  
INQ.: *Hum. O que o homem usa por dentro é?*  
INF.: *A cueca.*  
INQ.: *E tem outros nomes?*  
INF.: *Não, só. Antes conhecia como ceroula, né? Mas é antigo que só.*  
INQ.: *Ah, é? Isso aí que eu queria saber. Antes conhecia assim, era?*  
INF.: *Era. Cueca, né?*  
INQ.: *Era? Você falou a outra. Conhecia...*  
INF.: *É. Quando era lá atrás. No tempo de minha mãe, era ceroula.*  
(Patos-PB, homem, faixa etária I, nível fundamental. Ponto 059 [respondeu à questão 189 quando a questão 098, do QFF, foi feita.]
- b. INQ.: *Que roupa que o homem usa debaixo da calça?*  
INF.: **Cueca.**  
INQ.: *Tem outros nomes?*  
INF.: **Zorba.**  
INQ.: *Usa a mesma coisa?*  
INF.: **É. Zorba e cueca.**  
INQ.: **Zorba** é uma marca ou **zorba** é...  
INF.: **Zorba** é o que o povo mais, mais na idade (inaudível) chama. E **cueca** é os mais novo.  
(Floresta-PE, mulher, faixa etária II, nível fundamental. Ponto 071)

Os exemplos ilustram as noções de temporalidade que marcam os discursos dos informantes, independente da faixa etária, ao categorizarem a lexia informada, apresentando variantes que se alternam de acordo com

o passado e com o presente. O discurso observado no exemplo 1 mostra a relação que o informante faz entre léxico do passado e do presente, quando o entrevistado situa os usos das lexias *cueca* e *ceroula* no tempo. Infere-se, pois, que o informante do ponto 059 classifica a designação *cueca* como sendo aquela que se refere à roupa que o homem usa debaixo da calça atualmente, enquanto *ceroula* seria uma designação sinônima de *cueca*, mas utilizada no passado, na “época de sua mãe”, um tempo pretérito, portanto. Já no exemplo 2, o informante menciona as lexias *zorba* e *cueca* como designações para roupas íntimas masculinas, sendo que a primeira, de acordo com o informante em questão, é utilizada por pessoas de idade avançada, enquanto a segunda lexia seria própria do discurso de falantes mais jovens. Percebe-se que a seleção lexical diageracional revela a consciência dos falantes quanto à variação lexical como algo atrelado a fatores sociais, nesse caso, ao tempo (presente *versus* passado) e à faixa etária (jovens *versus* idosos), traços esses observados no comportamento linguístico dos falantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da coleta e da análise dos dados apresentados, pode-se concluir que a lexia *cueca*, observada como resposta à pergunta 189 do QSL do Projeto ALiB, foi a mais produtiva nos pontos situados na região Nordeste do Brasil, sendo registrada nos nove estados nordestinos, em 341 inquéritos de um conjunto de 345 analisados. A dimensão diatópica, porém, não se demonstra como relevante na determinação do uso pelo falante das lexias registradas.

Além de *cueca*, outras lexias são apontadas pelos falantes como alternativa à roupa que o homem usa debaixo da calça. *Zorba* chama atenção por ser a única não dicionarizada entre as registradas nas falas dos informantes da região Nordeste, apesar de ser mais utilizada que algumas variantes dicionarizadas, sendo observada em sete estados da região e em 33 dos 345 inquéritos analisados, número acima de lexias como *samba-canção*, a qual foi registrada nos nove estados considerados, mas presente em 27 inquéritos. O uso da lexia *zorba* remete à figura de linguagem metonímia, uma vez que o termo corresponde a uma marca comercial conhecida, utilizada por alguns informantes para nomear o produto que ela comercializa, roupa íntima masculina, podendo tal fato ser interpretado como o uso do

recurso da expressividade pelo falante para potencializar sua capacidade comunicativa. As lexias *sunga* e *ceroula* foram utilizadas pelos informantes da pesquisa quase que na mesma frequência quando comparadas entre si, sendo observadas, respectivamente, em 45 e 44 inquéritos, figurando em oito estados nordestinos cada uma.

Os dados também demonstram que os participantes da pesquisa, ao indicarem mais de uma designação para a roupa que o homem usa debaixo da calça, tendem a categorizá-las, considerando os fatores tempo e faixa etária como implicados um no outro e determinantes do comportamento linguístico dos falantes, o que revela a consciência dos usuários da língua a respeito da variação linguística atrelada a diferentes componentes sociais. Evidencia-se, assim, a memória como importante componente na constituição do patrimônio cultural coletivo, nesse caso, tendo a língua como repositório das experiências de uma comunidade.



# AS DENOMINAÇÕES PARA *RÓTULA DO JOELHO* NO CENTRO-OESTE COM BASE EM DADOS DO PROJETO ALIB

TALITA BRITO DE SOUZA

## PALAVRAS INICIAIS

Este capítulo é fruto da pesquisa de mestrado em andamento, sob orientação da professora Silvana Soares Costa Ribeiro, a quem só tenho a agradecer por ser uma constante fonte de motivação e persistência ao longo dos anos de orientação. Examinam-se, neste trabalho, resultados parciais das respostas fornecidas à questão 117 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), pertencente à área temática do corpo humano, do questionário linguístico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), assim formulada: como se chama o *osso redondo que fica na frente do joelho*? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 30) O *corpus* utilizado nesta pesquisa constitui-se das 21 localidades do interior e das três capitais dos estados que integram a rede de pontos do Projeto ALiB na região Centro-Oeste, descritas a seguir: Mato Grosso: Aripuanã, Alto Araguaia, Barra do Garças, Cuiabá, Cáceres, Diamantino, Poxoréu, São Félix do Araguaia e Vila Bela da Santíssima Trindade; Mato Grosso do Sul: Campo Grande, Corumbá, Coxim,

Nioaque, Paranaíba e Ponta Porã; e Goiás: Aruanã, Goiânia, Goiás, Porangatu, Formosa, São Domingos, Jataí, Catalão e Quirinópolis.

Conforme a metodologia estabelecida pelo projeto maior ao qual esta pesquisa vincula-se, foram selecionados informantes estratificados em duas faixas etárias distintas: a faixa etária I, que abrange informantes de 18 a 30 anos, e a faixa etária II, que contempla indivíduos de 50 a 65 anos. Quanto à escolaridade, no interior dos estados foram inquiridos apenas quatro informantes com nível fundamental incompleto, e nas capitais, além dos quatro de nível fundamental incompleto, foram acrescentados mais quatro informantes que possuíam nível universitário completo.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a distribuição diatópica das variantes registradas e discutir a relação entre a anatomia humana e o processo designativo, no qual os falantes nomeiam diversos itens do mundo real e abstrato a partir do próprio conhecimento de mundo e da realidade linguística e cultural que fazem parte de qualquer atividade linguística. Para Isquierdo e Nunes (2012, p. 219), “o léxico é o nível linguístico que melhor retrata aspectos da realidade dos falantes de uma língua, visto que é a partir dele que os indivíduos nomeiam os seres e objetos ao seu redor”. Intenta-se contribuir para a descrição do léxico e ampliar os estudos em geolinguística no Brasil, reforçando a vitalidade da língua nas dimensões espacial e socio-cultural, fornecer dados que auxiliem na descrição da realidade linguística do Brasil, demonstrar a vitalidade da língua portuguesa no que tange ao seu uso nos âmbitos diatópico e social, além de propiciar subsídios aos estudiosos, sobretudo aos dialetólogos, no âmbito dos usos lexicais. Para o empreendimento da pesquisa lexicográfica, foram consultadas duas obras de língua portuguesa, Houaiss e Villar (2011) e Aulete e Valente (2021), e dois manuais especializados em anatomia, Pinto (1962) e Silva e Viana (2008).

Com vistas à estruturação deste trabalho, inicialmente apresentam-se considerações iniciais sobre a pesquisa desenvolvida e, em seguida, são trazidas informações a respeito da anatomia humana. Posteriormente, são apresentadas as formas lexicais encontradas na região investigada, bem como a análise quantitativa e qualitativa, considerando a dimensão diatópica das designações encontradas para nomear o osso redondo que se localiza na frente do joelho. Apresentam-se, também, os dados por meio da cartografia. Foram realizadas consultas em alguns dicionários de língua

portuguesa e manuais de anatomia com o objetivo de verificar se as lexias encontradas estavam dicionarizadas. Por fim, expõem-se algumas conclusões a respeito deste estudo.

## **SOBRE A ANATOMIA HUMANA**

A anatomia constitui-se uma área do conhecimento que investiga a forma, a ordenação e a estrutura dos órgãos que compõem o organismo. Tem origem grega e significa, no sentido literal, “cortar fora”, e daí advém a técnica de dissecação<sup>1</sup> do cadáver, prática mais recorrente para estudá-la. Ao longo do tempo, foi caracterizada pelo desenvolvimento da compreensão da estrutura do corpo e a função dos órgãos. (DANGELO; FATTINI, 2007) A anatomia é, até os dias atuais, uma disciplina introdutória nos cursos de enfermagem, medicina, odontologia e demais cursos da área de saúde.

Para Dangelo e Fattini (2007), a anatomia, como ciência, inicia-se nas localidades da Mesopotâmia e no Egito. Os moradores investigavam as características dos seres humanos em relação às forças básicas da vida. Por exemplo, procuravam entender a localização de órgãos no corpo humano. Embora os estudos preliminares tenham iniciado no Egito, foi na Grécia antiga que a anatomia ganhou ares de ciência. Na Alexandria, as práticas anatômicas avançaram com a realização de dissecações humanas de modo sistemático.

A sustentação da anatomia enquanto ciência foi possível a partir das ilustrações publicadas por Andreas Vesalius em 1533. (KICKHOFEL, 2003) Na obra, o autor reformulou conceitos e ilustrações anatômicas da época, apresentando uma exatidão real do corpo humano. Tal obra é tida como o início da ciência moderna. O modo de conceber o corpo era totalmente inovador, sobretudo pelas ilustrações que eram percebidas como representações fiéis do corpo humano.

Nesse sentido, é previsto no QSL do Projeto ALiB uma série de perguntas que são voltadas para a coleta de dados lexicais nesta temática. Trata-se de 32 perguntas, dentre elas a que é o escopo deste trabalho, a questão 117, que

---

1 Dissecação é a prática de separar as partes do corpo humano. Na anatomia, é o modo de anatomizar um cadáver.

tem por objetivo investigar as nomeações para *o osso redondo que fica na frente do joelho*. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 30)

Após as explicações sobre a anatomia, apresentam-se as formas lexicais encontradas na região Centro-Oeste.

## AS FORMAS LEXICAIS DOCUMENTADAS

Obtiveram-se, nas 24 localidades estudadas, 73 respostas válidas para nomear *o osso redondo que fica na frente do joelho* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 30), resultando em 19 lexias distintas que podem ser observadas por meio do Quadro 1.

Quadro 1 – Lexias encontradas na região Centro-Oeste

Formas lexicais encontradas	Número de ocorrência
<i>Batata do joelho</i>	2
<i>Bola do joelho</i>	4
<i>Bolacha do joelho</i>	9
<i>Cabeça do joelho</i>	1
<i>Chicochoelo</i>	2
<i>Junta do joelho</i>	1
<i>Menisco</i>	1
<i>Catraca</i>	1
<i>Catuni</i>	1
<i>Maçã do joelho</i>	1
<i>Menina do joelho</i>	1
<i>Placa do joelho</i>	1
<i>Pompilha</i>	1
<i>Pataca do joelho</i>	15
<i>Patela</i>	2
<i>Rodela do joelho</i>	5
<i>Rótula</i>	21
<i>Ruela do joelho</i>	2
<i>Tampa do joelho</i>	1

Fonte: elaborado pela autora.



Como se observa, no Quadro 1 estão expostas todas as 19 lexias computadas no *corpus* do Projeto ALiB. A mais frequente é a lexia *rótula*, com 21 ocorrências. A segunda lexia mais frequente é *pataca do joelho*, com 15 ocorrências. Em terceira posição, encontra-se *bolacha do joelho* com nove ocorrências. Em seguida, com cinco ocorrências, está *rodela do joelho*. Segue, com quatro ocorrências, *bola do joelho*. Com dois registros cada, estão as lexias *batata do joelho*, *chicochoelo*, *paleta* e *ruela do joelho*. Por fim, com apenas um registro cada, encontram-se as lexias *cabeça do joelho*, *junta do joelho*, *menisco*, *catraca*, *catuni*, *maçã do joelho*, *menina do joelho*, *placa do joelho*, *pompilha* e *tampa do joelho*.

Após o levantamento dos dados, realizou-se o agrupamento linguístico e passou-se a trabalhar com sete grupos lexicais, exibidos por meio do Quadro 2.

**Quadro 2 – Agrupamentos lexicais**

Formas lexicais	Agrupamentos lexicais
<i>Rótula, rótula do joelho, rótulo</i>	Rótula/rótula do joelho
<i>Pataca, pataca do joelho, patacão</i>	Pataca/pataca do joelho
<i>Batata, batata do joelho</i>	Batata/batata do joelho
<i>Bola, bola do joelho</i>	Bola/bola do joelho
<i>Bolacha, bolacha do joelho</i>	Bolacha/bolacha do joelho
<i>Rodela, rodela do joelho</i>	Rodela/rodela do joelho
<i>Maçã do joelho, catuni, placa do joelho, menina do joelho, catraca</i>	Outras denominações

Fonte: elaborado pela autora.

Como se vê no Quadro 2, para fins de agrupamento, as lexias *rótula*, *rótula do joelho* e *rótulo* foram agrupadas em único grupo que tem como base a forma *rótula*. Com as formas lexicais *pataca*, *pataca do joelho* e *patacão*, estabeleceram-se os mesmos critérios, a manutenção da forma-base *pataca*, a aglutinação do aumentativo *-ão* em um único grupo lexical. Aplicou-se o mesmo método para as lexias que seguem. O grupo lexical *outras denominações* é constituído por unidades lexicais que ocorreram apenas uma vez.

Após as explanações sobre os agrupamentos linguísticos, apresenta-se a produtividade das formas lexicais encontradas na região Centro-Oeste, conforme a Tabela 1.

**Tabela 1 – Produtividade das formas lexicais na região Centro-Oeste**

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>Rótula/rótula do joelho</i>	21	28,8%
<i>Pataca/pataca do joelho/patacão/patacão do joelho</i>	15	20,5%
<i>Bolacha/bolacha do joelho</i>	9	12,3%
<i>Roda/roda do joelho/rodela/rodela do joelho</i>	5	6,8%
<i>Bola/bola do joelho</i>	4	5,5%
<i>Patela</i>	3	4,1%
<i>Batata/batata do joelho</i>	2	2,7%
<i>Chicochoelo</i>	2	2,7%
<i>Ruela do joelho</i>	2	2,7%
Demais itens com total inferior a 2% somados e agrupados	10	13,7%
<b>Total</b>	<b>73</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: elaborada pela autora.

Percebe-se, a partir da Tabela 1, que *rótula do joelho* (28,8%) é a forma lexical mais frequente nas 24 localidades estudadas da região Centro-Oeste. Como segunda mais produtiva, tem-se *pataca do joelho* com 20,5% das ocorrências. Em seguida, há as lexias *bolacha do joelho* (12,3%), *rodela do joelho* (6,8%), *bola do joelho* (5,5%) e *patela* (4,1%). As formas lexicais *batata do joelho*, *ruela do joelho* e *chicochoelo* tiveram percentuais iguais (2,7%). Houve, ainda, outras denominações que somadas chegam a 13,7% das ocorrências.

Exibem-se, por meio do Quadro 3, dados relativos à distribuição das lexias por localidade.

**Quadro 3 – Número de localidades onde ocorrem as formas lexicais**

Formas lexicais	Número de localidades onde ocorre cada forma lexical
<i>Rótula/rótula do joelho</i>	11
<i>Pataca/pataca do joelho/patacão/patacão do joelho</i>	9
<i>Bolacha/bolacha do joelho</i>	6

continua...

Formas lexicais	Número de localidades onde ocorre cada forma lexical
<i>Bola/bola do Joelho</i>	4
<i>Roda/roda do Joelho/rodela/rodela do Joelho</i>	3
<i>Batata/batata do Joelho</i>	2
<i>Patela</i>	2
<i>Ruela do Joelho</i>	2
<i>Chicochoelo</i>	1

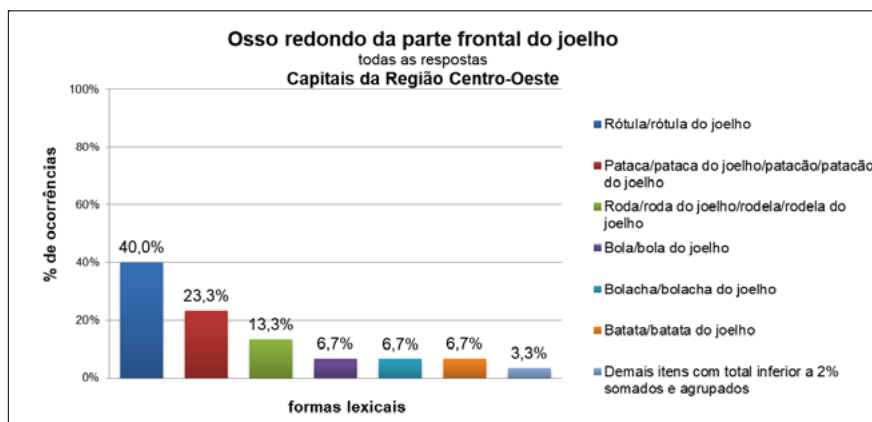
Fonte: elaborado pela autora.

Pela ótica de ocorrência em cada localidade, a lexia *rótula do Joelho* alçou índice maior, ocorrendo em 11 das 24 localidades investigadas. A segunda lexia mais presente no universo das localidades analisadas é *pataca do Joelho*, estando em uso em nove espaços geográficos distintos. No universo da produtividade (Tabela 1), a *pataca/pataca do Joelho/patacão/patacão do Joelho* configurou-se também como a segunda lexia mais produtiva. Sob a análise de ocorrência por localidade, a lexia manteve a sua posição, estando em segundo lugar e ocorrendo, como já exposto anteriormente, em nove locais.

A forma lexical *bolacha do Joelho* esteve presente em seis localidades pesquisadas. As lexias *batata/batata do Joelho*, *patela* e *ruela do Joelho* ocorrem, cada uma, em duas localidades. A lexia *chicochoelo*, embora tenha ocorrido duas vezes (Tabela 1) na análise de produtividade, na análise de surgimento por localidade foi registrada apenas em um único local, no Mato Grosso do Sul, na cidade de Ponta Porã, área de grande proximidade com a região de fronteira com o Paraguai.

Na sequência, por meio do Gráfico 2, visualizam-se os dados documentados nas três capitais pertencentes à região Centro-Oeste. Em relação à análise das capitais dos três estados que compõem a região investigada, foram reunidas nove formas lexicais para nomear *o osso redondo do Joelho*, conforme exposto a seguir.

Gráfico 1 – Distribuição das formas lexicais nas capitais da região Centro-Oeste



Fonte: elaborado pela autora.

Com a análise das capitais de cada estado, percebe-se que *rótula do joelho* manteve a supremacia de distribuição, configurando-se como a mais produtiva também nas três capitais investigadas. É importante salientar que *rótula do joelho* ocorreu, em sua maioria, na fala de informantes universitários, de faixa etária II, estando presente, apenas, na fala de dois informantes da faixa etária I.

O item lexical *patela*, nomeação encontrada na área médica para tratar do osso, foi a segunda mais produtiva nas capitais, ocorrendo na fala de informantes universitários, de faixa etária II, fato que pode ser atribuído ao conhecimento de mundo dos informantes que residem em capitais.

Os demais itens com percentual inferior a 2% e reunidos foram *bola/bola do joelho*, *bolacha/bolacha do joelho*, *ruela do joelho* e outras denominações, *catraca*, *maçã do joelho* e *menina do joelho*.

Por meio do Quadro 4, a seguir, expõe-se a pesquisa lexicográfica das formas lexicais em estudo, organizadas segundo as obras lexicográficas consultadas.

**Quadro 4** – Dicionarização das designações para o *osso redondo frontal do joelho*

Obras Formas lexicais	Aulete e Valente (2021)	Houaiss e Villar (2011)	Pinto (1962)	Silva e Viana (2008)
Rótula	“Osso arredondado móvel localizado acima da articulação do fêmur com a tíbia; patela.”	“ANAT denominação substituída por patela.”	“Osso chato e triangular que se encontra na face anterior do joelho.”	Ver patela.
Bolacha/ bolacha do joelho	DOA	DOA	ND	ND
Batata do joelho	DOA	DOA	ND	ND
Bola/bola do joelho	DOA	DOA	ND	ND
Pataca/ pataca do joelho	“Antiga moeda de prata de valor correspondente a 320 réis.”	“Antiga moeda de prata.”	ND	ND
Rodela/ rodela do joelho	Pop. Anat. Patela.	DOA	ND	ND
Patela	“Osso curto, achatado e arredondado que se localiza na parte frontal do joelho e permite a flexão e a extensão da perna.” [Patela substituiu rótula na nova terminologia anatómica.]	“Osso, antes denominado rótula, localizado na parte anterior do joelho.”	Patela: rótula	Patela em anatomia, nome atual para rótula.
Ruela do joelho	DOA	DOA	ND	ND

Legenda:

DOA – dicionarizado com outra aceção

ND – não dicionarizado

Fonte: elaborado pela autora.

A pesquisa preliminar em dicionários mostrou que as formas lexicais *rótula/rótula do joelho* e *patela* encontram-se dicionarizadas em todas as obras consultadas, com significados parecidos. No que se refere à *rótula/rótula do joelho*, nota-se, também, que parece ser uma nomenclatura mais antiga, sendo substituída por *patela*, como pode ser observado a partir da pesquisa em dicionários. Nos estudos com o objetivo de investigar a variação,

constatou-se que a lexia *rótula* faz parte de um processo denominativo que surgiu há mais de 20 séculos no latim e refere-se a uma roda pequena. (FERREIRA, 1994) Os dicionários latinos registram, para tratar da *rótula*, o significado *roda pequena*. Embora não tenha ocorrido um processo metafórico, como em muitas designações, para tratar deste item, não se pode descartar que tenha existido um processo metafórico. (FERREIRA, 1994)

A forma lexical *bolacha/bolacha do joelho*, embora seja uma forma bastante recorrente na região investigada, não está dicionarizada com acepção para *rótula*, mas faz referência a “biscoito achatado, em forma de disco ou retangular, salgado ou com açúcar”. (AULETE; VALENTE, 2021) A nomeação *bolacha/bolacha do joelho* refere-se a um processo de metaforização, motivado pelo formato arredondado da bolacha e a forma redonda do joelho.

As lexias *batata/batata do joelho* e *bola/bola do joelho* encontram-se dicionarizadas com outra acepção. Com estas lexias, pode ter ocorrido o mesmo processo de metaforização. O item *roda/roda do joelho/rodela/rodela do joelho* também parece ser motivado pelo formato arredondado da roda e o formato do osso.

A *pataca/pataca do joelho/patacão/patacão do joelho*, segunda lexia mais produtiva, de acordo com a análise diatópica, remonta a uma “antiga moeda de prata de valor correspondente a 320 réis” e sua circulação em solo brasileiro iniciou na casa de moeda da Bahia, por volta de 1695. As moedas foram cunhadas com o objetivo de fortalecer o comércio na Bahia e possuíam diversos valores. Com este item, parece também ter havido um processo de metaforização, associando o formato redondo da moeda à forma arredondada do osso. Interessa também investigar quando a denominação *pataca/pataca do joelho/patacão/patacão do joelho*, que antes se referia a uma moeda, passou a nomear o osso redondo do joelho.

A *patela*, forma atual adotada pelos manuais de anatomia consultados, Pinto (1962) e Silva e Vianna (2008), ocorre de modo pouco recorrente na região analisada, embora seja, como dito, a forma atual utilizada pelos manuais de anatomia e dicionários de língua portuguesa. O item lexical *patela* esteve presente nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, nas capitais Cuiabá e Campo Grande, na fala de informantes pertencentes à faixa etária I, de nível universitário.

A lexia *ruela do joelho* espalha-se de maneira pouco expressiva nas localidades por hora investigadas, ocorrendo apenas em dois espaços geográficos distintos. Em análise inicial, a *ruela do joelho* pode ser associada com uma arruela, que de acordo com Aulete e Valente (2021), é “chapa metálica ger. circular com um furo no centro, que serve de base à porca para distribuir a pressão desta e evitar que desgaste a peça que está sendo aparafusada”. Observa-se, então, similarmente ao que ocorreu com outros itens lexicais, um processo de metaforização no qual se associa o formato do osso com a forma redonda do parafuso.

O item lexical *chicochoelo*, embora não figure no Quadro 2, ocorre apenas em uma localidade do Mato Grosso do Sul, na cidade de Ponta Porã, área fronteira com países hispânicos. Por meio das pesquisas lexicográficas empreendidas, o termo não se encontra dicionarizado. Em pesquisa realizada por Rocha (2008), na qual investigou os empréstimos lexicais do espanhol no sul do Brasil, verificou-se que a forma lexical *chicochoelo* aparece com o sentido de osso móvel da articulação do joelho do bovino.

Apresenta-se, a seguir, a cartografia dos dados encontrados na região Centro-Oeste.

## APRESENTANDO A CARTOGRAFIA

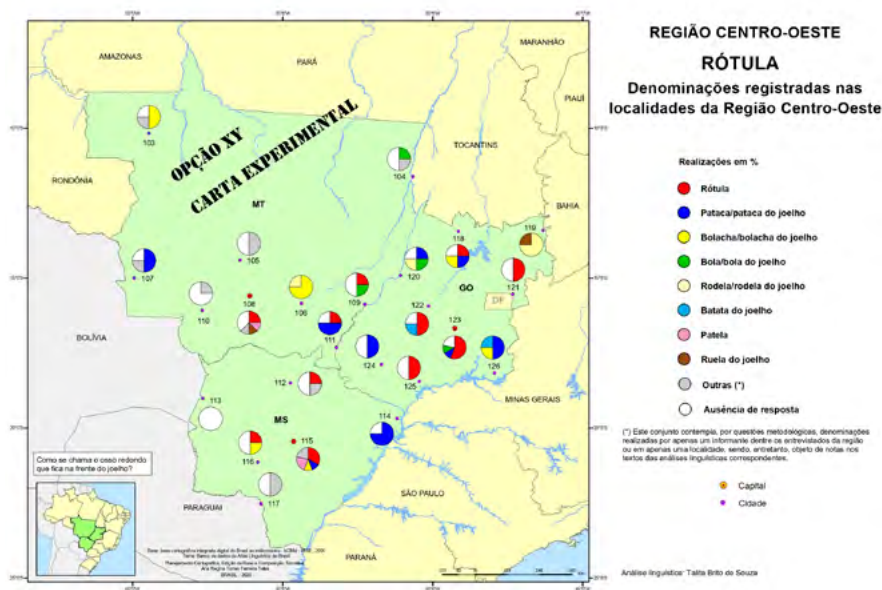
Analisar os dados sob o viés da diatopia constitui-se importante característica da pesquisa de natureza dialetal. A investigação do universo geográfico permite identificar o espalhamento das formas lexicais no espaço, bem como perceber a concentração das lexias em áreas distintas ou na mesma área.

Dessa forma, no que diz respeito à configuração diatópica, tem-se a seguinte realidade: *rótula do joelho* espalha-se por quase todo o território pesquisado, a região Centro-Oeste, excetuando-se na região noroeste do estado, atestada pela presença das lexias *bolacha do joelho*, *pataca do joelho* e outras denominações, como: *catuni*, *pompilha*, *maça do joelho*, *menina do joelho*, *catraca* e *placa do joelho*.

A análise da carta experimental não permite que seja afirmado que haja alguma realidade dialetal perceptível. Convém destacar que a lexia *batata do joelho* ocorreu apenas em Goiás. Os estudos com os dados dos demais

estados e regiões do país podem revelar traços de continuidade lexical de *batata/batata do Joelho* para Minas Gerais, Bahia ou São Paulo.

Figura 1 – Carta experimental no Centro-Oeste



Fonte: elaborada pela autora.<sup>2</sup>

## ALGUMAS CONCLUSÕES

Este trabalho analisou dados lexicais que fazem parte do *corpus* do Projeto ALiB e fornecerá um indício do falar da região investigada. Assim, ao analisar a região Centro-Oeste, pôde-se observar que os falantes atribuíram denominações para *o osso redondo que se localiza na frente do joelho* a partir

2 A cartografia experimental foi feita por Ana Regina Souza Teles (em memória), doutora em Língua e Cultura, professora da escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e integrante da Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB, para a dissertação de mestrado de Talita Brito de Souza. A princípio, foram criadas três cartas experimentais com os dados aqui expostos. Tais cartas foram etiquetadas como opção Y, opção X e opção XY. Por fim, a opção XY foi escolhida para representar as designações para a *rótula do joelho* na região Centro-Oeste.



do seu conhecimento de mundo, da realidade em que estão inseridos, evidenciando semelhanças e individualidades que fazem parte das pesquisas linguísticas.

Os dados recolhidos permitem identificar a produtividade das pesquisas em léxico, uma vez que revelam o conhecimento de mundo dos indivíduos, bem como revelam aspectos da realidade que os cercam. Dessa forma, estudar o léxico de uma comunidade possibilita compreender as particularidades dos indivíduos e do meio no qual estão inseridos, fato que pode ser observado a partir das escolhas linguísticas que permeiam a realidade sociocultural de cada sujeito.

As respostas para a questão 117 do QSL, *como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho?* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 30), apresentaram 19 formas lexicais diferentes. As formas encontradas, em sua maioria, fazem parte de um processo de metáforização associado ao formato redondo do osso. Foram encontradas também um número expressivo de não respostas, 37 ocorrências. Destas, figuram sete casos de joelho, agrupadas como não respostas pelo motivo de a palavra *joelho* constar na formulação da pergunta e se buscar “uma parte do joelho” e não o joelho “completo”. Sobre a forma *joelho*, esta pode ser explicada também pelo desconhecimento do falante de um nome específico, ou por não haver um nome específico no território investigado. Todos os casos de *joelho* foram falados por informantes de faixa etária I (18 a 30 anos), fator que indica que os informantes jovens podem não conhecer a anatomia e a nomeação para o osso.

As formas lexicais *pompilha*, *maçã do joelho*, *catuni*, *placa do joelho*, *menina do joelho* e *catraca* foram agrupadas no conjunto de *outras denominações*, uma vez que possuem ocorrência única. Também foram, por hora, agrupadas nesse rótulo as lexias *menisco*, *cabeça do joelho*, *junta/junta do joelho* e *tampa do joelho*, uma vez que ocorrem uma única vez na região investigada, mas ocorrem também em outros espaços geográficos que serão apresentados ao final da dissertação de mestrado que se encontra em andamento. *Maçã do joelho* e *placa do joelho* também podem caracterizar-se como originadas de um processo de metáfora estabelecido por meio dos formatos arredondados da fruta maçã e de uma placa, com a forma arredondada do osso. As lexias *pompilha* e *catuni* não se encontram dicionarizadas nas obras pesquisadas. No entanto serão alvo de análises mais detalhadas

posteriormente. É válido salientar que a forma lexical *catuni* também foi documentada por Oliveira (2007) no *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*.

Por fim, é importante salientar que o léxico é o nível de análise que melhor reflete os aspectos sociais e culturais de uma área geográfica. Detecta-se que, a partir da escolha lexical do falante, é possível observar aspectos que condicionam a criação e manutenção do repertório lexical do indivíduo. Dessa forma, investigar as escolhas linguísticas dos falantes, bem como examiná-las, é condição relevante para as pesquisas lexicais, tendo em vista que as particularidades encontradas podem denunciar aspectos sócio-históricos e regionais.

# **A FAUNA NO VOCABULÁRIO DIALETAL BAIANO**

## **UMA PERSPECTIVA LEXICOGRÁFICO- -VARIACIONAL E LEXICULTURAL<sup>1</sup>**

ISAMAR NEIVA

### **ANTELÓQUIO**

Este trabalho é fruto da tese de doutoramento intitulada *Vocabulário dialetal baiano*,<sup>2</sup> também produzida pela autora deste texto, desenvolvida conforme critérios, metodologia e *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB),<sup>3</sup> concernente a 22 localidades da Bahia (capital e cidades do interior). A tese consta de dois volumes - um com enfoque teórico-metodológico e descritivo, com análise dos dados em perspectiva lexicológica, e o

- 1 À professora Silvana Ribeiro, um espelho de didática e elegância para quem desejar aprender, como forma de gratidão pelo apoio e carinho de sempre em toda a minha trajetória acadêmica.
- 2 A tese foi defendida em 2017 e desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
- 3 Projeto de cunho nacional que visa ao mapeamento de fenômenos linguísticos da língua portuguesa no território brasileiro. As pesquisas de campo e coleta de dados foram encerradas em 2013. Em 2014, foram publicados os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil.

outro de caráter lexicográfico, com a elaboração dos verbetes, cujas entradas correspondem às lexias documentadas, dispostos em fascículos temáticos concernentes às áreas temáticas do referido projeto – e integra, como primeiro trabalho e projeto-piloto, o conjunto de trabalhos cujos dados, oportunamente, constituirão o Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB).<sup>4</sup>

No momento da elaboração da tese, tinha-se como objetivo a proposição de bases teórico-metodológicas para construção do referido vocabulário. Por isso, algumas discussões, como a proposta presente, embora tenham sido sinalizadas como futuros trabalhos possíveis, não foram incluídas àquela pesquisa. Assim sendo, considerando ser bastante oportuna, ei-la aqui, como resultado de uma ideia decorrente da Conferência *Toutes les couleurs du bleu* (Todas as cores do azul),<sup>5</sup> ministrada pela professora Annie Mollard-Desfour,<sup>6</sup> da qual participou a autora deste texto, por ocasião do seu estágio-doutoral na Université Paris 13, atual Université Sorbonne Paris Nord.

Segundo Mollard-Desfour (2011, p. 95, tradução nossa), as

[...] denominações cromáticas referenciais são dadas por analogia com referências materiais, concretas, extremamente diversas (desde a natureza, animais, corpo humano, produtos manufaturados, matérias de coloração ou obras artísticas, funções, profissões ou grupos sociais caracterizados pelo uso de uma determinada cor de vestuário, a nomes de marcas, ou crenças religiosas ou populares; por vezes, as denominações das cores são oriundas de uma analogia com referentes ‘abstratos’, por correspondência entre uma cor e uma ideia, sem haver uma

4 O Projeto Dicionário Dialectal Brasileiro (Projeto DDB) desenvolve-se junto ao Projeto ALiB, com vistas ao desenvolvimento de um dicionário que possa assegurar a difusão mais ampla do conhecimento da realidade linguística brasileira, no âmbito dos estudos lexicográficos.

5 A conferência foi realizada por ocasião da exposição *Sacrebleu: le bleu dans les arts du Moyen Âge à nos jours* (O azul nas artes da Idade Média até os dias de hoje), realizada no Musée des Beaux Arts d'Arras.

6 Autora de uma coleção de trabalhos sobre as cores nas expressões idiomáticas em francês. Atualmente, é professora aposentada do centro de pesquisa, o antigo laboratório *Lexiques, dictionnaires, informatique* - LDI (Léxico, Dicionários, Informática), atual laboratório *Textes, théories, numériques* - TTN (Textos, Teorias, Digital), na Université Sorbonne Paris Nord.

ligação clara com uma cor real (azul sonho, vermelho paixão, rosa inocência, preto desespero etc.).<sup>7</sup>

Ou seja, as denominações baseiam-se em analogias cujas referências podem expressar uma relação evidente com a cor, como ocorre em *Les Bleus* (Os Azuis), em referência à equipe francesa de futebol, ou em analogias que não mais possuem relação com a cor, como em *carte bleue* (cartão azul) para cartão de crédito, dentre outras tantas expressões.

Para além de “todas as cores do azul”, ao evidenciar que o universo cromático e suas nuances fazem parte do vocabulário básico da língua francesa, nos mais variados usos e expressões, e, por conseguinte, ao perceber-se num ambiente léxico-cromático tão vasto, a comparação com o português brasileiro foi e é inevitável. Dentre expressões com cores no português brasileiro, é possível registrar “estar azul (ou verde) de fome”, “vermelho (ou roxo) de raiva”, “amarelar” para desistir etc.

No entanto, ao evidenciar que a quantidade de expressões com nomes de cores, bem como de estudos sobre o tema, não são tão expressivos no Brasil, dispo de dados e de um conhecimento prévio sobre lexicultura, passou-se ao questionamento: no Brasil, mais especificamente na Bahia, a que os indivíduos mais recorrem?

Observando os dados coletados para a elaboração do *Vocabulário dialetal baiano* (NEIVA, 2017), foi possível perceber que na Bahia, registram-se: i) lexias com nome de pessoas, como em *Maria escambona* para ‘cambalhota’, *João de barro* para ‘ave que faz a casa com terra’, *Maria do leite* para ‘tagarela’; ii) lexias com corpo humano, como *olho d’água* para ‘redemoinho’, *umbigo* e *coração* para ‘parte terminal da inflorescência da bananeira’; iii) lexias

7 “[...] ces dénominations chromatiques référentielles sont données par analogie avec des référents matériels, concrets, extrêmement divers (de la nature, aux animaux, au corps humain, aux produits fabriqués, aux matières colorantes ou œuvres artistiques, aux fonctions, métiers ou groupes sociaux caractérisés par le port d’une couleur particulière de vêtements, jusqu’aux noms de marques, ou aux croyances religieuses, populaires); parfois, les dénominations de couleur sont issues d’une analogie avec des référents « abstraits », par correspondance entre une couleur et une idée, sans qu’il existe un lien manifeste avec une couleur réelle (bleu rêve, rouge passion, rose innocence, noir désespoir, etc.)”. No tocante à tradução dos exemplos que correspondem à analogia feita com referentes “abstratos”, é importante ressaltar que, como se percebe, em português, não são reconhecidos por não fazerem parte do imaginário nem vocabulário básico desta língua, no entanto, são bastante expressivos na língua francesa.

com nomes de animais, como *mão de vaca* para ‘avarento’, *papagaio* para ‘tagarela’, dentre outras, as quais, como se verá neste texto, evidenciam-se como uso recorrente no e do cotidiano, para designar alimentos, jogos e brincadeiras, comportamento sociais, ciclos da vida.

Assim, os resultados e algumas respostas são apresentadas neste texto que se propõe a i) mostrar como a fauna brasileira tem influenciado e/ou se refletido no léxico, notadamente através da apropriação de designações de animais no uso de lexias, de frases e de possíveis culturemas; e ii) discutir, de forma propositiva, a inserção de tais usos em perspectiva lexicográfica, a partir de amostras de verbetes que compõem o *Vocabulário dialetal baiano*. (NEIVA, 2017)

## **À PROCURA DAS PALAVRAS: CATALOGANDO O LÉXICO RELACIONADO À FAUNA NOS DADOS DO PROJETO ALIB**

É bem verdade que o questionamento sobre as formas de representar e de significar as coisas e a realidade sempre se fizeram presentes na história da humanidade. Aliás, é válido ressaltar que foi “através da linguagem que o processo civilizatório se desenvolveu, pela simples transmissão de tudo o que foi aprendido de geração para geração, cumulativamente”. (FERNANDES, 2011, p. 161) Nesse sentido, o potencial nomeador das palavras, em geral, como princípio, se equivale ao caráter de representação, de significação e de resignificação.

Conforme o relato bíblico<sup>8</sup> descrito em Gênesis (2,19-20), após a criação, toda a biodiversidade, incluindo especificamente os animais, foi nomeada por Adão, o primeiro homem. (BÍBLIA SAGRADA, 2000) Atualmente, conforme o Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil (CTFB) – ferramenta *online* com enfoque acadêmico que dispõe de uma área destinada à consulta pública como resultado do esforço conjunto dos ministérios do Meio Ambiente (MMA) e da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) –, são conhecidas no Brasil 119.476 espécies válidas de animais.

8 “Depois que formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, o Senhor Deus os trouxe ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome. Assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens”. (Gênesis 2,19-20)

Sob as perspectivas do significado e da resignificação, com o passar do tempo, o próprio homem tem se valido de designações dadas aos animais para expressar comportamentos sociais, partes do corpo humano, situações do cotidiano etc.

E, além das descobertas e criação de novos nomes, a fauna brasileira conta com nomes em variação – técnicos e populares – de uma mesma espécie, de modo a, assim, ser possível correlacionar a biodiversidade à diversidade linguística. Afinal, tudo que faz parte da vida dos seres humanos tem um nome, em alguns casos, diversos nomes, de modo que, consoante “a língua, conforme a época ou grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra”. (BAKHTIN, 2006, p. 150)

De acordo com Cardoso (2010, p. 15), cabe à dialetologia a tarefa de “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” e, a partir do método da geolinguística, além da descrição e mapeamento da variação, manifestar um aspecto essencial das relações entre vida social e cultural do homem em seu ambiente natural.

Para além de configurar-se, ao lado da constituição da rede de pontos – constituída de 250 localidades do território brasileiro – e dos critérios de seleção de informantes – levando em consideração aspectos sociais como faixa etária, escolaridade e sexo –, elemento essencial do tripé metodológico da geolinguística, o Questionário ALiB 2001 (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), usado nas pesquisas de campo para coleta de dados que constituem, hoje, os primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil,<sup>9</sup> reflete as relações do homem com a cultura, a sociedade, o ambiente, a natureza, a biodiversidade.

O já mencionado questionário é constituído de perguntas que visam a diferentes possibilidades de análises: fonético-fonológica, prosódica, semântico-lexical, morfossintática e discursiva. O Questionário Semântico-Lexical (QSL) – com o qual trabalha efetivamente esta pesquisa – consta de 14 áreas temáticas – Acidentes geográficos; Fenômenos atmosféricos; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Fauna; Corpo humano; Ciclos da vida; Convívio e

---

9 Outros volumes estão em fase de elaboração.

comportamento social; Religião e crenças; Jogos e diversões infantis; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário e acessórios; e Vida urbana –, as quais podem ser intercambiáveis.

A área temática Fauna do QSL-ALiB constitui-se de 26 questões, das quais se podem obter designações para aves, mamíferos terrestres e insetos ou invertebrados, bem como designações às partes do corpo dos animais, as quais, inclusive, podem ser comparadas com partes do corpo humano, de modo a refletir se o léxico utilizado é diferente se considerados os traços [+humano] e [-humano]. Aqui, apresentam-se, apenas, as respostas das questões que se referem a nomes de animais.

Muito embora não seja o objeto de estudo<sup>10</sup> de cunho lexical, considerando que no Questionário Fonético-Fonológico (QFF) também constam questões cujas respostas correspondem a animais, estas também foram selecionadas. Assim sendo, do total de 23 questões que sinalizam os referentes, foram obtidas 96 lexias distintas, em variação.

**Quadro 1 – Lexias que designam animais**

Microárea temática	Tipo de Questionário ALiB e questão	Lexias documentadas
AVES	QSL 64 (fauna) – ‘ave preta que come animal morto, podre’	<i>urubu, uruvango, corvo, carniceiro</i>
	QSL 65 (fauna) – ‘passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar’	<i>beija-flor, bizunga, colibri</i>
	QSL 66 (fauna) – ‘ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa’	<i>joão de barro, maria de barro, maria pobre</i>
	QSL 67 (fauna) – ‘ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas’	<i>cocar, guiné, saqué, cocó, conquém, galinha d’água, galinha d’angola, galinha pedrez, perdiz, pintado, sariema, tô fraco</i>
	QSL 68 (fauna) – ‘ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar’	<i>papagaio, louro, periquito, arara, minha rosa</i>
PEIXES	QFF 50 – ‘o que se pesca nos rios, no mar’	<i>peixe</i>

continua...

10 Na tese, apenas foram utilizadas as questões constantes do questionário semântico-lexical do Questionário ALiB 2001.



Microárea temática	Tipo de Questionário ALiB e questão	Lexias documentadas
MAMÍFEROS	QFF 42 – ‘animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para outro’	<i>cavalo</i>
	QFF 48 – ‘bichinho que o gato caça’	<i>rato</i>
	QFF 49 – ‘animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba’	<i>elefante</i>
	QSL 59 (atividades agropastoris) – ‘cria da ovelha logo que nasce’	<i>borrego</i>
	QSL 69 (fauna) – ‘galinha sem rabo’	<i>suruca, sura, cotó, galinha lambu, nambu, pasura, polaca, sem rabo, toco</i>
	QSL 70 (fauna) – ‘cachorro de rabo cortado’	<i>cotó, cotoco, cotozinho, toco, toquinho, pitoco, surengo, suru, suruco, tosado</i>
	QSL 71 (fauna) – ‘bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado’	<i>gambá, saruê, sariguê</i>
	QSL 78 (fauna) – ‘boi sem chifre’	<i>mocho, aleijado, capado, boi sem ponta, boi sem crifre, suru, surungo, suruco, garrote</i>
	QSL 79 (fauna) – ‘cabra que não tem chifre’	<i>cabra mocha, sem chifre, aleijada, suru</i>
INSETOS	QFF 44 – ‘inseto que carrega o pólen das flores, vive em colmeias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio’	<i>abelha</i>
	QFF 46 – ‘bichinho que voa e tem asas bonitas e coloridas’	<i>borboleta</i>
	QSL 80 (fauna) – ‘tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa’	<i>mosca varejeira, mosca azul, mosca de berne, mosca de bicho, mosca do cavalo</i>
	QSL 81 (fauna) – ‘bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego, riacho’	<i>sanguessuga, maribá, mazá, mutuca, lesma</i>
	QSL 85 (fauna) – ‘inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?’	<i>lava bunda, cambito, cavalinho, lava cu, lavadeira, louva-deus, zigue-zigue, cavalo do cão</i>
	QSL 86 (fauna) – ‘bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco’	<i>morotó, bicho da goiaba, bicho, lagarta</i>
	QSL 87 (fauna) – ‘bicho que dá em esterco, em pau podre’	<i>morotó, bicho</i>
	QSL 88 (fauna) – ‘inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas’	<i>muriçoca, permilongo, mosquito</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Considerando a biodiversidade e a diversidade sociolinguística e cultural do e no Brasil, foram avistados, nesta pesquisa, itens lexicais usados, prototipicamente, para designar animais bem como lexias documentadas em outras áreas do QSL-ALiB, as quais, por extensão de sentido, passam a significar outros referentes. Para melhor apreciação dos resultados, tornou-se relevante estabelecer correlações entre as áreas temáticas do ALiB, como mostra o Quadro 2, a seguir:

**Quadro 2** – Lexias com nomes animais que designam referentes<sup>11</sup> distintos

Área temática	Questão - referente	Lexias com nomes de animais
Fenômenos atmosféricos	QSL 17 – ‘faixa com listras coloridas e curvas que, quase sempre, aparece no céu, depois da chuva; arco-íris’	<i>olho de boi</i>
Fauna	QSL 85 – ‘inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água; libélula’	<i>cavalinho, cavalo do cão</i>
Convívio e comportamentos sociais	QSL 136 – ‘pessoa que fala demais; tagarela’	<i>papagaio, fala igual a um papagaio, fala que nem papagaio, papagaio de marinho</i>
	QSL 137 – ‘pessoa pouco inteligente ou que tem dificuldade de aprender as coisas; burro’	<i>besta, burro(a), burrinho, jumento</i>
	QSL 138 – ‘pessoa que não gosta de gastar dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar; sovina, avarento’	<i>mão de vaca, não dá água a pinto</i>
	QSL 141 – ‘o marido que a mulher passa para trás com outro homem; marido traído, corno’	<i>chifrudo, chapéu de bode, gaiudo, corno, bode, boi, boinho</i>
	QSL 142 – ‘a mulher que se vende para qualquer homem; prostituta’	<i>galinha, mulé vira-lata, mulé galinha, cachorra, piranha</i>
Corpo humano	QSL 97 – ‘os dois dentes pontudos; dentes caninos, presas’	<i>dente canino</i>
	QSL 109 – ‘mau cheiro nas axilas; cheiro nas axilas’	<i>cheiro de macaco, fedor de bode, cheiro de bode</i>

continua...

11 Com vistas a propiciar ao leitor um rápido entendimento acerca do referente, apresentam-se, aqui, além da pergunta, possíveis respostas constantes do Questionário ALiB e/ou as mais frequentes nos dados analisados.

Área temática	Questão – referente	Lexias com nomes de animais
Ciclos da vida	QSL 121 – ‘sangue que as mulheres perdem todos os meses; menstruação’	<i>boi, o boi desceu</i>
	QSL 122 – ‘quando, numa certa idade, a mulher para de menstruar; entrar na menopausa’ <sup>12</sup>	<i>terminar o boi</i>
Religião e crenças	QSL 147 – ‘Deus está no céu e no inferno está ____?; diabo’	<i>cão, colchão de galinha-choca, bicho, bicho ruim, bicho de rabo, rabudo</i>
	QSL 148 – ‘o que as pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo; fantasma’	<i>lobisomem</i>
	QSL 150 – ‘objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males; amuleto’	<i>den’de [dente de] coelho</i>
Jogos	QSL 158 – ‘brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha; pipa’	<i>arara, periquito(inho)</i>
	QSL 159 – ‘brinquedo feito de papel, sem varetas, que se empina no vento por meio de uma linha; pipa ou arraia’	<i>papagaio, periquito(inho), peixe</i>
	QSL 161 – ‘brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras; cabra-cega’	<i>cabra-cega cobra(inha)-cega</i>
	QSL 164 – ‘brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo para aquela que deixou cair; chicotinho queimado; lenço atrás’	<i>camaleão, gaivota</i>
	QSL 167 – ‘brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só; amarelinha’	<i>macaco(ão), macaquinho, pular macaco, pular sapo</i>
Alimentação	QSL 181 – ‘alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela; mungunzá’	<i>chá de burro</i>
	QSL 182 – ‘bebida alcóolica feita de cana-de-açúcar; aguardente, cachaça’	<i>jacaré</i>
	QSL 184 – ‘pessoa que normalmente come demais; glutão, guloso’	<i>lião [leão]</i>

Fonte: elaborado pela autora.

12 Optou-se, com vistas à clareza, por adaptar a formulação da pergunta. A questão *ipsis litteris* é: “Numa certa idade acaba a menstruação (termo genérico). Quando isso acontece, se diz que a mulher \_\_\_\_\_”. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 31)

Como se percebe, foram encontradas designações com nomes de animais em oito das 14 áreas temáticas do QSL-ALiB, das tais se destacam as áreas Convívio e Comportamento Social e Jogos e Brincadeiras Infantis.

A partir desses dados, além da perspectiva dialetológica e sociolinguística é possível realizar estudos lexicológicos e ou lexicográficos, como muito se faz, aliás, como contributo social para o conhecimento da realidade linguística brasileira. Entretanto, para Robert Galisson (1987), faz-se necessário expandir o conceito de estudo lexical, de semântica e da abordagem morfológica de modo a, enfim, dar conta do entendimento de algumas construções e de sentidos que possam ter em determinados contextos e, por conseguinte, da aprendizagem mais acurada do vocabulário.

Por isso, diante do cenário<sup>13</sup> histórico e sociocultural da França, em 1987, o autor relacionou as principais marcas francesas que influenciam a língua e cultura e, *a posteriori*, cunhou o neologismo terminológico e o conceito de lexicultura.

Atualmente, essa disciplina, mais amplamente divulgada pelo autor supracitado, admite que algumas lexias são mais mobilizadas pela sua “carga cultural compartilhada” (CCC) – valor acrescentado ao sentido referencial da lexia, que é conhecido e compartilhado entre os membros pertencentes a uma cultura e constitui fator de aproximação e de reconhecimento mútuo – do que pelo seu significado.

Sob mesma perspectiva, Mollard-Desfour (2011, p. 104) admite que as lexias com CCC são as

palavras que transmitem a cultura particular de sociedade, seus costumes, crenças e que são portadores de códigos culturais lexicalizados compartilhados por uma grande parte ou a

---

13 O cenário se caracteriza como um momento em que o tema da identidade motivou um intenso debate na sociedade francesa, marcada por dois conflitos devastadores: i) a queda de um extenso império colonial, momentos de forte instabilidade social e política, e ii) a perda do estatuto de grande potência, pelo menos nos termos em que o era em 1900. Apesar de múltiplas tribulações, a França tornou-se portadora de um colossal legado histórico e cultural, de modo que, nas mais diversas áreas, o país foi palco de movimentos importantes, tendo gerado figuras de relevo que ficarão para sempre associadas à história, dentre as quais, pode-se destacar, aqui, o surgimento da lexicultura.

totalidade de uma comunidade no mesmo período e no mesmo local geográfico.<sup>14</sup>

Os fenômenos lexiculturais – os que designam os elementos de cultura presentes no léxico, quer no subsistema da língua corrente, quer nos subsistemas das línguas de especialidade –, estão presentes nas macro e microestruturas do dicionário de especialidade, instrumento indispensável aos especialistas das diferentes áreas do conhecimento, aos tradutores e ao ensino-aprendizagem da língua materna e das línguas estrangeiras para fins específicos.

Assim, a lexicultura tem, hoje, maior visibilidade no âmbito dos estudos de língua estrangeira, na confecção de dicionários bilíngues, no ensino de língua para estrangeiros. No entanto, se se considera a diversidade socio-cultural da realidade linguística brasileira e o caráter pragmático no uso das lexias, é possível admitir que a perspectiva lexicultural se aplique não somente ao âmbito dos estudos em língua estrangeira, mas também ao estudo de língua materna. Diversos trabalhos têm sido feitos nessa perspectiva, dentre os quais se podem citar os de Molina (2001) e de Giracca (2013).

No âmbito da lexicografia no Brasil, muito embora ainda se persista a política normatizadora impositora e cerceadora de usos linguísticos, a sensatez tão almejada vem ganhando adeptos, os quais já há muito se preocupavam em garantir a legitimação dos usos linguísticos, como é a proposta da lexicografia variacional, usada na construção do DDB.

Diante do exposto, com vistas a correlacionar a lexicultura aos estudos dialetais e à lexicografia variacional, apresentam-se, a seguir: uma análise lexicultural das formas documentadas e, em seguida, uma proposta de como inserir a lexicultura à lexicografia variacional, a partir da metodologia adotada para a construção do *Vocabulário dialetal baiano*. (NEIVA, 2017)

---

14 “[...] de mots quivéhiculent tout particulièrement la culture d’une société, ses coutumes, ses croyances, et qui sont porteurs de codes culturels lexicalisés, partagés par une grande partie ou par l’ensemble d’une communauté, d’une même époque et d’un même lieu géographique”.

## “PALAVRA POR PALAVRA”: ANÁLISE LEXICULTURAL DAS LEXIAS DOCUMENTADAS

Os outros dois, que o Capitão teve nas naus, a que deu o que já disse, nunca mais aqui apareceram – do que tiro *ser gente bestial, de pouco saber e por isso são assim esquivos*. Eles porém contudo andam muito bem curados e muito limpos. E naquilo *me parece ainda mais que são como aves ou alimárias montesas*, às quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas. Porque os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão formosos, que não pode mais ser. (CAMINHA, 2015, p. 34-35, grifo nosso)

Não obstante a indignação que esse trecho da carta de Pero Vaz de Caminha cause a quase todos, sobretudo pela superioridade com que o autor trata os índios nativos da então terra de Pindorama, conforme constam os dados desta pesquisa, não raro se vê a utilização pejorativa de expressões com nomes de animais, especificamente, os classificados como gado e como aves, para comportamentos sociais/humanos.

Aliás, o próprio termo *gado*, quando empregado em referência a humanos, tem cunho pejorativo e tem sido comumente usado no contexto da política atual no Brasil em referência ao grupo que defende a extrema direita.

Conforme Riva (2012, p. 323), “as inúmeras metáforas com nomes de animais para analogias metafóricas aos seres humanos, seja de forma pejorativa ou não” são considerados culturemas brasileiros.

Sob essa perspectiva, no tocante aos comportamentos sociais, esta pesquisa registrou designações com nome de animais cujo emprego se estabelece de forma pejorativa – *galinha, piranha, mulé vira-lata, mulé galinha, cachorra* para prostituta e *burro, jumento, besta* para ‘pessoa pouco inteligente’ –, bem como metáforas de uso informal que não se configuram ofensivas ou depreciativas, segundo o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2009), versão eletrônica, a exemplo de *mão de vaca e não dá água a pinto* para ‘avarento’ e de *papagaio* para ‘tagarela’.

É válido ressaltar que a lexia *galinha*, cuja acepção esteja relacionada à quantidade de parceiros sexuais, tem conotação pejorativa pelo traço de promiscuidade, se e apenas se usada em referência à mulher. Em contrapartida,

quando usada em referência aos homens, é não pejorativa e tem o traço positivo de virilidade, característica peculiar ao imaginário de masculinidade. Sob o prisma lexicultural, admite-se, pois, que esse fato linguístico reflète o inadmissível pensamento machista e sexista intrínseco à cultura brasileira.

Para além do uso pejorativo empregado à mulher, *galinha* aparece, no *corpus* analisado, na expressão fraseológica *colchão de galinha choca*, forma documentada na Bahia para ‘diabo’. E por falar no *lá ele* – uma das variantes para *diabo*, muito comum na Bahia –, dentre as muitas lexias registradas, a maioria como forma de tabuísmo, destacam-se as designações relacionadas a animais: *cão*, *bicho*, *bicho ruim*, *bicho de rabo*, *rabudo*, *colchão de galinha choca*. *Cão* é uma forma bastante produtiva nas localidades pesquisadas.

No tocante à área Religião e crenças, nota-se que essas diversas variantes para *diabo* são usadas como estratégia de esquiva, haja vista ser este um vocábulo que se caracteriza como tabu linguístico. Oportunamente, é válido ressaltar que as definições de tabu, geralmente, relacionam ao caráter sagrado e de pronúncia proibida por “ferir o pudor, a moral, os costumes”. Nesse sentido, o poema “Certas palavras”, de Carlos Drummond de Andrade (1988, p. 554), parece ser bastante elucidativo, sobretudo por mostrar que:

[...]

Entretanto são palavras simples:  
definem partes do corpo, movimentos, atos  
do viver que só os grandes se permitem  
e a nós é defendido por sentença  
dos séculos.  
E tudo proibido. Então, falamos.

(ANDRADE, 1988, p. 554)

No tocante às designações construídas com base em animais, pode-se observar que, assim como no supracitado poema drummondiano, os usos linguísticos que se configuram tabus estão relacionados ao corpo humano, ciclos da vida e à religião.

O *boi* foi encontrado em Ciclos da vida para expressar ‘menstruação’ através das lexias *boi*, *o boi desceu*, bem como também para expressar ‘menopausa’ com o frasema *terminar o boi*. Embora, conforme constam os

dados da pesquisa, seja uma expressão conhecida por indivíduos jovens e mais velhos, mulheres e homens e, portanto, de uso não determinado pelas variáveis faixa etária e sexo, *boi* para ‘menstruação’ é uma forma estigmatizada por alguns que consideram ser usada por indivíduos sem instrução, de pouco estudo.

Aliás, o estudo das designações para menstruação tem sido bastante recorrente, sobretudo dentre os que tratam acerca de tabuísmo. Notam-se estratégias multivariadas que podem ser consideradas como esquiva. Muitos desses usos se configuram como eufemismos, como, por exemplo, ocorre com *amiguinha* e *visitante*. Em contrapartida, outros se revelam estigmatizantes e estigmatizadores.

Viu-se *boi* também sendo empregado nos comportamentos sociais como variante de ‘homem traído’, bem como em fenômenos atmosféricos, como em *olho de boi* para ‘arco-íris’.

É importante ressaltar que a lexia *olho de boi* como variante de arco-íris é também documentada na França – *œil de bœuf* –, conforme constam os dados do *Atlas Linguarum Europae* – ALE (Carta I.9) e identificada por Alinei (1983, p. 30) como “uma visão totêmica da realidade”, ao que se pode chamar de zoomorfismo.

Assim, é possível considerar que as construções lexicais com motivação na fauna podem ser intercambiáveis entre idiomas, alguns inclusive constituem culturemas universais, conforme Riva (2012, p. 325).

Além do arco-íris, a natureza e a própria fauna contam com o uso de lexias com nomes de animais também para designar outros animais/referentes distintos, como ocorre com *cavalinho*, *cavalinho de deus*, *cavalinho de judeu* e *cavalo do cão* para ‘libélula’. Com esse dado, pode-se perceber que a fauna brasileira tem influenciado o léxico tanto no que tange à utilização de termos pejorativos ou que refletem tabuísmo como também no que concerne à própria fauna e aos fenômenos naturais. De igual modo, as lexias com nomes de animais estão presentes, ainda, na alimentação e nos jogos e brincadeiras infantis e outras metáforas relacionadas ao corpo humano.

No âmbito da Alimentação, a pesquisa documentou lexias como *lião* (leão) para ‘glutão’ ou ‘guloso’; *chá de burro* para ‘mugunzá’; e *jacaré* para ‘cachaça’. Embora seja ocorrência única, *jacaré* se destaca por duas relevantes informações correlatas: o dado se refere à fábrica de aguardente



muito comumente vendida, em Salvador, entre os anos 1930 e 1970 e é recuperado por uma informante idosa de Salvador. Tem-se, pois, aqui, um exemplo de lexia formada por metonímia - em que se marca Jacaré pelo produto 'aguardente' - com valor diacrônico, que, por conseguinte, representa um momento da história e da cultura local.

No tocante às metáforas para Corpo humano, percebem-se analogias relacionadas aos sentidos, no caso, o olfato, como *cheiro de macaco* ou *cheiro de bode* para o 'mau cheiro das axilas' ou relativas à aparência física, como *dente canino* para 'presas' ou 'cúspides'. Sobre esta, é válido ressaltar que até mesmo manuais de anatomia dental valem-se, atualmente, da lexia *dente canino*, de modo que o termo *cúspide* tornou-se de conhecimento e uso específico, apenas entre dentistas.

Dentre as designações com motivação na fauna brasileira, *papagaio* se destaca pela relação semântica com outros referentes. Para além de designar a 'ave que pode aprender a falar', *papagaio* é uma resposta dada ao brinquedo e também é usado para designar 'a pessoa que fala demais'.

Como brinquedo, *papagaio* é usado em Caetité, Caravelas, Euclides da Cunha, Juazeiro, Santana, Santo Amaro, Seabra e Vitória da Conquista. Dentre tais localidades, é possível dizer que se caracteriza como um uso da mesorregião centro-sul da Bahia.

Outros brinquedos e brincadeiras também compõem o quadro de lexias com nomes de animais, a saber: i) *peixe, periquito(inho)* para 'pipa' (sem vareta); ii) *pular sapo, macaco, macacão, macaquinho, pular macaco*, para 'amarelinha'; iii) *cabra-cega* e a variante *cobra-cega*; e iv) *camaleão* e *gaiivota* para 'chicotinho queimado'.

Dispondo dos dados, discute-se, na seção a seguir, de forma propositiva, a inserção dessas lexias que se caracterizam pela presença de designações de animais em perspectiva lexicográfica, a partir de amostras de verbetes que compõem o *Vocabulário dialetal baiano*. (NEIVA, 2017)

## DISCUTINDO A FAUNA NO VOCABULÁRIO DIALETAL BAIANO

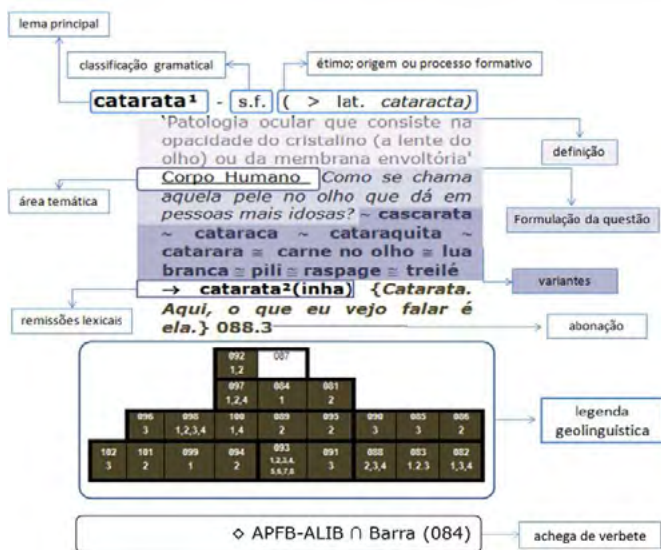
Antes da discussão, é preciso notar que *Vocabulário dialetal baiano* (NEIVA, 2017) constitui-se de 1938 verbetes e obedece às bases metodológicas do DDB, cuja macroestrutura - design estrutural da obra ou o projeto

lexicográfico – objetiva permitir que o consulente, especializado ou leigo em linguística, reconheça, imediatamente, a variação lexical.

A nomenclatura – conjunto de verbetes – compõe-se de todas as variantes lexicais registradas com entrada em ordem estritamente alfabética e se estrutura de itens tipográficos e não tipográficos. A microestrutura adotada para verbetes plenos é constituída, pois, de oito itens obrigatórios – entrada do lema principal; classificação gramatical; registro etimológico ou de processo formativo; definição; área temática do QSL; as variantes que podem se constituir como lemas secundários e (ou) múltiplos e variantes vocabulares; a abonação; e a legenda geolinguística – e três itens opcionais: as remissões semânticas, a marca de uso e as achegas de verbete.

Observe-se, a seguir, a chave de consulta do referido vocabulário.

Figura 1 – Chave de consulta atual do *Vocabulário dialetal baiano*



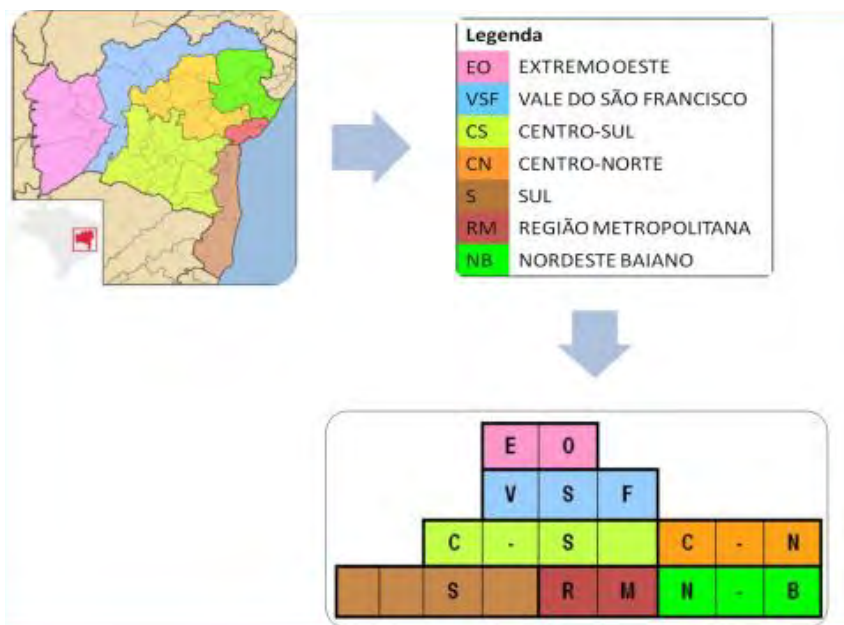
Fonte: Neiva (2017, v. 1, p. 141).

Isso posto, discutem-se, aqui, a inserção das lexias que se caracterizam pela presença de designações de animais em perspectiva lexicográfica e os aspectos lexicográfico-culturais que constituem o verbete do vocabulário: i) a elaboração de uma legenda geolinguística; ii) a relação entre a definição

e a formulação da pergunta; e iii) a inserção de marcas de uso e de achegas enciclopédicas.

Considerando o caráter sociodialetal do vocabulário, tornou-se necessária a inserção de itens que reforçassem a descrição da realidade plurilinguística brasileira. Para tanto, buscou-se uma forma de representar lexicograficamente a identificação da localidade e a descrição social, no que tange ao gênero e à faixa etária. Elaborou-se, pois a legenda geolinguística, contemplando as 22 localidades baianas que constituem o *corpus*, distribuindo-as conforme as mesorregiões do estado. A figura, a seguir, elucida o processo de elaboração da legenda geolinguística construída para o *Vocabulário dialetal baiano*. (NEIVA, 2017)

**Figura 2** – Processo de elaboração da legenda geolinguística do *Vocabulário dialetal baiano*



Fonte: Neiva (2017, v. 1, p. 152).

Observem-se, a seguir, amostras de verbetes de ‘papagaio’, os quais constam do volume 2 do *Vocabulário dialetal baiano*. (NEIVA, 2017)

Figura 3 – Verbetes de ‘papagaio’ do *Vocabulário dialetal baiano*, relativo à Fauna

**papagaio<sup>1</sup>** ‘Ave de penas coloridas que, quando em ambiente doméstico, pode aprender a falar. *Fauna. QSL 068 - Como se chama a ave de penas coloridas que, quando presas, podem aprender a falar?* ≡ **arara** ≡ **louro** ~ **loro** ≡ **minha rosa** ≡ **periquito** → **papagaio<sup>2</sup>** → **papagaio<sup>3</sup>** {É porque pa velho num tem coisa melhó que um **papagaio**, né. Só quem pode tulerá velho é um papagaio} **088.3**

			092	087						
			097	084	081					
		096	098	100	089	095	090	085	086	
102	101	099	094	093	091	088	083	082		

Fonte: Neiva (2017, v. 2, p. 133).

Figura 4 – Verbetes de ‘papagaio’, relativos a Brinquedos e diversões infantis

**papagaio<sup>2</sup>** ↔ **piriquito(inho)** →  
**papagaio<sup>1</sup>** → **papagaio<sup>3</sup>** →  
**papagaio<sup>4</sup>**

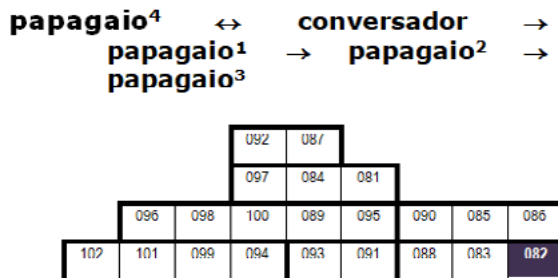
			092	087						
			097	084	8					
		096	096	100	089	095	090	085	086	
102	101	099	094	093	091	088	083	082		

**papagaio<sup>3</sup>** ↔ **pipa(s)** → **papagaio<sup>1</sup>** →  
**papagaio<sup>3</sup>** → **papagaio<sup>4</sup>**

			092	087						
			097	084	081					
		096	098	100	089	095	090	085	086	
102	101	099	094	093	091	088	083	082		

Fonte: Neiva (2017, v. 2, p. 159).

Figura 5 – Verbetes de ‘papagaio’, relativo a Convívio e comportamento social



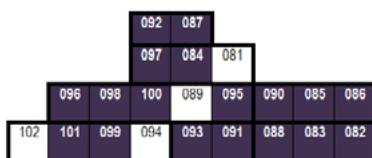
Fonte: Neiva (2017, p. 83).

Em relação às entradas, no que tange à relação entrada-acepção – aqui considerados como homonímia –, como se vê há, no vocabulário, quatro verbetes distintos para *papagaio*, identificados pelos números sobrescritos. Para tanto, admitiu-se, prioritariamente, o uso prototípico, *i.e.*, o verbete cuja entrada é *papagaio<sup>1</sup>* refere-se à ‘ave’. Na sequência, considerando a ordem das áreas temáticas constantes do QSL-ALiB, notaram-se os verbetes *papagaio<sup>2</sup>* e *papagaio<sup>3</sup>* relativos à brinquedos e diversões infantis. E, por fim, o verbete *papagaio<sup>4</sup>* relativo à ‘pessoa que fala demais, tagarela’.

Tendo sido eleita a variante *conversador* como lema principal pelo critério de frequência, na macroestrutura do vocabulário, o item *papagaio<sup>4</sup>* é remissivo a *conversador*. Neste mesmo verbete, inserem-se as demais remissões semânticas – relações semânticas e não sinonímicas entre as lexias documentadas. O verbete *conversador*, pois, é constituído de todos os elementos obrigatórios, de modo que ao identificar as variantes, *papagaio<sup>4</sup>* se insere, como mostra a figura a seguir:

Figura 6 – Verbete de ‘conversador’, relativo a Convívio e comportamento social

**conversador** 'Forma de tratamento pejorativo ao indivíduo que fala demasiadamente'  
 Convívio e comportamento social QSL 136  
 - Como se chama a pessoa que fala demais? **arengueiro** ≡ **cascadeiro** ≡ **conversa muito** ≡ **conversadeiro(a)** ≡ **conversador** ≡ **fala igual a nega do leite** ≡ **fala igual a um papagaio** ≡ **fala que nem papagaio** ≡ **fala quem nem a nega do leite** ≡ **falador(eira)** ≡ **falastrão(ona)** ≡ **falastrona** ≡ **fofoqueiro** ≡ **fuxiqueiro(a)** ≡ **igual a nega do leite** ≡ **janela aberta** ≡ **língua grande** ≡ **linguarrudo** ≡ **lingudo** ≡ **maria de leite** ≡ **nega do leite** ≡ **papagaio**<sup>3</sup> ≡ **papagaio de marinho** ≡ **que nem um trapo** ≡ **tagarela** ≡ **zuadinha**



Fonte: Neiva (2017, v. 2, p. 75).

Os referentes de *papagaio*<sup>2</sup> e *papagaio*<sup>3</sup> diferem-se quanto à utilização ou não das varetas para a elaboração do ‘brinquedo feito de papel que se empina no vento por meio de uma linha’. Observa-se que a distribuição geográfica opera também como fator lexicultural para a determinação do uso, de modo que *papagaio*<sup>2</sup> ocorre em localidades distintas de onde se realiza *papagaio*<sup>3</sup>.

Para a definição, além da técnica utilizada – semagrama – como meio de padronização, tornou-se necessário, para a clareza e acuidade definitória, ressaltar o fator sociocultural. Buscou-se, então, observar como a formulação da pergunta do questionário ocorreu.

No caso específico a *papagaio*<sup>1</sup>, a pergunta<sup>15</sup> do questionário trata como ‘ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar’. Nesse sentido, tornou-se necessário ponderar a manutenção do aspecto ‘quando presa’

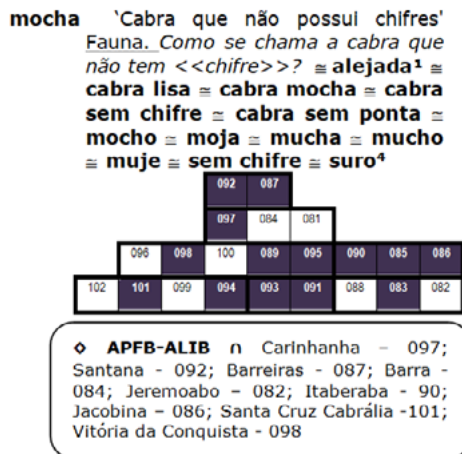
15 É importante ressaltar que a função da pergunta é contribuir para a compreensão imediata do informante e que, portanto, atende suficientemente aos critérios e objetivos propostos. No entanto, no que tange ao âmbito lexicográfico, sabe-se que a definição precisa ser isenta de quaisquer imprecisões.

e substituir, considerando os direitos em defesa dos animais, por ‘quando em ambiente doméstico’. O verbete, pois, contempla além da ‘definição’ a ‘formulação da pergunta’, a fim de que o consulente possa conhecer todas as informações concernentes à lexia e ao seu registro, ou seja, como se deu a obtenção do dado.

No que tange às marcas de uso, considerando a divisão de marcas proposta por Hausmann (1989 apud WELKER, 2004, p. 131) em 11 categorias e o fato de que a diatopia já é marcada pela legenda geolinguística, optou-se por considerar apenas cinco das 11 citadas por Hausmann (1989), em nova perspectiva: i. diacrônicas (quando a lexia for documentada também no Atlas Prévio dos Falares Baianos, seguida da sigla APFB); ii. diaintegrativas (quando a lexia, transcrita em português for um item lexical estrangeiro – exemplo de *blush, rouge, corpete*); iii. diatécnicas (quando for um jargão – pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto); iv. diafrequentes (quando o uso da lexia for frequente ou for raro); v. diavaliativas (mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude, por exemplo, *pejorativo, eufemismo*); e vi. tabuísmo.

Observam-se, a seguir, como forma elucidativa, alguns verbetes que apresentam marcas de uso, ora presente na definição, ora em achega.

Figura 7 – Verbetes de ‘mocha’, exemplo de verbete com marca diacrônica



Fonte: Neiva (2017, v. 2, p. 127).

Figura 8 – Verbetes de ‘corno’, exemplo de verbete com marca diavaliativa

**corno** `Forma de tratamento pejorativa ao indivíduo que foi traído pelo cônjuge' // QSL 141 -Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? ≡ **besta** ≡ **boi** ≡ **boinho** ≡ **chapéu de bode** ≡ **chibungo** ≡ **chifrudo** ≡ **conformado** ≡ **convencido** ≡ **cornélio** ≡ **enganado** ≡ **galhudo** ~ **gaiudo** ≡ **guidom** ≡ **homi traído** ≡ **levou ponta** ≡ **maniacá** ~ **manicaca** ≡ **mói de galha** ≡ **tôro**

			092	087				
			097	084	081			
	096	098	100	089	095	090	085	086
102	101	095	094	083	091	088	083	082

Fonte: Neiva (2017, v. 2, p. 75).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que nem todos os nomes de animais são intercambiáveis e passíveis de formar e não a formar lexias que caracterizem referentes distintos.

Devido à quantidade de dados, somente este estudo não dá conta de classificar algumas lexias como culturemas brasileiros. Pensa-se em, oportunamente, realizar outros trabalhos com a mesma temática, expandindo o *corpus* de análise. Contudo, das lexias documentadas podem-se admitir três grupos: i. metáforas, quando ainda possuem traço do referente formador da lexia, como *dente canino* para ‘presas’; ii. tabuísmos, que independem da referência ao referente formador da lexia; e iii. culturemas, quando já não há vestígio do referente formador da lexia.

Dentre os culturemas, foi possível estabelecer duas categorias: i) lexias que caracterizam, pejorativamente, comportamentos sociais, como *galinha* para ‘prostituta’ e *corno* para ‘homem traído’; ii) lexias que expressam comportamentos sociais de forma não pejorativa, a exemplo de *mão de vaca* e *não dá água a pinto* para ‘avarento’ e de *papagaio* para ‘tagarela’.



No tocante ao uso pejorativo, considerando o fato de que todas as lexias documentadas se enquadram, apenas, na área temática Convívio e comportamentos sociais, é possível ponderar que o traço [+pejorativo] seja crucial para determinar os culturemas brasileiros que expressam comportamentos humanos.

É interessante, ainda, ressaltar que as expressões construídas com base na fauna que expressam tabuísmo se mostraram produtivas no *corpus* analisado e presentes nas áreas temáticas Ciclos da vida - com as lexias *boi* para 'menstruação' e *terminar o boi* para 'entrar na menopausa', por exemplo - bem como as diversas expressões para 'diabo' - *cão, bicho, bicho ruim, bicho de rabo, rabudo* - em Religiões e crenças.

Todas essas informações podem ser adotadas em uma obra de perspectiva lexicográfica, com vistas a contribuir, pois, ao (re)conhecimento de usos linguísticos e seus contextos lexicoculturais.



# O LÉXICO DA PESCA

## EMBARCAÇÕES E NAVEGAÇÃO

### EM COMUNIDADES BAIANAS

THAIS DULTRA PEREIRA

#### DA PESCA, O ALVORECER

A trajetória acadêmica da autora, desde a sua inserção em 2004, ainda como estudante de graduação, no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), perpassa pela presença da professora Silvana Soares Costa Ribeiro, aqui homenageada. A presente publicação vem, nesse sentido, como uma continuação de um movimento dos dados da dissertação de mestrado intitulada *A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos* (DULTRA, 2011), mas que só veio à tona durante a disciplina PPGLinC 041 – Variação espacial do português do Brasil, 2019.1, ministrada pela professora Silvana, já durante o doutoramento da autora. O novo olhar que a professora Silvana direcionou aos dados rendeu uma menção honrosa oferecida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), durante o I Fórum Internacional de Sociolinguística (I FIS), em 2019. A paixão da professora Silvana pela dialetologia e pelos estudos do léxico é contagiante, e os resultados disso podem ser vistos através de seus alunos e

orientandos. Toda homenagem é mais que merecida e sempre será pouco, pela grandiosidade que ela traz consigo.

Assim, o presente trabalho consiste num recorte da dissertação de mestrado, já mencionada, que teve como objetivo discorrer sobre a pesquisa realizada nas comunidades baianas de Siribinha, município de Conde, localizado ao norte do estado, e na ilha de Bom Jesus dos Passos, na Baía de Todos os Santos. Trata-se da investigação da linguagem dos pescadores, em especial o léxico da pesca, com um enfoque na área temática “embarcações e navegação”, pois acredita-se que a atividade pesqueira, sobretudo na modalidade artesanal, oferece um vasto acervo da língua e da cultura das comunidades envolvidas e, ainda, a possibilidade de, através do registro da fala estudado em tempo aparente, o contraste entre as formas linguísticas mais inovadoras e as mais conservadoras.

As características tanto linguísticas quanto extralinguísticas relacionadas à pesca nessas regiões têm muito a contribuir para os estudos do léxico, pois permitem a observação da estabilidade e/ou mudanças sociais dos indivíduos de uma determinada comunidade de fala. Dessa forma, a pesquisa baseia-se nos percursos da dialetologia pluridimensional enquanto ciência (CARDOSO, 2010; CHAMBERS; TRUDGILL, 1980; LABOV, 2008); da geolinguística enquanto método (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; CARDOSO, 2010), além dos pressupostos teóricos da lexicologia (BIDERMAN, 2001) e da etnolinguística. (COSERIU, 1978) Para a análise do léxico da pesca nas comunidades consideraram-se, além da perspectiva diatópica, as variáveis gênero e faixa etária, uma vez que estas demonstraram relevância para a pesquisa.

Para a realização de inquéritos *in loco*, tomou-se como base a utilização de um questionário produzido a partir da metodologia do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), do questionário reduzido do Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP) (VITORINO, 1987), do trabalho de conclusão de curso *A linguagem dos pescadores da comunidade de Siribinha: análise diatópica do léxico da pesca* (DULTRA, 2007) e nas diversas leituras sobre a linguagem da pesca, tais como *A cultura pesqueira do Litoral Norte da Bahia: etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade* (COSTA NETO, 2001), que forneceram informações sobre Siribinha, e *Baía*

*de Todos os Santos: aspectos oceanográficos* (HATJE; ANDRADE, 2009), que contém dados relevantes sobre a ilha de Bom Jesus dos Passos.

Pela dificuldade de encontrar suporte teórico que fornecesse maiores informações sobre a ilha de Bom Jesus dos Passos, principalmente históricas, houve a necessidade, durante a pesquisa de campo, de uma maior investigação nesse sentido, o que levou a documentadora a gravar conversas informais não apenas com pescadores e marisqueiras, mas também com outros moradores da ilha que não se constituíram em informantes.

O Sr. I., artista plástico, e Dona. A., professora, irmãos e nativos da ilha de Bom Jesus dos Passos, são exemplos de moradores que vêm coletando informações e tentam fazer registros históricos e culturais, através de entrevistas com nativos ou residentes mais antigos, e pesquisas em documentos da igreja local, a fim de levantar informações socioculturais e resquícios da história de formação da comunidade.

A escolha das localidades justifica-se pelo fato de ambas desenvolverem atividades pesqueiras artesanais, por homens e mulheres, sendo essas o principal sustento dessas regiões. Outro fator importante consiste na localização: Bom Jesus dos Passos, localizada na Baía de Todos os Santos, está situada na região central do estado da Bahia, próxima à capital Salvador, enquanto Siribinha fica na Linha Verde, ao Norte, sendo a antepenúltima praia do estado, próxima a Sergipe. Esta distância significativa da capital – cerca de 180 km pela BA-099 (Linha Verde) e 208 km pela BA-235 –, permitiu o confronto da variação diatópica, através da comparação dos dados linguísticos e também socioculturais das localidades.

Tem-se, aqui, o passo a passo da pesquisa, que tomou como base, além dos pressupostos teóricos e da metodologia ancorada nos aportes da dialetologia e da geolinguística e das obras relacionadas à pesca, a consulta em cinco obras lexicográficas, tais como Ferreira (2004), Houaiss (2001, 2022), Aulete (2020), Silva (1948) e Nomura (1984), para fins de análise dos dados. Assim, neste texto, segue um pouco do que foi encontrado durante as idas e vindas a Siribinha e Bom Jesus dos Passos, que vai desde a orientação teórica até as análises, delineadas, aqui, entre *bicos*, *popas*, *barcos*, *catraias*, e alguns outros elementos desse universo de embarcações e navegação.

## DAS TEORIAS, AS ESCOLHAS

Estudar e analisar a variação linguística consistem em ações que fornecem informações várias e que transpassam os limites da comunicação, permitindo, sobretudo, conhecer o modo de vida, a cultura, a história de um indivíduo, de uma comunidade, de um povo, de uma nação, já que a língua é um importante instrumento de conservação e de registro histórico e cultural. Nesse sentido, ao se debruçar sobre esses fenômenos, a dialetologia, associada a outras ciências, por possuir um caráter interdisciplinar em sua gênese, torna-se fundamental.

Enquanto ciência que estuda os fenômenos da linguagem, sob o olhar da variação linguística, à dialetologia cabe assumir a sistematização dos fatos de uma língua, possibilitando a comprovação e o registro da heterogeneidade da língua a partir de duas perspectivas: seja pelo rastreamento e mapeamento espacial da variação de um aspecto da língua, seja pela observação das peculiaridades linguísticas de um território para a delimitação de uma ou várias zonas dialetais. É também através dessa ciência, que abrange aspectos sociais, que os estudos da variação linguística podem ser identificados e delineados, permitindo a observação e análise dos diferentes usos e formas de diversificação linguísticas, de acordo com a sua distribuição espacial e sociocultural.

À dialetologia interessa investigar as diferenças e/ou semelhanças entre toda e qualquer manifestação linguística, em qualquer que seja o espaço geográfico, desde que este seja passível de documentação e análise, e que este espaço seja delimitado a partir de princípios metodológicos. Segundo Cardoso (2010), a dialetologia tem dois caminhos, que chamou de diretrizes, na investigação do fenômeno linguístico, que podem ser constatados através dos estudos dialetais: uma é a perspectiva diatópica, focada nas características regionais, nas peculiaridades e diferenças geográficas de cada comunidade; e o outro, o viés sociolinguístico.

Para a autora, fazer um exame cuidadoso do que se vê na teoria e como essa teoria é percebida na prática, quanto a essas duas formas de tratar os fatos de natureza dialetal, é um objetivo precípua da dialetologia, ao examinar “[...] como a tradição e a modernidade têm respondido a esse enlace de perspectivas no campo da geografia linguística”. (CARDOSO, 2010, p. 26)

Ao realizar pesquisas dialetais, lança-se mão de aparato teórico, delimitação do *corpus* do tema escolhido e uso de uma metodologia adequada, entre outros fatores indispensáveis. Cabe, dessa forma, à geografia linguística possibilitar esse trabalho, uma vez que, enquanto importante método da dialetologia, torna possível, com precisão científica, documentar os fenômenos de variação dialetal, a partir dos quais podem ser construídos mapas e/ou atlas linguísticos – um dos instrumentos de documentação, mas não o único – que permitem investigação e leitura dos dados e imprimem gradativamente as diferenças e/ou semelhanças no estudo, a partir de uma metodologia comum a todas as regiões estudadas.

No que concerne ao estudo do léxico da pesca, foram consultadas algumas obras relacionadas à atividade e que fornecem características das comunidades, como o trabalho monográfico *A linguagem dos pescadores da comunidade de Siribinha: análise diatópica do léxico da pesca* (DULTRA, 2007) e *A cultura pesqueira do Litoral Norte da Bahia: etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade* (COSTA NETO, 2001), que forneceram informações sobre Siribinha; e *Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos* (HATJE; ANDRADE, 2009), que contém dados relevantes sobre a ilha de Bom Jesus dos Passos, como já mencionado.

## **SIRIBINHA: ENTRE O MANGUE E O MAR**

Vila de pescadores situada entre o rio Itapicuru e o mar aberto, Siribinha possui clima, vegetação e traços geográficos peculiares que lhe imprimem características diversas. Conforme dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) (2009), está situada a cerca de 14 km ao norte do município de Conde, Bahia, e possui cerca de 400 habitantes que vivem basicamente da pesca artesanal e do turismo. Não há pavimentação asfáltica, estando quase completamente isolada em relação à cidade, apesar de estar à beira da faixa costeira e muito próxima da BA099 (Linha Verde). Possui extenso manguezal que vai do rio até a foz, ou “boca da barra”, para os nativos. O mangue, rico em diversidade de crustáceos e mariscos, também é uma das principais fontes de sustento para os moradores.

A pesca é realizada tanto por homens como por mulheres, em pequenos barcos artesanais, de madeira, construídos pelos próprios pescadores. Os

homens pescam principalmente na praia de Siribinha, utilizando tarrafas, redes ou cofos. Em duplas, jogam a rede pela madrugada e voltam à tardinha para buscar, de acordo com o movimento das marés. Por conta das dificuldades no inverno, devido aos fortes ventos e da força das marés, muitas vezes não conseguem pescar no mar aberto, e passam a buscar o pescado no leito do rio e na foz.

As marisqueiras pescam principalmente no rio e no mangue, evitando o mar, embora tenha sido registrada a existência de duas informantes que disseram já ter se aventurado. A elas cabe o trabalho de mariscagem no rio e mangue, que oferece desde caranguejos e aratus a mariscos de conchas, além de siris e camarões. Costumam atravessar o rio em grupos de seis a oito pessoas, entre mulheres e crianças, em barcos a remo, ou nas lanchas a motor, em busca de mangues para mariscarem aratus.

**Figura 1** – Encontro do rio com o mar em Siribinha/Conde, Bahia



Fonte: acervo da autora.

## **BOM JESUS DOS PASSOS: PESCA, TRADIÇÃO E RELIGIOSIDADE**

Bom Jesus dos Passos é uma ilha e está localizada na Baía de Todos os Santos, sendo considerada um bairro de Salvador, capital do estado da



Bahia. É muito importante do ponto de vista histórico, por ser uma das mais antigas ilhas a ser povoada à época do descobrimento. Conforme Paixão (2011), a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados em 2009, é amplamente conhecida no estado por sua religiosidade e também por suas atividades pesqueiras, além de ser uma das menores e mais populosas entre as ilhas da baía. Os moradores vivem basicamente da agricultura familiar, da pesca de peixes e mariscos. Muitos moradores, no entanto, por conta da proximidade, se deslocam para os municípios de Madre de Deus e Candeias para trabalhar ou estudar.

Bom Jesus dos Passos traz ainda relevantes contribuições para a história da criação de Salvador. De acordo com a tradição oral, corroborada por descrições da nativa e professora A., a ilha se chamava *Pataíba Assu*, que é uma planta nativa: “É, palmeira grande. É, tem uma na frente da igreja, né? Que eu plantei”. De acordo com relatos de A., a ilha foi habitada por índios tupinambás, tendo sido, inclusive, alvo de ataques de holandeses em 1624. Posteriormente, a ilha pertenceu a duas irmãs, Rosa Maria dos Santos Passos e Margarida Teles, que dividiram a posse da ilha em duas partes. Dona Rosa ampliou uma capela que já existia e, por não ter se casado nem ter tido filhos, deixou suas terras para a igreja, ficando a outra metade pertencente hoje à União.

Segundo Paixão (2011), a licença para a construção da igreja é de 1728, sendo iniciada em 1766, sob a responsabilidade de André Carvalho, um português religioso devoto de Bom Jesus dos Passos, e em homenagem à dona Maria Rosa dos Santos Passos, pela sua dedicação à igreja e à ilha. Para o autor, essas origens históricas da ilha demonstram a força religiosa, não apenas pela nomeação da localidade, mas também por suas manifestações culturais. E ainda “a devoção católica, institucionalizada na forma da secular Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, foi marcante para a construção de uma identidade coletiva local”. (PAIXÃO, 2011, p. 35)

Ao chegar à ilha, tem-se a vista da igreja (Figura 2), que segue os moldes da arquitetura colonial portuguesa. É possível ver, também, o cais onde aportam as embarcações de viagens, responsável pelo traslado de moradores e turistas à menor e mais povoada ilha da Baía de Todos os Santos.

**Figura 2** – Vista da igreja na ilha de Bom Jesus dos Passos, Salvador, Bahia



Fonte: acervo pessoal da autora.

## **DOS FAZERES, OS MEIOS**

O método adotado para a caracterização da fala dos pescadores e marisqueiras seguiu basicamente os princípios da geolinguística, método da dialetologia, que consiste em aplicar um questionário a sujeitos de um determinado espaço geográfico, numa rede de pontos que representem o falar dos moradores. Este estudo adaptou-se a esse método, uma vez que se optou pela realização da pesquisa de campo para a coleta de dados sobre o tema escolhido – a linguagem da pesca – em duas comunidades, Siribinha e Bom Jesus dos Passos.

A pesquisa de campo foi realizada através da aplicação dos inquéritos experimentais, para testagem do questionário e dos instrumentos de coleta de dados, e dos inquéritos definitivos. Em Siribinha, não houve a necessidade de visitas prévias, uma vez que a pesquisadora já conhecia a comunidade quando da realização da pesquisa anterior. (DULTRA, 2007) Porém, em Bom Jesus dos Passos, foi preciso realizar um reconhecimento da região, para que se pudessem melhor verificar as semelhanças geográficas, geológicas e

ambientais relacionadas à atividade pesqueira que permitisse a comparação entre as comunidades, bem como a melhor adaptação do questionário.

Assim, para o delinear metodológico, foram selecionados 24 informantes, sendo 12 em cada comunidade, divididos em três faixas etárias, I, II e III (18 a 26 anos, 30 a 45, e 50 em diante) de ambos os sexos, somados à realização de inquéritos *in loco*, com a utilização de um questionário que tomou como base a metodologia do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), o questionário reduzido do ALLP (VITORINO, 1987) e os trabalhos anteriores sobre o tema.

**Tabela 1** – Número de informantes das respectivas comunidades, divididos por sexo e faixa etária

FAIXA ETÁRIA	SIRIBINHA				BOM JESUS DOS PASSOS				TOTAL
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		
18 – 26	M1-S	M2-S	F1-S	F2-S	M1-B	M2-B	F1-B	F2-B	8
30 – 45	M3-S	M4-S	F3-S	F4-S	M3-B	M4-B	F3-B	F4-B	8
50 em diante	M5-S	M6-S	F5-S	F6-S	M5-B	M6-B	F5-B	F6-B	8
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>				<b>12</b>				<b>24</b>

Fonte: Dutra (2011).

Os informantes estão organizados da seguinte forma: M e F representam o sexo (masculino e feminino); os números de 1 a 6 indicam os pares, sendo 1 e 2, faixa I; 3 e 4, faixa II; e 5 e 6, faixa III. Por fim, as iniciais S identificam Siribinha, e B, Bom Jesus dos Passos. Nas transcrições que seguem, esse código será antecedido de INF, que se refere a informante.

No que concerne ao instrumento de inquérito, após algumas adaptações e principalmente após a aplicação dos inquéritos experimentais, a fim de obter uma melhor readequação aos propósitos da pesquisa e corrigir as distorções que puderam ser detectadas, o questionário constou de 96 questões, divididas em cinco áreas temáticas, além de quatro questões que compõem os temas para discurso semidirigido, que permitiram narrações ou descrições com o objetivo de captar, em momentos da fala mais livre e despreocupada, o maior número de dados lexicais possível.

Das 96 questões, foram selecionadas nove para este estudo, referentes à área temática “embarcações e navegação”:

**Quadro 1** – Questões referentes à área temática “embarcações e navegação”

QUESTÕES	
17 <sup>1</sup>	<i>Quando se chega na praia, o que é que se faz com o barco? (Lugar onde se guarda o barco)</i>
18	<i>Como se chama a frente do barco?</i>
19	<i>Como se chama o fundo do barco?</i>
20	<i>Como se chama quem fica na frente do barco?</i>
21	<i>E quem fica no fundo do barco?</i>
22	<i>Como se chama a embarcação de madeira que é movida por remo?</i>
23	<i>Como se chama a embarcação movida a motor?</i>
24	<i>Quem decide o lugar onde se vai pescar?</i>
25	<i>Como se chama esse lugar?</i>

Fonte: elaborado pela autora.

No que se refere à apresentação e análise dos dados, inicialmente, foram realizadas consultas nos dicionários Ferreira (2004), Houaiss (2001, 2022), Aulete (2020), Silva (1948) e Nomura (1984), de modo que as lexias pudessem ser observadas quanto à dicionarização. Em seguida, foram selecionadas, por áreas temáticas, as lexias que permitissem o confronto entre as comunidades, de modo que fosse possível analisar, além dos aspectos geossociolinguísticos, também os aspectos socioculturais e econômicos das regiões estudadas.

O percurso da análise foi realizado a partir das cinco áreas temáticas utilizadas no questionário do léxico da pesca. Inicialmente, as formas lexicais são descritas de acordo com a sua ocorrência e o seu significado. Em seguida, comparam-se as ocorrências nas comunidades e observam-se as semelhanças e/ou diferenças e, ainda, as particularidades de cada uma. São

---

1 A numeração das questões segue a ordem do questionário utilizado na pesquisa.

ainda acrescidos comentários dos informantes, que permitiram explorar não apenas a lexia, mas o contexto em que está inserida.

## ENTRE CATRAIAS, BICOS, POPAS E PROA

*Ao lugar onde se guarda o barco, ou prende o barco na praia, as respostas fornecidas pelos informantes foram cais, porto e amarração.*

*Cais*, de acordo com os dicionários, quer dizer elevação de terra ou aterro (natural ou artificial), à margem de rio, lago ou mar, revestido e reforçado com parede vertical de pedras ou de outro material para melhor conter as águas e usado para permitir e facilitar o embarque e o desembarque de cargas e passageiros. Houaiss (2001) acrescenta que o cais serve para atracar embarcações.

Este conceito não é o mesmo usado pelos informantes de Siribinha, que afirmam ser o cais o local de atracação das embarcações, tanto no rio como no mar. Quanto a Bom Jesus dos Passos, a maioria dos informantes faz essa distinção, pois há dois locais específicos para desembarque de carga e passageiros, um na ponte, próximo à igreja, outro próximo à colônia de pescadores.

*Chama cais... (aqui em Siribinha tem?) Aqui não. Só em Poças (INF. F1S).*

*Cais é o lugar de passageiro, né? De transportar os pessoal pra... Madre de Deus, de Madre de Deus pra cá... Só passageiro... e qualquer tipo de material que você for comprar, quando for fazê a travessia (INF. M4B).*

*Porto* significa, segundo os dicionários, trecho de mar, rio ou lago, próximo à terra, que tem profundidade suficiente e é protegido por baía ou enseada, onde as embarcações podem fundear e ter acesso fácil à margem, podendo também ser usado para desembarque de passageiros. Esta forma lexical é mais comumente usada pelos usuários de Siribinha como local para atracação de embarcações. Em Siribinha, embora não haja um porto específico, há a referência ao porto de uma comunidade próxima, Poças, de onde saem grandes barcos para realizar pesca em alto mar. Em Bom Jesus

dos Passos também não há um porto específico, mas os informantes distinguem cais de porto a partir da definição mencionada na pergunta anterior.

*Deixa ali mermo, na coroa. (E em Poças?) Deixa no **porto**, lá das Poça. Tem lá uma ponte, tem uma ponte ali. (Aqui em Siribinha, no rio, chama porto, também?) Chama. É o **porto da coroa**, que eles chegam e deixa. (na praia tem porto?) não. Quarquero lugá eles bota (INF. F6S).*

*A gente coloca ele pra cima. Num local onde o mar num bote, pra não tirá de volta, no mar. [...] No rio é diferente, porque no rio não tem a mesma força que o mar tem, no rio, assim, a gente, no caso, a gente chegá e tivé cum preguiça de colocá ele pra cima pode colocá o remo e amarrá o barco ali mesmo. Amarrá nesses pauzinho. Não, na praia não é o **porto**. Aí não pode ser considerado um **porto**. Ne Poças tem,... só no rio que tem (INF. M1S).*

*Na amarração. Os menores, de pesca, ficam no **porto** mesmo. De cada pescador (INF. F1B).*

*Amarração*, segundo os dicionários, quer dizer *ato ou efeito de amarrar embarcação*; *amarra*, *amarradura*, corroborando o sentido usado pelos informantes:

*A gente... se tivé cheio de água, a gente pega ele desgota, bota lá na **amarração**, até a hora de a gente... ô sai pra pegá a isca ou pescá. (Amarração é o lugar onde vocês guardam o barco?) É (INF. M2B).*

**Amarração.** *Chama amarração, né? Deixa na amarração. Ninguém tem amarração... é um tubozinho, uma madeira assim que bota e... bota cadeado, mas às vez nego panha... sem pedi... mas deixa na amarração (INF. F4B).*

Para a *frente do barco*, ocorreram as respostas *bico* e *proa*, nas duas comunidades, e *popa*, apenas em Bom Jesus dos Passos. *Bico* foi a lexia mais frequente em Siribinha, embora muitos informantes tenham, alternadamente, utilizado também *proa*, de acordo com o informante: “**Proa.** *O pessoal aqui chama de bico*” (INF. M1S).

*Proa* foi a lexia de maior ocorrência em Bom Jesus dos Passos, apesar de, assim como em Siribinha, ter ocorrido também a forma lexical *bico*. “A proa. **Aqui é a proa. Tem a proa e a popa.** [...] **Eu tô cansada de pescá no bico da canoa, que aqui a gente chama bico da canoa...**” (INF. M5B).

Segundo os dicionários consultados, *bico* é um ângulo ou curva pronunciada que se delinea numa superfície ou nela se recorta; ponta. Esta acepção pode ser considerada de sentido comum e condiz, portanto, genericamente com a utilização dos informantes.

*Proa* é a parte anterior da embarcação; à frente de qualquer coisa. Em Siribinha, esta foi a resposta de menor frequência, com apenas duas ocorrências registradas.

*Popa*, de acordo com os dicionários, é a parte posterior da embarcação, e consiste numa significação diferente da utilizada pelos informantes.

Para *como se chama o fundo do barco*, as respostas foram apenas *popa* em Siribinha e *popa* e *proa* em Bom Jesus dos Passos.

*Popa*, neste sentido, condiz com a acepção empregada pelos pescadores e marisqueiras da região. O mesmo, todavia, não se pode dizer de *proa*: “A **popa. Aqui é onde o de trás rema**” (INF. F6S).

**Figura 3** – Pescadores ao mar, em Siribinha/Conde, Bahia



Fonte: acervo da autora.

*A pessoa que fica na frente da embarcação* registrou como resposta *proeiro* em ambas as comunidades, não havendo registro de variação em Bom Jesus dos Passos, embora alguns informantes não tenham fornecido uma única resposta, mas sim descrições. Em Siribinha, os informantes utilizaram, além de *proeiro*, a forma lexical *biqueiro*.

*Proeiro*, de acordo com os dicionários, quer dizer marinheiro que vigia, trabalha ou rema à proa; marinheiro de proa de pequena embarcação.

*Biqueiro* é derivado de bico, e foi encontrado nos dicionários na forma feminina *biqueira*, que significa remate que se ajusta à ponta de alguma coisa; ponteira. Esta acepção não condiz com o sentido empregado pelos informantes.

**Figura 4** – O atracar do barco em Siribinha/Conde, Bahia



Fonte: acervo da autora.

A pessoa que fica no fundo da embarcação registrou as respostas *popeiro*, *barqueiro* e *proeiro*, em Siribinha, e *marinheiro*, *popeiro* e *governador*, em Bom Jesus dos Passos. *Popeiro* foi a resposta comum às comunidades e a de maior frequência. *Barqueiro* e *proeiro*, em Siribinha, são casos de única ocorrência, assim como *governador*, em Bom Jesus dos Passos.

*Popeiro*, de acordo com os dicionários, quer dizer piloto de canoa fluvial que a maneja sentado na popa, e ainda, indivíduo *popeiro*; quem vai na popa.

*Barqueiro*, segundo os dicionários, quer dizer indivíduo que governa um barco. Percebe-se que esta definição não especifica em que lugar se exerce a atividade, o que consiste num sentido genérico, e não condiz com a acepção usada pela maioria dos pescadores e marisqueiras.

*Marinheiro*, de acordo com os dicionários, quer dizer homem do mar. É um sentido genérico, e não tem especificamente a mesma significação adotada pelos pescadores e marisqueiras das regiões: “*Popeiro* ou... *marinheiro*. Quem governa a embarcação” (INF. M1B).



*Governador*, de acordo com os dicionários, significa aquele que governa, o que também implica num sentido genérico e vago, uma vez que se pode governar qualquer coisa, desde veículos a cidades, estados, países etc.

Sobre os *tipos de embarcação*, os informantes forneceram respostas descritivas, sendo consideradas informações de caráter cultural. Registraram-se, assim, para a embarcação de madeira que é movida por remo, as formas lexicais *jangada*, *canoa*, *barco/barquinho*, *traia* e *lancha*, em Siribinha, e *catraia*, *barco* e *canoa* em Bom Jesus dos Passos. A forma mais frequente em Siribinha foi *barco*, e em Bom Jesus dos Passos, *canoa*.

*Jangada*, de acordo com os dicionários, consiste numa embarcação típica, usada para pescaria, com linha constituída de seis paus roliços de jangadeira, unidos por três ou quatro cavilhas de madeira dura, que atravessam os quatro paus do centro, sendo os dois de fora mais grossos, encailhados nos que ficam imediatamente juntos, de modo a situarem-se em plano ligeiramente superior ao deles.

Esta acepção, porém, não corresponde ao sentido usado pelos informantes, nem há embarcações desse tipo nas comunidades, embora um informante de Siribinha tenha descrito a jangada como embarcação usada antes das canoas, feita de madeira, como as que são usadas na região atualmente:

*Eu com 38 anos, mais ou menos, tive esgotamento. Acho que porque eu comecei pescá com 12 anos de idade, né? Esse mar... jangada e... me esforçando no remo, né? Agora tá bom que é esse barquinho mas... antigamente era com **jangada**. **Jangada** era seis pau, pau de jangada mermo... seis pau... cravejado, no osso, né? Dois pescador contra vento, contra mar, e chegá no lugá da rede, né?* (INF. M5S).

*Canoa* consiste numa embarcação leve de pequeno porte, feita de uma só casca de árvore com armação de cipó na proa e na popa, movida a remo ou a vela. Porém, nas comunidades não há canoas construídas de troncos ou cascos de árvores, e sim de madeira que os pescadores compram cortadas, aos metros. “*Chama de **canoa** e de **barco**. A canoa é mais comprida. A canoa só pesca no rio*” (INF. F5S); e ainda: “*Um ou outro que é de remo aqui... Acho que **barco** de remo mermo pra pescaria não tem nenhum. Só tem **canoa** mermo que nego arreja por aqui, pescam siri, pescam um peixinho aqui pela beira da praia...*” (INF. M6B).

*Barco* consiste numa embarcação pequena, sem cobertura, e denota conceito genérico para definir qualquer embarcação.

*Catraia* corresponde à embarcação miúda robusta, de duas proas, usada para serviço nos portos, praticagem e pesca. *Traia*, portanto, é redução de *catraia*. “**Catraia**. *É de madeira. Tem tanto de madeira como de fibra, que os pessoal tá pescano cum a de fibra também, que surgiu uma de fibra*” (INF. M2B). A respeito de *traia*, tem-se: “*Nesses barquinho... que o pessoal costuma chamar de traia, também, a gente pesca de dupla*” (INF. M2S).

**Figura 5** – Pescador na ilha de Bom Jesus dos Passos, Salvador, Bahia



Fonte: acervo da autora.

*Lancha*, segundo os dicionários, corresponde à embarcação a vela, a remo ou a motor, para navegação costeira, para transporte ou para outro serviço dentro dos portos. Em Siribinha, tanto a lancha a motor como a remo são usadas apenas para transporte de passageiros, turistas em passeios pelo rio Itapicuru ou estudantes e moradores que atravessam o rio para ir à escola, lavar roupa ou pescar aratu. Em Bom Jesus dos Passos, é o veículo a motor mais usado pelos pescadores e marisqueiras atualmente, embora ainda haja barcos a remo.

Para a *embarcação movida a motor*, foram registradas as formas *barco a motor*, *lancha*, *lancha a motor*, *jangada a motor*, *barco de pesca*, *barco de pescador*, *mexicano*, *motor de centro* e *barco grande* em Siribinha, e *barco a motor*, *barco motorizado*, *barco de fibra* e *canoas a motor*, em Bom Jesus dos Passos.

Os informantes acabaram por especificar o tipo de embarcação, acrescentando informações como barco a motor, barco de pesca, barco de pescador, motor de centro e barco de fibra. *Lancha* pode ser movida a remo ou a motor, e, assim como de referência a barco, o acréscimo de informações às respostas dos informantes pode ser considerado como especificação. *Barco de pesca, barco de pescador e barco grande* são considerados sinônimos e descrições de embarcações maiores, usadas para pesca em alto mar: “[barco] **de pescador... que vai lá... pro centro do mar. Eles são grande. Os pequeno num vai**” (INF. F6S).

*Mexicano*, nos dicionários consultados, consiste num indivíduo do, ou pertencente, ou relativo ao México (América do Norte). O informante o descreve como *um barco de pesca* ou *no mar de fora*, que é uma forma lexical utilizada pelos informantes de Siribinha para definir a pesca em alto mar. Nenhuma dessas formas está dicionarizada com o mesmo sentido empregado pelos pescadores. “**Barco de pesca. Tem o mexicano, que pesca bem no mar de fora. Aqui na Siribinha não tem não. Eles rasga as rede dos pessoal... eles pega e leva. Eles pesca num tipo dum arrastão. Quando pesca, rasta tudo**” (INF. F5S).

Para o lugar considerado ideal, bom para a pesca, os informantes responderam *pesqueiro*, em Siribinha, e *poitada*, apenas em Bom Jesus dos Passos.

*Pesqueiro*, segundo os dicionários consultados, pode ter dois significados. O primeiro quer dizer lugar que serve para comedouro, viveiro ou abrigo para peixes; ramos de plantas lançadas ao mar para atrair e juntar peixes, e lugar onde se pesca.

Para os informantes também possui os dois significados, e corresponde tanto ao lugar ideal para a pesca como de ramos de plantas lançados ao mar com o fim de atrair peixes.

*Entra em combinação. Quem domina a embarcação é quem vai na popa, mas pra escolhê o **pesqueiro**... o que conhecer melhor. [...] O **pesqueiro** é o lugar que a gente costuma dizer que o peixe fica mais concentrado naquela área ali.* (INF. M2S)

*Aqui a gente conhece o **pesqueiro**, que dá mais peixe... por exemplo, a gente coloca a rede lá, aí, quando não tá dano nada a gente aí, se muda pra outro. Porque ali naquela passage não tá passando peixe. Sabe porque você tá arribando a rede e num tá pegando*

*nada. Tem vez que a gente sarta mil metro de rede aí não pega nada* (INF. M6S).

Mas também pode significar ramadas lançadas ao mar com o fim de atrair e juntar peixes.

*Têm muitos que bota galhos, pra pescar de linha. Aí chama... **pesqueiro**. Você chega no meio do mar, qualquer lugar aí aberto, você arranja galhos próprios, tem muitos tipos de galhos próprios, você amarra uma poita, uma pedra grande, arreia, ele fica lá que não sai do lugar. Aí ele faz as marcas. Mas aí você só vai pescar depois de trinta dias. Que é pro peixe acostumar a ficar ali* (INF. M6S).

*Ali é **pesqueiro**. O pessoal faz, né? Corta às vezes as árvore, marca uma posição... é tipo, criou um lugar pros peixe ficar. Um ambiente. Porque começa a criar limo, os peixe começa a se alimentar e fica ali mermo. Agora, você tem que marcar e tem que saber aonde você marcou. Amarra a pedra com corda nos tronco e joga* (INF. F1B).

Um informante de Bom Jesus dos Passos, porém, utilizou a forma *fazer pesqueiro*. “**Fazer pesqueiro**. Mas a capitania não deixa não, diz que é bomba. Mas é pra juntar peixe” (INF. M5B).

*Poitada* não foi encontrada em Ferreira (2004), ou em Houaiss (2001),<sup>2</sup> mas foi considerado por Aulete (2020) e por Silva (1948) o mesmo que *poita*, que, por sua vez, significa pedra ou peso usado como âncora para fundear ou fazer parar. Entretanto, os informantes não usaram *poitada* com o mesmo sentido do empregado pelos dicionários. Pode-se inferir que *poitada* seja uma extensão do significado de *poita*, uma vez que, inicialmente, se usava um peso para marcar o lugar ideal para a pesca. Porém, percebe-se que a maioria dos informantes associa a *poitada* não apenas a esta marcação, mas a todo e qualquer lugar onde se possa realizar uma boa pescaria.

2 Há registros, em Houaiss (2022) digital, tanto para *poita*, como “objeto pesado que faz as vezes de âncora em embarcações miúdas”, como para *poitar*, “lançar poita para fundear (embarcação miúda); apoitar, apoutar, poutar”, ambos como verbetes. Já *poitada* aparece como gerúndio - *poitando* e participio - *poitado*.

É esse lugar que eu falo, é uma **poitada** que tem. A gente chama **poitada**. [...] antes de a gente ir pescar a gente já sabe a **poitada** que a gente vai. (Vocês vão procurando uma poitada?) Não, a gente vai pra **poitada** que a gente vai pescá. Por exemplo, a gente vai pescá ali, aí a gente vai, começa a arriá a groseira. Chama **poitada**. (Então a poitada pode ser boa ou ruim?) É. É sorte, tem que ter sorte, pra pegar o peixe (INF. M2B).

**Poitada.** É um lugar bom de pesca. Quando a gente mata o peixe mermo que... chega em terra com o barco abastecido de peixe, aí os outros pescadores falam... 'pô, onde foi essa **poitada** aí?' quem sabe só é o cabeça que pescou. Cada um tem sua tem sua marcação (INF. M4B).

Pra pescaria tem um nome, que é **poitada**. Mas pra marisco não tem (INF. F1B).

Chama **poitada**. É uma **poitada** boa. (E as mulheres também têm uma boa poitada?) Tem gente que pesca, tem muita mulher que pesca. (E pra marisco também tem poitada?) Não, pra marisco tem que ir na coroa boa, na coroa certa, uma coroa que tenha sambá (INF. F4B).

Já para o lugar onde se reúnem peixes, em virtude do lanço de plantas aí jogadas, os informantes responderam *pesqueiro*, em ambas as comunidades, *viveiro* e *igoto*, em Siribinha, e *poitada de ramo* em Bom Jesus dos Passos, tendo sido *pesqueiro* a forma mais recorrente nesta comunidade.

*Viveiro*, segundo os dicionários, quer dizer lugar onde se criam e se reproduzem animais; escavação natural ou artificial, ou depósito, cheio de água, onde se criam peixes ou plantas aquáticas; aquário; o último compartimento do curral de pesca, para onde refluem os peixes. Estas acepções, embora se aproximem do sentido utilizado pelos informantes, não são exatamente as mesmas por eles empregadas.

*Igoto*, mencionada por uma das informantes, apesar de não ter sido encontrada, foi considerada variante fonética de *engodo*, que significa isca ou ceva com que se apanham peixes, aves etc. “Chama... tipo uma selva, que é pá juntá assim pá pegá os peixe... que eles bota assim pá pegá cuvuco... parece com o cóvo. *Zigoto*, **igoto**...” (INF. F3S).

Poitada de ramo, embora não tenha sido mencionada nos dicionários, pode ser uma extensão de sentido de poitada, ou seja, um local onde os pescadores lançam os ramos de plantas, atraem os peixes e o consideram também um bom ponto de pesca. “Ali é o ramo, que a gente bota o ramo, né? É, fala **os ramo**. (E esse lugar onde bota o ramo, chama como?) Ali chama **poitada com ramo, poitada de ramo**. Porque aí é um atrativo pra os peixe ficá ali” (INF. F4B).

## DOS ASPECTOS GEOSOCIOLINGUÍSTICOS

Na área temática “embarcações e navegação”,<sup>3</sup> foram identificadas as seguintes formas lexicais:

Quadro 2 – Embarcações e navegação: resumo das respostas

SEMASIOLOGIA	LOCALIDADES	
	Siribinha	Bom Jesus dos Passos
Frente da embarcação	Proa	Proa
	Bico	Bico
		Popa
Fundo da embarcação	Popa	Popa
		Proa
Pessoa que fica à frente da embarcação	Biqueiro	proeiro
	Proeiro	
O local onde se realizou uma boa pescaria, onde foram encontrados muitos peixes	Pesqueiro	Poitada
	Ponto de pesca	
	Boa lama	
	Boa comida de peixe <sup>4</sup>	
O local onde são lançados ramos ou galhos de planta para atrair os peixes	Viveiro	Poitada de ramo
	Pesqueiro	Pesqueiro
	Igoto (engodo)	

Fonte: elaborado pela autora.

3 Nesta área foi incluído o conceito de local onde são lançados ramos ou galhos de planta para atrair os peixes, referentes a outra área temática: pesca - instrumentos e acessórios.

4 A respeito de *comidia*, acredita-se que o informante faz referência ao lugar onde os peixes encontram alimento e ali se reúnem, sendo, conseqüentemente, um bom lugar para pesca. Essa acepção condiz com a encontrada em Houaiss (2001) para *comedia*: substantivo feminino, relativo à pesca, local, à margem dos rios e lagos, onde peixes e anfíbios vêm alimentar-se.

Para a *frente da embarcação*, a resposta mais frequente nas duas comunidades foi *proa*. Porém, em Siribinha, esta lexia, embora tenha sido bastante representativa, principalmente entre os homens, não foi predominante, uma vez que informantes fizeram maior uso da forma *bico*. Em Bom Jesus dos Passos, quase todos responderam *proa*. Apenas duas informantes utilizaram a forma *bico*, e um informante, a forma *popa*.

O fundo da embarcação registrou em ambas as comunidades a forma *popa*. Em Siribinha não foi registrada variação, e em Bom Jesus dos Passos, embora a maioria tenha respondido *popa*, três informantes mencionaram *proa*: um pescador (M3) e duas marisqueiras (F2 e F3).

Sobre a *peessoa que fica à frente da embarcação*, a forma mais recorrente foi *proeiro* nas duas comunidades. Apenas em Siribinha registrou-se a variante *biqueiro*, derivação de *bico*, mencionada por um homem e uma mulher, ambos da faixa etária I (18 a 25 anos).

Quanto ao *local onde se realizou uma boa pescaria, onde foram encontrados muitos peixes*, registrou-se principalmente *pesqueiro*, em Siribinha, e *poitada*, em Bom Jesus dos Passos. Estas formas lexicais podem ser analisadas de acordo com a perspectiva do pescador, que ora pode ter tomado como referência o lugar onde se encontra o peixe, ou seja, o pesqueiro, ora o lugar onde se coloca a poita, ou seja, a poitada. Foram registradas, ainda, as formas *ponto de pesca*, mencionada por um informante (M3), e *boa lama* e *boa comidia de peixe*, utilizadas pelo mesmo informante (M5), em Siribinha, e podem ser consideradas descrições do local ideal para pesca.

As formas lexicais *pesqueiro* e *poitada* foram utilizadas como resposta também para o *local onde são lançados ramos ou galhos de planta para atrair os peixes*. Em Siribinha, além de *pesqueiro*, duas informantes (F3 e F4) mencionaram ainda *igoto*, variante fonética de *engodo*, e uma informante (F1), *viveiro*. Em Bom Jesus dos Passos, registrou-se a forma *pesqueiro*, mencionada por cinco pescadores e duas marisqueiras, e *poitada de ramo*, uma marisqueira (F4).

## DO MAR, O REGRESSO

O olhar sobre a linguagem da pesca nestas comunidades de fala trouxe muito da cultura e costumes desses espaços. As idas e vindas permitiram,

através da pesquisa de campo, conhecer um pouco da história e das tradições, e trouxeram muitas informações que não estão nos livros ou em qualquer documento escrito. Por outro lado, estas só podem ser obtidas através das entrevistas com cada informante, das travessias de barco, seja para acessar o cais, na ilha de Bom Jesus dos Passos, ou pelas caminhadas à frente das varandas das casas, na beira do rio ou no mangue, no vilarejo de Siribinha.

Há, do ponto de vista linguístico, muitas semelhanças e diferenças entre as comunidades pesquisadas. Sobretudo do ponto de vista diatópico, os registros encontrados comprovam a existência das formas lexicais no universo dos falantes. No entanto, há que se reconhecer que os dados aqui delineados não dão conta, por si só, de toda a produtividade lexical das comunidades, tampouco são capazes de determinar a existência de uma forma em detrimento de outra.

O universo da pesca artesanal, aqui apresentado, pode contribuir para a descrição da realidade linguística das comunidades envolvidas, o que atribui relevância e significado à pesquisa. Dessa forma, estudos de caráter dialetal e geossociolinguístico, que permitam conhecer a língua e cultura das comunidades – por envolverem conhecimentos culturais, sociais, históricos e econômicos – acabam por contribuir para o desenvolvimento de pesquisas não só na área da linguística, mas em áreas outras, e podem constituir ainda em material para posteriores estudos, como a construção de glossários, atualização de dicionários, composição de atlas, entre outros.



# **OS OBJETOS PARA TRANSPORTAR COISAS NA VIDA NÔMADE**

## **O QUE O LÉXICO REVELA SOBRE A MIGRAÇÃO SOCIOCULTURAL DOS CIGANOS *CALON***

GEYSA ANDRADE DA SILVA

### **PONTO DE PARTIDA DAS ANDANÇAS**

Este capítulo objetiva descrever e analisar as lexias usadas pelo grupo étnico dos ciganos *Calon* para nomear os objetos que levavam junto aos animais e nos quais transportavam alimentos, roupas e utensílios, assim como tratar da relação histórica de mudança - no sentido literal da palavra - entre esses povos nômades. Na busca por esta análise, enfocam-se aspectos da descrição lexical nos dados coletados a partir do inquérito aplicado em comunidades tradicionais ciganas.

O que se segue em análise, na verdade, é parte constituinte da pesquisa de doutoramento em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Tal empreitada acadêmica vem ocorrendo sob a orientação da professora Silvana Ribeiro - homenageada nesta obra -, que auxilia de forma singular no planejamento da temática do estudo, levando em consideração interesses e possibilidades de melhoria no desempenho acadêmico, contribuindo nas

etapas dos diferentes processos e frequentemente direcionando a tomada de decisões. A pesquisadora é coautora na produção deste trabalho, presta contribuição independente e essencial na escrita do capítulo e atua como revisora do conhecimento teórico e metodológico do conteúdo exposto.

Adaptou-se um questionário à realidade da etnia, que foi aplicado em áreas geográficas distintas e a análise dos dados baseou-se nas respostas transcritas. O *corpus* deste estudo firma-se em duas das questões selecionadas do inquérito, que contém no total 130 questões.

O objeto de análise recolhido pertence ao campo temático das “atividades pastoris” e sua escolha deu-se, sobretudo, devido ao favorecimento da descrição parcial de um elemento histórico-cultural do povo cigano – sabe-se que tal campo favorece a descrição de outros grupos que também tenham relação com a vida no meio rural.

A lexicologia, a ciganologia e a antropologia constituem o referencial teórico desta pesquisa, que tem a dialetologia pluridimensional como referencial metodológico, quanto à estratificação dos entrevistados em sexo (masculino e feminino) e faixa etária distribuídos com regularidade, além do controle diatópico. As análises apresentam um grupo étnico que se valia do nomadismo como oportunidade de ganhar a vida, devido à humilhação imposta pelas autoridades e à busca por preservar as tradições, e, para tanto, apoiavam-se de objetos que estruturavam os pertences nas viagens.

Tais memórias históricas e elementos culturais, investigados a partir das marcas impressas no léxico das falas desse povo cigano, serviram de recorte para a análise deste capítulo. De posse desse repositório sociocultural e linguístico, há *cangalha*, *mala de couro*, *alforje*, *baú* e *caçua* como elementos da representação cultural das atividades pastoris, no que se refere aos objetos que tais indivíduos levavam junto aos animais para transportar alimentos, roupas e utensílios.

O objetivo deste trabalho não é esgotar o tema, como poderia ser levado a deduzir, uma vez que as variáveis testadas não cobrem nem a amplitude do arcaouço territorial, nem as variáveis sociais passíveis de análise. No entanto o estudo do léxico admite um campo de investigação fértil, com pesquisas exequíveis, devido aos diversos pontos de análise que fornecem resultados promissores e permitem que novos desafios sejam, a partir de então, encarados.

Os trabalhos acadêmicos da última década sobre léxico cigano baseiam-se na área da lexicografia para legitimar a descrição e atualização dos vocábulos do falar romani, regionalizados ou não. A abordagem lexicológica, sociolinguística e dialetológica desse assunto ainda é carente de referencial teórico; por isso não se pode menosprezar a abrangência de fatores extralinguísticos associados aos falantes como características essenciais para descrição e análise desse aspecto da língua.

Busca-se conceituar e caracterizar, nas seções seguintes, o léxico como uma unidade sócio-histórica e cultural da língua; delinear a etnicidade dos ciganos; descrever a metodologia adotada para realização do estudo e analisar os itens lexicais que compõem o *corpus* da pesquisa.

## LÉXICO COMO UNIDADE SÓCIO-HISTÓRICA E CULTURAL DA LÍNGUA

O léxico é uma codificação - ainda que não a única - de um saber partilhado por um grupo de falantes, baseado na realidade sócio-histórica e cultural dos membros dessa comunidade linguística e através do qual os utentes da língua se comunicam mutuamente. Assim, o léxico, ao mesmo tempo que é uma codificação de uma representação cognitiva, favorece o quadro comunicativo.

Esse conjunto de palavras pertencentes a uma determinada língua caracteriza-se por ser geral aos indivíduos da comunidade linguística, sendo, portanto, social e essencial. Nele, não há delimitação de lugar e de tempo dentro de uma mesma comunidade. Isso o diferencia de vocabulário que, por sua vez, é um demonstrativo de um conjunto de palavras particular de um grupo restrito, acessório e com limitações temporais e de localidades, encontrando-se, pois, setorizado.

Muitas são as distinções - ou indagações? - acerca do léxico como um todo ou como uma parte. Seria, por essa razão, inocência acreditar numa transparência das definições distintas sobre o que é léxico, vocabulário, palavra, *lexia*. Detém-se, neste capítulo, a olhar o léxico como uma categoria de elementos mutáveis, não fixas e, constantemente, capazes de se movimentar. Neste mesmo viés, Correia (2010, p. 54) opina que

[...] o léxico é um conjunto virtual de todas as unidades de uma língua, incluindo, como já referido, as unidades que ocorrem não apenas nos diferentes registos [*sic*] especializados, como também em unidades que ocorrem em diferentes outros tipos de registos [*sic*] (oral/escrito, formal/informal, etc.), assim como em diferentes variedades da língua (nacionais ou regionais).

Correia (2010) assegura que o léxico é constituído não apenas de palavras elencadas nos dicionários, mas também de outras que se tornam possíveis pelos recursos disponíveis - empréstimos, neologismos, gramaticalizações, entre outros - dentro das comunidades linguísticas. Atesta-se, então, um fundamento amplo de léxico que se movimenta de um registro ou variedade para outro. A partir de tal fato, intui-se, portanto, que os itens lexicais podem surgir e manter-se em um grupo de falantes característico - como os atestados nos dados com comunidades isoladas - já que as fronteiras da língua corrente são abertas e permeáveis a variações e incorporações do léxico.

Como consequência dessa análise, o conceito de léxico é operativo em semântica, lexicologia e dialetologia, para o que aqui se propõe analisar, mas não restrito a essas áreas científicas; não esquecer que a terminologia, a lexicografia, a sociolinguística, a pragmática etc. também laboram com o léxico. E esse, por sua vez, convive em diferentes espaços, varia da língua corrente para as línguas de especialidades, da oral para escrita. Os vocábulos dicionarizados coocorrem com os neologismos, arcaísmos, empréstimos, abarcam variáveis sociais e/ou geográficas.

Os estudos desse elemento da língua dão provas que a adoção de um léxico para concretizar uma potencialidade denominativa obedece a condicionamentos socioculturais, históricos, econômicos e ainda variáveis sociais como sexo, idade, nível de instrução e região - para citar apenas algumas possibilidades controladas pelos pesquisadores da linguística para atestar a variação lexical.

A escolha de um código entre as diversas probabilidades ofertadas pelo repositório da língua como possibilidade de realização pode ser/é fruto das variações dominadas pelo falante ou, no seu extremo oposto, da sua exata ausência, e por isso lhe atrela a escolha a um daqueles condicionantes, sejam eles mais genéricos da comunidade (cultura, história, economia), sejam mais

específicos do indivíduo (sexo, idade, escolaridade, poder aquisitivo, regionalismo). Importante pensar inclusive que a possibilidade de escolha de um registro pode não concernir ao próprio léxico, mas também da variação de sintaxe e/ou pronúncia, como também de contexto.

Ao escolher uma comunidade linguística para observar o que o léxico usado por aqueles falantes no trato interno revela, ou ainda comparar o léxico usado por este grupo a outro, os pesquisadores notabilizam a influência direta e recíproca entre língua e sociedade.

Se a língua é um elemento aglutinador da sociedade e da comunidade - comunidade linguística - é também um dos produtos mais genuínos. Sociedade e língua estão constantemente a intrometer-se uma com a outra, a marcarem-se sem se demarcar. A sociedade reflecte-se continuamente na língua que lhe serve de argamassa e vice-versa. (VILELA, 1997, p. 43)

Cada época, cada grupo, cada área vai revelando seus traços sociais, refletido no/pelo léxico, alternando em possibilidade de percepção declarada ou disfarçada, a qual exigirá um olhar mais apurado e zeloso por parte do pesquisador. E assim o léxico vai ofertando amostras de crenças, de tabus, de gerações, de domínio de normas gramaticais, de regionalismos, de poder aquisitivo, de prestígio social e tantos outros.

De forma alguma é preocupante o número de variantes lexicais que os condicionantes consagram à língua. Essa não precisará se defender de tamanha diversidade e mutação, uma vez que todo o léxico está atrelado a um social, a uma cultura e sua produção: “[...] a língua é sempre o suporte de alguma coisa” (VILELA, 1997, p. 49), e, por isso mesmo, veículo do ter, do querer e do ser dos falantes num mundo genuinamente competitivo. Não seria, pois, diferente com o léxico.

Se estar provado que “a história de uma língua acompanha a marcha da história do povo que fala [...]” (ISQUERDO, 2006, p. 447) implica, obviamente, a já referida relação sociocultural e histórica da língua, para além da físico-geográfica, tais relações motivam, a vista disso, o surgimento das variações na manifestação da língua.

A extensão territorial do Brasil, suas diversidades culturais e regionais imersas no entrelaçamento dos tipos de registros amplificados pelo acesso aos meios de comunicação globais e o contato favorecido pelos processos internos de migração, contribuem sensivelmente para a realização dessas variedades da língua; nelas, contemplam-se os itens lexicais. Isquerdo (2006, p. 447), em seu construto teórico, constata que diante desse panorama

[...] delimitar o espaço geográfico e as fronteiras de uso de uma palavra configura-se como um fenômeno complexo, considerando-se sobretudo, que as fronteiras geográficas não representam fronteiras culturais e linguísticas [...].

A escolha de um item lexical por parte do falante, em detrimento de outros possíveis, orienta um caráter identificatório e distintivo; no entanto essa valorização de um determinado evento linguístico está para além do falante, disposto numa norma baseada em critérios políticos e socioeconômicos, entre outros, que limita o sistema por seu caráter prescritivo e seletivo vinculado ao valor social, ainda que nem todos os falantes tenham consciência desse atrelamento.

A ausência de critérios definidos com limpidez pelas políticas linguísticas para analisar a variação da língua brasileira não fornece, por enquanto, uma outra diretriz para a valorização da norma lexical que não alicerçada em parâmetros políticos e socioeconômicos. Nas duas últimas décadas, admitiu-se uma maior apreciação da temática e constituição de vários *corpora* representativos da variação em áreas distintas do país - a exemplo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) -, o que tem ajudado a fundamentar a norma e a variação regional do território brasileiro, uma vez que, metodologicamente, aplicam um único questionário linguístico a informantes de diversas áreas continentais e angariam dados concretos da variação diatópica e social.<sup>1</sup>

Discorrer sobre a norma na variante brasileira do português não é pretensão deste capítulo (ISQUERDO, 2006), mas reconhecemos que ela está

---

1 Buscou-se, seguindo esta mesma metodologia, descrever os itens lexicais utilizados pelos falantes em comunidades ciganas *Calon* inquiridos neste estudo.

associada a i. fatores históricos – iniciados no século XVI e firmados no século XIX com identidade própria, que exigem lançar o olhar sobre o universo antropológico para buscar a compreensão da formação cultural brasileira e a delimitação das normas distintas em áreas culturais atestadas por esses estudos; e ii. também vincula-se uma relação entre a norma lexical regional e a lexicografia, uma vez que, ao comentar, descrever e explicar sobre plantas, animais, objetos e habitantes, os escritores descritivistas expõem o vocabulário corrente em espaços geográficos diferentes. Essas descrições passaram a ser vistas com mais amplitude a partir do século XIX e, desde então, tornaram-se foco da atenção dos estudiosos para orientar a norma de caráter geral ou regional da língua abonada em obras lexicográficas.

Entendendo, dessa forma, que o léxico é o nível da língua que melhor assinala o homem dentro da sua plenitude sócio-histórica e cultural, uma vez que nomeia tudo do mundo que o cerca, traduzido pela visão dessa realidade, pautou-se, este estudo, em um questionário específico para a comunidade tradicional cigana na busca por reunir o léxico usado por esses *Calon* para nomear as coisas que na vida nômade serviam para transportar objetos, e averiguar se o item lexical usado manifesta a acepção dicionarizada ou é influenciado pelos saberes itinerantes, ou, ainda, se sofreu alguma variação semântica.

## A ETNICIDADE DOS CIGANOS

Na Europa, chama-se *Rom* todo e qualquer cigano, é um termo genérico (masculino e singular, *Roma* no plural). No Brasil, o conjunto de populações nômades permaneceu com o exônimo “cigano”. A origem etimológica da palavra *Rom* é incerta; no *romani* e na *chibi* significa homem.

Na verdade, o que parece que se tem é um termo – cigano – que cria uma categoria de cidadãos à parte, sem caracterizá-los; cumpre o papel de designar o grupo sem reconhecer suas especificidades e a variedade cultural desse povo.

Os relatos que seguem se apoiam em pesquisas antropológicas e estudos de diversos pesquisadores, inclusive como resultado do debruçamento sobre dissertações e teses. (BARTH, 1998; CUNHA, 2015; FRASER, 1998; GOLDFARB, 2013; PEREIRA, 2009; SENNA, 2005; SHIMURA, 2017; SILVA, 2017; TEIXEIRA, 1998)

Não há como discutir o ser cigano sem atrelá-lo ao conceito de etnicidade, que é defendido enquanto fenômeno que mantém fronteira étnica por meio de construção e manutenção dos grupos étnicos. Assim, o fato das ciganas, em algumas localidades, por exemplo, não mais vestirem a roupa típica porque essa característica cultural se modificou ou se atualizou pelo contato com outros grupos, não atinge ou apaga suas fronteiras étnicas. A roupa é apenas uma característica da sua identidade específica, essa não é modificada pelo contato com outras realidades sociais, culturais, econômicas e políticas. Barth (1998, p. 34) afirma, nesse sentido, que “[...] é a fronteira étnica que define o grupo e não o conteúdo cultural por ela delimitado”.

O reconhecimento dessa etnicidade ajuda a resgatar características culturais do grupo étnico – e, portanto, não o inverso – e a reivindicar seus direitos. Por conseguinte, a promulgação da Constituição Federal fundamentou as pautas das políticas públicas que buscam solucionar as demandas do grupo articulando essa identidade na esfera pública. A origem cigana e o conhecimento da história de seu povo acabam por reforçar entre a coletividade o sentimento de pertença, de referência.

É necessário desmontar o estereótipo do cigano típico. Há mais que evidências da sua diversidade, é preciso aceitar que o cigano é um mosaico étnico. As generalizações impedem de vê-los na sua pluralidade e causam um reducionismo da sua identidade. Pode-se, com um olhar sensível, perceber suas diferenças: eles são fragmentados, não possuem uma mesma identidade entre todos os ciganos; por outro lado, possuem sua singularidade que não permite que os confunda com índios ou qualquer outro povo. Entre eles, há semelhanças e dessemelhanças. Seria, portanto, ingênuo acreditar numa correspondência perfeita entre a denominação cigano e seus referentes.

Relacionam-se outras possíveis causas – além de origem e ofícios – para a complexidade inerente ao termo *cigano*. Teixeira (1998, p. 14) revela que o nomadismo e a dispersão

[...] que tiveram início a mais de dez séculos, propiciou tantos contatos interétnicos, e adaptações às condições espaço-temporais, que aplicar qualquer termo para o conjunto das comunidades ditas ciganas é um tanto arriscado.



Cigano não é religião, nem possui uma pátria restrita; cigano é um povo. Ciganos são nação, pois estão contratados num sentimento de fidelidade aos iguais, por sua especificidade sociocultural, por uma etnicidade confirmada pela União Romani Internacional reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 28 de fevereiro de 1979, a qual decretou o dia 8 de abril como Dia Internacional do Povo Cigano.

Para muitos deles, o fato de se tornarem sedentários, numa integração total à sociedade que os abriga, compromete sua identidade. Ao mesmo tempo que eles não desejam essa condição, a população não cigana, em geral, nega-lhes essa fixação, o “pouso-permanente”. A não sedentarização reforça o negativismo da circunstância de vagarem pela rua e de não estarem inseridos num processo produtivo.

Os *Calon* brasileiros gostam de ser chamados de ciganos ou mesmo de *Calon*, não se reconhecem na adjetivação pátria de brasileiros, atribuem o termo aos outros nascidos no Brasil e não ciganos; portanto identificam-se pela etnia e não pela nacionalidade.

Entre os que aqui estão, há três clãs que integram o povo brasileiro: os *Sinti*, os *Rom* (termo no sentido restrito) e os *Calon*. Alguns migraram voluntariamente; no entanto, vê-se que houve grupos que também foram historicamente submetidos a processos de deportação. A subdivisão em vários clãs é feita segundo denominação das antigas profissões e procedência geográfica, que acabam por falar línguas ou dialetos diferentes. Os *Calon* vivem de pequenos comércios, constituem moradias de maneira nômade ou seminômade, alguns em acampamentos, por deslocarem-se em busca da freguesia de cidade em cidade, dentro de um estado ou nas proximidades territoriais. Originários da Península Ibérica, Espanha e Portugal, representam também um grande grupo. Chegaram ao Brasil como degredados de Portugal, oficialmente a partir de 1574. Inicialmente, atuaram como saltimbancos, mambembes, mascates, latoeiros, ferreiros.

## CAMINHOS DA PESQUISA

O processo de análise dos dados é a ponta do *icerberg* numa pesquisa de campo. Antes dela, o estudo vem carregado de uma fase de planejamento e fôlego para construir o instrumento apropriado, para selecionar

os informantes, para localizá-los e executar o inquérito com a menor interferência possível, de modo a não alterar ou diminuir a precisão e a confiabilidade dos resultados.

A escolha do instrumento de pesquisa adequado para utilização na coleta de dados traz informações válidas de determinados aspectos da realidade para a análise; então, criar um instrumento, que se encaixe de maneira apropriada em relação ao estudo a ser executado, permite ao pesquisador identificar previamente possíveis fatores positivos e negativos inerentes ao mesmo. O desafio foi construir um questionário em consonância com os objetivos da pesquisa de doutorado em andamento que trata de “Um olhar sobre o léxico utilizado por falantes de comunidades ciganas no Brasil: um diálogo entre língua e cultura”, ou seja, instrumento adequado ao público da etnia cigana *Calon*. Para tanto, considerou-se a abordagem quanti-qualitativa, para poder apreciar os aspectos sócio-históricos da cultura étnica, empregar estratégias de investigação como coleta de dados mensuráveis em estatísticas proporcionais, realizar observações e registros que levaram à compreensão e interpretação do comportamento e tendências dos informantes.

Sendo o questionário o caminho e a ferramenta para o desenvolvimento da pesquisa, isso foi fruto de ampla análise do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB, junto à pesquisa de mestrado na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e às orientações de doutoramento na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e, ainda, fruto de um bate-papo com o Grupo de Estudos Cultura, Identidade e Ciganos (GECIG), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Assim, do apreendido e vivido, construiu-se um instrumento pertinente e adaptado à realidade da comunidade de fala a ser investigada.

O questionário concluso foi composto de 130 questões, das quais duas foram usadas para obter respostas que compuseram o *corpus* desta análise, a saber:

- Questão 08 - Como se chama a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?
- Questão 09 - E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?

Esta pesquisa contemplou três localidades interioranas do nordeste brasileiro que integram a rede de pontos da pesquisa. As respostas foram fornecidas por 18 informantes distribuídos conforme as seguintes variáveis:

- i. sexo – nove pessoas do sexo feminino e nove do masculino;
- ii. idade – faixa I dos 18 aos 28 anos; faixa II dos 33 aos 52 anos; faixa III dos 52 aos 72 anos;
- iii. localidade – Condado (PB); Tabira (PE); Jacobina (BA).

As respostas dadas ao questionário oferecem um juízo de valor que reflete não apenas o fato linguístico, como também a identidade cultural do falante. Procura valer-se dessa abrangência para alcançar aspectos sócio-históricos e culturais da etnia cigana. Todavia não há receitas exatas para estruturação dos questionários, apenas sugestões de condutas básicas ao aplicá-los, sem as quais não se pode assegurar o sucesso do inquérito.

## OS OBJETOS PARA TRANSPORTAR COISAS NA VIDA NÔMADE

Levantado os dados, obteve-se uma unidade lexical para nomear o conceito expresso na pergunta 8 do questionário, no campo temático de atividades pastoris, a saber: *cangalha*. Por outro lado, coletaram-se quatro unidades para a questão 09 – *mala (de couro)*, *baú*, *alforje*, *caçua*. Na discussão dos dados que segue, trata-se das ocorrências válidas e não válidas para tais questões e da análise dos itens encontrados à luz de obras lexicográficas. (AULETE, 2020; FERREIRA, 2010; FREIRE, 1954; HOUAISS; VILLAR, 2009; SILVA, 1890; VIEIRA, 1871)

### CANGALHA

O dicionário Houaiss (2009, p. 386) apresenta sete acepções para *cangalha*. Uma delas refere-se ao objeto inquirido, um regionalismo brasileiro, “artefato de madeira ou ferro, ger. acolchoado, que se apõe ao lombo das cavalgaduras para pendurar carga de ambos os lados”. Já em Ferreira (2010, p. 411) a entrada é no plural (a do singular descreve outras coisas) e registra “armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a

carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro”. Silva (1890, p. 398) trata da armação de pau própria do Brasil e que “de uma banda e de outra prendem a carga em saccos, bruacas, canastras, cassuás”, antecipando que objetos podiam ser usados para levar coisas presas à *cangalha*. As acepções referem-se à Figura 1, isoladamente, e em conjunto com o animal na Figura 2.

Figura 1 – Cangalha



Fonte: acervo da autora.

Figura 2 – Balaio



Fonte: gravura originalmente utilizada no QSL 57 do Projeto ALiB.

“Como se chama a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos e cargas?”. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 26) A pergunta 55 do QSL do ALiB foi retomada nesta pesquisa (questão 8) e registraram-se 66,6% de respostas válidas, em oposição aos 33,3% das respostas “Não sei” (NS), “Não lembro” (NL) ou “Não obtida” (NO), que foram alocadas nestas posições após análise.

Todos os informantes que nomearam a *cangaia* foram taxativos em dizer que não conheciam por outro nome, e alguns até chegaram a registrar o uso e diferenciar tipos delas: *cangalha de talabardão* – uma espécie de cobertura, geralmente, de couro cru, que se coloca na armação ou madeira da cangalha para facilitar a acomodação da carga, uma espécie de almofadas que eram colocadas no lombo do animal –; e *cangalha de cabeçote* – parte saliente e vertical das forquilhas da *cangalha* que impede a carga de cair. Ocorrências verificadas nos Exemplos 1 e 2.

### Exemplo 1 – Inquérito 12PEHFIII

INQ. – *Essa daqui [apresentação da Figura 1] o senhor chama?*

INF. – *Essa daqui é a cangaia.*

INQ. – *[...] E aí ela colocava no lombo e carregava coisas...*

INF. – *Carregava coisa. Era... carregava prato, colher, comida, entendeu?*

INQ. – *Pronto. Prato, colher e comida, se eu pensar, nessa segunda imagem [apresentação da Figura 2], com o senhor...*

INF. – *Pronto...*

INQ. – *Isso que vai aqui no lombo do animal.*

INF. – *Aqui é uma cangaia de talabardão. [...] Era conhecida como uma cangaia de talabardão, pode olhar que ela tem aqui nas apar do burro aqui ó, pra não ferir as sarnea do animal. Entendeu?*

INQ. – *Hum.*

INF. – *E essa aqui é uma cangaia de cabeçote [apresentação da Figura 1]. Ela tem uns cabeçote que onde engancha as asas do caçuá. Entendeu?*

Fonte: informação verbal – Inquérito 12PEHFIII – Informante: Pernambuco, homem, faixa etária III, não alfabetizado.

### Exemplo 2 – Inquérito 04PBHFII

INF. – *Uma cangaia.*

INQ. – *Uma cangaia. Só confirmar com você. São essas imagens [Apresentação das Figuras 1 e 2] aqui que trazem pra você a cangaia?*

INF. – *É, sim.*

INQ. – *É... conhece por outro nome, além de cangaia?*

INF. – *Não, só cangaia mermo.*

Fonte: informação verbal – Inquérito 04PBHFII – Informante: Paraíba, homem, faixa etária II, ensino fundamental II completo.

As ausências de respostas referem-se a três informantes (16,7%) que disseram “não saber” o nome do objeto inquirido: duas mulheres (PB e PE) e um homem (PB), todos da faixa etária I. Fica, portanto, evidente que o fato de não terem vivenciado a vida ligada ao campo torna o referente desconhecido, pois, mesmo diante da figura, eles não souberam nomeá-la. As duas informantes imediatamente disseram não saber; o paraibano, no entanto, nomeou-o de *sela*, para, depois da apresentação da Figura 1, eliminar a resposta dada.

Outros 16,7% foram agrupados em “não obtida” porque indicaram *sela* e *cambão* como respostas para o objeto usado para levar cestos e cargas, mesmo diante da apresentação da figura. Não havendo relação entre o referente e a lexia nomeada, optou-se por não as validar.

Dois informantes atribuíram *sela* como resposta. Curiosamente, o informante da faixa etária II, de Pernambuco, que viveu em ranchos na infância,

reconhece como *sela* e confirma a designação mesmo depois da apresentação da gravura; no entanto a resposta não foi validada. É o que está posto no Exemplo 3.

### Exemplo 3 – Inquérito 10PEMFII

INQ. – *Você sabe como chama a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro pra levar cestos e cargas?*

INF. – *Assim, nós conhecia isso como sela, né?*

INQ. – *A sela?* [Com surpresa]

INF. – *A sela.*

INQ. – *A sela era aquela que a gente monta?*

INF. – *Monta, isso.*

INQ. – *E aquela que a gente engancha as coisas do lado?*

INF. – *Se chamava de caçua. Que pai dizia chamava caçua, né?*

INQ. – *Pronto, eu vou lhe mostrar umas fotos aqui.*

INF. – *Certo... isso.*

INQ. – *Nessa segunda figura aí [Apresentou a Figura 2], isso aí é um caçua?*

INF. – *Caçua.*

INQ. – *É um caçua?*

INF. – *Meu pai disse que era, né?*

INQ. – *E essa parte que o caçua tá preso, que é igual a dessa primeira figura aqui [Apresentou a Figura 1]?*

INF. – *Se chama... mai... se chama de sela.*

INQ. – *Chamava de sela, isso aqui?*

INF. – *Era... isso.*

INQ. – *Chamava de sela e na sela prendia o... caçua*

INF. – *O caçua... isso.*

Fonte: informação verbal – Inquérito 10PEMFII – Informante: Pernambuco, homem, faixa etária II, ensino fundamental II completo.

O dicionário Houaiss (2009, p. 1723) apresenta o sentido de *sela* como “peça de couro posta sobre o lombo da cavalgadura, sobre a qual senta o cavaleiro e na qual são presos outros apetrechos dos arreios”, e Ferreira (2010, p. 1907) descreve “arreio de cavalgadura, o qual constitui assento sobre que monta o cavaleiro”. Em nenhuma das obras há uma descrição que possibilite o entendimento de *sela* como peça a qual se pendure cargas.<sup>2</sup>

2 Toma-se aqui uma decisão baseada na metodologia adotada de consulta às obras lexicográficas para análise e validação da lexia. No entanto, em outras obras ligadas à vida dos tropeiros, por exemplo, encontrou-se cangalha como um tipo de sela que além de levar cargas, servia para montaria. Em 02.11.2000, o ex-tropeiro Altamirando Camacon, em Salvador (BA), declarou numa entrevista: “agora os aparatos de tropeiro era [sic] muito grande. Pra gente preparar uma tropa é preciso ter cangalha, que é o melhor tipo de sela para carga, né”. (PAES, 2001, p. 133)

Outra resposta não validada foi a do inquérito 14, no qual o informante respondeu *cambão* para nomear o objeto e revelou não conhecer por outro nome. *Cambão* é, na verdade, uma “peça de madeira com que se prende por correias um ou mais bois a um carro, arado, moinho, engenho ou outro aparelho ou veículo de tração animal (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 375) que se refere a uma junta de dois bois para gerar um movimento ou até impedir o animal de correr.

Garimpada na memória, a *cangaia* tornou-se latente na resposta de 12 dos informantes, representando 66,6% das respostas válidas, conforme se verifica na Tabela 1. A coluna “Não obtida” refere-se às lexias não validadas na análise, mas que podem ser ampliadas e retomadas em outro contexto.

**Tabela 1 – Cangalha (realizações em % de ocorrências)**

Respostas	Valor relativo
<i>Cangalha</i>	66,6%
NS	16,7%
NO	16,7%
<b>Total</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pela autora.

O número de respostas documentadas foi de 18 ocorrências. O universo estudado foi de 12 respostas válidas, uma vez que se alcançou o total de 33,4% respostas NS, NL e NO.

O levantamento dos dados revelou a presença de apenas uma lexia: *cangalha*, que teve a mesma quantidade de ocorrências por estado, revelando um mesmo número de respostas válidas e de NS/NL/NO por localidade.

## **MALA (DE COURO)**

As sociedades, de forma genérica, podem ser divididas em nômades, agrícolas tradicionais ou sociedades capitalistas. Elas não seguem uma ordem de evolução, anulando uma à outra; elas coexistem, ainda hoje. Por outro ângulo, o agrupamento nômade pode também ser antagônico ao sedentário. E seja na formação da sociedade ou no agrupamento, o nomadismo não tem grande expressividade quantitativa. As pessoas que adotam essa

prática levam apenas o necessário para subsistência, não acumulam coisas e obtêm apenas o essencial para sobreviver.

Os itens materiais levados pelos ciganos nômades são, portanto, baseados nas necessidades. Basicamente, utensílios para produzir alimentos, os próprios alimentos e algumas roupas. O transporte em animais já tornava, por si só, limitada a carga. Pendurados na *cangalha*, presa aos animais, seguiam alguns objetos usados para transportar esses utensílios, alimentos e roupas. Esses sempre foram usados para carregar complementos indispensáveis aos hábitos do grupo.

A pergunta 9, nesse inquérito, “como se chamam os objetos de couro, com tampa, usados para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 26), obteve 80% de respostas válidas e 20% de NS/NL/NO. Como era de se esperar, respostas “Não sei” foram fornecidas pelos informantes da faixa etária I por não terem vivido essa realidade nômade (Tabela 2).

**Tabela 2** – *Mala de couro* (realizações em % de ocorrências)

Respostas	Valor relativo
Respostas válidas	80%
NS	15%
NL	5%
<b>Total</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pela autora.

As respostas não válidas são 20% das documentadas na pergunta, a saber: três NS e uma NL. O informante masculino, da faixa etária II, de Pernambuco, confessou não lembrar, apesar de ter se esforçado para tal, conforme Exemplo 4.



#### Exemplo 4 – Inquérito 10PEMFII

INQ. – *E quando era um objeto de couro com tampa, pra levar farinha, no lombo do burro ou do cavalo? Em vez de ser um caçuá, quando era um objeto tipo esse aqui, dessa gravura três, como vocês chamavam?*

INF. – *Ahh...isso aqui era chamado de ... como é o nome, meu Deus? É diferente desse aqui, de caçuá e de sela.*

INQ. – *Era diferente de caçuá e de sela.*

INF. – *É...chamarra de... oh meu Deus do céu... xô te... xô te lembrar... Já cheguei a... a ver isso.*

INQ. – *Já chegou a ver?*

INF. – *Já. Mãe... mãe tinha, sabe? Eu tenho uma cunhada que hoje ela tem uma dessa daqui, só que eu **não lembro** o nome.*

INQ. – *Não lembra o nome...*

INF. – *Mas eu sei o que é, na verdade... tá entendo? Eu lembro disso aqui.*

Fonte: informação verbal – Inquérito 10PEMFII – Informante: Pernambuco, homem, faixa etária II, ensino fundamental II completo (grifo nosso).

O Exemplo 5 revela ainda a existência de outro objeto – *estojo* – que apareceu no inquérito 3 e que servia para guardar alimentação. A resposta não foi validada porque diante da figura a informante reconhece ser uma *mala*. Num *corpus* mais amplo talvez o *estojo* apareça na fala de outros informantes e sirva a uma nova análise.

#### Exemplo 5 – Inquérito 03PBMFII

INQ. – *É... quando se usa objetos de couro, com tampa, pra levar farinha no lombo do cavalo ou do burro, como... como chama?*

INF. – *Um estojo, chama, normal.*

INQ. – *Um estojo?*

INF. – *Um estojo a gente num... num...*

INQ. – *Você conhece essa imagem?*

INF. – *Não, **isso aí é uma mala.***

INQ. – *Isso aqui é uma mala?*

INF. – *É um mala pro povo cigano.*

INQ. – *Qual a diferença entre a mala e o estojo?*

INF. – *O estojo é pra guardar a alimentação.*

INQ. – *Hum, hum.*

INF. – *E a mala é, justamente, essa mala aí que cigano usava botar as roupa. Que você também vai ouvir nos mais velho outro nome, que eles falavam. Conjunto de... ele tinham um nome, tá me fugindo aqui da... da cabeça, mas outro nome, eu conheço por mala.*

INQ. – *Você conhece por mala?*

INF. – *É.*

Fonte: informação verbal – Inquérito 03PBMFII – Informante: Paraíba, mulher, faixa etária II, graduanda (grifo nosso).

No Exemplo 6, o informante diz, primeiramente, não saber, depois escolhe a lexia *balaio* com hesitação. Na análise, considerou-se a primeira resposta: NS. Entretanto, a circunstante<sup>3</sup> traz para a pergunta a designação de *mala de couro*, com a finalidade de levar alimento. A fala da circunstante valida as respostas de outros informantes que nomeiam o referente como *mala (de couro)*.

### Exemplo 6 – Inquérito 08PEHFI

INQ. – *Como se chama um objeto de couro com tampa que muitas vezes o povo levava parte do alimento, a farinha...*

INF. – *Rapaz eu não sei o que dizer não...*

INQ. – *Xeu lhe mostrar uma foto... não eu quero ver se você que é novo lembra.*

INF. – *Ah rapaz, isso é um balaio,<sup>4</sup> né?*

INQ. – *Um balaio?*

INF. – *É.*

INQ. – *Você conhece pelo nome de balaio?*

INF. – *É, né?*

CIRC. – *Xô ver... uma mala.*

INF. – *Uma mala?*

CIRC. – *Mala.*

INF. – *É.*

CIRC. – *Uma mala de couro.*

INQ. – *Você chamava também de balaio.*

INF. – *Era.*

INQ. – *E o que é que você levava aí... nisso?*

INF. – *Ah levava vasilha também, né?*

INQ. – *Levava vasilha...*

CIRC. – *Comida.*

INF. – *Comida, alimento... tendeu?*

Fonte: informação verbal – Inquérito 08PEHFI – Informante: Pernambuco, homem, faixa etária I, ensino fundamental I incompleto (grifo nosso).

Como respostas válidas surgem aqui a *mala*, o *alforje*, o *baú*, o *caçua* e ainda *bisaco* (que por questão de oportunidade não será tratado neste trabalho). O material de que é feito os objetos (referência desta pergunta), os

3 Circunstante é aquele que está presente como participante ou espectador de uma ocorrência; que presencia um evento ou acontecimento.

4 O circunstante trata de mala e tem-se, nesta situação, uma posição de hierarquia entre ela, uma senhora acima dos 60 anos, e o informante, com 28 anos. A resposta balaio que não foi validada, nesta pesquisa, teve apenas uma ocorrência, e acreditou-se tratar de uma variedade de língua própria daquele indivíduo – um dado idioletal.

formatos e as utilidades são características imprescindíveis para a descrição e a nomeação deles.

Para essa pergunta, seguindo as acepções descritas nos dicionários pesquisados, podia-se obter como resposta *bolsa* ou *bruaca*; no entanto nenhuma dessas variantes foi contemplada pelos informantes desta pesquisa para designar o referente.

Objetivando uma melhor classificação e a tabulação dos dados, as lexias que apresentaram variação foram dispostas em agrupamentos lexicais. A Figura 3 apresenta o resultado alcançado durante a análise e considera as formas dicionarizadas das lexias para referência do agrupamento; para tanto desconsidera os modificadores e simplifica a derivação de grau.

Figura 3 – Formas lexicais de *mala* (de couro): agrupamentos



Fonte: elaborada pela autora.

A *mala* é posta no Houaiss, por extensão de sentido, como “receptáculo semelhante a uma caixa, de madeira, fibra, couro, lona etc., ger. provido de alça e algum tipo de fecho, us. esp. para transportar roupa” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1219); e por Ferreira (2010, p. 1311) com a mesma acepção: “espécie de caixa de madeira, de couro, lona, plástico, etc., destinada, em geral, ao transporte de roupas de viagem”. Destaca-se parte da descrição do verbete original do Aulete digital quando afirma que no Brasil – especificamente no Rio Grande do Sul – *mala* (de garupa) é “uma espécie de alforje que se põe na parte superior do lombilho” e *alforje* foi uma das respostas válidas nos inquiridos desta pesquisa; destaca-se também que Vieira (1871,

p. 58) e Freire (1954, p. 3271) não limitam o uso específico em viagem para o transporte de roupa, mas também de “outros objetos” “e etc.”. Observa-se, portanto, que, em relação à pergunta proposta, há uma distorção no que diz respeito à finalidade de uso. Na questão, enfatizam-se os “usados para levar farinha” e nas acepções pesquisadas “transportar roupa”, mas isso não foi significativo para as escolhas das respostas válidas, tendo em vista que 68,8% dos informantes optaram por essa variante.

O inquérito 15BAMFII, que segue, revela que a *mala* era colocada atrás da *sela*, ao contrário do *alforje* e do *caçuaá*, que se usava aos pares de um e do outro lado da *cangalha*. O Exemplo 7 – extraído deste inquérito – descreve também o que se levava na *mala*.

#### Exemplo 7 – Inquérito 15BAMFII

INQ. – O que levava na mala?

INF. – Na mala, pró, levava farinha, beiju, biscoito, aipim, batata, pão...

Fonte: informação verbal – Inquérito 15BAMFII – Informante: Bahia, mulher, faixa etária II, ensino fundamental II incompleto.

Ao ser realizada a pergunta ao informante – inquérito 9 –, uma circunstante indicou a resposta (*mala*), de maneira abrupta, sem sequer a pergunta ter sido concluída, não dando tempo de a informante responder; assim, inquestionavelmente, essa resposta não seria aceita para fins de validação. Na sequência, todavia, a informante, logo que ouviu a pergunta completa, não só ofereceu a resposta *mala*, mas acrescentou ter “*trêr malinha*”, transparecendo conhecer o referente e, na sua familiaridade com ele, foi capaz de informar a diferença do uso da *mala* para o *baú* e para *bisaco*. Dada a certeza de que a informante conhecia o nome pesquisado, validou-se a *malinha*. No agrupamento dos itens, *malinha* tornou-se *mala*, como se vê no Exemplo 8.

## Exemplo 8 – Inquérito 09PEMFII

INQ. – *E quando se usa objetos de couro, com tampa, em vez de ser o caçuí.*

INF. – *Isso.*

INQ. – *Aqueles de couro que tinha tampa pa levar...*

CIRC. – *A mala.*

INQ. – *... às vezes farinha, no lombo do cavalo ou do burro...*

INF. – *Tinha... ar mala. É... eu tenho delas aqui. Piquinininha, eu vou já ver pra você...*

INQ. – *Você tem mala aqui?*

INF. – *Eu tenho **trêr malinha** dessa. Só que ar minha é pequena...*

INQ. – *Hum.*

INF. – *Aí depois eu vou lhe amostrar, eu tenho um baú também. Que é da tradição.*

INQ. – *O que você levava na mala e o que você levava no baú?*

INF. – *Né, o baú...*

INQ. – *Sim...*

INF. – *A gente sempe butava assim, vazia. É o mermo jeito do caçuí.*

INQ. – *Do caçuí.*

INF. – *As mala também... que tinha uns que... o... ar roupa a gente sempre butava no bisaco.*

Fonte: informação verbal – Inquérito 09PEMFII – Informante: Pernambuco, mulher, faixa etária II, graduanda (grifo nosso).

A *mala* é resposta de maior produtividade entre os três grupos pesquisados, atingindo 68,8% das respostas válidas.

O *baú* foi outra resposta válida apresentada pelos informantes, com 12,5% de produtividade; assim como *mala*, não se pôde fazer qualquer relação com variáveis de sexo, idade, escolaridade ou região para escolha desta lexia.

Segundo Houaiss, *baú* é descrito como “peça de bagagem grande e rígida, de tampa freq. convexa, us. para o transporte de pertences” e como “peça semelhante a essa, us. como móvel para guardar roupas, objetos etc.”. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 269) Para Ferreira (2010, p. 294), *baú* é “caixa ou mala, de folha de metal ou de madeira (e nesse caso, em geral, recoberta de couro), com tampa convexa”. Apesar de o material couro ser lembrado, não se reporta ao armazenamento de alimentos e nem ao transporte em lombo de animais, assim como também nas outras obras lexicográficas consultadas. O Exemplo 9 retrata a resposta *baú*, prontamente validada, uma vez que a mesma informante oferece a *mala de couro* como variante ao *baú*.

### Exemplo 9 – Inquérito 11PEMFIII

INQ. – *Quando esses objetos, aqui, são de couro, com tampa que, às vezes, servia pra levar farinha...*

INF. – *Não, mas servia pra tudo.*

INQ. – *Servia pra tudo?*

INF. – *Servia.*

INQ. – *Esse outro aqui, que leva... no geral, bota no lombo do cavalo ou do burro também, é de couro e com tampa.*

INF. – *É... esse é uns baú.*

INQ. – *Esse é um baú.*

INF. – *É, é um baú.*

INQ. – *A senhora chama de baú.*

INF. – *É, mala de couro e baú.*

INQ. – *Mala de couro e baú.*

INF. – *É.*

INQ. – *Chama das duas coisas?*

INF. – *É.*

INQ. – *De mala e de baú?*

INF. – *É, chama.*

Fonte: informação verbal – Inquérito 11PEMFIII – Informante: Pernambuco, mulher, faixa etária III, não alfabetizada.

O *baú* aparece na fala de outros informantes, ora para assemelhá-lo a *mala*, ora para diferenciar o que se levava em um e no outro. No Exemplo 10, o informante descreve como objeto que levava as roupas.

### Exemplo 10 – Inquérito 16BAHFII

INQ. – *Você me falou da existência do baú. Qual é a diferença entre mala e baú?*

INF. – *Ó, o baú é... colocava as roupas.*

INQ. – *... as roupas.*

INF. – *... as roupas e a mala são utensílios doméstico tipo é... é... panelas, comida...*

Fonte: informação verbal – Inquérito 16BAHFII – Informante: Bahia, homem, faixa etária II, graduado.

Também com 12,5% das respostas válidas, outra variante que apareceu como resposta dos informantes foi *alforje*. Para Silva (1890, p. 617), *alforje* é “duplo saco, fechado nas extremidades e aberto no meio, por onde se dobra, de modo que fiquem separadas duas bolsas, quando se põe ao ombro ou na garupa das bestas”; no verbete original do Ferreira (2010, p. 100), além da descrição já posta por Silva, também “[...] que se enchem equilibradamente,

sendo a carga transportada no lombo de cavalgadas ou no ombro de pessoas”. Observa-se que o sema “com tampa” não foi considerado pelos informantes e não é fixado nas obras lexicográficas. Os informantes são taxativos ao afirmar que o *alforje* levava comida, como se lê no Exemplo 11.

#### Exemplo 11 – Inquérito 12PEHFIII

INF. – *Aqui nós conhecia por aforje.*

INQ. – *Alforje? [...]*

INF. – *Aqui nós conhecia ela por aforje. Nós conhecia por aforje.*

INQ. – *Levava o que aí?*

INF. – *Aqui nós levava um bocado de coisa. Rapadura, queijo, farinha... essas coisa, num sabe?*

Fonte: informação verbal – Inquérito 15BAMFII – Informante: Bahia, mulher, faixa etária II, ensino fundamental II incompleto.

As Figuras 4 e 5 foram usadas para auxiliar os informantes na resposta à questão 9, no entanto houve informantes que usaram *caçua* como resposta à referida questão, embora *caçua* refira-se a outro objeto, diferente no material usado para confecção, no formato e no fato de não possuir tampa.

Figura 4 – Bolsa



Fonte: acervo de Débora de Carvalho Pereira Sperat Czar.<sup>5</sup>

Figura 5 – Bolsa nos animais



Fonte: foto originalmente utilizada no QSL 57 do Projeto ALiB.

5 Diretora-geral da Associação SerTãoBras, sociedade civil sem fins lucrativos, voltada para os pequenos produtores rurais brasileiros.

O *caçudá*, enquanto “cesto grande e comprido de vime, cipó ou bambu, sem tampa e com alças para prender às cangalhas no transporte de gêneros diversos em animais de carga” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 355), está apresentado na Figura 2, é um brasileirismo e, segundo a mesma obra, etimologicamente tem origem controversa, africana ou tupi. O objeto não possui as características – de ser de couro e ter tampa – aludidas na questão indagada. Ferreira (2010, p. 378) também o descreve como “cesto grande e oblongo, feito de cipós rijos, vime ou fasquias de bambu, com aselhas, pelas quais se prende às *cangalhas*, e usado no transporte de gênero em alimárias”, sem as propriedades procuradas. Silva (1890, p. 709) trata do termo comum no Brasil e, usualmente, usado no plural: “Cesto de sipós rijos, da feição de uma canastra sem tampa, com azelhas do mesmo sipó, para se pendurar nas *cangalhas*; n’estes cassuás se levam cargas de cousas miúdas em bêstas”. Ainda assim, 6,3% dos informantes em respostas válidas objetivaram *caçudá* a indagação feita. Nota-se ainda que a concentração deles está no território paraibano. No Exemplo 12, o informante afirma ser *caçudá* as duas figuras (2 e 4), mesmo um com e o outro sem tampa, mesmo um sendo de couro e o outro de vime.

### Exemplo 12 – Inquérito 04PBHFII

INQ. – *E quando se usam objetos de couro com tampa pra levar farinha no lombo do cavalo ou do burro? Como chama?*

INF. – *Caçudá.*

INQ. – *Caçudá?*

INF. – *É.*

INQ. – *O caçudá tinha tampa?*

INF. – *Tinha, esse aí.*

INQ. – *Essa imagem aqui [mostra a Figura 2] é de um caçudá?*

INF. – *É.*

INQ. – *E aí eu vou aproveitar e lhe perguntar outra imagem, lhe mostrar uma outra imagem.*

*Essa... Essa gravura três [mostra a Figura 4] aqui...*

INF. – *Hum, hum, um caçudá com tampa, né?*

INQ. – *Esse aqui é o quê?*

INF. – *É.*

INQ. – *É um caçudá também?*

INF. – *É um caçudá também.*

INQ. – *E esse aqui é feito de vime e esse é feito de couro, os dois...*

INF. – **É, certeza.**

INQ. – *Os dois chamam caçudá?*

INF. – *Caçudá, todos dois.*

Fonte: informação verbal – Inquérito 04PBHFII – Informante: Paraíba, homem, faixa etária II, ensino fundamental II completo (grifo nosso).



Alguns informantes, mesmo respondendo *mala, baú e alforje* à questão 9, reconhecem o *caçua* como o objeto da Figura 2. Uma das oposições entre aqueles objetos e o *caçua* está no fato de o objeto de couro ser mais sofisticado, por isso mesmo o de vime era usado pelos ciganos menos favorecidos economicamente. Observe-se no trecho do informante 06PBHFIII.

### Exemplo 13 – Inquérito 06PBHFIII

INF. – *Aqui era o seguinte... a bera [beira ou tampa da mala, nota do transcritor] pra lá, aqui o cigano butava... vamos dizer nessa mala aqui... é... louça que era os terem do cigano [...] Agora nessa daqui... era os cigano mais pobre. Essas mala aqui era umas mala mais sofisticada, tal, tal...*

INQ. – *Essa de couro era mais sofisticada...*

INF. – *É. Essa daqui [Figura 2] se chamava **caçua**.*

Fonte: informação verbal – Inquérito 06PBHFIII – Informante: Paraíba, homem, faixa etária 3, não alfabetizado (grifo nosso).

No Exemplo 14, a informante ao olhar a Figura 2 nomeia os elementos presentes na imagem, entre eles o *caçua*. O objeto de couro, com tampa, para ela é *mala de couro* ou *baú*.

### Exemplo 14 – Inquérito 11PEMFIII

INF. – *Esse aqui é um jumento... burrica, as cangaia e os caçua... os jogo de caçua.*

INQ. – *E o caçua...*

INF. – *É.*

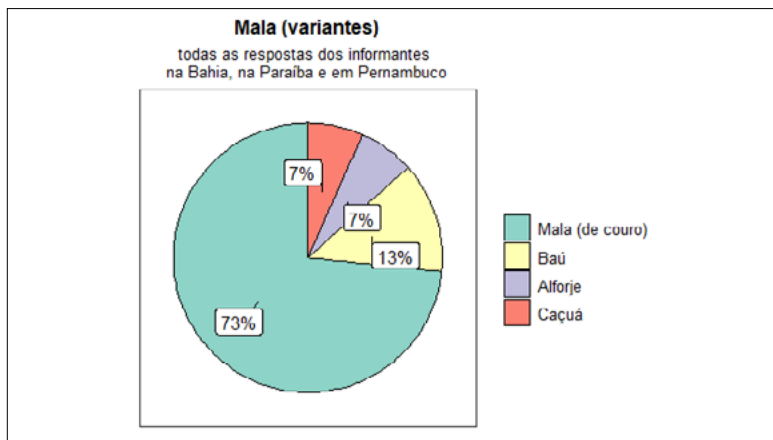
INQ. – *Um jogo de caçua.*

INF. – *Aqui a gente butava panela, prato... butava comida...*

Fonte: informação verbal – Inquérito 11PEMFIII – Informante: Pernambuco, mulher, faixa etária III, não alfabetizada.

Optou-se por demonstrar, através do Gráfico 1, exatamente, a relação entre a pergunta 9 e as respostas obtidas com os percentuais alcançados para cada agrupamento lexical contendo todas as formas documentadas.

**Gráfico 1 – Mala (variantes) todas as respostas dos informantes na Bahia, na Paraíba e em Pernambuco**



Fonte: elaborado pela autora.

O número de respostas documentadas foi de 20 ocorrências, num total de 80% de respostas válidas, e o total de “Não obtidas” é de 20%. Assim, o universo estudado foi de 16 respostas válidas.

O levantamento dos dados revelou a presença de quatro lexias diferentes que, após reunidas em grupos lexicais, geraram quatro agrupamentos diferentes: *mala (de couro)*, *baú*, *alforje* e *caçua*.

A lexia *mala (de couro)* ocorreu nos três territórios pesquisados; *caçua* é próprio da Paraíba e *alforje*, da área de Pernambuco; *baú* é a resposta dos informantes pernambucanos e baianos.

## O QUE SE REVELOU E PARA ONDE SE PODE IR

Este estudo apontou os itens lexicais empregados pelos ciganos *Calon* pesquisados na Paraíba, Pernambuco e na Bahia para nomear objetos usados para transportar coisas no período de itinerância sociocultural da comunidade tradicional, delimitando a distribuição de itens lexicais por ocorrências válidas e por estado.

Nesta pesquisa específica, o item lexical *cangaia* teve 80% de respostas válidas e, entre essas, a unidade lexical foi categórica em todas as variáveis analisadas.

Descreveu-se também a produtividade da unidade lexical *mala* (*de couro*) e suas variantes, revelando que este item específico atinge 73% das respostas válidas, ocorrendo nos três estados pesquisados isoladamente, em ambos os sexos e nas três faixas etárias. Ao item *mala* seguem-se: 13% de designação *baú*, 7% de *alforje* e 7% de *caçua*.

Como ampliação deste estudo, levantam-se indagações acerca da temática discutida:

- i. Em que proporção os itens lexicais elencados nessas localidades seriam revelados em comunidades *Calon* de outras áreas geográficas?
- ii. Comparando-se as respostas obtidas na etnia cigana com outra comunidade de indivíduos não ciganos que vivencia/vivenciou as atividades pastoris, em que nível os itens lexicais estariam enraizados ou variados?
- iii. Poderiam tais dados contribuir para uma reflexão da norma lexical e do regionalismo dessas palavras em espaços geográficos diversos e em grupos díspares?

Desafios para os pesquisadores que confirmam a importância das pesquisas lexicológicas e geolinguísticas para descrever o papel do léxico na manutenção e/ou renovação cultural da comunidade tradicional pesquisada.



# **FRASEOTOPÔNIMOS NO PORTAL DO SERTÃO (BAHIA)**

## **ONDE AS TEORIAS SE CRUZAM**

ANALÍDIA DOS SANTOS BRANDÃO  
ANGELO DE SOUZA SAMPAIO

### **CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO**

O presente trabalho se pauta nos aspectos teóricos e metodológicos da toponímia e da fraseologia, as quais se inserem nas pesquisas sobre o léxico como as áreas de investigação da Linguística responsáveis, respectivamente, pelo estudo dos nomes próprios de lugares e das combinações fixas de lexias. Essas são áreas de interesse e atuação dos autores, os quais desenvolvem pesquisas de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA): Analídia dos Santos Brandão em toponímia e Angelo de Souza Sampaio em Fraseologia. Ambas as teses são orientadas pela professora Silvana Soares Costa Ribeiro, a quem temos a honra de homenagear neste livro.

Estudos<sup>1</sup> recentes mostram que determinados topônimos possuem características semelhantes às dos fraseologismos, dando vazão para a

---

1 A temática será melhor desenvolvida na próxima seção.

conceptualização de uma nova categoria lexical, a dos fraseotopônimos, e motivando a confluência entre os autores para a observação mútua, toponímica e fraseológica, de um mesmo *corpus*. Nessa esteira, o presente capítulo tem como objetivo dar notícia dos resultados parciais de pesquisas desenvolvidas sobre a toponímia rural de acidentes humanos dos municípios que compõem o Território de Identidade 19 – Portal do Sertão/BA, pertencentes a duas mesorregiões, Catu e Centro-Norte baiano, e que abrange as duas microrregiões Feira de Santana e Metropolitana de Salvador. Apresentam-se os resultados referentes à análise dos fraseotopônimos empregados na nomeação de acidentes geográficos humanos do tipo fazenda.

Pautado no Decreto Estadual nº 12.354, de 25 de agosto de 2010, o estado da Bahia adotou a forma de divisão administrativa, nomeada território de identidade.<sup>2</sup> Essa é uma subdivisão territorial marcada pelo sentimento de pertencimento das comunidades de cada região da Bahia, que teve como critério de divisão as características geográficas, econômicas, ambientais, históricas e culturais. Tais feições, relacionadas entre si, apresentam dados que subsidiam a tomada de decisões voltadas para a urbanização, o comércio, o crescimento populacional, a educação etc. A escolha do Portal do Sertão/BA nesta pesquisa se deu pela riqueza da região, que vai desde o processo de povoamento até os dias atuais, quando se torna um ponto de intenso fluxo de viajantes, devido a sua posição geográfica que permite a ligação entre várias localidades do Nordeste, favorecendo a força do comércio e, com isso, as trocas linguísticas e culturais.

Objetiva-se averiguar a vitalidade das estruturas fraseotoponímicas no *corpus* observado, de modo que se possa mensurar o grau de proximidade entre as teorias toponímica e fraseológica. A hipótese é que tal proximidade seja de nível alto.

Em termos metodológicos, aplicaram-se os seguintes recortes ao *corpus*: i. os acidentes geográficos de natureza humana; ii. os acidentes humanos do tipo fazenda; iii. os nomes de fazendas que apresentaram estrutura

---

2 A divisão em territórios de identidade foi inspirada no Programa Territórios de Cidadania, que tinha o objetivo de promover ações voltadas “à melhoria das condições de vida, de acesso a bens e serviços públicos e a oportunidades de inclusão social e econômica às populações que vivem no interior do País”. (BRASIL, 2008)

morfológica composta. As análises buscaram, portanto, identificar a estrutura interna, a frequência de uso e a classificação taxionômica dos dados.

Desse modo, nas seções que se seguem estão: o referencial teórico que embasa esta pesquisa; a metodologia elegida; os resultados das análises; e a conclusão da pesquisa.

## DA TOPONÍMIA À FRASEOLOGIA

A nomenclatura dos lugares e acidentes geográficos sempre esteve presente na prática de socialização humana, marcada pela necessidade de orientação dentro de um espaço preciso. As escolhas dos nomes de lugares são estabelecidas inúmeras vezes pelas características físicas que os cercam, pelas subjetividades do nominador sobre o referente nominado e, principalmente, pelas características sociais, culturais e políticas de cada comunidade que conduzem para leituras de mundo diversas.

A toponímia é uma subárea da onomástica – área da Linguística responsável pelo estudo dos nomes próprios – que se dedica ao reconhecimento, classificação e análise dos nomes próprios de lugares. O estudo toponímico ganhou mais visibilidade no país a partir de Theodoro Sampaio (1901), Levy Cardoso (1961) e Carlos Drumond (1965), mas foi com a tese de doutoramento produzida por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, defendida em 1980 na Universidade de São Paulo (USP), que o olhar para os aspectos da realidade brasileira no processo de nomenclatura foi colocado em evidência, já que os parâmetros de estudos até então partiam de uma visão da toponímia francesa com Dauzat (1926).

Compreende-se que, no ato de nominar os espaços, o falante pode se basear nos aspectos populares ou espontâneos, como a nomenclatura por influência do meio físico e rural – nomes de rios, riachos e serras, por exemplo –, que estão gestados no meio da população a partir de sua experiência com o natural ou com o cultural. Além do espontâneo, há também as formas oficiais ou sistemáticas de nomear, tais como decretos ou projetos de lei. Os topônimos assim impostos podem ser aceitos ou não pela população. A não aceitação e o caráter popular acarretam uma prática muito comum em vários pontos do território brasileiro, a chamada toponímia paralela, que

se caracteriza pela duplicidade de nomes de alguns lugares, tendo como aspecto principal a sua existência não oficial.

Nos estudos toponímicos, a motivação semântica é importante para o exame dos nomes, pois o seu batismo não é de modo acidental. Ao nominar um espaço, o homem traz consigo influências culturais, religiosas e políticas, dentre outras dimensões caracterizadoras, como traços físicos da região. Diante disso, percebe-se que a unidade lexical faz parte do contexto linguístico do falante, ainda que, ao se tornar designativo de um lugar, este passe por um percurso não perceptível de assimilação. Dito de outro modo, entende-se que a nomeação de um lugar percorre o seguinte caminho: i. saída do universo virtual para uma unidade léxica da língua até chegar em um signo motivado, ou seja, um vocábulo antes da enunciação (lexia virtual); ii. inserção no universo geral do falante (lexema); iii. transformação em um sintagma toponímico. (CARVALHINHOS, 2003, p. 173)

Dick (1990) sistematiza a importância de compreender os topônimos como signos motivados que ultrapassam o simples ato de nominar:

[...] muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o *duplamente*: o que era *arbitrário*, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente *motivado*, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990, p. 38, grifos da autora)

O sintagma toponímico é formado por dois elementos, segundo Dick (1992, p. 10): o elemento genérico, que tem como referente um acidente físico (AF) ou humano (AH), que será descrito ou analisado (rio, fazenda, riacho, córrego, rua, cidade etc.), e o elemento específico, isto é, o próprio topônimo, nome que identifica ou particulariza o acidente: em *Fazenda Bela Vista*, a totalidade do nome é o sintagma toponímico, composto pelo elemento genérico *fazenda* e pelo elemento específico *Bela Vista*.

A classificação dos topônimos proposta por Dick (1990), e ampliada pela autora em 1992, foi pautada em modelos teóricos da área da toponímia como



Dauzat (1926), Leite de Vasconcelos (1931) e Stewart (1954) e é formulada observando dois aspectos: a natureza física e a natureza antropocultural, que levam em consideração as causas designativas dos nomes.

O modelo taxionômico de Dick (1992, p. 31-34) contempla 27 taxes. O termo *taxe* é comumente empregado na medicina para se referir à “pressão, feita com a mão, sobre um tumor herniário, para o reduzir” (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2021) ou simplesmente “redução de um tumor herniário”. (AULETE, 2020) Acreditamos que o termo foi empregado por Dick (1990, 1992) em analogia às reduções/recortes que as definições taxionômicas aplicam aos topônimos em geral. Dick (1992, p. 31-34) subdivide as 27 taxes em dois grupos: de um lado estão 11 classificações que refletem as causas motivacionais provenientes do ambiente natural, como a topografia de uma região, expressões que incluem a fauna e a flora etc., as quais estão exibidas no Quadro 1.

**Quadro 1** – Taxes que refletem as causas motivacionais provenientes do ambiente natural

TAXE	DEFINIÇÕES EXTRAÍDAS DE DICK (1992, p. 31-34)	EXEMPLO
Astrotopônimos	“Relativos aos corpos celestes em geral”	Fazenda <i>Estrela do Campo</i> , AH – São Gonçalo dos Campos/BA
Cardinotopônimos	“Relativos às posições geográficas em geral”	Fazenda <i>do meio</i> , AH – Teodoro Sampaio/BA
Cromotopônimos	“Relativos à escala cromática”	Fazenda <i>Amarela</i> , AH – Feira de Santana/BA
Dimensiotopônimos	“Relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade”	Fazenda <i>Grande Vista</i> , AH – Antonio Cardoso/BA
Fitotopônimos	“Topônimos de índole vegetal”	Fazenda <i>Ariri</i> , AH – Anguera/BA
Geomorfotopônimos	“Relativos às formas topográficas, elevações e depressões do terreno”	Fazenda Baixa do Curral, AH – Santa Bárbara/BA
Hidrotopônimos	“Topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (elemento água)	Fazenda <i>Riacho Fundo</i> , AH – Antônio Cardoso/BA
Litotopônimos	“Topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo”	Fazenda <i>Pedra Redonda</i> , AH – Santo Estevão/BA
Meteorotopônimos	“Relativos a fenômenos atmosféricos”	Fazenda <i>Viração</i> , AH – Teodoro Sampaio/BA

continua...

TAXE	DEFINIÇÕES EXTRAÍDAS DE DICK (1992, p. 31-34)	EXEMPLO
Morfotopônimos	“Topônimos que refletem o sentido de forma geométrica”	Fazenda <i>Volta do Rio</i> , AH – Teodoro Sampaio/BA
Zootopônimos	“Topônimos de índole animal”	Fazenda <i>Papagaio</i> , AH – Santa Bárbara/BA

Fonte: adaptado de Dick (1992).

As demais 16 classificações são aquelas que abordam aspectos relacionados às motivações históricas, sociais e culturais, modelos que definem pensamentos, abordagem política, artística etc. No Quadro 2, estão reunidas essas classificações.

**Quadro 2** – Taxas que abordam aspectos relacionados às motivações históricas, sociais e culturais

TAXE	DEFINIÇÕES EXTRAÍDAS DE DICK (1992, p. 31-34)	EXEMPLO
Animotopônimos ou Nootopônimos	“Relativos à vida psíquica e à cultura espiritual”	Fazenda <i>Boa Esperança</i> , AH – Tanquinho/BA
Antropotopônimos	“Relativos aos nomes próprios individuais”	<i>Bento Simões</i> , AH – Iará/BA
Axiotopônimos	“Relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais”	Fazenda <i>Alteza</i> , AH – Conceição da Feira/BA
Corotopônimos	“Relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes”	Fazenda <i>América</i> , AH – Santo Estevão/BA
Cronotopônimos	“Topônimos que encerram indicadores cronológicos pelos adjetivos novo/nova, velho/velha”	Fazenda <i>Novo Horizonte</i> , AH – Feira de Santana/BA
Ecotopônimos	“Relativos às habitações de um modo geral”	Fazenda <i>Cabana</i> , AH – Antônio Cardoso/BA
Ergotopônimos	“Relativos aos elementos da cultura material”	Fazenda <i>Saco de Pedra</i> , AH – Santa Bárbara/BA
Etnotopônimos	“Referentes aos elementos étnicos”	Fazenda <i>Cigano</i> , AH – Santo Estevão/BA
Dirrematotopônimos	“Construídos por frases ou enunciados linguísticos”	Fazenda <i>Deus Dará</i> , AH – Água Fria/BA
Hierotopônimos <sup>3</sup>	“Relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc.”	<i>Bonfim de Feira</i> , AH – Feira de Santana/BA

continua...

3 Esta taxionomia pode apresentar duas subdivisões: a) *hagiotopônimos* (“relativos aos santos e

TAXE	DEFINIÇÕES EXTRAÍDAS DE DICK (1992, p. 31-34)	EXEMPLO
Historiotopônimos	“Relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes”	<i>Maria Quitéria</i> , AH – Feira de Santana/BA
Hodotopônimos	“Relativos às vias de comunicação rural ou urbana”	Fazenda <i>Ponte Grande</i> , AH – Feira de Santana/BA
Numerotopônimos	“Relativos aos adjetivos numerais”	Fazenda <i>Quatro Estradas</i> , AH – Amélia Rodrigues/BA
Poliotopônimos	“Constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial”	<i>Vila Feliz</i> , AH – Feira de Santana/BA
Sociotopônimos	“Relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade”	Fazenda <i>Alambique Novo</i> , AH – Teodoro Sampaio/BA
Somatotopônimos	“Topônimos empregados com relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal”	<i>Cabeça de Vaca</i> , AH – Santo Estevão/BA

Fonte: adaptado de Dick (1992).

Como se vê a partir dos Quadros 1 e 2, ao criar os parâmetros metodológicos associativos das taxionomias às motivações, Dick (1990, 1992) pôde articular diretrizes para uma classificação mais consistente, relacionada à motivação semântica. Por exemplo: os fitotopônimos referem-se a nomes de plantas: Fazenda *Alecrim*; os sociotopônimos estão relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho dos membros de uma comunidade: Fazenda *Alambique Novo*; os historiotopônimos referem-se aos movimentos de cunho histórico e social, aos seus membros ou ainda às datas correspondentes: Distrito de *Maria Quitéria*; os zootopônimos referem-se aos nomes de animais: Fazenda *Papagaio*.

Visando ao melhor esclarecimento dos motivos semânticos, Isquendo (1996) ampliou a classificação dos animotopônimos, subdividindo-os em dois grupos: *animotopônimos eufóricos*, referentes ao estado anímico otimista (ex.: Fazenda *Boa Nova*, AH – Água Fria/BA), e *animotopônimos disfóricos*, referentes à transmissão de sensação desagradável, pessimista (ex.: Fazenda *Calundu*, AH – Feira de Santana/BA). Neste trabalho, adotou-se também essa proposta.

---

santas do hagiológico romano”. Ex.: Fazenda *Santa Rita*, AH – Santa Bárbara/BA); b) mitotopônimos (“relativos às entidades mitológicas”. Ex.: Ribeirão do *Saci* – AF – ES). (DICK, 1992)

Embora ainda não haja um consenso entre os estudiosos de Fraseologia quanto ao seu caráter disciplinar,<sup>4</sup> considera-se que este seja o ramo da linguística que tem como objeto de análise as unidades lexicais ditas complexas, compostas e textuais,<sup>5</sup> isto é, aquelas que são constituídas por mais de uma lexia simples e que apresentam autonomia semântica. Em outras palavras, o objeto de estudo da Fraseologia são as combinações fixas de unidades léxicas, também chamadas fraseologismos, que juntas possuem um único significado. (GONZÁLEZ-REY, 2015)

Os fraseologismos possuem características básicas específicas que os definem como tais, a saber: i. polilexicalidade: todo fraseologismo precisa ser composto por, ao menos, duas lexias (ex.: *mesa-redonda*, com o sentido de *conferência*); ii. fixação: as lexias que compõem os fraseologismos estão interligadas semântica, pragmática e sintaticamente de tal modo que a modificação de um ou outro elemento pode gerar estranheza para um falante nativo da língua (ex.: *\*mesa circular*,<sup>6</sup> com o sentido de *conferência*); iii. alta frequência de uso: as combinações de lexias que formam os fraseologismos estão tão frequentes na língua que, por vezes, é difícil dizer quando ou porquê foram motivadas (ex.: *cair a ficha*, com o sentido de *entender*. Não é necessário ter vivido na época dos telefones públicos movidos a fichas para compreender o sentido global do fraseologismo).

Mesmo que não seja um elemento definidor dos fraseologismos, algumas unidades podem apresentar certo grau de idiomaticidade, o qual está ligado à noção de opacidade e transparência semântica. Considera-se como opaco o fraseologismo que é semanticamente não composicional, isto é, que seu significado não é obtido da somatória dos significados de cada uma das lexias que o compõe, mas sim de sua totalidade. Por exemplo, o fraseologismo *pé de galinha*, com o sentido de *rugos que se formam ao redor dos olhos*, é semanticamente opaco, tendo em vista que o significado individual

4 Para alguns teóricos, a exemplo de Xatara (2013) e Polguère (2018), a Fraseologia é considerada como dependente da lexicologia, uma vez que a fraseologia de uma língua ocupa na memória o mesmo espaço de armazenamento que as unidades simples do léxico. Para outros, como Vilela (2002), Monteiro-Plantin (2014) e González-Rey (2015), a Fraseologia tem caráter independente, podendo ser classificada como pertencente às ciências do léxico.

5 De acordo com a definição de Pottier (1974).

6 O asterisco marca a agramaticalidade da construção, isto é, quando a sentença não é admitida como aceitável por falante nativo da língua em questão. (CHOMSKY, 1957, p. 15)

das lexias *pé e galinha* não contribuem para o significado do fraseologismo como um todo. Por outro lado, o mesmo não acontece com o fraseologismo *abridor de latas*, que é semanticamente composicional e, portanto, semanticamente transparente.<sup>7</sup>

Considerando os estudos em toponímia, observa-se que determinados sintagmas toponímicos, ou os próprios topônimos, apresentam características muito semelhantes àquelas que são percebidas entre os fraseologismos. O topônimo *Feira de Santana*, nome dado à maior cidade do interior da Bahia, localizada no centro-norte do estado, a 108 quilômetros da capital Salvador, é um bom exemplo disso. A história revela que a cidade foi assim batizada em referência à feira livre que acontecia na Fazenda Santana dos Olhos d'Água, localidade que deu origem à cidade. Acredita-se que a alta frequência de uso da expressão *Feira de Santana dos Olhos d'Água* culminou na nomeação do povoado que, anos depois, ganharia o título de cidade. Este seria, segundo a divisão taxionômica de Dick (1992), classificado como um sociotopônimo.

Além de ser polilexical, o topônimo apresenta traços de fixação e de idiomaticidade. Alguns testes simples confirmam tal argumentação, como pode ser visto nas sentenças em (1).

- (1) a. João foi à *Feira de Santana* visitar a sua avó.  
b. João foi ao *Mercado de Santana* visitar a sua avó.  
c. João foi à *Santana da Feira* visitar a sua avó.

A partir do exposto em (1), observa-se que a substituição da lexia *feira* por uma outra do mesmo campo semântico, como *mercado*, em (1b), resultaria na perda do caráter toponímico da expressão, uma vez que *Feira de Santana* corresponde a uma cidade em particular e que *Mercado de Santana* poderia ser um mercado qualquer. Alterações de nível sintático, como em (1c), também não poderiam ser aceitas. *Santana da Feira* não nomeia a cidade a qual (1a) se refere.

Diante disso, estudos recentes apontam para a observação dos topônimos polilexicais à luz das teorias que fundamentam a Fraseologia, dando origem

7 Para um aprofundamento sobre a noção dos diferentes graus de idiomaticidade, recomendamos a leitura de Mejri (2012).

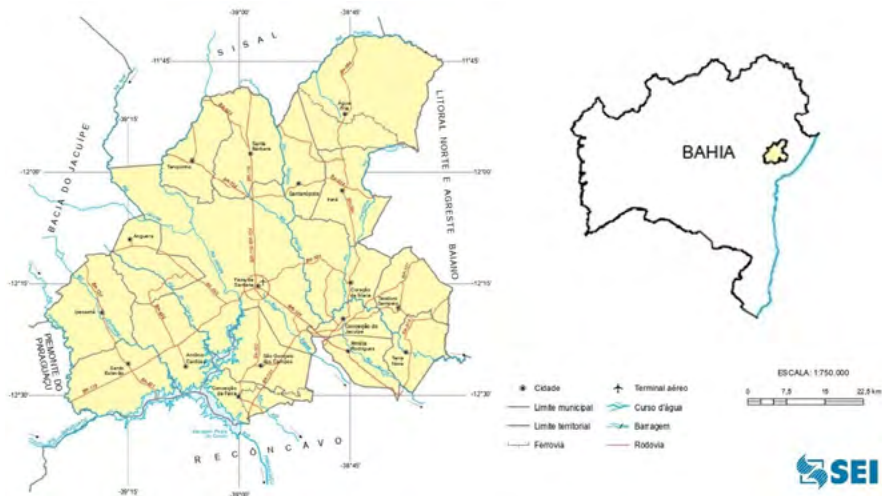
ao conceito de fraseotoponímia. (MARQUES, 2017; SILVA; ISQUERDO, 2020a, 2020b) Os fraseotopônimos são, portanto, “unidades toponímicas que, no plano da escrita, são grafadas como uma sequência de duas ou mais unidades lexicais que correspondem a um único referente: o acidente geográfico físico ou humano que ele nomeia”. (MARQUES, 2017, p. 25)

## A COMPOSIÇÃO DO TRABALHO

A Bahia é dividida em 27 Territórios de Identidade, uma divisão territorial desenvolvida pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), através do Decreto nº 12.354, de 26 de agosto de 2010 (BAHIA, 2010), os quais foram assim nomeados por apresentarem características em comum quanto aos aspectos sociais, culturais, econômicos, de valores étnicos e de produtividade.

O presente trabalho é oriundo de uma pesquisa maior que objetiva coletar, catalogar e analisar a toponímia rural de acidentes humanos dos municípios que compõem o Território de Identidade 19 – Portal do Sertão/BA. A Figura 1 apresenta o cartograma com a divisão político-administrativa desse Território.

Figura 1 – Divisão político-administrativa do Portal do Sertão/BA



Fonte: adaptado da Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia (2016).

Como se vê na Figura 1, o território de Identidade 19 – Portal do Sertão/BA engloba 17 municípios, os quais apresentam, dentre outras características, uma formação de base rural ligada ao comércio e à cultura de produção agrícola e pecuária. São eles: Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antonio Cardoso, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Feira de Santana, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio e Terra Nova. Tais municípios pertencem às mesorregiões Catu e Centro-Norte baiano e abrangem as duas microrregiões Feira de Santana e Metropolitana de Salvador.

O desenvolvimento da pesquisa obedeceu às seguintes etapas: i. delimitação da área a ser pesquisada – Território de Identidade 19: Portal do Sertão/BA; ii. levantamento dos dados, com pesquisa em cartas topográficas, elaboradas pela Superintendência de Assuntos Econômicos da Bahia (SEI), com escala de 1: 100.000, de todos os 17 municípios para a montagem do banco de dados; iii. tabulação dos dados quanto à natureza e ao tipo de acidente; iv. a estrutura interna (morfossintática); v. a classificação toponímica seguindo o modelo taxionômico de Dick (1992).

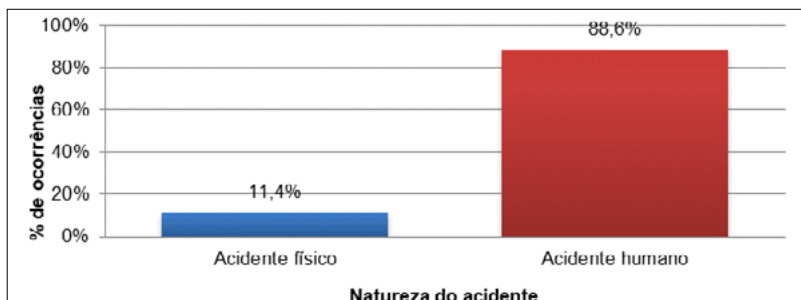
Dessa forma, para compor o *corpus* deste trabalho, foram aplicados três recortes metodológicos: i. os sintagmas toponímicos referentes aos acidentes humanos; ii. os sintagmas toponímicos que tivessem como elemento genérico o acidente humano *fazenda*; iii. os sintagmas toponímicos compostos por mais de uma lexia e que, portanto, apresentassem características fraseotoponímicas. Na seção a seguir, apresentam-se os resultados obtidos.

## O QUE OS DADOS REVELAM

Uma vez tendo sido concluída a coleta dos dados, foram computados 988 nomes de lugares. Levando em conta que o objetivo central da pesquisa é verificar a cobertura toponímica do Portal do Sertão/BA, e que foram considerados para compor o *corpus* da pesquisa os 17 municípios que pertencem a esse território de identidade, determinados sintagmas toponímicos se apresentaram em mais de uma ocorrência, visto que, por vezes, o mesmo sintagma nomeia mais de um acidente geográfico, mesmo que de municípios diferentes. Por essa razão, para os cálculos que aqui serão apresentados, contabilizaram-se todas as ocorrências, ainda que repetidas.

O Gráfico 1 apresenta os resultados do primeiro item classificatório observado, qual seja, a natureza dos acidentes geográficos.

**Gráfico 1** – Divisão dos dados quanto à natureza dos acidentes geográficos

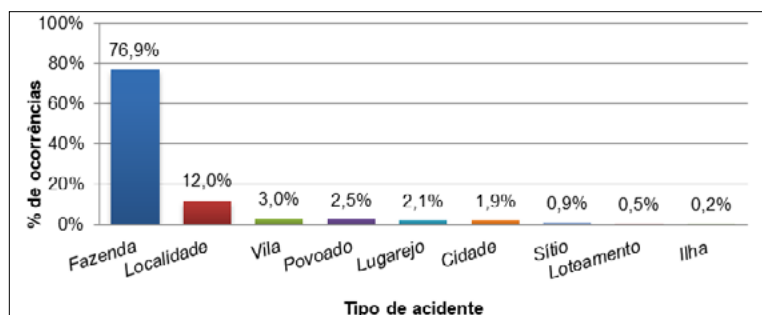


Fonte: elaborado pelos autores.

Como se vê na leitura do Gráfico 1, no que se refere à natureza dos acidentes geográficos, 88,6% dos dados coletados, isto é, 875 sintagmas toponímicos, foram de acidentes humanos, sendo esse o item com maior ocorrência. Em segundo plano, estão os acidentes físicos, com 11,4% dos dados, o que corresponde a um total de 113 sintagmas toponímicos. Neste ponto, aplicou-se ao *corpus* o primeiro recorte metodológico, isto é, um olhar para os dados toponímicos referentes aos acidentes humanos.

No que tange à classificação quanto aos tipos de acidentes humanos, segundo item observado, o Gráfico 2 expõe os resultados.

**Gráfico 2** – Tipologia dos acidentes humanos



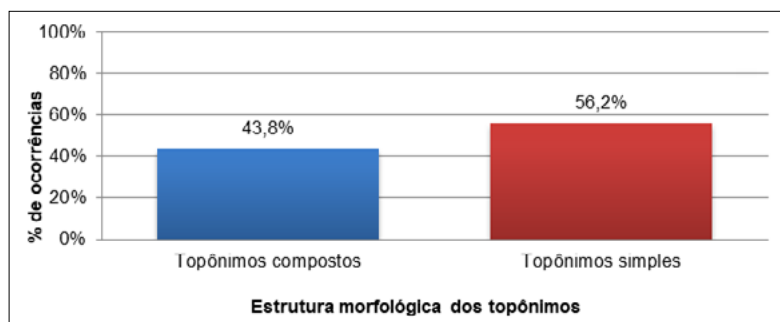
Fonte: elaborado pelos autores.



A partir da leitura do Gráfico 2, observa-se que os sintagmas toponímicos que compõem os acidentes humanos estão assim subdivididos: com 76,9% dos dados, quer sejam 673 ocorrências, encontra-se o tipo de acidente *fazenda*, sendo este o mais recorrente; com 12%, o que equivale a 105 ocorrências, está o tipo *localidade*, sendo o segundo mais recorrente; com 3% dos dados totais, isto é, 26 ocorrências, está o tipo de acidente *vila*; apresentando 2,5%, ou seja, 22 ocorrências, está o tipo *povoado*; com 2,1%, o que é correspondente a 18 ocorrências, figura o tipo *lugarajo*; em seguida, com 1,9%, 17 ocorrências, está o acidente humano *cidade*; com 0,9%, correspondente a oito ocorrências, está o tipo *sítio*; com 0,5%, quer sejam quatro ocorrências entre os dados totais, está o tipo *loteamento*; por fim, com duas ocorrências, equivalendo a 0,2% dos acidentes humanos, está o tipo *ilha*.

Aqui, o *corpus* da pesquisa foi mais uma vez afinado, aplicando-se o recorte aos sintagmas toponímicos pertencentes ao tipo de acidente humano *fazenda*. Dessa forma, para estender a análise aos sintagmas toponímicos que apresentassem características fraseológicas, foco principal deste trabalho, os dados foram tabulados de acordo com a sua estrutura morfológica, de modo a facilitar o reconhecimento e a seleção daqueles que são constituídos por mais de uma lexia, obedecendo à primeira característica dos fraseologismos: a polilexicalidade. Os resultados obtidos encontram-se no Gráfico 3.

**Gráfico 3** – Estrutura morfológica dos topônimos pertencentes ao acidente humano *fazenda*



Fonte: elaborado pelos autores.

Tal como o exposto do Gráfico 3, dos 673 casos de sintagmas toponímicos construídos a partir do elemento genérico *fazenda*, 56,2% dos dados totais, o equivalente a 378 ocorrências, são de topônimos simples, ao passo que 43,8% dos dados observados, isto é, 295 ocorrências, são de topônimos de estrutura morfológica composta. No item (2), estão alguns exemplos:

- (2) a. Fazenda Xodó
- b. Fazenda Zabelê
- c. Fazenda Bom Jardim
- d. Fazenda Baixa Fria

O item (2) exemplifica os casos de sintagmas toponímicos construídos pelo acidente humano *fazenda*. As construções em (2a) e (2b) correspondem aos sintagmas que apresentaram topônimos com estrutura morfológica simples. Em ambos os casos, o sintagma toponímico é constituído pelo elemento genérico *fazenda*, acrescido do elemento específico *xodó* e *zabelê*, respectivamente. Considera-se que a estrutura morfológica é simples tomando como base o elemento específico, o qual corresponde ao topônimo propriamente dito. Nos casos (2c) e (2d), por sua vez, são acrescidos ao elemento genérico *fazenda* os topônimos *Bom Jardim* e *Baixa Fria*, ambos formados por mais de uma lexia, sendo, portanto, classificados como morfológicamente compostos. São esses que interessam a esta pesquisa, visto que manifestam características fraseotoponímicas.

No que compete à análise das estruturas internas dos fraseotopônimos depreendidos do acidente humano *fazenda* com estrutura morfológica composta, foram registradas 21 formas distintas. De modo a verificar quais as possibilidades de estruturas morfossintáticas mais recorrentes, foi feita uma análise quantitativa dos dados obtidos. Entretanto, consideram-se, para efeitos de pertinência e quantificação, apenas as estruturas que se apresentaram em número igual ou superior a cinco ocorrências. Os demais foram agrupados sob o rótulo *outros*. Os resultados apurados encontram-se na Tabela 1.

**Tabela 1 – Quantificação da estrutura interna dos fraseotopônimos**

Taxionomias	Valor absoluto	Valor relativo
Adj + N	109	36,9%
N + Adj	71	24,1%
N + Prep + Det + N	45	15,3%
N + N	19	6,4%
N + Prep + N	18	6,1%
Adj + N	7	2,4%
V + N	5	1,7%
Outros	21	7,1%
<b>Total</b>	<b>295</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pelos autores.

Como se vê na Tabela 1, das 21 formas diferentes de estrutura interna, sete ocorreram em número igual ou superior a cinco. A estrutura de maior frequência é a Adj + N, com 36,9% dos dados totais. Em segunda posição, está a estrutura N + Adj, com 24,1% dos dados. Em terceiro lugar, encontra-se a estrutura N + Prep + Det + N, com 15,3%. Em seguida, figura-se a estrutura N + N, com 6,4%. A estrutura N + Prep + N aparece logo em seguida, com 6,1% dos dados. Perfazendo um total de 2,4% está a estrutura Adj + N. Por fim, com 1,7% dos dados, está a estrutura V + N. No rótulo *outros*, compilam-se as demais 14 estruturas que, juntas, totalizam 7,1% dos dados.

A título de exemplificação, apresentam-se, em (3), exemplos dos fraseotopônimos compostos pelas duas estruturas internas mais recorrentes.

- (3) a. Fazenda Bela Vista  
 b. Fazenda Água Boa

O sintagma toponímico em (3a), *Fazenda Bela Vista*, é construído a partir do elemento genérico *fazenda* acrescido do elemento específico *Bela Vista*. Este é um exemplo de fraseotopônimo formado pela estrutura interna Adj + N. Foram contabilizadas 109 unidades fraseotopônicas que apresentaram essa mesma ordem sintática. Considerando que o *corpus*

deste trabalho é constituído por 295 fraseotopônimos, estima-se que 109 ocorrências de uma mesma estrutura interna seja um dado muito expressivo: pouco mais de um terço dos dados totais. Percebe-se com isso que há um padrão de formação dos fraseotopônimos que batizam o acidente geográfico humano do tipo *fazenda* no Portal do Sertão/BA, o que revela o caráter fixo, e portanto fraseológico, dos dados.

O exemplo em (3b), *Fazenda Água Boa*, corresponde à estrutura interna N + Adj. Aqui, a lexia *fazenda* faz as vezes de elemento genérico, ao passo que as lexias *água e boa* assumem a função de elemento específico. Foram computadas 71 ocorrências dessa estrutura interna, dado que também é pertinente para esta análise, uma vez que corresponde a quase um terço dos dados totais.

Considerando que as duas formas de estrutura interna mais recorrentes são Adj + N e N + Adj, ou seja, que uma é o inverso da outra e que juntas elas totalizam 61% dos dados e, ainda, que segundo a gramática normativa de língua portuguesa,<sup>8</sup> o emprego do adjetivo apresenta certa flexibilidade na língua quanto a sua ordem dentro do sintagma nominal, podendo ocorrer tanto em posição pré- como pós-nominal, patenteia-se a predileção dos nominadores do Portal do Sertão/BA para as formas adjetivais ao nomear fazendas. É importante lembrar que a alta frequência de uso, neste caso da estrutura interna, é uma das principais características dos fraseologismos, o que evidencia que os topônimos aqui em análise têm, efetivamente, traços fraseológicos, tornando aceitável categorizá-los como fraseotopônimos.

No que compete à classificação toponímica dos dados, seguiu-se, como já dito, o modelo de identificação proposto por Dick (1990, 1992), no qual a autora ordena os topônimos em taxes semânticas. A Tabela 2 exhibe os resultados alcançados.

8 Embora Cunha e Cintra (2007, p. 280) estabeleçam nuances semânticas oriundas do processo de adjetivação, isto é, que na posição pós-nominal o adjetivo posposto possui valor objetivo, enquanto na posição pré-nominal o adjetivo anteposto assume valor subjetivo, dando ênfase ao qualificativo, em termos sintáticos, ambas as posições são gramaticais em língua portuguesa.

**Tabela 2** – Classificação taxionômica dos fraseotopônimos relativos ao acidente *fazenda*

Taxionomias	Valor absoluto	Valor relativo
Hagiotopônimos	63	21%
Animotopônimos Eufóricos	39	13%
Hidrotopônimos	38	13%
Geomorfotopônimos	32	11%
Litotopônimos	16	5%
Fitotopônimos	15	5%
Sociotopônimos	11	4%
Ergotopônimos	9	3%
Hierotopônimos	9	3%
Ecotopônimos	9	3%
Cronotopônimos	9	3%
Outras	45	15%
<b>Total</b>	<b>295</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pelos autores.

Dos fraseotopônimos analisados nos acidentes humanos *fazendas*, quanto à classificação taxionômica (DICK, 1990, 1992), os mais expressivos foram os classificados como hagiotopônimos, totalizando 21% dos dados. Em seguida, aparecem os animotopônimos eufóricos e hidrotopônimos, ambos com 13% cada. Logo depois, estão os fraseotopônimos classificados como geomorfotopônimos, que perfazem 11% dos dados. Os demais casos, equivalentes às taxes litotopônimos, fitotopônimos, sociotopônimos, ergotopônimos, hierotopônimos, ecotopônimos e cronotopônimos manifestam-se com porcentagem igual ou inferior a 5%. O último item, contudo, rotulado como *outras*, corresponde ao agrupamento das taxes semânticas que tiveram ocorrência absoluta igual ou inferior a seis. Tal etiqueta, como se vê, totaliza 15% dos dados totais.

Para efeito de exemplificação, apresentam-se no item (4) fraseotopônimos das quatro taxes semânticas mais recorrentes.

- (4) a. Fazenda Cosme e Damião
- b. Fazenda São Jorge
- c. Fazenda Boa Lembrança

- d. Fazenda Bom Gosto
- e. Fazenda Rio do Peixe
- f. Fazenda Lagoa Grande
- g. Fazenda Campo Limpo
- h. Fazenda Morro do Velho

Os fraseotopônimos em (4a) e (4b) correspondem à taxionomia hagiotopônimo, que é relativa à hagiologia, ciência que se dedica ao estudo dos santos ou coisas santas. (AULETE, 2020) Aqui, as fazendas foram batizadas com os nomes de Cosme e Damião, em (4a), e São Jorge, em (4b), ambos santos de profissão de fé católica. Ao serem empregados para denominar acidentes geográficos, os nomes próprios perdem o caráter antropônimo e passam a exercer a função de elemento específico do sintagma toponímico. Tanto um quanto outro, os topônimos apresentam características fraseológicas.

O primeiro, *Cosme e Damião*, pode ser classificado como um fraseologismo do tipo binômio, segundo a definição de Tagnin (2013, p. 81): “um binômio é geralmente formado por duas palavras pertencentes à mesma categoria gramatical e ligadas por uma conjunção ou preposição” e é sintática e semanticamente fixo. A alteração da ordem dos elementos que formam o fraseologismo não é aceita na língua ou causa estranheza para um falante nativo: \**Damião e Cosme* não é usual ou frequente em língua portuguesa.

O segundo, *São Jorge*, pode ser classificado como um fraseologismo do tipo colocação. Uma colocação é um fraseologismo constituído através da coocorrência léxico-sintática de certas lexias que são usualmente empregadas de forma conjunta, não havendo, via de regra, uma explicação para o fato. (TAGNIN, 2013, p. 63) Tal coocorrência aparece na língua com tanta frequência que adquirem certo grau de fixação e, por isso, dão a impressão de que foram constituídas de forma natural e sempre estiveram juntas. (MONTEIRO-PLANTIN, 2017, p. 6) Polguère (2018, p. 65, grifo do autor) define as colocações do seguinte modo:

Uma *colocação* é um sintagma AB (ou BA) tal que, para construí-lo, o Locutor seleciona A livremente de acordo com o sentido ‘A’, ao passo que ele seleciona ‘B’ para exprimir junto de A um sentido ‘s’ em função de restrições impostas por A.

Desse modo, considera-se que, no fraseotopônimo *São Jorge*, a lexia *Jorge* equivale à base da colocação, a qual seleciona o colocado *São* para que, juntas, expressem um único referente. Assim como os binômios, as colocações podem apresentar fixação sintática e semântica: *\*Santo Jorge* ou *\*Jorge São* não são combinações convencionais em língua portuguesa.

Ademais, vale ressaltar que, sendo os hagiotopônimos os fraseotopônimos com maior recorrência entre os sintagmas toponímicos com estrutura morfológica composta, fica evidente no Portal do Sertão/BA a forte influência das crenças religiosas pautadas no catolicismo, uma vez que o uso de nomes de santos e santas atua como forte marcador de nomeação das propriedades particulares.

Os exemplos em (4c) e (4d), *Fazenda Boa Lembrança* e *Fazenda Bom Gosto*, respectivamente, correspondem à taxa semântica animotopônimos eufóricos. Das 39 ocorrências dessa taxa, 32 são com o adjetivo *bom/boa*, contra cinco ocorrências com o adjetivo *bela*, uma com o advérbio *bem* e uma com o adjetivo *meiga*, evidenciando uma predileção dos nominadores do Portal do Sertão/BA pelo adjetivo *bom/boa*.

Os fraseotopônimos em (4e) e (4f), *Fazenda Rio do Peixe* e *Fazenda Lagoa Grande*, são exemplos da taxa semântica hidrotopônimo, a qual faz referência à hidrologia, ciência responsável pelo “estudo da distribuição, movimentos e propriedades das águas da superfície da Terra”. (AULETE, 2020) Ambos os exemplos são, acredita-se, correspondentes a fraseologismos do tipo “colocação”. Aqui, as lexias *Peixe* e *Grande* atuam como a base da colocação que seleciona as lexias *Rio* e *Lagoa* para assumirem a função de colocado. Mais uma vez, testes de modificações sintática e lexical evidenciam o caráter fixo dos fraseotopônimos: *Rio do Peixinho* ou *Peixe do Rio*, assim como *Lagoa Avantajada* ou *Grande Lagoa* acarretam a perda do referente que os fraseotopônimos expressam.

Por fim, em (4g) e (4h), estão os exemplos da taxa semântica geomorfotopônimo: *Fazenda Campo Limpo* e *Fazenda Morro do Velho*, respectivamente. Os geomorfotopônimos fazem referência aos aspectos geográficos do ambiente ao qual o acidente, físico ou humano, está inserido. Aqui, mais uma vez, acredita-se que sejam casos de colocações. As lexias *Limpo* e *Velho* assumem o papel de base da colocação e selecionam os aspectos geográficos *Campo* e *Morro* como colocados. Também nestes exemplos, alterações de

ordem sintática e lexical não são aceitas: *Campo Lavado* ou *Limpo Campo*, assim como *Morro do Idoso* ou *Velho Morro* levam à perda do referencial toponímico das expressões.

## O QUE PÔDE SER DEPREENDIDO DO TRABALHO

Este trabalho se propôs a dar notícias dos primeiros resultados obtidos a partir da coleta e análise dos dados toponímicos, extraídos do Território de Identidade 19 – Portal do Sertão/BA, no que diz respeito à possibilidade de categorização de fraseotopônimos.

As análises foram feitas a partir do seguinte percurso metodológico: i. primeiro recorte: natureza dos acidentes geográficos – os resultados revelaram que 88,6% dos dados analisados são compostos por acidentes geográficos humanos; ii. segundo recorte: tipo de acidente geográfico – 76,9% dos acidentes geográficos humanos são do tipo fazenda; iii. terceiro recorte: estrutura morfológica – entre os topônimos que nominam as fazendas do Portal do Sertão/BA, 43,8% são de topônimos com estrutura morfológica composta. Após a etiquetagem dos dados, verificou-se que 61% dos dados apresentaram predileção por formas adjetivais para a estruturação dos nomes de fazendas, seja pela estrutura interna Adj + N, seja pela estrutura N + Adj.

Ao observar tais resultados, pôde-se depreender que os topônimos de estrutura morfológica composta que denominam fazendas no Portal de Sertão/BA demonstram características muito próximas daquelas identificadas nos fraseologismos, permitindo qualificá-los como fraseotopônimos, visto que apresentam polilexicalidade, alta frequência de uso e fixação de níveis sintático, semântico e pragmático.

Em termos culturais, observou-se também que 21% dos fraseotopônimos foram classificados como pertencentes à taxa hagiotopônimo, evidenciando a cultura cristã católica no Portal do Sertão/BA.



# **FRASEOLOGISMOS NA LITERATURA**

## **PERCURSOS PARA UM ESTUDO SOBRE OS PRAGMATEMAS, AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E AS DIFICULDADES DE CLASSIFICAÇÃO**

ANGELO DE SOUZA SAMPAIO

### **O QUE SABER ANTES DA JORNADA**

O presente capítulo é oriundo da pesquisa de doutorado em andamento do autor, sob orientação da professora Silvana Soares Costa Ribeiro, aqui homenageada. A tese tem como objetivo fazer um levantamento e catalogação dos dados fraseológicos presentes da coletânea francesa de contos infantojuvenis *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964), que é comumente recomendada como leitura paradidática em aulas de Francês como Língua Estrangeira (FLE). O objetivo final da tese é a elaboração de um dicionário fraseológico, à guisa de um manual de leitura, que possa auxiliar os estudantes brasileiros de FLE na compreensão dos fraseologismos encontrados nos contos. Sendo assim, a tese, e consequentemente este capítulo, estão pautados nas discussões mais recentes sobre Fraseologia, as quais são apresentadas a seguir.

O signo linguístico, tal como postulado por Ferdinand de Saussure (SAUSSURE, 2006), manifesta-se a partir de duas dicotomias básicas. De um lado, encontra-se a oposição signo lexical (palavras que compõem o léxico da língua) *vs.* signo gramatical (sufixo -s como marca do plural, por exemplo); e, de outro, a oposição signo elementar – aqueles que “[...] não podem ser decompostos em signos mais simples dos quais eles seriam constituídos” (POLGUÈRE, 2018, p. 44) – *vs.* signo complexo – aqueles que “[...] são decomponíveis em outros signos”. (POLGUÈRE, 2018, p. 44) Os signos complexos podem se manifestar de, pelo menos, duas formas: quer seja pela junção de um signo lexical e um signo gramatical, quer seja pela união de vários signos lexicais em um único signo linguístico, isto é, que seja capaz de remeter, integralmente, a um único significado.

Partindo de tais dicotomias, Pottier (1974) subdivide os signos linguísticos complexos em três novas categorias: i. signo composto (*beija-flor, palavra-chave*); ii. signo complexo (*pano de prato, pano branco*); iii. signo textual (quando o signo ganha a dimensão de um enunciado ou de um texto, tendo como exemplo hinos nacionais, orações, adivinhações, provérbios e outros).

O termo *fraseologia*, por sua vez, é polissêmico e pode ser compreendido de três formas distintas: i. como disciplina da linguística; ii. como objeto de estudo dessa disciplina, ou seja, o conjunto de elementos que ela estuda; iii. como um domínio terminológico determinado, igualmente chamado de jargão ou língua de especialidade. (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 29, tradução nossa) Em vista disso, a fraseologia é o ramo da linguística que trata de questões relativas aos signos linguísticos compostos, complexos e textuais de uma língua, isto é, as combinações fixas de unidades léxicas.

A depender da corrente teórica que se observe, o fenômeno da fraseologia pode receber nomenclaturas diversas. As mais usuais são: expressão idiomática (EI), *figement*, expressão *figée*, sequência *figée*, fraseologismo, unidade fraseológica, expressão figurada, perífrase, forma de falar, provérbio, locução verbal, máxima, ditado, entre outras. (MEJRI, 2017, p. 9, tradução nossa) Contudo, neste trabalho, adotaremos o termo fraseologismo.

Os fraseologismos são, portanto, unidades léxicas polilexicais que possuem certo grau de idiomaticidade e alta frequência de uso. As lexias que as compõem estão interligadas semântica, pragmática e sintaticamente,

de tal modo que seu significado é dado pela totalidade de seus elementos. (ORTÍZ ALVAREZ; UNTERNBÄUMEN, 2011, p. 9)<sup>1</sup>

Se todo fraseologismo carece, para ser considerado como tal, de atender a estes pré-requisitos básicos, nem todo fraseologismo é, contudo, pertencente à mesma categoria. Bevilacqua, já em 1996, chamava a atenção para a falta de precisão na delimitação das unidades fraseológicas, as quais, devido à complexidade decorrente de suas características particulares, geravam conflitos quanto a sua conceituação. A autora reitera que

[...] para alguns autores, a fraseologia limita-se às expressões idiomáticas próprias de uma língua; outros consideram que ela inclui os provérbios, os ditos, as locuções e as lexias compostas. Há ainda quem considere que tais unidades possuam tamanhos extremamente variáveis, podendo incluir palavras, grupos de palavras, de termos, locuções, expressões, orações segmentos de frases, frases, conjunto de frases e assim por diante. (BEVILACQUA, 1996, p. 9-10)

A literatura mais recente (GONZÁLEZ-REY, 2015; MEJRI, 2017; MEJRI; BLANCO, 2018; MEJRI; GROSS, 2016; MONTEIRO-PLANTIN, 2014; PAMIES, 2018; SOUTET; MEJRI; SFAR, 2018; TAGNIN, 2013), mencionando os autores mais conhecidos com publicações em língua portuguesa e francesa, categoriza os fraseologismos da seguinte forma: colocação, EI (ou locução verbal), pragmatema, construção com verbo suporte, perífrase verbal, parêmia, entre outros menos frequentes.

A respeito do processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, Tagnin (2013) chama a atenção para o obstáculo que a fraseologia de uma língua pode se tornar para o aprendiz, tendo em vista que em contextos como esses as construções fraseológicas

[...] têm de ser aprendidas individualmente, isto é, uma a uma, pois não há regra que as gere. Entretanto, não são apenas as assim

---

1 Para um estudo mais aprofundado das propriedades definidoras dos fraseologismos, indicamos González-Rey (2015), que apresenta um estudo completo e recente de cada uma das características aqui mencionadas.

chamadas expressões idiomáticas que têm de ser aprendidas desse modo. Há toda uma gama de unidades linguísticas convencionais [fraseologismos] que o aprendiz de uma língua estrangeira desconheceria, mesmo que conhecesse toda a gramática e soubesse todo o dicionário básico de cor. (TAGNIN, 2013, p. 15)

Isso posto, sabe-se que falantes estrangeiros de uma determinada língua demonstram maior dificuldade em compreender o sentido global dos fraseologismos, mesmo que conheçam o sentido individual que, habitualmente, é empregado em cada lexia que os compõem. (GROSS, 1996, p. 11) Em teorias fraseológicas, a esse fenômeno dá-se o nome de idiomaticidade, que nada tem a ver com o sentido usualmente empregado em língua portuguesa de referente a (ou próprio de) um idioma. Em fraseologia, o termo idiomático significa não transparente ou opaco. (TAGNIN, 2013, p. 22)

A opacidade semântica da fraseologia de uma língua gera, portanto, dificuldades de compreensão/interpretação de textos tanto orais quanto escritos. Um exemplo disso encontra-se na leitura, por falantes não nativos da língua, de obras literárias estrangeiras. Em língua francesa, podemos citar a coletânea de contos infantojuvenis *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964) que, embora tenha sido publicada há 60 anos, ainda é tradicionalmente utilizada como leitura paradidática em aulas de FLE. (CHATENET, 2020) Pela nossa experiência profissional, percebemos que a leitura dos contos revela as dificuldades de compreensão dos fraseologismos ali presentes.

Nessa esteira, no presente trabalho, buscamos identificar e catalogar os fraseologismos presentes no primeiro volume da série supracitada, estabelecendo regras de descrição e estrutura de codificação das ocorrências coletadas, de forma a servir como um banco de dados e modelo da metodologia que será aplicada em pesquisas futuras. Apresentamos aqui os resultados obtidos sobre pragmatemas, EI e possíveis fraseologismos compostos por sintagmas nominais (SN).

Nas seções a seguir, apresentamos as escolhas metodológicas utilizadas para a construção do trabalho, as análises dos dados observados e as considerações parciais.

## OS CAMINHOS A SEREM TRILHADOS

As histórias presentes nos cinco primeiros livros da coletânea de contos infantojuvenis *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964), editorados com ambos os autores ainda em vida, foram publicadas inicialmente nos periódicos franceses *Sud-ouest dimanche* e *Pilote*, os dois com publicação hebdomadária, em forma de folhetins voltados para o público infantil. Posteriormente, os contos foram agrupados em formato de livros e publicados pela editora Denoël na coleção Folio Junior.

Quanto a sua formatação, os contos apresentam, em geral, as mesmas configurações: são narrados em primeira pessoa pelo personagem principal, Nicolas, criança de aproximadamente dez anos; são compostos por cerca de oito a nove páginas; exibem desenhos, sempre assinados por Sempé, que ilustram as ações dos personagens.

Em se tratando do primeiro volume da coletânea, e, portanto, do livro de apresentação da série, a obra não evidencia nenhuma temática específica, ao contrário de alguns dos livros que o sucedem. Por essa razão, as histórias presentes nos contos se desenrolam em três núcleos básicos da vida de Nicolas: i. o ambiente familiar, tendo como personagens coadjuvantes os pais da criança; ii. o ambiente escolar, caracterizado pela presença, além dos colegas de classe, da professora, do diretor e do supervisor da escola; iii. o círculo de amizade de Nicolas, integrado pelos colegas de classe, todos personagens masculinos – Alceste, Rufus, Eudes, Geoffroy, Maixent, Joachim, Clotaire e Agnan –, e por dois personagens femininos – Marie-Edwige, vizinha de Nicolas, e Louissette, filha de uma amiga de sua mãe.

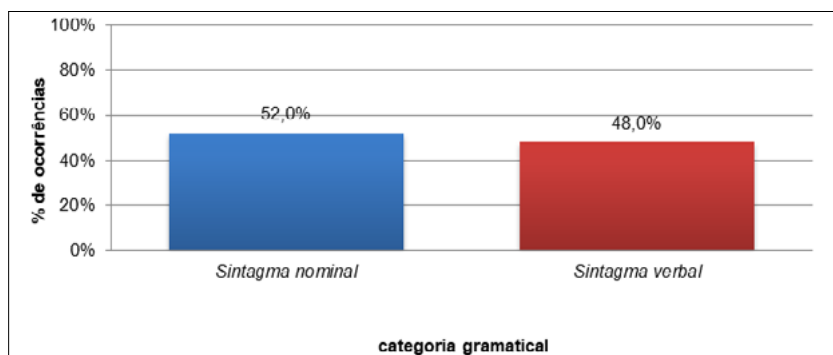
A partir das propriedades definidoras dos fraseologismos, procuramos encontrar ao longo da leitura dos contos a ocorrência dos quatro tipos de fraseologismos mais frequentes, segundo a definição de González-Rey (2015), quais sejam: parêmiias, EI, colocações e pragmatemas. Dessa forma, qualquer estrutura que nos parecesse fraseológica era destacada a lápis. Dois símbolos de etiquetagem foram empregados: o sublinhado, destinado às estruturas que manifestassem evidentemente as características de um fraseologismo, e o círculo, aplicado às expressões que conotassem tais características, mas que não nos transmitissem segurança de classificação. Elas eram grifadas e reservadas para validação futura.

Durante o processo de coleta dos dados, estabelecemos os seguintes critérios de tabulação: i. categoria gramatical – se SN ou se sintagma verbal (SV); ii. tipo de fraseologismo; iii. localização do fraseologismo no conto; iv. tradução literal; e v. tradução equivalente.

## O QUE FOI OBSERVADO NO CAMINHO

Após a leitura do primeiro livro, foram contabilizadas 1.258 ocorrências de 431 fraseologismos distintos. Tendo em vista que nosso objetivo é verificar a cobertura fraseológica da obra literária, consideramos para análise os valores absolutos, isto é, as 431 ocorrências distintas, sem considerar, por hora, os dados repetidos. Ademais, para facilitar a explanação dos dados numéricos, traremos os resultados sempre em porcentagens. Sendo assim, o Gráfico 1 a seguir apresenta os resultados do primeiro item classificatório observado.

**Gráfico 1** – Classificação da categoria gramatical dos fraseologismos encontradas em *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960)



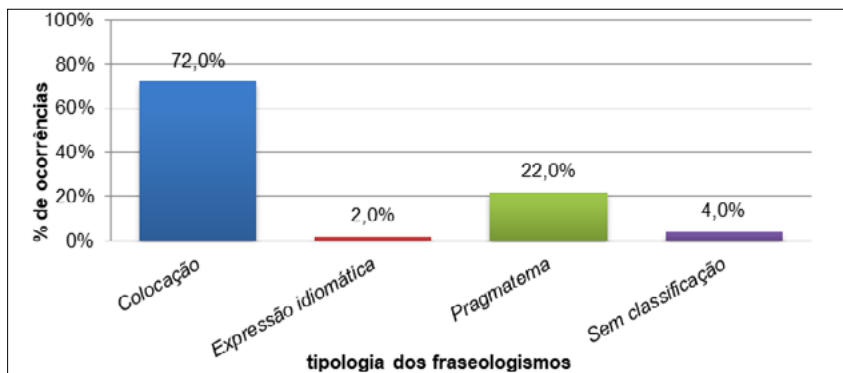
Fonte: elaborado pelo autor.

Por meio do exposto no Gráfico 1, vemos que das 431 ocorrências totais de fraseologismos encontrados ao longo da leitura do livro em análise, 52% são construídos por SN, ao passo que 48% por SV.

Aplicando o recorte de análise<sup>2</sup> aos SNs, e no que se refere à tipologia dos fraseologismos, observamos os seguintes resultados:

<sup>2</sup> Aplicamos o recorte metodológico considerando que os SNs foram os mais frequentes.

**Gráfico 2** – Tipologia dos fraseologismos compostos por SN em *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960)



Fonte: elaborado pelo autor.

Como exposto no Gráfico 2, os fraseologismos construídos a partir de SNs<sup>3</sup> se manifestaram da seguinte forma: 72% de colocações; 22% de pragmatemas; 4% de dados sem classificação (foram etiquetadas no rótulo “sem classificação” as unidades lexicais que nos pareceram fraseológicas, mas que não conseguimos classificar de imediato). Em última posição, encontram-se as EIs, com 2% dos dados. Não foi documentada nenhuma ocorrência de parêmia no grupo dos SNs.

Considerando o recorte dado para este trabalho, faremos nas subseções a seguir a análise dos pragmatemas, das EIs e dos casos sem classificação, nessa ordem.

## **BOA SORTE! A ANÁLISE DOS PRAGMATEMAS**

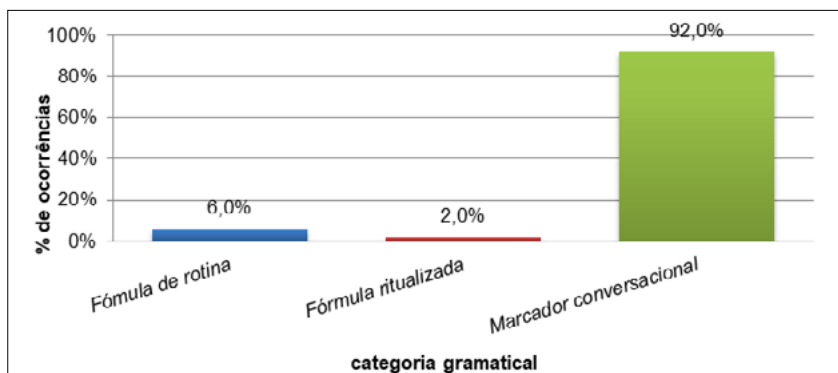
Os pragmatemas são fraseologismos empregados durante as interações sociais. São, portanto, marcas do discurso presentes nos atos comunicativos, quer expressos por via oral, quer por via escrita. São, por assim dizer, fórmulas pré-fabricadas que conectam logicamente as informações que estão sendo transmitidas. Segundo Tagnin (2013) e Monteiro-Plantin (2014), os pragmatemas podem ser etiquetados como fórmulas de rotina, fórmulas

3 A tipologia dos fraseologismos será exemplificada nas subseções seguintes.

epistolares, fórmulas ritualizadas, fórmulas religiosas, fórmulas situacionais e marcadores conversacionais.

Contudo, não detectamos na obra em análise nenhuma ocorrência de pragmatemas dos tipos fórmulas epistolares, fórmulas religiosas ou fórmulas situacionais. O Gráfico 3 exibe a classificação dos pragmatemas obtidos.

Gráfico 3 – Classificação dos tipos de pragmatemas



Fonte: elaborado pelo autor.

Como se vê, por meio da leitura do Gráfico 3, foram classificados como marcadores conversacionais 92% dos SNs identificados como pragmatemas, sendo este o rótulo que apresentou maior número de ocorrências. Quanto aos pragmatemas do tipo fórmula de rotina, registramos, nessa categoria, 6% dos casos. Por fim, contabilizamos apenas 2% de ocorrências de fórmulas ritualizadas, sendo essa a menor porcentagem calculada. Em (1) apresentamos exemplos dos pragmatemas em análise.

- (1)<sup>4</sup> a *Joyeux anniversaire* (C8-72.01/02)  
b *Quoi encore* (C18-147.07/08)

4 Para garantir a localização do fraseologismo dentro do conto, informamos, para cada exemplo e entre parênteses, o seguinte código de verificação: o número do conto de extração do fraseologismo, seguido da letra C, assim como a página e a linha de localização, separados por ponto. As situações em que a expressão em análise se iniciasse em uma linha e fosse concluída em outra foram indicadas pelo símbolo de barra (/).

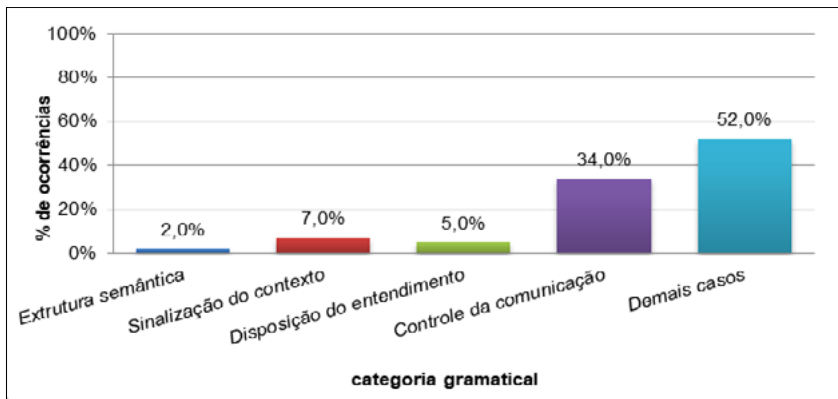


O pragmatema *joyeux anniversaire*, em (1a), está localizado no conto 8, página 72, linhas 1 e 2, e é uma fórmula ritualizada. Em tradução livre, equivale em português a *feliz aniversário*. As fórmulas ritualizadas são estruturas pré-fabricadas que são convencionalmente solicitadas em contextos pragmáticos precisos. Nesse caso, o contexto ao qual o pragmatema em (1a) pertence é aquele referente aos ritos de aniversário.

Localizado no conto 18, página 147, linhas 7 e 8, o pragmatema *quoi encore*, em (1b), retrata uma fórmula de rotina. Traduzido literalmente, equivale em português a *que de novo*. Contudo, seu uso remete a uma situação de descortesia, pois representa impaciência. Esse tipo de pragmatema nem sempre encontra uma equivalência direta em outras línguas, visto que estão associados a questões culturais.

Quanto aos marcadores conversacionais, acreditamos que a sua predominância entre os pragmatemas seja um dado extremamente significativo e que diz muito a respeito do perfil de utilização desse fraseologismo dentro da obra aqui analisada. Por essa razão, faremos uma descrição pormenorizada de tal categoria.

**Gráfico 4 – Classificação dos tipos de marcadores conversacionais**



Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 4 subdivide os marcadores conversacionais em classes menores, de acordo com a função pragmática que cada ocorrência exerce. Tal classificação foi feita tomando como ponto de partida as definições para esse tipo de

pragmatema apresentadas por Tagnin (2013), a saber: i. marcador conversacional de estrutura semântica; ii. marcador conversacional de sinalização do contexto social; iii. marcador conversacional de sinalização da disposição do entendimento; e iv. marcador conversacional de situação de controle da comunicação.

Desse modo, foram computados 34% de marcadores conversacionais do tipo situação de controle da comunicação; 7% de ocorrências de marcadores conversacionais de sinalização do contexto social; 5% dos marcadores conversacionais de sinalização da disposição do entendimento; e 2% do marcadores conversacionais de estrutura semântica.

Entretanto, quando da quantificação dos dados, nos deparamos com construções pragmáticas que, aos nossos olhos, se configuravam como marcadores conversacionais, mas que não se encaixavam dentre as definições propostas por Tagnin (2013) e adotadas neste trabalho. Dessa forma, optamos, por hora, pelo seu agrupamento no rótulo “demais casos”. Nota-se que estão inscritos nessa categoria 52% dos dados, ou seja, é a classificação de maior número, não podendo, portanto, ser negligenciada.

Os pragmatemas em (2) são exemplos dos marcadores conversacionais.

- (2) a *À mon tour* (C12-101.11/12)
- b *Comme d’habitude* (C13-103.09)
- c *Sans blague* (C15-120.26)
- d *Bien sûr* (C12-100.21)

O pragmatema *à mon tour*, em (2a), que se encontra no conto 12, página 101, linhas 11 e 12, é um marcador conversacional de sinalização do contexto social. Traduzido literalmente, equivale em português a *a meu turno* e seu sentido pragmático é o de sinalizar a intenção do falante quanto à tomada do turno de fala em um ato comunicativo. Em termos de equivalência fraseológica, acreditamos que o pragmatema *por minha vez*, em português, se adegue melhor à situação.

Já o pragmatema *comme d’habitude*, em (2b), localizado no conto 13, página 103, linha 9, é um marcador conversacional de estrutura semântica que tem por finalidade sinalizar o desejo do falante de que o enunciado que se segue seja interpretado de uma determinada forma. A possibilidade de interpretação expressa pelo fraseologismo *comme d’habitude* (como de

hábito, como de costume) é de informar quanto à frequência, nesse caso, repetitiva, dos acontecimentos enunciados em seguida.

Em (2c), o fraseologismo *sans blague*, que está situado no conto 15, página 120, linha 26, é um pragmatema do tipo marcador conversacional de sinalização da disposição do entendimento. Tal marcador tem como função indicar qual postura o falante está adotando para fornecer, receber ou partilhar informações, opiniões ou emoções durante a comunicação. Nosso exemplo é traduzido literalmente como *sem piada*. Contudo, sua utilização em um ato comunicativo tem a intenção de demonstrar que o falante está aberto a receber a informação, demonstrando seu interesse na conversa. Em equivalência fraseológica com o português, podemos citar *é sério (?)*.

O último exemplo, em (2d), corresponde ao marcador conversacional de sinalização de controle da comunicação. Essa classe de pragmatema tem como objetivo assegurar ao falante que o ouvinte continua disposto em receber a mensagem. Localizado no conto 12, página 100, linha 21, nosso exemplo, *bien sûr (bem seguro, se traduzido ao pé da letra)*, tem como característica incentivar o falante a prosseguir na emissão da comunicação. Em língua portuguesa, a tradução equivalente é *claro/obviamente*.

No que concerne aos marcadores conversacionais rotulados como “demais casos”, notamos que nos contos do livro *Le Petit Nicolas* (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960), por serem textos escritos em estilo literário narrados em primeira pessoa, há uma predominância do discurso indireto. Nesse caso, os marcadores conversacionais não representam a interação conversacional entre os personagens, mas sim, e de certo modo, entre o narrador e o leitor, de forma a situar o leitor no tempo e espaço da narrativa.

Portanto, os pragmatemas do tipo marcador conversacional classificados como “demais casos” são o que chamamos, neste trabalho, de marcadores conversacionais de sinalização do discurso indireto. São elementos fraseológicos que permitem ao falante reportar, geralmente no tempo passado, de maneira coesa e coerente, um fato vivenciado ou assistido. O item (3) exemplifica a questão.

- (3) a *Et puis* (C2-15.14)
- b *Comme ça* (C7-56.17)
- c *Après tout* (C8-70.23)
- d *De toute façon* (C12-95.18)

Em (3), apresentamos alguns exemplos de marcadores conversacionais de sinalização do discurso indireto coletados durante a leitura dos contos. O primeiro, em (3a), é o mais numeroso, com 92 ocorrências em todo o livro. Tal marcador exprime na narrativa uma progressão dos fatos relatados. Sendo um elemento muito comum do registro oral informal, esse marcador é empregado com muita frequência por Nicolas, talvez como um recurso dos autores para caracterizar a fala infantil. Em tradução literal, equivale em português a *e então*. Contudo, numa equivalência fraseológica, poderíamos associá-lo à expressão *e aí*, do português.

O marcador em (3b), *comme ça*, está localizado, entre outras ocorrências, no conto 7, página 56, linha 17. Trata-se de uma variação coloquial do pragmatema *comme cela*, de uso mais formal. Ao pé da letra, encontra tradução no português em *como isso*. Em tradução equivalente, podemos mencionar o pragmatema *nessa forma*. Portanto, tal marcador é utilizado para indicar, no discurso indireto, a maneira como um determinado acontecimento se desenrolou. Esse fraseologismo também é muito frequente na fala de Nicolas, ocorrendo 17 vezes ao longo do livro.

Já em (3c), o marcador conversacional *après tout*, localizado no conto 8, página 70, linha 23, é aplicado para indicar um posicionamento de conclusão na narrativa. Literalmente, é traduzido como *depois tudo*. Porém, equivale fraseologicamente em português ao pragmatema *no fim das contas*.

Por último, em (3d), o marcador conversacional *de toute façon*, situado no conto 12, página 95, linha 18, tem a finalidade de marcar a oposição entre duas situações relacionadas entre si ou entre dois aspectos da mesma situação dentro da narrativa. Em outras palavras, tal pragmatema atua como uma conjunção adversativa. Em termos de tradução, existe, em língua portuguesa, uma equivalência direta para esse marcador conversacional, que é o pragmatema *de toda forma*.

## PROCURANDO AGULHA NO PALHEIRO: ANÁLISE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

As EIs são caracterizadas por apresentarem total opacidade semântica, ao contrário de outros tipos de fraseologismos que podem manifestar certo

grau de transparência semântica, como as colocações e as construções com verbo suporte. (MEJRI, 2005, 2012; PAMIES, 2018) Para garantir a classificação de um determinado fraseologismo como sendo uma EI, existem critérios básicos de reconhecimento a serem seguidos (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 114-127), tais como i. critérios formais de reconhecimento, ii. critérios semânticos de reconhecimento e iii. critérios pragmáticos de reconhecimento. Durante a leitura dos contos, encontramos cinco EIs:

- (4) a *Au gendarme et au voleur* (C16-131.25)
- b *Balle au chasseur* (C18-146.21/22)
- c *Bisque, bisque, rage* (C18-146.28)
- d *À droite et à gauche* (C8-67.13)
- e *Un de ces jours* (C6-55.16)

As EIs em (4a) e (4b) correspondem a nomes de brincadeiras infantis, jogadas por Nicolas e seus amigos. A primeira, *ao polícia e ao ladrão*, em tradução literal, encontra equivalência fraseológica em português na expressão *polícia e ladrão*. A segunda, *bola ao caçador*, ao pé da letra, corresponde a uma brincadeira, jogada sempre em grupo, na qual uma criança é designada como o caçador e fica em posse da bola, representando a arma de caça. As demais crianças são as presas. À medida que são atingidas pela bola, as presas se tornam cães de caça e ajudam o caçador em sua empreitada. O jogo termina quando todas as presas são capturadas. No Brasil, podemos comparar esse jogo com a brincadeira *queimado (queimada)*, *baleado* ou *baleou*. Quanto à construção dos fraseologismos, observamos que não há hierarquias de uma lexia sobre a outra, estando todas em pé de igualdade, tal como prevê o critério formal de reconhecimento das EIs.

A expressão em (4c), *bisque, bisque, rage*, ao ser traduzida literalmente para o português, equivale a *sopa, sopa, raiva*. Essa expressão é empregada, no universo infantil, para fazer raiva em alguém. Desconhecemos em português expressão semelhante. Esse fraseologismo possui uma utilização muito específica e, portanto, se encaixa no critério pragmático de reconhecimento das EIs.

A expressão em (4d) evidencia, para além dos demais critérios de reconhecimento das EIs, o critério semântico. A primeira expressão, *à direita e à*

*esquerda*, em tradução literal, não pode ser compreendida a partir da soma-tória dos significados individuais de cada lexia. Ao contrário, a expressão só faz sentido quando empregada em bloco, tomando toda a unidade como um único signo linguístico. No caso em (4d), o sentido a ser deduzido é de algo que foi feito aleatoriamente. Em termos de equivalência fraseológica, podemos citar a expressão *a torto e a direito*.

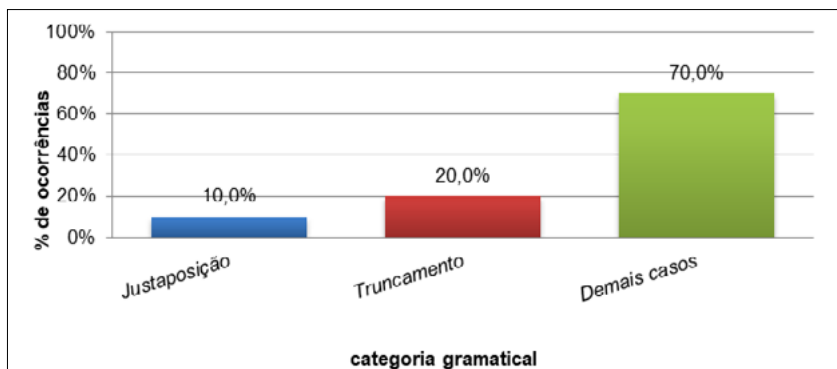
O mesmo acontece com a expressão em (4e). Seus constituintes não assumem nenhum tipo de hierarquia, como acontece com as colocações. Aqui, todas as lexias da expressão *un de ces jours* estão no mesmo nível formativo. Seu sentido deve ser entendido em conjunto: *um desses dias*, em tradução literal, que exprime o sentido de *qualquer dia desses, um dia aleatório*.

### **VIRANDO O JOGO: ANÁLISE DOS FRASEOLOGISMOS SEM CLASSIFICAÇÃO**

No decorrer da coleta dos dados, nos deparamos com determinadas estruturas léxicas que nos levaram à reflexão e à dúvida sobre a possibilidade de considerá-las como fraseologismos ou não. São 10 unidades lexicais que se repetem 50 vezes ao longo dos textos e que apresentam características próximas daquelas descritas pela fraseologia quanto ao seu objeto de estudo: polilexicalidade, fixação, convencionalidade semântico-pragmática e frequência de uso. Portanto, acreditamos que tais entidades léxicas não possam ser negligenciadas.

Quando da tabulação dos dados, buscamos classificá-las de algum modo. Optamos por etiquetá-las em rótulos propostos de acordo com as suas características formativas, a saber: “justaposição”, “truncamento” e “demais casos”, com esse último destinado aos casos em que, mais uma vez, não soubemos como efetuar a catalogação. Os resultados quantitativos obtidos estão expostos no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Classificação dos possíveis fraseologismos



Fonte: elaborado pelo autor.

Como se vê, foram computados 70% de dados etiquetados com o rótulo “demais casos”, sendo essa a categoria com maior registro. Em segundo lugar, com 20% dos dados, encontram-se os casos de truncamento. Por último, foram contabilizados 10% de casos de justaposição, ficando esse rótulo em terceira posição.

Nos itens que se seguem, apresentamos exemplos de tais unidades léxicas. Primeiramente, em (5), o caso de justaposição.

(5) *Bonhomme* (C1-10.29) (C19-155.28)

A unidade lexical em (5), *bonhomme*, ocorre duas vezes. A primeira no conto 1, página 10, linha 29 e a segunda no conto 19, página 155, linha 28. Em tradução livre, equivale em português a *boneco*. É comumente utilizada para construir colocações do tipo *bonhomme de neige* (boneco de neve) ou *bonhomme allumette* (boneco palito). Contudo, se empregado como lexia simples, *bonhomme* recebe uma outra acepção: vocativo usado para se referir a crianças do sexo masculino, pequenas e gentis.

Entretanto, a construção formativa de *bonhomme* é intrigante, visto que é constituída pela justaposição de duas lexias simples: *bon* (bom) e *homme* (homem). Desse modo, nos questionamos se o caráter polilexical das unidades

fraseológicas estaria contemplado e, portanto, se se trataria de um fraseologismo. Conhecemos outras formas desse fenômeno que não foram encontradas no *corpus* de análise, mas que são frequentes na língua francesa. É o caso de *bonheur*: *bon* (bom) + *heure* (hora) = felicidade; *bonjour*: *bon* (bom) + *jour* (dia) = bom dia; *bon* (bom) + *soir* (noite) = boa noite, entre outros.

A respeito desse mesmo questionamento, quanto à real extensão do fraseologismo, González-Rey (2015, p. 47) salienta que os limites da polilexicalidade tendem a ser fixados a um mínimo de duas palavras. No entanto, a autora chama a atenção para a necessidade de se questionar quanto ao limite inferior, visto que uma única palavra é suficiente para formar uma expressão idiomática, por exemplo.

O mesmo é discutido por Pamies (2018, p. 226-230), ao questionar que a fusão ou a separação, por espaço ou por hífen, de lexias simples que compõem palavras justapostas, aglutinadas ou compostas, é motivada por decisões lexicográficas normativas e políticas. São, portanto, convenções sociais que não anulam o caráter polilexical de tais construções. Dessa forma, consideramos ser inteiramente legítimo classificar as construções justapostas ou aglutinadas como sendo pertencentes à fraseologia da língua.

O mesmo debate pode ser estendido aos casos de truncamento. Vejamos os exemplos em (6).

(6) a *Appareil* (C1-05.15/16) (C1-10.27)

b *Le Bouillon* (C3-22.06/07)

A lexia *appareil*, em (6a), está presente no conto 1 e se realiza em três momentos. Primeiramente, à página 5, linhas 15 e 16, posteriormente, na página 10, linha 27. Em tradução livre, equivale em português à lexia *aparelho* e é empregada no texto para se referir a uma *máquina fotográfica*. Em língua francesa, esse objeto tem por significante a colocação *appareil photographique* (aparelho fotográfico). Contudo, em linguajar coloquial, o termo é abreviado para *appareil photo* (aparelho foto). Portanto, acreditamos que a utilização da lexia simples *appareil* seja um caso de truncamento de uma colocação maior, que foi, com o tempo, sendo reduzida até chegar a uma única lexia.



Caso semelhante acontece com a unidade lexical *Le Bouillon*, em (6b). Aqui, porém, em um recurso idiossincrático do autor para caracterizar a maneira jocosa como, nos contos, as crianças apelidam o inspetor da escola. No conto 3, intitulado *Le Bouillon*, Nicolas explica o seguinte:

O inspetor, nós o chamamos de O Caldo, quando ele não está por perto, é claro. Nós o chamamos assim, porque ele diz o tempo todo: ‘olhe nos meus olhos’ e no caldo há olhos. Eu também não entendi de imediato, foram as crianças maiores que me explicaram.<sup>5</sup> (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960, p. 22, tradução nossa)

A forma zombeteira como as crianças da escola de Nicolas apelidam o inspetor está ligada diretamente a questões culturais vivenciadas na França. As preparações gastronômicas líquidas (sopas, molhos, caldos etc.) são iguarias tradicionalmente presentes na culinária francesa: “os molhos representam a parte principal da cozinha. Eles criaram e mantiveram a preponderância universal da culinária francesa”.<sup>6</sup> (ESCOFFIER, 1903, p. 125, tradução nossa)

Dentre as diversas possibilidades de preparações gastronômicas líquidas, o caldo é uma das que mais se destaca, seja para o consumo direto, seja para o incremento de outros preparos. (DICTIONNAIRE, 2007, p. 121) Extraído essencialmente do líquido de cozimento de carnes e, por vezes, legumes, o caldo geralmente concentra uma grande porcentagem de gordura, a qual se apresenta, em forma de rodela, sobre a superfície.

Em alusão à forma circular das manchas de gordura do caldo e ao formato, igualmente circular dos olhos, diz-se que tais manchas são *os olhos do caldo* (*les yeux du bouillon*). Assim, tomando como referência essa EI, Nicolas e seus amigos, em analogia ao bordão repetidamente proferido pelo inspetor da escola (*me olhe nos olhos*), criaram o codinome *Le Bouillon*. A expressão aparece 37 vezes em todo o livro, sendo, entre as unidades lexicais definidas como “demais casos”, aquela que tem a maior frequência.

5 “Le surveillant, on l’appelle Le Bouillon, quand il n’est pas là, bien sûr. On l’appelle comme ça, parce qu’il dit tout le temps : ‘regardez-moi dans les yeux’ et dans le bouillon il y a des yeux. Moi non plus je n’avais pas compris tout de suite, c’est des grands qui me l’ont expliqué”.

6 “Les sauces représentent la partie capitale de la cuisine. Ce sont elles qui ont créé et maintenu l’universelle prépondérance de la cuisine française”.

Inicialmente, acreditamos que a unidade *Le Bouillon* fosse uma espécie de truncamento da EI *les yeux du bouillon*, visto que, ainda que de forma reduzida, uma parte do fraseologismo original foi preservada. Porém, ao analisarmos com maior atenção, percebemos que se trata de uma desautomatização lexical,<sup>7</sup> uma vez que uma das características primeiras desse fenômeno linguístico é a manipulação lúdica da forma ou do sentido do fraseologismo, como em jogos de palavras, para produzir um novo significado. Mesmo que motivado pela comparação do bordão usado pelo inspetor e a imagem que a EI referencia, o sentido dado pelas crianças ao termo *Le Bouillon* é novo e lúdico.

Ao mesmo tempo, observamos que há um certo grau de opacidade semântica no termo: se grafado com letras minúsculas, *le bouillon* é semanticamente composicional, quer dizer, o caldo no sentido gastronômico. Porém, se escrito em maiúsculo, *Le Bouillon*, não é semanticamente composicional, referindo-se, portanto, ao inspetor da escola, uma vez que se trata de um nome próprio. Tal fenômeno está manifestado, por exemplo, à página 22 do livro. (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960)

Em (7), por fim, estão expostas as ocorrências sem classificação.

- (7) a *Comme tout* (C15-123.08/09)
- b *Gros malin* (C7-61.34/62.01)
- c *Drôle de Champion* (C14-111.20)

O exemplo em (7a) ocorre no conto 15, página 123, linhas 8 e 9. Traduzido ao pé da letra, *comme tout* equivale em português a *como tudo*. No entanto, tal fraseologismo funciona como um intensificador de adjetivos, podendo ser comparado com o advérbio *tão* ou *bem*, do português. Observemos seu uso em contexto, no item (8), a seguir.

- (8) a Maman avait l'air fâchée *comme tout*. (C15-123.08/09)
- b Je savais le cadeau que je ferais à maman: [...] un bouquet terrible, *gros comme tout*. (C8-64.7/10)

7 Ver Sampaio e Ribeiro (2021), que fazem um estudo sobre casos de desautomatização lexical em campanhas de prevenção contra a covid-19 na internet.

A sentença em (8a), traduzida por nós para o português, equivale a “mamãe parecia estar bem/tão zangada”. Observa-se, portanto, que a entidade lexical *comme tout* não possui equivalência fraseológica em português. No entanto, trata-se de uma unidade polilexical semanticamente opaca, ou seja, idiomática, cristalizada, visto que ocorre sempre na mesma ordem sintática, e de uso convencionalizado com a função de intensificar adjetivos – nesse caso o adjetivo *fâchée* (zangada). O mesmo acontece em (8b), que traduzimos como “eu sabia qual presente daria a mamãe: um buquê massa, bem grande”. Aqui, o adjetivo a ser intensificado é o *gros* que, se traduzido literalmente equivale a *grosso*, mas que é comumente empregado com o sentido de *grande*.

O intensificador *gros* é o objeto de análise de outra estrutura lexical que não conseguimos classificar, exposta em (7b). Tal como mencionado no parágrafo anterior, percebemos que há, com certa recorrência, ao menos no tocante à fala de Nicolas, o uso do adjetivo *gros* (grosso), ou de seu feminino *grosse* (grossa), como intensificador de determinados substantivos, em geral adjetivos, como é o caso de *gros malin*. Traduzido literalmente, seu equivalente em português é *grosso malandro*. Contudo, nota-se que, pelo contexto de uso, o sentido atribuído à expressão é de *grande imbecil*, tornando-se, assim, uma construção semanticamente opaca. Desse modo, nosso questionamento é: como considerar as construções lexicais que empregam o intensificador *gros*? Poderíamos classificá-las como colocações, nas quais o adjetivo *gros*, em função de colocado, é selecionado por determinados nomes ou adjetivos, assumindo a estrutura interna Adj. + N/Adj., tal como se apresenta em *gros malin* ou *gros mot* (grossa palavra, palavrão), por exemplo?

Finalmente, a unidade lexical em (7c), *drôle de champion*, localizada no conto 14, página 111, linha 20, manifesta a mesma lógica de estruturação daquela apresentada no parágrafo anterior. Percebemos que, em língua francesa, o adjetivo *drôle* (engraçado) quando acompanhado da preposição *de*, assume a função de colocado em uma possível colocação e tem, assim, a capacidade de atribuir à lexia que o seleciona o sentido de algo que é fora do comum, que sai do ordinário. Tal construção lexical é empregada pelo pai de Nicolas, que diz ao filho:

- (9) Tu sais que j'étais un *drôle de champion* cycliste et que si je n'avais pas connu ta mère, je serais peut-être passé professionnel? (C14-111.20/22)

Em tradução literal, a sentença em (9) equivaleria em português a “você sabe que eu era um *engraçado de campeão* ciclista e se eu não tivesse conhecido sua mãe, eu teria talvez me tornado profissional?”. (GOSCINNY; SEMPÉ, 1960, p. 111, grifo nosso) Porém, o sentido expressado pela unidade lexical em destaque não é de um campeão de ciclismo que é divertido, que faz os outros rirem, mas sim de alguém que foi excepcional, um ciclista extraordinário e que, por isso, foi campeão. Portanto, está patente o idiomatismo presente na construção em (7c). Contudo, como classificá-la? Seria uma colocação, visto a sua estrutura interna, semelhante àquela em (7b), ou se trataria de uma EI, devido a opacidade semântica?

## O FIM DE UM PERCURSO E INÍCIO DE OUTROS

Neste capítulo, apresentamos os primeiros resultados obtidos a partir da aplicação da metodologia desenvolvida para identificar, catalogar, classificar e analisar o material fraseológico presente nos contos da série infanto-juvenil *Le Petit Nicolas*, escrita de 1960 a 1964 por Goscinny e ilustrada por Sempé. As histórias, publicadas em periódicos de língua francesa, foram, posteriormente, editoradas em cinco livros. Atualmente, são recomendadas como leitura paradidática nas aulas de francês língua materna e estrangeira. (CHATENET, 2020) Para compor o *corpus* deste trabalho, foram feitos três recortes: i. elegemos apenas o primeiro livro da coletânea como objeto de investigação; ii. delimitamos como foco de análise os dados fraseológicos formados por sintagmas nominais; iii. trouxemos para o debate os fraseologismos do tipo pragmatema, EI e possíveis fraseologismos.

Considerando os recortes aplicados, é preciso reconhecer que deve ser levada em conta a possibilidade de alteração dos resultados de alguns dos critérios aqui observados, especialmente no que concerne à quantidade de EI, quando da análise dos fraseologismos construídos por SV. Dessa forma, temos consciência de que o aprofundamento de alguns dos temas que já foram aqui apresentados, bem como das teorias que envolvem as relações entre léxico e cultura; léxico e tradução; e léxico e semântica, se faz necessário para a realização de uma investigação plena.

Sendo assim, estes resultados não podem ser tomados como absolutos ou categóricos. São apenas uma amostra dos possíveis caminhos de investigação

que os estudos fraseológicos podem tomar. Também foi de nosso interesse mostrar as dificuldades de reconhecimento e classificação dos fraseologismos em língua estrangeira, o que, a nosso ver, intensifica a dificuldade de compreensão dessas unidades léxicas por um leitor estrangeiro, revelando a imprescindibilidade dos estudos em Fraseologia para fornecer uma melhor compreensão do fenômeno e, assim, ajudar nos processos de aprendizado/aquisição do léxico de línguas estrangeiras.



# ESTUDO SOBRE A GRAMATICALIZAÇÃO DE *PORRA* NO DIALETO BAIANO<sup>1</sup>

JAN CARLOS DIAS DE SANTANA  
LUZIANE AMARAL DE JESUS  
JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA

## “QUE *PORRA* É ESSA?”

Este capítulo apresenta uma análise do processo de gramaticalização da forma *porra* a partir de dados do dialeto baiano. Esse dialeto é tomado como ponto de partida devido à alta frequência de uso desse termo pelos falantes da Bahia. Em estudo sobre os palavrões no português baiano, Oliveira (2018) documentou 244 ocorrências, das quais 103, ou seja, 42% do total de dados, foram do item *porra*.

Discutimos as etapas do processo de gramaticalização em interface com o percurso gramatical da palavra *porra*, apresentando seus estatutos morfossintáticos distintos, a partir da premissa de que tal processo está diretamente relacionado ao modo como o falante constrói o enunciado para o

---

1 Este texto é dedicado a Silvana Ribeiro, estudiosa do léxico, por sua amizade com a terceira autora. São amigas pra porra! E há um tempão da porra!

seu ouvinte. Esse termo já possui várias funções pragmático-discursivas e não apenas o traço preponderante de uma palavra obscena ou um palavrão.

Essas “corruptelas” fazem com que o item se gramaticalize, sofrendo alterações morfossintáticas – quando muda de classe de palavras –, semânticas – quando ocorre esvaziamento de sentido ou perda de conteúdo – e fonéticas – quando ocorre redução de sílabas, sons e/ou acento.

Descrivendo e analisando os dados, percebemos que, no estágio atual da língua portuguesa, *porra* pode possuir traços categoriais de substantivo, adjetivo, advérbio, conjunção, interjeição e, atingindo um alto grau de abstratização, chega a ser usado como marcador discursivo.

O presente texto está dividido em duas partes. Na primeira, explicitamos a noção de gramaticalização estabelecida por alguns teóricos, destacando estágios e mecanismos desse processo de mudança e o conceito do termo *porra* dado por dicionaristas. Dentre a literatura disponível, utilizamos a proposta de Meillet (1912 apud GONÇALVES et al., 2007), de Hopper e Traugott (1993) e de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), entre outros.

Na segunda parte, descrevemos o *corpus* utilizado e apresentamos uma análise qualitativa dos dados para explicar as mudanças sofridas pela forma *porra*. Os dados permitem identificar os contextos de uso em que tal termo aparece, e é com base no seu comportamento sintático e discursivo-pragmático que verificamos o processo de gramaticalização desse item linguístico.

## PRINCÍPIOS DA GRAMATICALIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM “DA PORRA”

Hopper (1987 apud GONÇALVES et al., 2007), concebendo a língua como atividade no tempo real, afirma que a gramática – produto da língua – não é algo acabado, mas sim um produto em constante gramaticalização. Nas línguas em geral, a gramaticalização<sup>2</sup> é considerada um dos mais recorrentes processos de mudança linguística.

2 O termo *gramaticalização* é o mais recorrente na literatura, mas há um termo variante: *gramaticização*. Além desse, há outros termos para a descrição do processo em si, como: reanálise, sintaticização, *bleaching* (desbotamento) semântico, enfraquecimento semântico, *fading* (desaparecimento gradual) semântico, condensação, redução etc. (GONÇALVES et al., 2007, p. 18-19)



De acordo com Meillet (1948 apud VITRAL; RAMOS, 2006, p. 13), a gramaticalização serve “[...] para designar um certo tipo de fenômeno linguístico de natureza diacrônica. Trata-se de transição gradual de ‘palavras principais’ para ‘palavras acessórias’ e, enfim, para ‘palavras gramaticais’ em estágios de uma língua”. Na perspectiva diacrônica, palavras acessórias e palavras gramaticais podem advir de palavras principais.

Na perspectiva sincrônica, a gramática de uma língua acumula, simultaneamente, padrões regulares e rígidos, mas também padrões mais flexíveis e fluidos. (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996) Por isso, Meillet (1912 apud GONÇALVES et al., 2007) afirma que, num olhar sincrônico, as palavras acessórias e/ou gramaticais e sua forma-fonte principal podem conviver num mesmo recorte de tempo. Desse modo, a gramática é considerada um sistema parcialmente autônomo e adaptativo, uma vez que sofre também pressões externas ao sistema.

Estudos realizados na China, no século X, já traziam certos fenômenos que indicavam gramaticalização. No século XII, outros estudos foram desenvolvidos por Condillac e Rousseau, na França, e por Tooke, na Inglaterra, e, no século XVIII, por Bopp, Schlegel, Humboldt e Gabelentz, na Alemanha, e por Whitney, nos Estados Unidos. (GONÇALVES et al., 2007)

Apesar dessa gama de estudos possíveis de serem identificados como de gramaticalização, só em meados do século XX é que essa noção é propriamente introduzida e discutida no cenário dos estudos linguísticos. Mas foi Antoine Meillet que empregou pela primeira vez o termo no artigo “L’Évolution des formes gramaticales”, de 1912, obra fundante dos estudos de gramaticalização. A partir de Meillet, vários outros linguistas também passaram a se debruçar nos estudos de gramaticalização, como Lehmann, Heine, Claudi e Hünemeyer (alemães), Givón, Hopper, Traugott, Bybee e Pagliuca (norte-americanos da Costa Oeste), entre outros. (GONÇALVES et al., 2007)

Meillet e os demais estudiosos supracitados compartilham de dois pontos:

- (i) fazem a distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos linguísticos ‘vazios’, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro;

(ii) consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras. (GONÇALVES et al., 2007, p. 19)

O *ser lexical* designa entidades, ações, processos, estados e qualidades; de outro lado, o *ser gramatical* auxilia na codificação das noções de tempo, aspecto, modo, modalidade etc. Assim, palavras de uma categoria lexical plena podem se tornar parte das categorias gramaticais, isto é, nomes, verbos e adjetivos podem se integrar a advérbios, preposições, conjunções, auxiliares etc. As categorias gramaticais também podem, posteriormente, tornarem-se afixos. (GONÇALVES et al., 2007)

Entre os linguistas também pode haver diferentes concepções de gramaticalização. Ela pode ser vista como processo ou paradigma e observada como um fenômeno diacrônico ou sincrônico. (CASTILHO, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996)

Neste estudo, consideramos a gramaticalização como um conjunto de princípios que fornece pressupostos teórico-metodológicos para a identificação dos processos de mudança linguística a partir de um olhar semântico, discursivo e gramatical. (GONÇALVES et al., 2007)

Adotamos essa concepção de gramaticalização atrelada à perspectiva sincrônica porque buscamos identificar e analisar o percurso de gramaticalização do item *porra*, os graus de gramaticalidade que essa forma-fonte (lexical) desenvolveu a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua até chegar à forma-alvo (gramatical). Caso contrário, se considerássemos a gramaticalização como paradigma e a observássemos desde um olhar diacrônico, seria necessário focalizar a maneira como a forma-alvo (gramatical) e construções surgem e como são usadas (GONÇALVES et al., 2007), mas isso não dialoga com o objetivo deste estudo.

O item lexical *porra*, ao longo dos usos, sofreu uma série de alterações em suas propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas, as quais promoveram a alteração de seu estatuto categorial ao ponto de esse substantivo se tornar um marcador discursivo. O substantivo *porra* recebeu flexão de número (*essas porras*), estabeleceu concordância com seu determinante (*sua porra, seu porra*) e também sofreu modificação por um adjetivo (*aquela porra feia*).

Para Meillet (1912 apud GONÇALVES et al., 2007), a gramaticalização de um item envolveria o seguinte percurso: [léxico] > [gramática]. A parte gramatical teria uma sequência interna, a saber: [sintaxe] > [morfologia]. O clássico Kurilowicz (1965 apud GONÇALVES et al., 2007) e seus seguidores (LEHMANN, 1985; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991) defendem que a escala evolutiva dos estudos de gramaticalização seria do [- gramatical] ao [+ gramatical]. Hopper e Traugott (1993) sugerem uma escala que foca o caráter categorial do léxico: [item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional].

As versões hodiernas defendem a seguinte escala: [qualquer material linguístico] > [+ gramatical]. Seus seguidores sustentam que o campo dos fenômenos que enfoca a gramaticalização foi alargado e inclui tanto o itinerário percorrido por formas linguísticas quanto as construções gramaticais emergentes.

Em relação ao tempo, Traugott e Heine (1991 apud GONÇALVES et al., 2007) defendem que a gramaticalização faz referência a um processo linguístico pancrônico - diacronia e sincronia - de organização da categoria e de codificação.

Quanto à direção da mudança, Givón (1979 apud GONÇALVES et al., 2007) e outros linguistas partem do discurso para a morfossintaxe. Posteriormente, o próprio Givón amplia o termo gramaticalização ao agregar fenômenos menos gerais de mudanças constitutivos da gramática das línguas. Votre (1996) defende que a mudança parte do nível do discurso para o nível da gramática.

Para a análise do item lexical deste estudo, fundiremos as versões escalares propostas por Meillet (1912 apud GONÇALVES et al., 2007) e Kurilowicz (1965 apud GONÇALVES et al., 2007), o que resulta na seguinte escala: [léxico] > [- gramatical] > [+ gramatical].

Como já foi dito, é fato que as gramáticas mudam em todas as línguas, mas é importante lembrar que nem toda mudança linguística é uma gramaticalização. Conceber a gramaticalização como processo implica entender que o percurso da mudança linguística de um item pode ser esgotado, mas também pode ser interrompido numa escala de mudança. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993)

O princípio cognitivo de Werner e Kaplan (1963 apud GONÇALVES et al., 2007, p. 29) pressupõe que:

[...] conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto, processo que envolve transferência conceptual (metáfora), aproximando domínios cognitivos diferentes, motivação pragmática e reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia).

O conceito do termo *porra* trazido pelo *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*, de Silveira Bueno (1968), deixa claro o princípio cognitivo proposto por Werner e Kaplan (1963 apud GONÇALVES et al., 2007):

Porra s.f. Cacete, pau, bastão, bengala forte, clava. Lat. *porrum*, *alium porrum*, alho grande, alho de cabeça grande. O nome foi dado a este bastão, a esta clave por causa da forma, pois termina numa protuberância, numa cabeça quase sempre encastrada de metal para maior resistência e peso na pancada, tal como o *porro*, *alho*, que, embora tenha a haste delgada, termina pela cabeça a que se dá o nome de *alho*. Por causa desta mesma semelhança, houve tempo em que, na gíria, se dava o nome de *porra* ao membro viril. Continuando ainda a metáfora, porque o alho porro produz líquido alvacento, de cheiro acre e rapidamente coagulável, se passou a designar, na linguagem chula do povo, o esperma humano com o mesmo nome de *porra*. (SILVEIRA BUENO, 1968, p. 3140)

Considerando que “[...] as mudanças que se caracterizam como gramaticalização se implementam sempre de maneira gradual, numa escala unidirecional e contínua de aumento de gramaticalidade/abstratização” (GONÇALVES et al., 2007, p. 29), constatamos que a forma *porra* deriva de algo mais concreto: o alho-porro ou alho-poró (Figura 1).

Figura 1 – Alho-porro, alho-poró



Fonte: Pxfhere, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://pxhere.com/pt/photo/1137169>. Acesso em: 15 fev. 2022.

Ao comparar o formato do alho-porro/alho-poró com uma espécie de pau/clava, esta passou a ser denominada de *porra*. Em seguida, o alho, comparado ao órgão genital masculino, passou a ter mais um significado (pênis), o que agregou mais um sentido a esse item lexical. Posteriormente, fez-se uma comparação do líquido presente no alho com o líquido expelido pelo membro viril (sêmen, esperma), mobilizando mais outro significado. Tal termo designará um palavrão e até mesmo uma exclamação/interjeição, como mostra Silva (1955), em sua obra *Grande dicionário da língua portuguesa*:

Porra (ô), s.f. (origem obscura<sup>3</sup>). Nome antigo de uma clava, espécie de pau curto, com cabeça, ou peça semelhante, de ferro; cacete; barra: ‘e um mouro lhe deu com uma *porra* de ferro na cabeça com que o deitou muito ferido do cavalo abaixo’, Castanheda, História da Índia, VI, cap. 46. Modernamente, *porra* é plebeísmo obsceno; o mesmo que *pênis* e usado, em geral, em

3 Apesar de Silva (1955) apontar o termo *porra* como de origem obscura, Silveira Bueno (1968, p. 3140), anos depois, traz a origem etimológica dessa palavra.

forma de exclamação por: irra!, arre! etc. Também se usa como *interj.* (SILVA, 1955, p. 530)

A metáfora e a metonímia nos ajudam a explicar a mudança sofrida pelo termo *porra*. Concebida como um processo unidirecional de abstratização crescente, a metáfora mobiliza conceitos próximos da experiência humana para expressar aquilo que era mais abstrato e difícil de ser definido. Por outro lado, a metonímia está ligada aos processos de mudança paradigmática ou mudança por contiguidade, pois são gerados no contexto sintático.

Esses sentidos vão mudando do [+ lexical] ao [- lexical], do [+ concreto] ao [- concreto], do [- gramatical] ao [+ gramatical] e, com tais mudanças, o termo que era mais independente vai se tornando menos independente. (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996)

De acordo com os dados levantados para este trabalho e os conceitos apresentados nos dicionários, chegamos à seguinte escala para a forma *porra*: alho-porro > bastão/cacete/clava > pênis > sêmen/esperma > nome [coisa] > adjetivo > advérbio > conjunção > exclamação/interjeição > marcador discursivo.

Pode ser observado na análise de dados que, a princípio, esse termo é um nome e, com o aumento da frequência de uso, comporta-se morfossintaticamente como adjetivo, advérbio, vocativo, predicativo do sujeito, entre outros, saindo da condição de categoria lexical plena para categorias mais gramaticais.

As mudanças apresentadas podem ter os seguintes estágios: sintatização, morfologização e desmorfemização. (LEHMANN, 1985)

No que diz respeito à sintatização, observa-se o deslocamento da forma-fonte *porra*, substantivo feminino, comportando-se como advérbio (Ela mora *longe pra porra*) ou como clítico (*pô*) etc., o que pode ser denominado também de recategorização ou descategorização.

Quanto à morfologização, é o segundo estágio da sintetização e possibilita o surgimento das formas presas, que podem ser afixos flexionais ou derivacionais (HOPPER, 1991), como ocorre em: *porrinha*, *porrada*, *porrão*, *porra-louca*.

Com relação ao terceiro estágio, desmorfemização, é nessa fase que um morfema pode desaparecer em parte ou por completo. Este é o caso do marcador discursivo *pô*.

A redução fonológica também costuma estar associada a estágios de mudança na gramaticalização. Neste âmbito, “[...] uma forma-fonte perde traços semânticos rumo a um conceito mais abstrato, como o das relações gramaticais, porque perde material fonológico [*pô* - marcador discursivo]”. (GONÇALVES et al., 2007, p. 34) O estágio de redução fonológica dialoga com um dos mecanismos apontados por Bybee, Perkins e Pagliuca (1994): a harmonia. É importante lembrar que a erosão fonética se liga também à frequência relativa de uso, pois, quanto maior o uso, mais desgaste de um item, entretanto Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) advertem que a frequência é apenas uma contribuição para a identificação da gramaticalização e não algo imprescindível.

Outro modo de medir a gramaticalização é por meio dos valores semânticos, pois há uma transferência do sentido literal para o sentido figurado e o deslizamento do sentido mais concreto para um mais abstrato: alho-porro > sêmen > marcador discursivo. Essa transição tem como intermédio a ambiguidade semântica que poderia representar o “elo perdido” da recategorização. (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991)

De acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), alguns mecanismos podem motivar a gramaticalização,<sup>4</sup> a saber: extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção. O primeiro deles dialoga bastante com os valores semânticos propostos por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), compreendendo “(i) mudança de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato; (ii) preservação de algum traço da estrutura relacional original”. (GONÇALVES et al., 2007, p. 33)

Na inferência, enquanto o falante segue os princípios da informatividade e da economia, de outro lado, o ouvinte retira todos os significados necessários à compreensão da asserção, como a metáfora que deu origem ao nome *bastão*. A generalização corresponde à perda de traços específicos

4 Além dos estágios de mudança e dos mecanismos motivadores da gramaticalização, há também as motivações da mudança: a reanálise, a analogia e as relações icônicas. (HAIMAN, 1985; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; LANGACKER, 1977; NEVES, 1997) Entretanto, essas motivações não serão tratadas neste estudo.

de significado e, em consequência, expandem-se os contextos apropriados para o uso (*porra* como palavrão ou traço de afetividade).

Quanto à harmonia e à absorção, estas correspondem aos níveis mais avançados de gramaticalização. A primeira trata de um mecanismo restrito a elementos gramaticais desprovidos de grande parte de seu conteúdo semântico, como *pô* (marcador discursivo); a segunda é a fase em que há completa gramaticalização, morfema zero, que ainda não foi alcançado pelo item lexical *porra*.

Os mecanismos, partes constitutivas do fenômeno de gramaticalização, são regidos por apenas um princípio: o da unidirecionalidade,<sup>5</sup> entendida, neste estudo, como contextos discursivos que motivam a gramaticalização e sustentam que a passagem de [lexical] a [gramatical] não é reversível. Portanto, itens lexicais primeiramente exercem funções discursivas; em seguida, tornam-se sintaticamente fixos; e, *a posteriori*, constituem morfemas. O processo é considerado unidirecional porque nunca um estágio B pode ocorrer antes do estágio A. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993)

Não é tarefa fácil fazer o enquadramento dos estágios de mudança e dos mecanismos de gramaticalização com os parâmetros que identificam a gramaticalização. De acordo com Hopper (1991), há cinco princípios que acentuam o grau de gramaticalização, a saber: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

Na estratificação, novas formas surgem, mas a substituição da antiga não é imediata ou pode não acontecer. Dessa forma, podem interagir e coexistir “camadas” novas e antigas em um mesmo domínio. Sob esse aspecto, é interessante notar que *porra*, indicando o órgão genital masculino, já reduziu significativamente sua frequência de uso, fato comprovado nos dados analisados, pois não há nenhuma ocorrência com esse sentido de *porra*.

A divergência se refere aos distintos graus de gramaticalização de um mesmo item lexical, porque ele, ao se gramaticalizar em um contexto, deixa de ser gramaticalizado em outros, como mostram as ocorrências extraídas de dicionários:

5 Há inúmeras definições para o conceito de unidirecionalidade, como as de Hopper e Traugott (1993) e de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).



- *Grande dicionário da língua portuguesa*: “E um mouro lhe deu com uma *porra* de ferro na cabeça com que o deitou muito ferido do cavalo abaixo”. (SILVA, 1955, p. 530, grifo do autor)
- *Dicionário de usos do português do Brasil*:

Com o resto da *porra* que saía de meu pau fiz um círculo em volta do umbigo dela;

Porque uma hora qualquer essa *porra* vai explodir;

A *porra* da dor de barriga não parava;

*Porra*, nem sei onde vou dormir!;

*Porra*, como são quietas as tardes nesta cidade;

Poxa, Bereco. Livra a minha cara. / – Livra a sua cara, uma *porra*!

(BORBA, 2002, p. 1237-1238, grifos do autor)

Na especialização, estreitam-se as opções para codificar uma determinada função. Uma forma de constatá-la é por meio da frequência de uso da forma mais gramaticalizada no processo de mudança linguística. No nosso caso, o marcador *pô* é que indica que a forma-fonte *porra* está atingindo altos níveis de gramaticalização.

No que tange à persistência, ela prevê que alguns traços da forma-fonte são mantidos na forma gramaticalizada, as restrições sintáticas passam a não admitir modificadores como quantificadores, numerais, especificadores. (GONÇALVES et al., 2007) Uma das formas de constatar isso é que, ainda que o marcador *pô* comece a aparecer nas falas, ele carrega consigo estigma de palavra chula, e como marcador não terá modificadores.

Segundo Hopper (1991), um item lexical se descategoriza quando perde ou neutraliza suas marcas morfológicas e seus privilégios sintáticos que o caracterizam como forma plena, assumindo atributos de categorias mais gramaticalizadas, como advérbios, preposições, clíticos, afixos, podendo chegar a zero. No caso de *porra*, encontramos dados de seu uso como advérbio, interjeição e marcador discursivo.

De modo geral, os princípios apresentados por Hopper (1991) dialogam com a ideia de mudança em curso. A forma-fonte *porra* vem perdendo seu *status* de estigmatizada e está sendo utilizada nas diversas esferas sociais e nos discursos menos ou mais monitorados.

## GRAMATICALIZAÇÃO DA PORRA

Com base nas propostas apresentadas neste estudo, pudemos perceber que a gramaticalização de um termo linguístico não ocorre de maneira abrupta, ou seja, a mudança se dá por meio de transições graduais. Em conformidade com Vitral e Ramos (2006, p. 29), “a gramaticalização é, então, a mudança de estatuto de um termo da língua: ao perder ‘significado’, um item lexical passa a ter uma função gramatical”.

Nesta seção, analisamos, a partir dessa noção de gramaticalização, o estatuto do item *porra* no português brasileiro contemporâneo, focando a variedade baiana, a fim de identificar os seus contextos de uso.

### CADÊ A PORRA? CARACTERIZAÇÃO DO MATERIAL ANALISADO

Para a realização deste trabalho, contamos com dados sincrônicos do português escrito e falado na Bahia. A constituição do *corpus* escrito se deu por meio da coleta de dados no Facebook (FB), no Dicionário Informal (DI), no Blog dos Blogueiros (BB), na Desciclopédia Wiki (DW) e em dois textos publicitários, somando-se 143 ocorrências de construções com a forma *porra*.

Contamos ainda com amostras de dados orais de entrevistas (E) pertencentes ao projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano, coordenado pelas professoras Norma Almeida e Zenaide Carneiro, desenvolvido na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Foram utilizadas 72 entrevistas que compõem as amostras da língua falada em Feira de Santana (12 com migrantes; 12 com feirenses filhos de migrantes; 12 com feirenses filhos de feirenses; 12 com feirenses com nível médio; 12 com feirenses com nível universitário; 12 com feirenses da zona rural). (ALMEIDA, 2008) As ocorrências no *corpus* oral foram contabilizadas em um total de 20 casos.<sup>6</sup> Assim sendo, o *corpus* deste trabalho contém 163 dados ao todo.

6 Embora seja altamente frequente o uso de *porra* na fala baiana (OLIVEIRA, 2018), foram documentados poucos dados na fala feirense muito provavelmente pelo fato do *corpus* ser proveniente de entrevistas, em que o informante fala com o documentador (um pesquisador da universidade), portanto, uma situação não distensa.

## ÊTA, PORRA! ANÁLISE DOS DADOS

Nesse total de 163 dados (143 dados escritos e 20 dados orais), encontramos nove diferentes usos do item *porra*, do menos ao mais gramaticalizado, apresentados a seguir.

### **Porra 1**

Como vimos, o termo é de origem latina *porrum* e designa uma espécie de alho, o alho-porro ou alho-poró, como é mais conhecido atualmente. Metaforicamente, associou-se a forma desse alho ao formato de uma espécie de pau curto/bengala/clava por terem aparências semelhantes, dando-lhe o mesmo nome na linguagem popular, ou seja, *porra*. Nos dados, encontramos duas ocorrências cujo sentido remete a essa ideia. Quando se diz “Vou ‘picar’ a *porra*!” (BB) ou “Fique com seus descaramentos que eu lhe pico a *porra*!” (DI), percebemos que o sentido de *porra* é de cacete/pau que será utilizado para bater/agredir o outro.

### **Porra 2**

Num processo de metáfora, o alho-porro, pelo fato de produzir líquido alvacento e de aroma acre, passou a lembrar o esperma humano. Por isso, o sêmen é denominado também *porra*. Os dicionários consultados também registram essa forma. Na seguinte frase retirada do *corpus*, percebemos o uso com esse sentido: “Gozei e saíu *porra* demais, me melei todo!!” (DW).

Outra ocorrência bastante curiosa está registrada em uma campanha publicitária, veiculada também na Bahia. O interessante é que este texto multimodal traz uma via de duplo sentido: nesta ocorrência, *porra* pode funcionar como esperma/sêmen ou como negação (Figura 2).

Por se tratar de uma propaganda de um fabricante de preservativos, podemos subentender que não passa pelo preservativo o esperma, mas também não passa nada, nem mesmo uma infecção sexualmente transmissível. É importante lembrar que o termo *porra* no sentido de nada vem sempre acompanhado do pronome indefinido no feminino singular - nenhuma (*porra nenhuma*).

Figura 2 – Propaganda da Jontex



Fonte: *Desciclopédia*, [s. l.], 2021. Disponível em: [http://desciclopedia.ws/wiki/Arquivo:Porra\\_ao\\_passa.jpg](http://desciclopedia.ws/wiki/Arquivo:Porra_ao_passa.jpg). Acesso em: 15 fev. 2022.

### **Porra 3**

Ainda no seu percurso de gramaticalização, e analisando os dados, verificamos que o termo passa a atuar como um substantivo ao nomear ser ou coisa, como em “Êêêêê rapaz, esqueci a *porra*” (DI) ou “Cuidado com a *porra* aí” (DI). E como já é sabido, até mesmo entre os leigos e doutos, “o *porra* na Bahia é tudo aquilo cujo nome não é lembrado na hora de se falar”. Reescrevendo as frases, poderíamos facilmente substituir o termo por diversos nomes: “Esqueci a *chave*”; “Cuidado com o *buraco* aí”.<sup>7</sup> Destacamos esse uso com outras ocorrências encontradas no *corpus*: “Professor, tô entendendo essa *porra* aí não...” (DI); “Vou escrever qualquer *porra* aí...” (DW); “Deixa essa *porra* aí!” (BB). Esse tipo de uso é registrado somente no *Dicionário de usos do português do Brasil*. (BORBA, 2002, p. 1237-1238)

7 Também existem construções do tipo “Esqueci a *porra da chave*” ou “Cuidado com a *porra do buraco* aí”. Em casos como esses, *porra* seria um modificador das palavras *chave* e *buraco*.

#### Porra 4

O uso de *porra* como adjetivo ou modificador aparece em construções indicando algum atributo que pode ser bom para uns e ruim para outros. Foi observado que pode apresentar flexão de grau em dois níveis: o grau normal, como em “Você é uma *porra*” (BB); e o grau comparativo, com o comparativo de igualdade – como em “O professor é tão feio quanto a *porra*”; “Fulano é (tão) bonito como a *porra!!!*” –, e o comparativo de superioridade – como em “O prédio é mais alto (do) que a *porra*”; “Ela é mais bonita [do] que a *porra*” (DI). Os dicionários consultados não registraram esse uso.

#### Porra 5

*Porra* também pode ser usado como advérbio, conforme a circunstância que expressa. As ocorrências encontradas se classificam como locução adverbial de lugar, locução adverbial de negação e locução adverbial de intensidade,<sup>8</sup> como nas ocorrências: “Ele mora *na casa da porra*” (DI) / “Vá *pra porra*” (DI) / “Eu não entro *nessa porra*” (DW) / “18h, vou embora *dessa porra!*” (BB) / “Quem manda *nessa porra* aqui sou eu!” (DI) – indicam lugar e as expressões destacadas poderiam ser substituídas por *em algum lugar*, *aquí*, *aí* etc. –; “Não sei *porra nenhuma*” (DI) / “Tô sem tempo *pra porra nenhuma*” (DI) / “O Bahia e o Vitória não estão jogando *porra nenhuma*” (BB) – indicam uma negação porque as expressões em destaque poderiam ser substituídas por *nada* –; “Minha irmã chorou *como a porra*” (DI) / “Ele apanhou *como a porra*” (DW) / “Que criança chata *da porra*” (DI) / “Fiquei feliz *pra porra*” (FB) / “Casal lindo *da porra*” (FB) – expressões de intensidade e poderiam ser substituídas por *muito*. Esse uso também não foi encontrado em nenhum dos dicionários.

#### Porra 6

Outra função do item *porra* é seu uso como conjunção, servindo para conectar *orações* ou dois termos de mesma *função sintática*, estabelecendo

8 Esse uso adverbial de *porra* está, na maior parte das vezes, em forma de locução. Uma locução adverbial ocorre quando duas, três ou mais palavras exercem função de advérbio e geralmente são introduzidas por uma preposição.

entre eles uma relação de dependência ou de simples coordenação. Foram encontrados nos dados casos do tipo:

*Conjunção coordenativa adversativa*

“- Cara, fez aquele trabalho de História?

- Fiz.

- Eu também fiz, espera que eu te mostro, *porra* esqueci de trazer.

Que *porra!*” (DI).

Nessa ocorrência, *porra* substitui a conjunção *mas*: “Eu também fiz, espera que eu te mostro, ah, *mas* eu esqueci de trazer”.

*Conjunção coordenativa explicativa*

“Aquele cara chora pra caralho, *porra*, aquela *porra* é emo! (DI)

Nesse exemplo, *porra* equivale a *pois/porque*: “Aquele cara chora pra caralho *porque* (ele) é emo!” ou “Aquele cara chora pra caralho, *pois* (ele) é emo!”.

*Conjunção coordenativa conclusiva*

“Aquele cara dá o cu, *porra* é viado!” (DI)

Neste caso, ao se comportar como uma conjunção coordenativa conclusiva, *porra* corresponde a *logo/portanto/então*. O falante poderia realizar a frase da seguinte maneira: “Aquele cara dá o cu, *logo* é viado!”, “Aquele cara dá o cu, *portanto* é viado!” ou “Aquele cara dá o cu, *então* é viado!”.

### ***Porra 7***

A partir da forma como dialogamos e do grau de intimidade estabelecido, podemos utilizar “apelidos carinhosos” ou fazer uma brincadeira, mantendo uma relação mais afetiva com o interlocutor. Foram observadas no *corpus* ocorrências de *porra* também como um tratamento carinhoso. Isso implica que houve uma dessemantização levando a um nível maior de abstração, uma vez que no eixo paradigmático o item *porra* foi se distanciando do campo semântico ao qual estava atrelado. Assim, temos formas

como: “Gosto muito de você, seu *porrinha!*” (BB); “Vamos lá, *porrinha!*” (FB); “Bora Bahêa, minha *porra!*” (DI). Nesse contexto, geralmente, o termo se comporta como vocativo, portanto pode ser uma forma carinhosa de chamar a atenção do interlocutor.

### **Porra 8**

Provavelmente, por causa do seu significado “chulo”, associado a esperma/sêmen e ao membro viril, esse termo virou uma palavra de baixo calão – conhecida também como palavrão.<sup>9</sup> De modo geral, utilizamos palavras de cunho grosseiro para exprimir estados emocionais, portanto elas se comportam como uma interjeição. Por isso, o falante, ao utilizar a forma *porra* de modo interjetivo, deseja expressar espanto, impaciência, admiração, raiva diante de algum fato. Tal uso é registrado em todos os dicionários consultados. Temos as seguintes ocorrências nos dados: “*Porra!*”<sup>10</sup> (DW); “*Que porra!*” (DW); “*Pooooooooorra!*” (DI); “*Porra, gostei!!!*” (FB). É interessante salientar que em determinadas ocorrências há um alteamento da vogal /o/ seguido de seu alongamento e o termo variante seria “*Puuuuuuuurra!*” (DI). Nos dados orais, encontramos:

Doc:<sup>11</sup> *Esse é seu brother e ele não sabe fritar um ovo, aí...*

Inf: *Porra, bicho, eu também não sei!* (informação verbal)

### **Porra 9**

Porra (ô). [De *porro*] S.f. [...] [Var. eufemicamente apocopada [...], nesta acepç.: *pô*]. (FERREIRA, 1999, p. 1611)

Apesar de Ferreira (1999) afirmar que a forma apocopada da palavra *porra* é um modo de amenizar a carga semântica de tal termo, é importante

9 Uma pesquisa realizada pelo blog *Lista 10* sobre os dez palavrões mais utilizados no Brasil, teve como resultado *porra* com o 2º lugar (1.763 votos - 11,63%), perdendo para *caralho*, que ficou em 1º lugar (1.882 votos - 12,41%). (OS 10 PALAVRÕES..., 2009)

10 No dialeto paulista, também é registrada a forma *orra* como interjeição.

11 Doc. = Documentador; Inf. = Informante.

ênfatizar que, de modo geral, essa forma quando apocopada funciona como marcador discursivo, portanto o item lexical *porra* está passando por um processo de discursivizaao.

De acordo com Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 24), a

discursivizaao leva o item a assumir funao de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produçao da fala, quando a sua linearidade  momentaneamente perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade.

Doc: *E assim, qual o estilo que você mais, de música que você mais gosta?*

Inf: *Gnero, p, gnero musical... , gnero musical, p, eu hoje, o velho rock'n roll, t, e hoje eu t viajano muito pelo som pernambucano, [inint], {Bomboj}, Cordel do Fogo Encantado, esse tipo de coisa. :: :: num, num... (informaçao verbal)*

Doc: *Então, ele não sabe fazer um suco...*

Inf: *Sou especialista.*

Doc: *Aí, ensina. Ele quer que você ensine pra ele fazer um suco. Como  que você explicaria?*

Inf: *Falava: 'P, velho, fazer um suco  muito fácil. Como minha especialidade  suco de polpa...'*

Doc: [Risos].

Inf: *'A primeira coisa que você tem que ter  uma polpa, de preferência da Brasfrut, que  a melhor polpa.'*

Doc: [Risos].

Inf: *'Pega o copo do liquidificador, coloca quinhentos ml de água, coloca a polpa, bota açúcar a gosto e bate no liquidificador. Experimenta pra ver se t gelado ou se t com açúcar, se não tiver gelado coloca uma pedra de gelo, se não tiver com açúcar a gosto coloca mais açúcar e aí t completamente pronto.'* Falava: *'P, velho, um suco não saber fazer, pelo amor de Deus'* [risos].

Doc: [Ri] *T certo.* (informaçao verbal)



Inf: *Com outra visão, né? É:: foi excelente, muito bom mesmo, uma experiência muito boa. Eu lembro que quando eu comecei a trabalhar, pô, pra mim foi:: fiquei muito feliz.* (informação verbal)

Inf: *Pô, o cara vai assaltar meu colega, quando eu virei assim, eles passou direto de novo. O dono do bar tava ligado em tudo. O dono do bar falou assim: 'rapaz, você é esperto, né? O cara ia lhe meter ali.' Ai eu falei: 'Não, eu já estou de olho nele desde de longe, já que eu tô de olho nele. Se eu passasse direto e não tivesse ligado nele, ele me {assopava}'* (informação verbal)

Olhando atentamente as amostras de fala com as ocorrências de *pô*, nota-se que ele é utilizado para a retomada das ideias que vão sendo expostas ao longo da entrevista entre o documentador e o informante.

O processo de gramaticalização do item lexical *porra* o levou “[...] a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas”. (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 24)

Muito provavelmente devido à alta frequência de uso, a forma-fonte *porra* sofreu erosão [*porrum* > *porra* > *pô*]. Essa redução fonética possibilitou-lhe o *status* de marcador discursivo, pois os usos constantes dessa forma a desproveram de grande parte de seu conteúdo semântico, que tinha uma carga social negativa por ser considerada uma palavra grosseira. Nessas amostras, tanto do português popular quanto do português culto falado na Bahia, aparece o *pô* como marcador discursivo, o que corrobora a assertiva de que *porra* vem se tornando cada vez [+ gramatical].

## FECHANDO A PORRA

O objetivo deste trabalho foi investigar, sincronicamente, as realizações de *porra* no dialeto baiano. Para tanto, seguimos os princípios da gramaticalização estabelecidos por teóricos que a concebem como processo e fenômeno sincrônico. (HOPPER; TRAUOGOTT, 1993; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; MEILLET, 1912)

Ao considerar a gramaticalização como um conjunto de parâmetros que fornecem aparatos teórico-metodológicos, podemos identificar o processo de

mudança linguística da forma *porra*, por meio de uma perspectiva semântica, discursiva e gramatical.

Na busca etimológica do termo e a fim de verificarmos as suas formas registradas na língua portuguesa, consultamos nove dicionários de diversas épocas. Nessas definições, há ainda a marca de obscenidade na palavra *porra*, a qual vem sendo perdida com a frequência de uso de tal termo, que alcançou, atualmente, o *status* de marcador discursivo.

Por meio dos nove usos de *porra* documentados na análise, vimos que a transição tem como intermédio a ambiguidade semântica, a qual representa o “elo perdido” da recategorização. Podemos afirmar também que o item *porra* passou por processos diversos de semantização, sintaticização, discursivização, paradigmaticização e erosão fonética, os quais promoveram um deslizamento do sentido na direção do mais concreto para o mais abstrato: alho-porro > pau/bastão/cacete/clava > pênis > sêmen/esperma > nome [coisa] > adjetivo > advérbio > conjunção > exclamação/interjeição > marcador discursivo.

# REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Léxico e áreas dialetais: o que podem demonstrar os dados do ALiB. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA. Anais [...]*. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 2, p. 4219-4233.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. A metodologia e sua aplicação no campo. *In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. Atlas linguístico do Brasil: introdução*. Londrina: EDUEL, 2014. v. 1, p. 95-111.

ALENCAR, Beatriz Aparecida. *O léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*. 2018. 613 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

ALINEI, Mario. Arc-en-ciel. *In: Atlas Linguarum Europae*. Assen-Maastricht: Van Gorcum, 1983, v. 1. (Commentaires).

ALLÉNO, Yannick; BRENOT, Vincent. *Sauces: réflexions d'un cuisinier*. Paris: Hachette, 2015.

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de (org.). *Amostras da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu)*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2008. v. 3. (Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano).

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. *Acta Semiotica et Lingvistica (ASEL)*, João Pessoa, ano 44, v. 25, n. 1, p. 67-81, 2020.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. *In: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane (org.). Nos caminhos do léxico*. Campo Grande: Editora UFMS, 2016. p. 33-49.

AULETE, Francisco Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. GEIGER, Paulo (org.). Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

AULETE, Francisco Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Dicionário Online Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2020. Disponível em: [www.aulete.com.br](http://www.aulete.com.br). Acesso em: 2019, 2020, 2021.

BAHIA. Decreto n. 12354 de 25 de agosto de 2010. Institui o Programa de Territórios de Identidade e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado*, Salvador, 2010. Disponível em: <http://dovirtual.ba.gov.br/egba/reader2/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BAKHTIN, Mikhail Volochinov. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBADINHO NETO, Raimundo (org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. v. 1. (Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

BARBOSA, Ademir. *Curso essencial de umbanda*. 1. ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 187-227.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BEVILACQUA, Cleci Regina. *A fraseologia jurídico-ambiental*. 1996. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

BÍBLIA MENSAGEM DE DEUS. São Paulo: Santuário; Loyola, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. *Estudos de filologia e lingüística: homenagem a Isaac Nicolau Salum*, São Paulo, p. 131-145, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *Revista Alfa*, São Paulo, n. 40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico, [...]*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. v. 8. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 20 out. 2020.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL. Decreto não numerado de 25 de fevereiro de 2008. Institui o Programa Territórios da Cidadania e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2008, n. 38, seção 1, p. 1-2. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Dnn/Dnn11503.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Dnn/Dnn11503.htm). Acesso em: 17 fev. 2021.

BRASIL. *Decreto nº 89.271, de março de 1952*. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. Brasília, DF: Câmara dos deputados. 1952. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 30 dez. 2020.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao rei D. Manuel*. Versão moderna de Rubem Braga. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Áreas dialetais do português brasileiro: o que dizem as primeiras cartas do ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; DOIRON, Maranúbia Barbosa (org.). *Estudos Geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. Londrina: EDUEL, 2016. p. 33-48.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1. (Introdução).

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* *Atlas linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014b. v. 2. (Cartas linguísticas).

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARVALHINHOS, Patrícia. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 172-179, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33819>. Acesso em: 2 jul. 2020.

CARVALHO, Nelly. *Publicidade: a linguagem da sedução*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Linguística cognitiva e tradição funcionalista. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 32, p. 1-10, 2002.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Rumos da dialetologia portuguesa. *Alfa*, [s. l.], n. 18/19, p. 115-153, 1972-1973.

CHAMBERS, John Kenneth; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHATENET, Aymar du. *Le Petit Nicolas*, Paris, 2020. Disponível em: <http://www.petitnicolas.com/>. Acesso em: 15 out. 2020.

CHAVES, Luís. O primeiro presépio de Lisboa conhecido (século XVII). *O Archeologo Português*, [s. l.], v. 21, p. 229-230, 1916.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: UEL, 2001.

CORREIA, Margarida. Para a compreensão do conceito de ‘empréstimo interno’: primeira abordagem. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2010. v. 4. p. 39-63.

COSERIU, Eugenio. Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística. In: MELLO, Linalda Arruda (org.). *Sociedade, cultura e língua: ensaios de sócio e etnolinguística*. João Pessoa: Shorin, 1990. Disponível em: <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu247.pdf>. Acesso em: jun. 2022.

COSTA NETO, Eraldo Medeiros. *A cultura pesqueira do litoral Norte da Bahia: etnoictologia, desenvolvimento e sustentabilidade*. Salvador: Edufba, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, Jamilly Rodrigues da. “*Olhe nosso centro! Aqui somos todos ciganos*”: construções identitárias e dinâmicas políticas entre os ciganos de Souza – PB. 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

D'ANUNCIACÃO, Eliana Souza. *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*. 2016. 86 f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

DANGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. *Anatomia humana sistêmica e segmentar*. São Paulo: Atheneu, 2007.

DAUZAT, Albert. *Les Noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.

DEOMONDES, Larissa Santos. *Religiões e crenças: revisitando a área do falar nordestino (Nascentes 1953) – Paraíba e Rio Grande do Norte – Fase 1*. 2020. 31 f. Relatório Técnico-Científico Final (Linguística, Letras e Artes) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DEVELLARD, José Roberto. Símbolos do Natal. *Revista Magis: cadernos de fé e cultura*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 6-25, 2001.

DICIO. *Dicionário online de Português*. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2020.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade Brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxenômicos*. 1980. 364 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICTIONNAIRE. *Le Grand Larousse de gastronomie avec le concours du comité gastronomique présidé par Joël Robuchon*. Paris: Larousse, 2007.

- DRUMOND, Carlos. *Contribuição do boroco à toponímia brasílica*. São Paulo: Edusp, 1965.
- DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- DULTRA, Thais. *A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos*. 2011. 212 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- DULTRA, Thais. *A linguagem dos pescadores da comunidade de Siribinha: análise diatópica do léxico da pesca*. 2007. 121 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – União Metropolitana de Educação e Cultura, Lauro de Freitas, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2006.
- FERNANDES, José Davis Campos. Introdução à Semiótica. In: ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa; LEITE, Jan Edson Rodrigues (org.). *Linguagens: usos e reflexões*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. v. 8, p. 1-185.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Básico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Marina Baird e Margarida dos Anjos (coord.). 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XX: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. Curitiba: Positivo Informática, 2004. 1 CD-ROM.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, Carlota. Polimorfismo e léxico (rótula em Sergipe). In: FERREIRA, Carlota (org.). *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialetologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: Edufba, 1994. p. 101-108.



- FRASER, Angus. *História do povo cigano*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1998.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 5.
- GALISSON, Robert. Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP. *Études de Linguistique Appliquée*, [s. l.], n. 67, p. 109-151, 1987.
- GARCIA, Rodolpho. Dicionário de Brasileirismos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 76, pt. 1, p. 633-947, 1915.
- GEIGER, Paulo (org.). *Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- GIRACCA, Mirella Nunes. *Os culturemas presentes nos folhetos turísticos da Região Sul do Brasil: as técnicas utilizadas pelos tradutores*. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *Memória e etnicidade entre os ciganos Calon em Sousa-PB*. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al.* Tratado geral sobre a gramaticalização. *In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 15-66.
- GONZÁLEZ-REY, María Izabel. *La Phraséologie du français*. Toulouse: Presses Universitaires du Midi, 2015.
- GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. *Le Petit Nicolas*. Paris: Denoël, 1960.
- GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. *Le Petit Nicolas a des ennuis*. Paris: Denoël, 1964.
- GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. *Le Petit Nicolas et les copains*. Paris: Denoël, 1963.
- GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. *Les Récés du Petit Nicolas*. Paris: Denoël, 1961.
- GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. *Les Vacances du Petit Nicolas*. Paris: Denoël, 1962.

- GROSS, Gaston. *Les Expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.
- HAIMAN, John. *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- HATJE, Vanessa; ANDRADE, Jailson Bittencourt de. *Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos*. Salvador: Edufba, 2009.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul-Jean; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, Paul-Jean. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (org.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-36.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOUAISS, Antonio. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. [S. l.]: Instituto Antonio Houaiss - UOL. Disponível em: <http://www.houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 20 set. 2022.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Base cartográfica contínua, ao milionésimo*: BCIM. versão 5.0. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 2 v.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1996.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Normas lexicais no português do Brasil e desafios para a lexicografia brasileira. In: ATLAS DO XI SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E I SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM LETRAS E LINGUÍSTICA, 2006, Uberlândia. *Anais [...]*. 2006, p. 447-458. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_511.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_511.pdf). Acesso em: 14 nov. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri; NUNES, Juliany Fraide. Tabus linguísticos: um estudo no campo léxico do corpo humano. *In*: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; PAIM, Marcela (org.). *Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil: vozes do X WorkALiB*. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 220-230.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do Seringueiro: campo léxico da seringa. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 89-98.

KICKHOFEL, Eduardo Henrique Peiruque. A lição de anatomia de Andreas Vesalius e a ciência moderna. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 389-404, 2003.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno e Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LANGACKER, Ronald. Syntactic reanalysis. *In*: LI, Charles (org.). *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 53-139.

LEHMANN, Christian. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. *Lingua e Stile*, Bologna, v. 20, n. 3, p. 303-318, 1985.

LEITE DE VASCONCELLOS, José. *Opúsculos: onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. v. 3.

LEVY CARDOSO, Armando. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1961.

LIMA, Evanice Ramos. *O léxico dos trabalhadores na produção artesanal de fogos em Muniz Ferreira-BA*. 2006. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11597>. Acesso em: 20 out. 2020.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 41, p. 51-52, 2010.

MARQUES, Cíntia da Conceição. *Descrevendo áreas dialetais brasileiras: revisitando o Falar Baiano - fase 2 - parte 3 (MG e ES)*. 2019. CNPq. Relatório

final de pesquisa de Iniciação Científica. (Linguística, Letras e Arte) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

MARQUES, Elisabete Aparecida. Fraseotopônimos: estabelecendo diálogos entre a fraseologia e a toponímia. *Guavira Letras*, Campo Grande, v. 13, n. 25, p. 23-33, 2017.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1996.

MEJRI, Salah; BLANCO, Xavier. *Les Pragmatèmes*. Paris: Classiques Garnier, 2018.

MEJRI, Salah. Figement absolu ou relatif: la notion de degré de figement. *Linx (Digital)*, Nanterre, n. 53, p. 183-196, 2005.

MEJRI, Salah; GROSS, Gaston. *Phraséologie et profils combinatoires: lexique, syntaxe et sémantique: hommage à Peter Blumenthal*. Paris: Honoré Champion, 2016.

MEJRI, Salah. *Les Expressions idiomatiques*. Paris: Garnier, 2017. v. 1.

MEJRI, Salah. Phaséologie et traduction: pour une typologie des phraséologismes dans les discours spécialisés. In: MOGORRÓN, Pedro; MEJRI, Salah (dirs). *Rencontres méditerranéennes: langues spécialisées, figement et traduction*. Alicante: Quinta Impresión, 2012. p. 19-31.

MENDES, João Pedro. Da magia na antiguidade. *HVMANITAS*, Brasília, DF, v. 45, p. 199-212, 1993. Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas45/11\\_JP\\_Mendes.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas45/11_JP_Mendes.pdf). Acesso em: 20 out. 2020.

MICHAELIS. *Dicionário escolar língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MOLINA, Lucía Martínez. *Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español*. 2001. 479 f. Tese (Doutorado em Tradução e Interpretação) – Bellaterra: Departament de Traducció i d'Intrepretació, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2001.

MOLLARD-DESFOUR, Annie. Le lexique de la couleur: de la langue à la culture... et aux dictionnaires. *Revue d'études françaises*, [s. l.], n. 16, p. 89-109, 2011.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Fraseologia e paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? *ReVEL*, [s. l.], v. 15, n. 29, p. 1-16, 2017.

- MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. v. 1.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- MOTA, Jacyra Andrade. Áreas Dialetais Brasileiras. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). *Quinhentos anos de Linguística do Brasil*. 2. ed. Salvador: Edufba, 2016. p. 319-357.
- MOTA, Jacyra Andrade. As bases da constituição do léxico do ALiB. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (org.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: Edufba, 2015. p. 115-129.
- NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 213-219, 1955.
- NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 1933. v. 4.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Sússekind de Mendonça, [192-].
- NEIVA, Isamar. *Vocabulário dialetal baiano*. 2017. 500 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. v. 1 e 2.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. Campinas: Martins Fontes, 1997.
- NOMURA, Hitoshi. *Dicionário dos peixes do Brasil*. Brasília, DF: Editerra, 1984.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *A ciência do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro de (org.). *ALMS: Atlas lingüístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- OLIVEIRA, Ingrid Gonçalves. *Religiões e crenças na Bahia: aspectos do léxico espelhados nos dados do projeto ALiB*. 2016. 275 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. Os palavrões no português baiano: uma análise sociolinguística com base em dois filmes. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 60, p. 163-181, 2018.

OLIVEIRA, Taiane Cristina Prata. *Descrevendo áreas dialetais brasileiras: revisitando o falar baiano - fase 2 - parte 2* (GO, PI, MT, MA, TO). 2019. 16 f. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica (Linguística, Letras e Artes) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Brote de enfermidade por coronavírus (COVID-19)*. [S. l.]: OMS, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/es/temas/coronavirus/enfermedad-por-coronavirus-covid-19>. Acesso em: 30 maio 2020.

ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luiza; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva. *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes, 2011.

PAES, Jurema Mascarenhas. *Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX no alto sertão baiano*. 2001. 165 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inès; MEJRI, Salah (org.). *Nas trilhas da fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Salvador: Quarteto, 2018.

PAIM, Marcela Moura Torres. O sutiã na Bahia: um estudo em dois tempos diferentes. *SIGNUM: estudos de linguagem*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 267-280, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11353>. Acesso em: 19 maio 2017.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios nos dados do Projeto ALiB. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS, 6., 2011, Natal. *Anais do VI SIGET*. Natal: UFRN, 2011.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical no campo semântico vestuário e acessórios: um estudo a partir dos dados do Projeto ALiB. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 20, n. 1, p. 204-215, 2019. Disponível em: [periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/viewFile/4747/pdf](http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/viewFile/4747/pdf). Acesso em: 1 jan. 2020.

PAIXÃO, Lindomar Luis de Souza. *As ilhas de Bom Jesus dos Passos, dos Frades e Maré: pequenos territórios insulares de Salvador: espaço, lugar e territorialidades*.

2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2011.

PAMIES, António. Aux Limites du limitrophe: à propos des catégories phraséologiques. In: SFAR, Inès; BUVET, Pierre-André (org.). *La Phraséologie entre fixité et congruence*. Louvain-la-neuve: Academia-L'Harmattan, 2018.

PAULA, Maria Helena de; ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de; REZENDE, Rayne de Mesquita. Língua, cultura e léxico: confluências entre Lexicografia e Filologia. *Revista Entretextos*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 7-27, 2016.

PEREIRA, Cristina da Costa. *Os ciganos ainda estão na estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PINTO, Pedro Augusto. *Dicionário de termos médicos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Científica, 1962.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

POTTIER, Bernard. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris: Klincksieck, 1974.

PROJETO ALiB: 20 anos pesquisando a fala dos brasileiros. [S. l.: s. n.], 2020. Mesa redonda. Coordenada por Silvana Soares Costa Ribeiro. Salvador. 1 vídeo (1h 29min 10seg). Publicado pela TV UFBA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QnsmXFRPbMI>. Acesso em: 23 nov. 2020.

RIBEIRO, João. A formação do Brasil - b) história local. In: RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1900. p. 246-271. Edição eletrônica de domínio público. Disponível em: <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/historia-do-brasil.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeira infantis na área do falar baiano*. 2012. 793 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. v. 1-3.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Jogos e diversões infantis: preferências linguísticas e variáveis sociais. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva (org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: Edufba, 2009. p. 237-261.

RIVA, Huéinton Cassiano. O levantamento de neologismos fraseológicos. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012. v. 1, p. 313-331.

ROCHA, Patrícia Gabriela da. *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais*. 2008. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. 2015. 402 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.

SAMPAIO, Angelo de Souza; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Fraseologia em tempos de pandemia: o fenômeno da desfixação lexical em memes sobre a covid-19. *Linguagens*, São Carlos, SP, v. 40, n. 1, 2021.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geographia nacional*. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.

SANTOS, Grazielle Ferreira da Silva. *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste*. 2018. 207 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SENNA, Ronaldo. *A seda esgarçada*. Feira de Santana: UEFS, 2005.

SHIMURA, Igor. *Ser cigano: a identidade étnica de um acampamento Calon itinerante*. Maringá: Amazon, 2017.

SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1955.



- SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1948.
- SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Revista, corrigida muito aumentada e atualizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. 10. ed. Rio de Janeiro: Confluência, 1890. v. 12.
- SILVA, Camila André do Nascimento da; ISQUERDO, Aparecida Negri. Fraseo (topônimos): um estudo de topônimos polilexicais na perspectiva da Fraseologia. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 286-308, 2020a.
- SILVA, Camila André do Nascimento da; ISQUERDO, Aparecida Negri. A hipótese da “soldadura” na formação de topônimos indígenas monolexicais de estrutura poliléxica na língua de origem. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 241-264, 2020b.
- SILVA, Carlos Roberto Lyra da; VIANA, Dirce Laplaca. *Compacto dicionário ilustrado de saúde*. São Paulo: Yendis, 2008.
- SILVA, Geysa Andrade da. *Comunidades ciganas da Bahia e de Pernambuco: léxico, cultura e sociedade*. 2017. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.
- SILVEIRA BUENO, Francisco. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO SOBRE A BIODIVERSIDADE BRASILEIRA. *Catálogo taxonômico da fauna do Brasil*. Brasília, DF: SiBBr, 2018. Disponível em: <https://collectory.sibbr.gov.br/collectory/public/show/dr65>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- SOUTET, Olivier; MEJRI, Salah; SFAR, Inès. *La Phraséologie: théories et applications*. Paris: Honoré Champion, 2018.
- SOUZA, Ana Rita Carvalho de. *Descrevendo áreas dialetais brasileiras: revisitando o Falar Baiano - fase 2 - parte 1 (PI, PE, SE, AL)*. FAPESB. 2019. 7 f. Relatório parcial de pesquisa de Iniciação Científica (Linguística, Letras e Artes) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- STERZA, Valentino. *Plantas mágicas no medievo: mulheres, magia e igreja*. 2019. 51 f. Monografia. (Graduação em Ciências das Religiões), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16652/1/VS31102019.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

STEWART, George. A classification of place names. *Names*, Berkeley, v. 2, n. 1, p. 1-13, 1954.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Divisão político-administrativa do Território de Identidade Portal do Sertão. *In: Perfil dos territórios de identidade*. Salvador: SEI, 2016. v. 2, p. 142, 1 mapa. Escala: 1:750.000. Disponível em: [https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2000&Itemid=284](https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2000&Itemid=284). Acesso em: 16 dez. 2020.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. *Turismo e desenvolvimento na área de proteção ambiental Litoral Norte (BA)*. Salvador: SEI, 2009.

TAGNIN, Stella. *O jeito que a gente diz: expressões idiomáticas e convencionais: inglês e português*. São Paulo: Disal, 2013.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini; BERTOLLI FILHO, Claudio. A anatomia e o ensino de anatomia no Brasil: a escola boveriana. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, 2014.

TAXE. *In: DICIONÁRIO online de Português*. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/indole/>. Acesso em: 17 fev. 2021.

TEIXEIRA, Rodrigo Côrreia. *Correria de ciganos pelo território mineiro (1808-1903)*. 1998. 111 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e georreferenciamento na geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formulados por Antenor Nascentes*. 2018. 483 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. Tradução de Cláudia Fernanda Pavan, Gabriel Schmitt, Eduardo Gonçalves Nunes e Viktorya Pitsch Zalewski dos Santos. *Cadernos de tradução*, Porto Alegre, n. 40, p. 59-77, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/issue/view/3444>. Acesso: abr. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Gabinete da Reitoria. *Portaria nº 103/2020, de 19 de março de 2020*. Dispõe sobre a suspensão das atividades na UFBA, devido à disseminação do novo coronavírus (covid-19). Salvador: UFBA, [2020].

Disponível em: <https://ppgd.ufba.br/pt-br/portaria-no-1032020-reitoria-covid-19>. Acesso em: 14 fev. 2021.

VIEIRA, Dr. Frei Domingos. *Grande dicionario Portuguez ou Thesouro da lingua portuguesa*. Porto, PT: Em casa dos editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871. 5 v.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

VILELA, Mário. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: DUARTE, Isabel Margarida et al. *Actas do encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2002. v. 2, p. 159-189.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. *Revista Filologia e Linguística*, [s. l.], n. 1, p. 31-50, 1997. Disponível em: [www.revistas.usp.br/flp/article/view/59644](http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59644). Acesso em: 5 dez. 2020.

VITORINO, Gabriela. *Atlas linguístico do litoral português (ALLP)*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Vânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1996. p. 27-43.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários - Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília, DF: Thesaurus, 2004.

XATARA, Cláudia Maria. Reconhecimento de expressões idiomáticas: para uma tradução adequada. *IDIOMA*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 24, p. 47-52, 2013.



# **SOBRE OS PARTICIPANTES DESTE LIVRO**

## **OS ORGANIZADORES**



### **Angelo de Souza Sampaio**

Doutorando e mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desenvolve pesquisas na área das ciências do léxico com ênfase em fraseologia. Integra o quadro de estudantes e pesquisadores do grupo de pesquisa PROLEX - Estudos sobre o Léxico: abordagem regional e intercultural. É professor de língua francesa do Instituto de Letras da UFBA.

*E-mail:* [angelo.sampaio@ufba.br](mailto:angelo.sampaio@ufba.br)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5006110809245942>



### **Geysa Andrade da Silva**

Doutoranda em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Desenvolve pesquisas na área das ciências do léxico com ênfase em lexicologia. Integra o quadro de estudantes e pesquisadores do grupo de pesquisa PROLEX - Estudos sobre o Léxico: abordagem regional e intercultural. Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), colegiado de Letras, no Departamento de Ciências Humanas (DCH) do *campus* IV, em Jacobina.

*E-mail:* [geysasilva@uneb.br](mailto:geysasilva@uneb.br)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6615116327267533>

## AS CONVIDADAS



### Aparecida Negri Isquierdo

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). É docente aposentada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). É docente permanente na pós-graduação *stricto sensu* da UFMS, nos programas Estudos de Linguagens, na Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) e Letras, no *campus* de Três Lagoas (CPTL). Tem experiência na área de linguística, com ênfase em lexicologia, lexicografia, onomástica e dialetologia/geolinguística, especialmente nos seguintes temas: léxico, toponímia, atlas toponímico e atlas linguístico. É diretora científica do Comitê Nacional de coordenação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) e coordenadora do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS). Bolsista de produtividade 1C no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

*E-mail:* [aparecida.isquierdo@ufms.br](mailto:aparecida.isquierdo@ufms.br)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7272815954622994>

### Jacvra Andrade Mota



Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sócia-fundadora da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) e da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Como pesquisadora e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), atua nas subáreas de sociolinguística e dialetologia, participando dos seguintes projetos Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e Norma Urbana Linguística Culta (NURC). Recebeu o título de professora emérita, outorgado pela UFBA, em 17 de junho de 2021.

*E-mail:* [jjacymota@ufba.br](mailto:jjacymota@ufba.br)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2882439742195871>

## OS AUTORES



### **Ana Rita Carvalho de Souza**

Graduada em Letras – Português e Inglês –, especialista em docência no ensino superior, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutoranda no mesmo programa e instituição.

*E-mail:* [anaritacarvalhodesouza@hotmail.com](mailto:anaritacarvalhodesouza@hotmail.com)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8359886172433377>

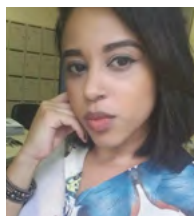


### **Analídia dos Santos Brandão**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

*E-mail:* [ninhalydia@yahoo.com.br](mailto:ninhalydia@yahoo.com.br)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5697710480741472>



### **Cíntia da Conceição Marques**

Graduanda em Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista de iniciação científica no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica – Ações Afirmativas (PIBIC-AF). Tem experiência em Letras com ênfase em linguística e dialetologia.

*E-mail:* [cintialillith@yahoo.com](mailto:cintialillith@yahoo.com)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2364004212012164>



### **Grazielle Ferreira da Silva Santos**

Professora da rede particular do ensino fundamental e médio. Mestre em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi bolsista de iniciação científica pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

e Tecnológica (PIBIC) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Tem experiência na área de variação linguística, com ênfase em dialetologia/geolinguística, sociolinguística e lexicologia.

*E-mail:* [grazieleferreirass@gmail.com](mailto:grazieleferreirass@gmail.com)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0466037524132469>



### **Isamar Neiva**

Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integra o quadro de estudantes e pesquisadores do grupo de pesquisa Nêmesis e do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Tem experiência nas áreas de língua portuguesa e linguística, com ênfase em constituição histórica do português, lexicografia variacional, dialetologia e sociolinguística e cartografia.

*E-mail:* [isa.neiva.letras@gmail.com](mailto:isa.neiva.letras@gmail.com)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9125714162092865>



### **Jan Carlos Santana**

Doutorando, mestre e especialista em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduado em Letras pela mesma instituição. Atua como docente na rede privada de ensino superior. É membro do grupo de pesquisa Constituição, Variação e Mudança do/no português (UEFS) e participa de projetos relacionados à formação do português brasileiro e variedades africanas do português, especificamente a angolana. Tem interesse nas áreas de análise sociolinguística, metodologia científica e história social do Brasil e de Angola.

*E-mail:* [jan.santhana@hotmail.com](mailto:jan.santhana@hotmail.com)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5329246009555890>



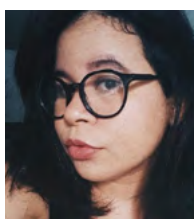


### **Josane Moreira de Oliveira**

Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando na graduação e na pós-graduação. Professora na pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: linguística, língua portuguesa, sociolinguística, dialetologia, variação e mudança, linguística histórica, gramaticalização e comparação de variedades do português e de línguas.

*E-mail:* josanemoreira@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3819920117221086>



### **Larissa Santos Deomondes**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela UFBA.

*E-mail:* larissadeomondes@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0375300318414256>



### **Leandro Almeida dos Santos**

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor substituto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no *campus* IV, em Jacobina. Pesquisador vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).

*E-mail:* santosleo1811@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3820013054814858>



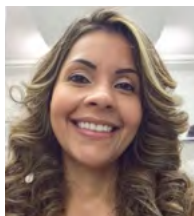
### **Luziane Amaral de Jesus**

Mestra em Estudos Linguísticos e licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Tem experiência na área de linguística, com ênfase em linguística aplicada, atuando nos seguintes temas:

letramentos; práticas textuais e discursivas; raça, gênero e sexualidade numa perspectiva interseccional.

*E-mail:* luziane.jesus@ufob.edu.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1408049970717995>



### **Marcela Moura Torres Paim**

Professora associada IV de Língua Portuguesa do Departamento de Letras (DL) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da UFRPE. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Tem interesse nas áreas de dialetologia e sociolinguística.

*E-mail:* marcela.paim@ufrpe.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7491110175871163>

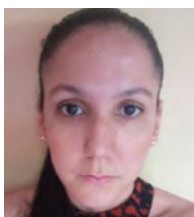


### **Maria Bethânia Gomes Paes**

Doutoranda na linha de pesquisa Dialetologia e Sociolinguística do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), integrando a equipe de pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).

*E-mail:* bethapaes@yahoo.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8768609950013110>

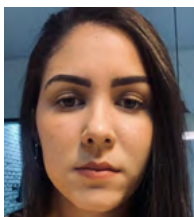


### **Taiane Prata**

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

*E-mail:* taianecristinaprata@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/651091255779619>



### **Talita Brito de Souza**

Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA.

*E-mail:* talitabrito555@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2482839453057934>



### **Thais Dultra Pereira**

Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Graduada em Letras com habilitação em inglês pela União Metropolitana de Educação e Cultura

(UNIME).

*E-mail:* thaisdp@ufba.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0772831342618161>

Formato: 600 x 800 px  
Fontes: Ashbury, Source Sans Variable  
Extensão digital: PDF

### **Angelo de Souza Sampaio**

Doutorando e mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desenvolve pesquisas na área das ciências do léxico com ênfase em fraseologia. Integra o quadro de estudantes e pesquisadores do grupo de pesquisa PROLEX – Estudos sobre o léxico: abordagem regional e intercultural. É professor de língua francesa do Instituto de Letras da UFBA.

### **Geysa Andrade da Silva**

Doutoranda em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Desenvolve pesquisas na área das ciências do léxico com ênfase em lexicologia. Integra o quadro de estudantes e pesquisadores do grupo de pesquisa PROLEX – Estudos sobre o léxico: abordagem regional e intercultural. Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), colegiado de Letras, no Departamento de Ciências Humanas (DCH) do *campus* IV, em Jacobina.



Para homenagear a pesquisadora Silvana Soares Costa Ribeiro, os autores, nesta obra, apresentam um conjunto de capítulos que revelam resultados de pesquisas realizadas sob diferentes perspectivas, a partir de *corpora* diversos. Incluem-se análises de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), vocabulários de grupos de pescadores e de ciganos, estudos sobre fraseologismos em textos literários e sobre fraseotopônimos, finalizando com um texto sobre o processo de gramaticalização do “porra”, que, na fala baiana, pode ser utilizado, na linguagem informal, como adjetivo ou interjeição. Tem-se, portanto, a partir desse recorte, uma breve fotografia de pesquisas lexicais que vêm sendo desenvolvidas na Bahia.

*Jacyra Andrade Mota*

Universidade Federal da Bahia, projeto ALiB



ISBN 978-65-5630-459-5

